

HENRIQUE M. STANLEY

ATRAVEZ

DO

*Carta do Africa*  
CONTINENTE NEGRO

OU AS NASCENTES DO NILO  
CIRCUMNAVEGAÇÃO DOS GRANDES LAGOS DA AFRICA EQUATORIAL  
E DESCIDA DO RIO LIVINGSTONE OU CONGO  
ATÉ AO OCEANO ATLANTICO

TRADUCÇÃO DO INGLEZ POR MAC-NODEN

Alumno do 4.º anno da Escola Polytechnica de Lisboa

EM TRES VOLUMES

Contendo 149 gravuras e 11 mappas

VOLUME II

LISBOA

MENDONÇA & IRWIN, EMPREZA EDITORA

1880



## CAPITULO I

O tambor de guerra deu signal — As feiticeiras entram em serviço — Narração de guerra — Ballas contra lanças — Retirada dos Vuavuma — Furor de Mtesa — Victoria ou derrota — Rude combate — O chefe captivo — Lucta entre pagão e christão — Um mysterio — Conclusão da guerra — Incendio do acampamento — As chammas obrigam-nos a fugir.

Os Vuavuma tornavam-se cada vez mais atrevidos e mais arrogantes; em 14 de setembro o Imperador resolveu atacal-os. Segundo as suas ordens, quarenta canoas largaram da margem e vieram collocar-se em frente do acampamento e ahi formaram em ordem de batalha, defronte da calçada, com a prôa voltada para Ingira, e a pôpa para a ponta de Nakaranga.

O Imperador seguido de quasi todo o exercito, avançou em direcção á ponta, para poder d'este logar ver o combate. Acompanhavam-no cerca de cincoenta tambores de guerra, uma centena de pifaros, grande numero de homens agitando nas mãos cabaças cheias de pedras, pregoeiros da côrte e exconjuradores de maleficios, multidão ruidosa, que servia unicamente para fazer barulho e celebrar a victoria.

Na ponta que dominava o estreito havia-se construido uma casa espaçosa, para dentro da qual entrou, apenas chegou, o Imperador com as suas mulheres.

Logo que se assentou, os prophetas de Baal — sacerdotes ou sacerdotisas de Muzimu, — chegaram em nu-



mero superior a cem, e, um apoz outro, com o mais fastidioso ceremonial, vieram offerecer os talismans a Mtesa, que não duvidou tocar em cada um dos objectos que lhe apresentavam. O chefe dos sacerdotes trazia o mais phantastico vestuario que é possivel imaginar-se.

E' costume, antes de começar qualquer batalha, e com o fim de tornar propicios os terriveis Muzimu, ou os maus espiritos, trazer ao monarcha todos os poderosos remedios e encantos de Uganda, para que elle pegue ou toque em cada um d'elles. Estes encantos tão venerados consistem em lagartos mortos, pedaços de couro, bocadinhos de madeira, unhas de pessoas mortas, garras de aves de rapina, bicos de passaros, formando tudo isto uma repugnante mistura, a que se acrescentam drogas mysteriosas, compostas de hervas e folhas cuidadosamente fechadas em vasos ornados de perolas de côres muito variadas.

Emquanto dura o combate, estes feiticeiros e feiticeiras fazem os seus sortilegios e mostram os talismans ao inimigo, ao passo que os que trazem as cabaças fazem com ellas um ruido infernal, capaz de ensurdecer outra pessoa que não fosse um Africano.

Mtesa e o seu exercito estavam completamente adornados para a guerra, e os principaes chefes traziam magnificas pelles de leopardo que lhes cobriam as costas; os Vuasoga, porem, é que levavam a palma, pelo esplendor e ornamento do vestuario.

O chefe Ankori e os seus officiaes estavam verdadeiramente suberbos. A cabeça estava ornada de pennas de abestruz; pelles de leão e abestruz caiam-lhes ao longo das costas, e outras de cabra ou macaco com o pello comprido, e d'uma alvura deslumbrante, cingiam-lhes os rins; até as hastes das lanças estavam decoradas com pennas e pedaços de pelle de macaco.

Tive muito tempo para examinar socegradamente todas estas cousas, o que me causou immenso prazer,



antes que a minha attenção fosse desviada para a batalha. Os espectadores estavam sentados e ao abrigo do menor perigo, na ponta do monte de Nakaranga, desde a borda d'agua até ao cume, enfileirados em forma de amphitheatro.

As canôas, formadas em linha, avançavam lentamente, em direcção á ilha de Ingira. Os Vuavuma não eram simples espectadores d'esta manobra; os seus combatentes, porem, não haviam embarcado ainda.

Reuniam-se, em quanto os homens designados para a defeza da ilha estavam sentados com as suas mulheres e filhos na vertente da montanha de Ingira, formando na nossa frente um grupo de alguns milhares de individuos.

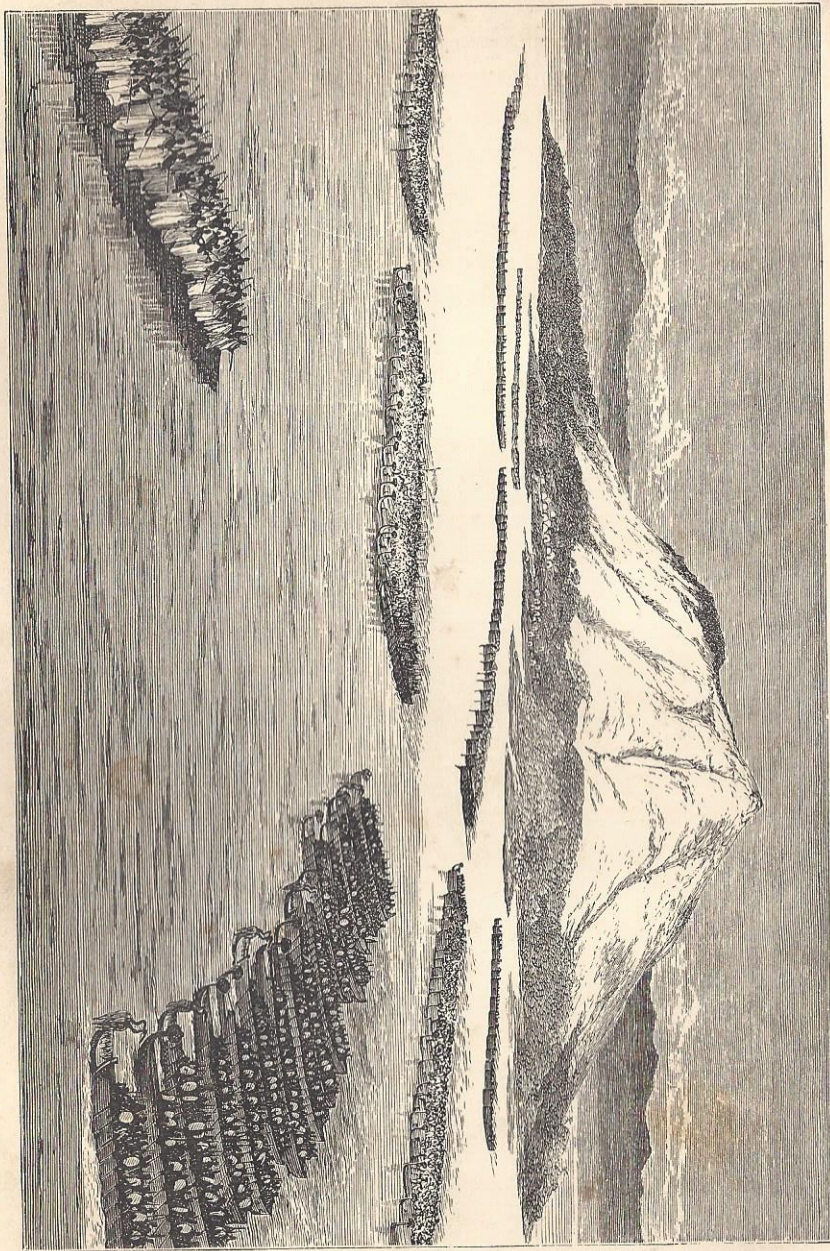
A praia estava cercada por uma cinta de hervas e canas muito alta e bastante espessa para se poder calcular exactamente o numero de canôas que possuia o inimigo; comtudo, atravez da brilhante folhagem das bananeiras ou na praia ascendente da ilha, áquem do espaço obstruido pelos canaviaes, sahiam em grande numero compridas prôas encurvadas e de côr cinzenta.

Tendo avançado com a maior regularidade e tendo-se aproximado do inimigo até á distancia d'um tiro de espingarda, os Vuaganda começaram o fogo socegadamente, e em pouco tempo, conseguiram inquietar o inimigo e forçaram-no a responder. A um signal dado pelos chefes e no meio dos mais agudos gritos de guerra, de todos os lados da cortina feita com as hervas, 194 canôas caíram com a velocidade do raio sobre os Vuaganda, que começaram a recuar, e retiraram lentamente para a calçada.

Na extremidade d'ella mandaram postar com mosqueiteiros e quatro pequenos botes conduzindo cada um o seu obuz sob as ordens de Katekiro e Toxi, o factotum de Mtesa.

A precipitação com que se adiantavam os Vuavuma

UMA DAS GRANDES BATALHAS NAVAIS ENTRE OS VUAGANDA E OS VUAVUMA, DADA NO CANAL ENTRE A ILHA INGIRA E O CABO NAKARANGA.





depressa forçou os Vuaganda a retirarem; aquelles, tendo chegado proximo da calçada, dividiram-se em dois corpos indo um para cada lado, e dando, pcr este motivo, magnifica occasião para a artilheria poder metralhar os que perseguiram os Vuaganda. Mas a pouca pericia dos artilheiros e a falta de energia dos atiradores, fez com que a descarga não produzisse o effeito que se desejava; comtudo, o ruido das descargas, o sibilar do ferro e chumbo, fizeram recuar os Vuavuma, que se retiraram com o aspecto do crocodillo a quem foge a preza.

Eis em que se resumiu a batalha; mas, ligeira como foi, bastou para me provar que Mtesa era incapaz de se apoderar da ilha de Ingira, guarnecida e defendida como ella estava por um inimigo tão decidido.

Mtesa não tårdou a retirar-se; o exercito tornou a occupar os seus quartéis, e as canõas dos Vuaganda, caminhando ao longo da costa, voltaram para os seus logares, deixando os Vuavuma senhores do campo.

Na tarde d'este dia, Mtesa convocou uma grande audiencia; depois de todos os chefes reunidos, annunciou publicamente que dentro em poucos dias seria empenhada uma nova batalha, mas que tendo recebido noticias muito importantes, não começaria o combate antes de verificar a exactidão d'ellas.

Os trabalhos da calçada proseguiram muito vagarosamente. Causava-me enfado, estar á espera; porém, empreguei o tempo disponivel principalmente a dar algumas instrucções a Mtesa e aos seus principaes chefes, e a tomar algumas notas que me puzessem ao facto da complicada organisação do imperio.

Repentinamente, no dia 18 de setembro, ao amanhecer, os chefes receberam ordem para se prepararem para a batalha. Tive conhecimento d'isto ao ouvir o ruido dos enormes tambores que chamam ao combate os marinheiros e os guerreiros.

Primeiro que tudo formou-se conselho. Muito embora estivesse interessado em saber o que se passava, não compareci n'elle, para mostrar que dava pouca importancia á guerra. Sabadu, que deveria comparecer em virtude de serviço, contar-me-hia necessariamente tudo o que n'elle tivesse succedido.

A' noite, — Sabadu, o fallador, em cuja memoria eu muito confiava, fez-me uma completa narração da deliberação que se havia tomado. Julgo que não farei mal em lhe dar a palavra e deixal-o fallar na sua linguagem:

« Ah! ... senhor, disse-me elle, perdesteis uma scena curiosa. Nunca vi Mtesa como hoje; estava medonho! Os olhos excessivamente abertos eram do tamanho dos meus punhos; saltavam fóra das orbitas e brilhavam como fogo; os chefes até tremiam. Pareciam um bando de rapazes a chorar e a pedir perdão. « Quando me mostrei eu cruel para comvosco, dizia-lhes Mtesa, para não quererem combater pela minha causa; e comtudo os meus escravos enviados a Usoga, voltaram dizendo que não houve um unico homem do paiz que sustentasse o ataque; ou fugiam para o meu acampamento ou desertavam para as fileiras dos Vuavuma. Quem vos deu os vestidos que trazeis: as espingardas que possuís? Não fui eu? Meu pae Suna deu alguma vez cousas tão bellas aos seus chefes? Não; e entretanto elles nunca o atraçoaram; e o mais ousado d'entre elles nunca se atreveu a aconselhar-lhe que fugisse, como me tendes já aconselhado a mim. Não sou eu o *Kabaka*? Não é este paiz Uganda, assim como a minha capital? Não tenho eu aqui o meu exercito? E tu, Katekiro, o que eras, senão um paisano, antes de eu te vestir e nomear chefe de Uddu? E tu, Chambarango, quem te elevou a chefe? E tu, Mkuenda, tu, Sekebobo, e todos vos Kimbugue, Kitunzi, Kaima, Kangau, Kagu, fallae, não foi Mtesa que vos fez chefes? Eram porventura principes



para poderem ser chefes, ou paisanos que eu pela minha vontade levei a este cargo? Ah, ah! hoje verei o que não quer combater; verei o que ousa fugir diante dos Vuavuma. Pelo tumulto de meu pae juro que queimarei a fogo lento aquelle que fugir ou que se esconder, e o paisano que se distinguir hoje melhor será por mim muito bem recompensado. Tomae conta, chefes; hoje para lá irei; e todo aquelle que se mostrar cobarde será queimado, eu o juro.

N'este instante Katekiro caiu-lhe aos pés, roçou a face pelo chão e exclamou: «Kabaka, manda-me hoje combater, observa o meu estandarte, e se eu voltar as costas aos Vuavuma, manda-me prender e queima-me, ou corta-me em bocados». Este exemplo foi seguido pelos outros chefes, e todos juraram ser desesperadamente valentes.»

Cerca das oito horas e meia, estando eu na ponta de Nakaranga, ouvi o ruido dos tambores que se aproximavam, o que me deu a entender que o conselho estava concluído e a guerra ia começar. Mtesa, pelos olhares que lançava, parecia-se com todas as cousas menos com um christão. Os seus olhos pareciam despedir raios; homens, mulheres, chefes e pagens pareciam estar tomados de terror. N'este momento ignorava o que se havia passado, porem, não vendo Chambarango no cortejo, nem varios dos principaes Vuakungu, ou generaes, presumi que Mtesa havia combinado um plano strategico.

Outros tambores rufaram na borda do lago, e immediatamente appareceram as lindas canôas de Uganda. Toda a esquadra — duzentas e trinta canôas de guerra — avançava graciosamente nas aguas socegadas e escuras do canal.

A linha de batalha, observei eu, era formada por Chambarango, que commandava a ala direita, tendo ás suas ordens cincoenta canôas. Sambuzi, Mukavia, Chikuata e Saruti, commandavam 100 canôas sob as ordens

de Kauta, o mordomo imperial. Estas forças compunham o centro da linha. A ala esquerda está a cargo do valente Mkuenda que tinha ás suas ordens oitenta canôas. Tori commandava uma força de duzentos atiradores com os quatro obuses e estacionava na calçada, que então já tinha cento e oitenta metros de extensão.

Foi d'este modo que a flotilha de Mtesa, conduzindo 16:000 homens, se pôz em marcha para ir atacar a ilha de Ingira. O centro, protegido pelos dois flancos, que deviam conservar os Vuavuma em respeito se tentassem approximar-se da calçada, avançou resolutamente até á distancia de trinta metros da ilha, e começou um fogo mortifero contra os fundibularios que a defendiam, os quaes, imaginando que os Vuaganda queriam tomar a ilha de assalto, permaneceram na praia, e sustentaram o fogo, dispostos a combater. Eram, porém, incapazes de sustentar aquella corajosa attitudo durante muito tempo. Mkuenda movendo-se com a ala esquerda, atacou a direita dos Vuavuma, e com as balas das espingardas abriu-lhe rombos nas canôas, collocando-os n'uma posição muito perigosa.

Os Vuavuma, vendo approximar-se a crise, e não querendo morrer sem resistencia, correram para os barcos, e 196 canôas saíram impetuosamente, como da primeira vez, dos canaviaes d'Ingira, ao som de espantosos e agudos gritos; a linha dos Vuaganda retrogradou até ao meio do canal, onde mantiveram a sua posição com grande coragem. Em frente da calçada a força do centro dividiu-se, pondo a descoberto o inimigo que caminhava velozmente. N'esta occasião Tori apontou os obuses e descarregou-os sobre um grupo de vinte canôas, ficando destruidas mais de metade; tornando a carregar os rapidamente, fez nova descarga com metralha — bocados de ferro de tres pollegadas — produzindo um effeito terrivel.

Repellidos d'este modo, os Vuavuma voltaram para a



ilha, onde vimos aportar algumas canôas cheias de mortos e feridos, ao passo que os Vuaganda, voltando ao cabo, recebiam os applausos de uma enorme multidão, e as congratulações do Imperador. Mtesa veio até á praia mostrar-lhe o seu contentamento pela sua boa conducta.

« Voltem outra vez para lá, disse elle, e mostrem-lhe como se combate ».

Tornou a formar-se a linha de batalha, e, novamente os Vuavuma saíram do espesso bosque, com a rapidez de tubarões esfaimados, fazendo espumar a agua sob as canôas e atroando o ar com os seus gritos agudos. Foi esta uma das scenas mais animadas e commoventes a que tenho assistido. Sob o terror da fogueira com que o terrivel Mtesa os ameaçara os Vuaganda distinguiram-se pela sua audacia e pelas manobras bem executadas. Os Vuavuma distinguiram-se pela intrepidez e não desmentida coragem.

Pela terceira vez recommearam o combate; pela terceira vez os Vuavuma vieram com o mesmo entusiasmo lançar-se n'uma lucta onde não se podiam vingar dos danos que lhe causavam, sem serem dizimados pelos canhões e espingardas que estavam na calçada.

Uma outra batalha teve logar poucos dias depois entre 178 canôas Vuavuma e 122 Vuaganda; e, se os Vuaganda tivessem a audacia e o arrojo dos seus inimigos podiam terminar a guerra n'este dia, porque os Vuavuma ficaram muito enfraquecidos.

No dia seguinte nova batalha foi empenhada entre 214 canôas Vuaganda e 203 Vuavuma depois da demora habitual e a costumada provocação. Os Vuavuma obtiveram n'esse dia uma victoria brilhante, repellindo os Vuaganda até 30 metros do cabo Nakaranga, e teriam de certo feito grande numero de prisioneiros se não fossem os atiradores e a artilheria da calçada, que, tendo o alvo tão proximo, causava-lhes enormes perdas. Os Vuaganda não tentaram tirar a desforra, porque tinham

ficado desorganizados e desanimados pela grande derrota que tinham experimentado.

A esquadilha dos Vuaganda voltou pois para o seu ancoradouro, sendo o alvo das risadas e gestos de escarneo dos intrepidos Vuavuma.

Indagando eu o motivo do desastre, soube que a polvora de Mtesa estava quasi gasta, e que lhe restava apenas um cartuxo para cada espingarda. Este facto assustou o imperador de tal modo que veio pedir-me que lhe emprestasse a polvora que eu tinha no acampamento de Dumo; recusei-lhe este pedido com um modo tão decidido que elle não ousou tornar a fallar mais n'este assumpto.

Estavamos a 5 de outubro e eu tinha de deixar o meu acampamento no dia 12 de agosto. Era necessario pois que eu d'algum modo tomasse parte na guerra afim de que se concluísse. Comtudo desejava que a paz fosse vantajosa para ambos os combatentes e não sabia como havia de proceder para conseguir este resultado. Muito embora os meus proprios interesses e os da expedição dependessem d'algum modo do successo alcançado pelo imperador, os Vuavuma pela sua audacia e espantosa coragem, tinham ganho as minhas sympathias. Todas as minhas forças todos os meus pensamentos se empregavam em descobrir uma solução a este problema, solução que eu desejava que consistisse em não fazer mal a ninguem e contentar todos.

Era claro que os Vuavuma não se renderiam sem que primeiro perdessem muita gente; era tambem certo que Mtesa não os deixaria sem que recebesse por isso alguma compensação ou satisfação, nem me auxiliaria nos meus projectos de exploração se eu d'algum modo tambem o não ajudasse.

Afinal, eu imaginei um plano cujo resultado me pareceu infallivel; mas antes que o podesse pôr em pratica sobreveio um incidente que reclamou a minha intervenção immediata.



Mtesa, com o auxilio dos seus exploradores, conseguira capturar um dos principaes chefes dos Vuavuma, e tinha convidado os seus Vuakugu bem como os seus principaes hospedes para assistirem á execução d'este chefe. Tinham-n'o condemnado a ser queimado vivo.

Quando cheguei ao lugar do supplicio, haviam amontoado uma enorme quantidade de feixes de erva secca, destinada á fogueira onde deveria ser queimado o paciente. Punindo-o d'este modo, Mtesa julgava que intimidaria pelo terror os Vuavuma.

Mtesa estava muito alegre quando entrei na sala do conselho: não podia occultar o jubilo que lhe inspirava a terrivel vingança que ia tirar do massacre de Vuebba, seu pagem favorito, e dos que o haviam acompanhado.

«Stamli, me disse elle, quando este chefe estiver amarrado ao poste — era um homem de sessenta annos aproximadamente — vereis como morre um chefe de Uvuma. Vae ser queimado vivo. Os Vuavuma hão de tremer quando souberem o genero de morte que lhe destinei.

«Ah, Mtesa, disse-lhe eu, já esqueceste as palavras do bello livro que eu tantas vezes vos tenho lido?» Se o teu irmão te offender, esquece essa acção todas as vezes que poderes. «Ama os teus inimigos» «Trata bem aquelles que te odeiam» «Amarás o proximo como a ti mesmo.» «Perdoae as nossas offensas assim como nós perdoamos aos que nos teem offendido.»

«Mas este homem é de Uvuma, e os Vuavuma estão em guerra commigo. Já vos não lembraes de Vuebba?»

«Não, eu não esqueci o desgraçado Vuebba. Vi-o morrer, e causou-me isso grande afflicção.

«E então não deverá este homem morrer, Stamli? Não deverei vingar-me da morte do meu pagem?»

«Não.

«Mas eu quero fazel-o Stamli. Quero reduzir este homem a cinzas. Hei de queimar todos os que me cairem

debaixo das mãos. Preciso sangue, sangue, sangue! O sangue de todos os habitantes de Uvuma.

«Não, Mtesa, não, basta de sangue. E' tempo de acabar a guerra.

«O que!» exclamou Mtesa n'um dos paroxismos de colera que Sobadu me havia descripto tão pittorescamente. Não hei de deixar pessoa alguma viva em Uvuma, hei de cortar todas as plantações, queimar todos os homens, mulheres e crianças d'aquella ilha. Juro pelo tumulto de meu paê Suna, que o hei de fazer.»

«Não, Mtesa, abandonae esses pensamentos pagãos. Só os pagãos é que pensam em massacrar e derramar sangue. O Mtesa, que eu estou ouvindo é o pagão d'outros tempos; não é o homem que eu julgava convertido, e que tornei meu amigo. Este não é «Mtesa o Bom» que se dizia amado do seu povo. Não é Mtesa o Christão, é Mtesa o selvagem. Ah! Já não quero permanecer mais n'esta terra, já vos não conheço.»

«Stamli! Stamli! Esperae um momento, e vereis. O que esperam? disse elle, dirigindo-se aos executores, que esperavam os seus olhares.

Immediatamente o pobre velho foi ligado ao poste; dirige-me novamente ao Imperador:

«Ainda uma palavra, Mtesa. O branco dirige-se a vós pela ultima vez. Recordae-vos da historia de Kintu que ha pouco me contastes. Deixou a terra de Uganda porque não lhe agradava ver derramar sangue. Do mesmo modo que Kintu vou retirar-me de Uganda para nunca mais aqui voltar. Hoje Kintu olha para vós da terra dos Espiritos, assim como elle censurou Ma'anda por haver assassinado o seu dedicado servo, assim elle hoje vos censura por meu intermedio. Matai aquelle pobre velho, e no mesmo momento abandonarei esta terra, dado o caso de me deixardes vivo; e, de Zanzibar até ao Cairo, direi a todos os Arabes que encontrar quanto sois cruel e feroz; em todos os paizes narrarei a abominavel acção que hoje



vi praticar a Mtesa, e direi que Mtesa queria fugir, só porque uma velha lhe disse que os Vuasoga marchavam ao seu encontro. Quantas lagrimas não deve o velho Kamanya ter derramado na terra dos Espiritos ao saber que Mtesa queria fugir! Como Suna «o coração de leão» deve ter suspirado ao ver tremer o seu filho, só porque uma velha lhe predissera um mau sonho! Adeus, Mteza. Podeis matar o chefe de Mvuma, porem eu não assistirei a esse acto selvagem, porque me retiro.»

Mtesa havia conservado a mesma expressão de furor brutal, a sede de sangue pintava-se no seu rosto; porem, ao dizer-lhe que Suna e Kamanya o observavam da terra dos Espiritos, os olhos arrasaram-se-lhe de lagrimas, e enquanto caíam abundantemente pelas suas faces, começou a soluçar como uma criança; os chefes e executores conservavam um silencio de morte, e pareciam estar bastante contrariados. Tori, o artilheiro, e Kauta, o mordomo, levantaram-se e desenrollando os seus toucados, limpavam officiosamente a face de Mtesa, enquanto o pobre homem murmurava d'uma maneira apenas intelligivel, na occasião em que eu me retirava do lugar onde se passava esta scena:

«Não fallou Stamli ácerca da terra dos Espiritos e não disse que Suna estava zangado commigo? Oh! fallou a verdade, sim! Oh pae, perdôa-me, perdôa-me!» Depois d'estas palavras encerrou repentinamente o conselho.

Uma hora depois, fui, por um pagem, chamado á sua presença, e Mtesa disse-me:

«Stamli, agora não dirá que Mtesa é mau homem, porque perdoou ao chefe Mvuma, e não o matará. Dirá agora Stamli que Mtesa é bom? Pensará que Suna esteja satisfeito?»

«Mtesa é muito bom, respondi eu, apertando-lhe a mão calorosamente; sê paciente e tudo irá bem; Kintu e Suna devem ficar satisfeitos quando souberem que Mtesa trata bem os seus hospedes. Tenho mais alguma cousa a di-

zer-vos. Tenho pensado muitas vezes na guerra em que estou empenhado, e desejo que se acabe com vantagem e sem nenhum outro embaraço para vós. Construirei uma machina que aterrorisará os Vuavuma, e forçal-os-ha a pedir paz: preciso, porém, de bastante gente para me ajudar, e em tres dias poderá ella estar concluida.

«Em quanto se proceder á construcção da machina mandae gritar aos Vuavuma, da extremidade da calçada, que possuis um engenho tão terrivel que os obrigará a pedir que termine a guerra immediatamente.

«Escolhei a gente que quizerdes; dar-vos-hei Sekebobo e todos os seus homens.»

No dia seguinte de manhã, Sekebobo trouxe-me dois mil soldados e pediu as minhas ordens. Disse-lhe que mandasse mil homens cortar grandes pedaços de madeira que tivessem uma pollegada de espessura (vinte cinco millímetros), que trezentos homens fossem cortar paus de nove pollegadas de diametro e sete pés de comprimento; cem homens deveriam ir derrubar arvores das mais elevadas, e que tivessem quatro pollegadas de espessura; finalmente, cem homens eram encarregados de arrancar a casca d'estas arvores e com ella fazerem cordas. O proprio Sekebobo com quinhentos homens devia acompanhar-me até á beira do lago, para me auxiliar. O chefe transmittiu estas instrucções e recommendou a maior urgencia, segundo as ordens que havia recebido do Imperador; em seguida dirigimo-nos para a flotilha.

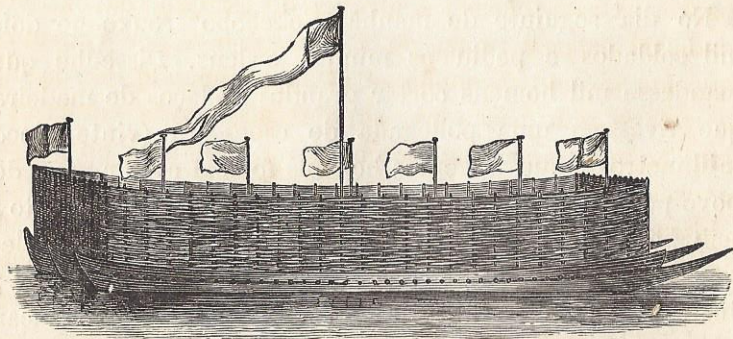
Escolhi tres canôas das mais solidas, de 70 pés de extensão e seis e meio de largo cada uma, e depois de mandar preparar o terreno proximo da margem do lago colloquei os barcos parallelamente, a quatro pés de distancia uns dos outros. Sobre estas tres canôas construi uma plataforma; grandes troncos d'arvores collocados transversalmente foram solidamente amarrados aos bancos dos remadores.

Ao passo que iam chegando as traves de onze palmos,



fazia-as ligar verticalmente aos bancos das duas canoas exteriores; os pedaços de madeira de uma pollegada de diametro foram collocados perpendicularmente aos verticaes, e, depois de completa, assimilhava-se esta construcção a uma estacada oblonga de setenta pés de comprimento por vinte sete de largo, onde as lanças do inimigo não podiam penetrar.

Na tarde do segundo dia, a fortaleza ficou concluida; Mtesa e os seus chefes vieram até á praia para assistir ao lançamento á agua e a uma navegação de ensaio. Os chefes, quando viram esta machina, disseram que iria



O forte fluctuante avançando para Ingira.

ao fundo, e communicaram estas duvidas a Mtesa, que não ficou muito satisfeito. Porém as mulheres do Imperador disseram-lhe:

«Deixae Stamli, elle não construa isto se não soubesse que poderia fluctuar».

Para quando a machina fosse lançada ao mar, escolhi sessenta remadores e cento e cincoenta homens da guarda que deviam compôr a guarnição d'elle; escolhi Tori, e um dos meus barqueiros mais ageis para dirigir a navegação, e recommendei-lhes que fechassem bem a porta do forte, assim que se afastassem da praia.

Cerca de mil homens foram postos a trabalhar e den-

tro em pouco estava a fortaleza posta a nado. A guarnição e os tripulantes—duzentas e quatorze pessoas—tomaram os seus logares e viu-se perfeitamente que cortava as aguas do lago com facilidade e segurança. O inventor foi recompensado com uma salva de palmas.

Arvoraram-se n'esta extranha construcção bandeiras de panno azul, vermelho e branco. Esta machina inteiramente fechada, parecia mover-se mysteriosamente, e encerrar dentro dos seus muros alguma cousa terrivel, sufficiente para atemorizar simples selvagens.

As oito horas da manhã de 13 de outubro todo o exercito estava reunido no cabo Nacaranga com um aparato extraordinario; e atravez do estreito, da extremidade da calçada, começou a annunciarse aos Vuavuma, que um objecto medonho se ia approximando da sua ilha e que os reduziria a pó, se elles não quizessem fazer a paz immediatamente e reconhecer a soberania de Mtesa; e creio mesmo que se chegou a affirmar que todos os Muzimus e feitiços de Uganda deveriam, ir com esse objecto, porque ouvi fallar de Muzimus e Uganda. O velho chefe Mvuma estava egualmente collocado n'um sitio elevado, e instava com os rebellados a que accitassem os termos que Mtesa offerecia, e que eram perdão para todos, com tanto que se submettessem immediatamente.

Terminado este aviso, que foi feito com toda a gravidade, a terrivel construcção mysteriosa appareceu, enquanto os tambores soavam com um estrondo infernal e as trombetas sopravam com um ruido de ensurdecer.

Foi aquelle para mim um momento de anciedade, por muitas razões. O forte, perfeitamente defensivel e capaz de resistir aos mais furiosos assaltos de homens armados de lanças, foi-se approximando lentamente do cabo, e governou depois directamente para a ilha, detendo-se a cerca de quarenta metros de Ingira.

«Fallae», exclamou uma voz de stentor, no meio de um silencio sepulchral. «Que devemos fazer? Quereis fa-



zer a paz e submeter-vos a Mtesa ou deveremos fazer voar a ilha pelos ares? Dae-nos depressa a resposta.»

Houve um momento de consulta entre os Vuavuma atemorizados. Tornava-se imperioso tomar uma decisão immediata. A machina era enorme e inteiramente differente de tudo quanto até então fôra visto nas aguas do lago. Não apparecia ninguem, e comtudo uma voz forte e distincta fallára no interior d'ella. Seria o espirito, o Muzimu de todo o Uganda, mais propicio aos rogos dos seus inimigos do que aos dos Vuavuma? Era possivel que tão grande engenho encerrasse alguma cousa diabolica, terrivel, alguma cousa semelhante aos espiritos maus, que a sua imaginação evocava nas horas de melancolia e tristeza. Havia tanta audacia e confiança nos seus movimentos que incutia ainda maior terror.

«Fallae», repetiu a mesma voz forte e severa: «Não podemos esperar mais tempo.»

Immediatamente, com grande contentamento nosso, um homem, evidentemente um chefe, respondeu da ilha: «Basta, faça-se a vontade de Mtesa. Hoje mesmo cobraremos o tributo e iremos leval-o ao *Kabaka*. Retira-te, Espirito, que está acabada a guerra!» Ao ouvirem-se estas palavras a mysteriosa machina começou solemnemente a retirar para a enseada onde fôra construida; e os duzentos e cincoenta mil espectadores de tão extraordinaria scena soltaram uma acclamação estrondosa, que os eccos da ilha Ingira reenviaram para Nakaranga.

Tres horas depois uma canôa largou da ilha em direcção ao cabo, transportando cincoenta homens, alguns dos quaes eram chefes. Traziam comsigo varios dentes de marfim e duas jovens, filhas dos dois principaes chefes de Uvuma. Era o tributo. O marfim foi entregue ao intendente do imperador e as donzellas foram admittidas no serralho de Mtesa, onde nenhum homem, sob pena de morte, podia penetrar. O velho chefe Myuma foi res-

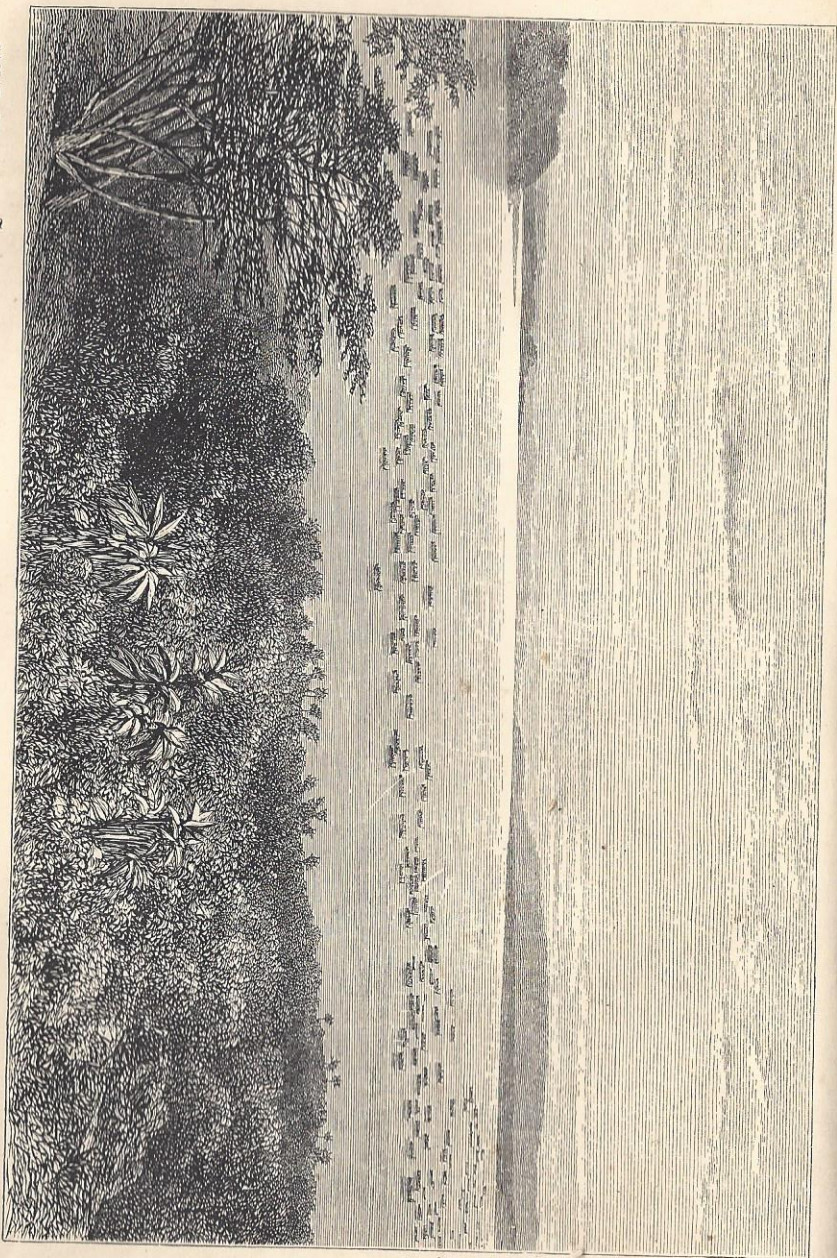


tituido á sua tribu e assim terminou esta guerra na tarde de 13 de outubro de 1875. Ruidosas exclamações de alegria de ambos os lados annunciavam que os dois partidos estavam igualmente satisfeitos.

N'essa mesma tarde a esquadra de Uganda, então reduzida a duzentas e setenta canôas, foi comboiada até Ijinja por vinte canôas de Uvuma, e depois que ella partiu e dobrou o cabo Namagongo, os Vuavuma, tirando ao inimigo todo o receio de traição, appareceram nas suas canôas dando-nos uma representação pacifica da sua dextreza e proporcionando-nos occasião de os vêr mais distinctamente do que o tinhamos podido fazer atravez do fumo da polvora.

Partimos na madrugada de 15 de outubro ás tres horas. Fomos despertados pelo tremendo «Jojussu» o rei dos tambores de guerra. Immediatamente começámos a emmalar as nossas bagagens; mas, não tinha ainda acabado de vestir-me quando os meus homens chegaram a correr, gritando-me que todo o acampamento era um mar de chammas em cem direcções differentes. Precipitei-me logo para fóra da minha barraca e vi que as chammas devoravam as cabanas cobertas deervas seccas com tal rapidez, que, se não fugissemos no mesmo instante, seriamos queimados com ellas. Agarrando á pressa nas minhas pistolas, disse aos Vuanguana que pegassem nos fardos e me seguissem immediatamente se queriam salvar as vidas.

A grande estrada, que do acampamento do Imperador se dirigia ao cabo Nakaranga, ainda que de cem pés de largura, estava impraticavel por causa das enormes linguas de fogo que a cercavam de ambos os lados. Só um caminho estava livre, o da encosta do monte de Nakaranga, seguindo atravez do campo dos Vuasoga. Não fomos nós os unicos que tentámos salvar-nos por esse lado, porque perto de sessenta mil pessoas procuravam o mesmo caminho e se apertavam até formar uma solida

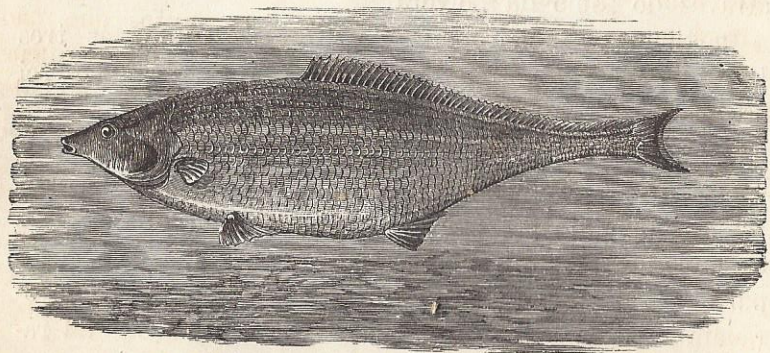


CANAL DE NAPOLEÃO, LAGO VICTORIA, VISTO D'UMA ELEVAÇÃO EMINENTE SOBRE AS CATARACTAS RIFON. FLOTTILHA DO IMPERADOR DE UGANDA ATRAVESSANDO DE USOGA PARA UGANDA. (Segundo uma photographia do Auctor.)



massa, tão grande era o perigo e a anciedade de fugir áquelle oceano de fogo, que rugia no campo.

Era um espectáculo grandioso, mas verdadeiramente terrível; e pensei, ao contemplal-o da meia encosta, que os Vuaganda vingavam por suas próprias mãos os Vuavuma, que haviam perdido a vida n'esta guerra, porque entre as duzentas e cincoenta mil almas, que estavam no acampamento, deveria haver um numero immenso de feridos e doentes, que não podessem mover-se. E além d'estes, quantas mulheres e creanças, assustadas, espavoridas, não teriam perecido! Quantas não seriam esma-



Peixe encontrado no lago Victoria — Sama-Moa, em linguagem dos indígenas.

gadas pela multidão n'esta fuga desesperada! As enormes linguas de fogo, que devoravam as trinta mil cabanas de ramos e hervas seccas, ateadas por uma forte brisa que soprava do lago, quasi me impediam de respirar e por vezes senti como que os pulmões a arder; com a cabeça baixa, porém, avançávamos ás cegas, sem guia, confiando apenas no instincto da conservação.

Logo que me foi possível, cuidei dos retardatarios do meu bando e com alguma severidade consegui conserval-os unidos; mas tres ou quatro estavam já quasi inclinados a renunciar á lucta sem esperança de chegarem

a respirar ar mais fresco, antes que podessemos congratular-nos de termos escapado ás chammas.

Indignado por este acto de loucura criminosa, que eu attribuía a Mtesa, conduzi os meus homens para fóra da estrada que o exercito seguia, e, ainda que bastantes vezes instado por Mtesa para acompanhar a côrte, recusei-me a fazel-o, emquanto o Imperador me não explicasse por que dera ordem de incendiar o acampamento sem prevenir a sua gente nem me avisar a mim, seu hospede. O seu mensageiro absolveu-o immediatamente d'esta accusação affirmando-me que o Imperador fizera já prender alguns homens suspeitos de terem deitado fogo ao campo e que elle proprio soffrera enorme perda de bagagens e mulheres. Reconhecendo, portanto, que não fóra Mtesa o auctor da catastrophe, enviei-lhe os meus *salaams* e prometti reunir-me a elle em Ugungu, no lado occidental das cataractas Ripon, o que fiz a 18 de outubro de 1875.



## CAPITULO II

A lenda do Padre irreprehensivel — Os heroes de Uganda — Chua — Kimera, o gigante — Nakivingi — Kibaga, o guerreiro voador — Ma'anda — Vuakinguru, o campeão — Kamanya, o conquistador dos Vuakedi — Suna, o cruel — Matança dos Vuasoga — Namujurilua, o Achilles d'Uganda — Setuba e os seus leões — Kasindula o heroe, camponio e primeiro ministro — Mtesa, d'olhar meigo.

Chegado são e salvo a Uganda depois de tão extraordinarios quão inesperados eventos, permitta-se-me que, por um pouco, suspenda a narração da nossa viagem e vida em Uganda, para dar algumas informações ao leitor ácerca de certos pontos da historia do paiz de Mtesa, começando por Kintu, padre, patriarcha e o primeiro rei d'Uganda.

O que n'este capitulo possa considerar-se como incrível ou maravilhoso não deve ser deitado á conta do auctor; Sabadu e os anciãos devem ser os unicos responsáveis pela lenda de Kintu, pelas guerras de Kamanya, Suna, e Mtesa, e pelas proezas dos heroes Namujurilua, Setuba e Kasindula. Da sua parte Mtesa tambem forneceu para este capitulo alguns nomes de reis, seus antepassados, e muito dos factos de que adiante fallaremos.

Pelo que me cabe só lamento que a falta de espaço me obrigue a condensar em algumas paginas tudo quanto poude colligir da historia d'esta curiosa região; mas,

por mais breve que seja, estou persuadido que esta parte não deixará de despertar interesse em grande numero de leitores.

Uganda foi povoado, nos primeiros tempos, por imigrantes do norte, no decimo terceiro ou decimo quarto seculo. Comtudo a data em que fixo a chegada do patriarcha Kintu póde ser erronea; é possível que este tenha chegado em epocha mais affastada e que se tenham perdido os nomes de muitos dos seus successores.

A tradicção, tanto quanto o podia fazer, tem conservado fielmente a memoria dos actos dos primeiros d'estes emigrantes, ainda que tenha desdenhosamente omittido os feitos dos seus successores, e, que, segundo o costume, tenha dotado os seus favoritos d'um poder maravilhoso e de qualidades extraordinarias.

Kintu, primeiro emigrante e fundador de Uganda, veio do norte e deriva talvez a sua descendencia d'algunha familia africano-arabe ou ethiopica antiga. Era Kintu um homem affavel, humano, irreprehensivel, e que, pelo character, deveria, ter sido sacerdote d'algun culto antigo esquecido desde longos tempos. Trouxe consigo para Uganda sua esposa, uma vacca, uma cabra, uma ovelha, uma raiz de palmeira e uma batata. Em procura d'uma região que lhe offerecesse uma habitação conveniente, estabeleceu-se afinal na margem occidental do rio Muerango, em Magonga, \* proximo da fronteira actual do Unyoro. Achou o paiz deshabitado, porque nem um só homem vivia por esses tempos em toda a região comprehendida entre o lago Victoria e o Alberto e Muta Nzigé. Usoga era um deserto, Ukedi uma planicie desolada e os ferteis valles do Unyoro não eram povoados.

O padre Kintu estava só no seu reino. Mas não fôram

\* Alguns Vuaganda acreditam, que Kintu ou Cham, como Mtesa agora lhe chama, foi enterrado em Magonga; mas eu prefiro ceitar a lenda como ella me foi contada.



estas regiões destinadas a permanecer por muito tempo desoladas, porque a esposa de Kintu era d'uma fecundidade natural. Teve cada anno quatro gemeos e todos os rapazes vinham ao mundo já com principios de barba e todas as faculdades de mancebos robustos; e as raparigas aos dois annos davam á luz creanças, que n'essa mesma idade concebiam e tinham filhos e filhas; d'este modo o paiz começou a estar completamente povoado, as florestas principiaram a ser cortadas, a terra a ser cultivada, elevando-se ao mesmo tempo numerosas plantações de bananeiras e semeando-se vastos campos de trigo.

A unica vacca, a cabra, a ovelha, e a gallinha multiplicaram a sua especie pelo mesmo modo extraordinario, até que o seu numero se tornou tão grande que cada um dos descendentes de Kintu dentro em pouco possuia grandes manadas de gado bovino e rebanhos de ovelhas e cabras, e bandos de gallinhas. A raiz de palmeira, plantada no solo de Uganda pelas santas mãos de Kintu produziu quasi instantaneamente um forte estípite encimado por um vasto ramo de largas folhas, d'entre as quaes pendiam tão formosos e odoríferos cachos de bananas, como já hoje se não encontram em Uganda. D'esta raiz partiram numerosas ramificações que espalhando-se n'uma extensa área deram origem a novas palmeiras de grossos estípites, ornados todos da abundancia de folhas de uma grande plantação. A batata rivalisou tambem com a raiz da palmeira, porque tão grande era a sua vitalidade que ella parecia ir arrastando-se pelo chão, tão rapido era o desenvolvimento da planta.

Quando os seus descendentes se tornaram tão numerosos que não cabiam já em Magonga, Kintu cortou alguns pedaços da raiz de bananeira e da batata primitivas e distribuiu-os pelas diversas familias, e tendo-lhes ensinado o modo por que haviam de «semear a terra e plantar a vinha generosa», ordenou-lhes que procurassem novas habitações e que se estabelecessem nos paizes dos arre-

dores. Os que receberam a raiz de palmeira vieram estabelecer-se ao sul de Magonga, em quanto que os que receberam a batata emigraram para o norte de Magonga, fixando-se nos valles do Unyoro. D'aqui vem que os povos de Uganda, do sul, e ao redor de Magonga preferem a cultura da bananeira, em quanto que os Vuanyoro teem predilecção pelo cultivo da batata.

Sacerdote como era, Kintu aborrecia o derramar sangue, ou fosse de homem ou de animal, passaro ou insecto, mas não ensinava aos seus descendentes a absterem-se de derramar o sangue dos animaes. Se qualquer animal tinha de ser abatido para alimento, ordenava-se que fosse levado para bem longe da sua residencia, e se qualquer homem devia ser executado por assassino, o executor não ousava tocar na sua victima ao pé de Kintu ou nas proximidades da sua casa ou do jardim, e nem o carrasco podia approximar-se nunca da pessoa do patriarcha. Se o criminoso, avançando para o local onde devia ser executado, conseguia chegar á presença de Kintu ou tocar-lhe os pés ou o vestuario, ou mesmo se o patriarcha olhava para elle, tinha a vida salva.

Quando o santo patriarcha se tornou muito avançado em annos, seus filhos esqueceram-se de seguir os exemplos de virtude que elle lhes dera, porque haviam descoberto o modo de fazer vinho e bebidas fortes, com que se preverteram, e andando sempre embriagados praticavam indecencias, tornavam-se violentos na linguagem, descuidados e endurecidos na impiedade, e o que era ainda peor, rebeldes á ponto de ameaçarem depô-lo e mata-lo. Kintu supportou por algum tempo com brandura e tristeza esta conducta de filhos ingratos; mas avisou-os de que a sua impiedade e violencia seria punida um dia; elles, porém, não o attenderam porque o vinho lhes transtornára a cabeça.

Passado algum tempo, reconhecendo que as suas admoestações eram completamente infructíferas, Kintu disse á



esposa: «Olha, os meus filhos, a quem dei o ser, teem se tornado maus e de coração endurecido, ameaçam expulsar seu pae e matar-o, porque dizem que eu estou velho e inutil. Sou, como um extranho, odiado pelos meus proprios filhos. Todos os dias elles derramam o sangue de seus irmãos e só vejo matar e ferir, de modo que por todos os lados vejo sangue. E' tempo de deixarmos estes logares e de nos dirigirmos a qualquer parte. Vem comigo, partamos». E de noite partiram Kintu e a esposa, levando na sua companhia a vacca, a cabra, a ovelha, a gallinha, a raiz da banana e a batata, que tinham trazido para aquelle logar.

Pela manhã espalhou-se a noticia de que o patriarcha Kintu não estava na sua residencia, nem se encontrava em parte nenhuma, que elle deixára o paiz, levando tudo o que trouxera quando alli chegára. Então todos se entristeceram, e grandes lamentações se ouviam por todo o paiz.

Passados tres dias, durante os quaes se fizeram rigo-rosas pesquisas para encontrar o patriarcha perdido, Chua, o filho mais velho, pegou na lança e no escudo, e disse: «Sou eu o primogenito, pertence-me o direito de me assentar no logar de meu pae. Agora, irmãos, tornaes-vos bons e piedosos, e guardae-vos da minha lança.» E como Chua era robusto, seus irmãos temeram-n'o e prestaram-lhe homenagem como se fosse seu rei.

Chua não abandonou as pesquisas para achar o pae, ainda que lhe tivesse succedido no regio poder. Parece que elle acariciava a esperança de o descóbrir em alguma região afastada, para onde elle podesse seguil-o e alcançar o seu perdão.

Por vezes chegou até Chua o boato de que fôra visto Kintu, mas nenhum dos seus diversos mensageiros conseguiu nunca encontral-o, e afinal Chua morreu sem que a sua esperança fosse realisada.

A Chua succedeu seu filho Kamiera, nome que ainda

hoje conservam os descendentes da familia imperial. Como seu pae, Kamiera, procurou o patriarcha Kintu até morrer, não sendo mais feliz do que o seu antecessor.

A Kamiera succedeu seu filho Kimera, gigante que se distinguiu como caçador. Começou este rei a empregar os cães na caça, e gostava tanto d'elles, que sempre se fazia acompanhar por algum para onde quer que fosse. D'este rei foi que todos os imperadores de Uganda herdaram a predilecção pela raça canina; muitos homens do tempo do Imperador Suna, recordam-se ainda da sua extraordinaria affeição aos cães, em virtude da qual estabelecia pensões a varios districtos para o tratamento d'aquelles animaes. Speke diz ter visto tambem Mtesa manifestar grande amisade por um cão; mas o monarcha de hoje já de ha muito abandonou esta predilecção tradicional, e agora prohibe a presença d'elles na côrte.

Kimera era de tão grande estatura, força e peso que os seus pés deixavam signaes estampados nas rochas; a impressão d'um dos seus passos ainda hoje é mostrada pelos antiquarios de Uganda n'uma rocha situada não muito longe da capital Ulagalla. Diz-se que esta pegada foi feita por um dos seus pés escorregando na occasião em que arremessava a lança contra um elephante. Kimera explorou tambem as regiões circumvisinhas e remotas, percorreu todas as florestas, desertos, as planicies, os desfiladeiros das montanhas, os cumes dos outeiros e as maiores cavernas, e viajou ao longo das margens de todos os rios em baldada pesquisa do patriarcha Kintu.

Parecia facto acceite por todos que Kintu não morrera, e que estava apenas perdido; suppunham-n'o immortal e Kimera ainda mais que os seus predecessores foi infatigavel em esforços para justificar esta crença. Conduziu em pessoa grandes expedições e offereceu grandes recompensas aos camponios, promettendo a quem descobrisse Kintu, o logar de primeiro ministro — o Kate-



kiro de Uganda. Não teve porém resultado nas suas pesquisas, e afinal morreu.

Almass (cujo nome, suppondo-o arabe, corresponde na nossa lingua a «diamante») succedeu a Kimera. Este nome de Almass é muito favorito entre os arabes, o que me convence mais de que o fundador da monarchia de Uganda tinha sangue asiatico nas veias. De Almass a tradição não diz senão que elle alimentou como seu pae, a esperança de encontrar Kintu. Por sua morte succedeu-lhe seu filho Tembo.

Depois de Tembo vieram Kigara, Vuanpamba, Kaima, e Nakivingi, tornando-se este ultimo notavel pelo seu valor heroico, e pelas muitas conquistas que fez.

Nakivingi combateu e sujeitou os Vuanyoro, que, pela sua predilecção pela cultura da batata, podem considerar-se de ha muito separados dos Vuaganda, embora isso se não possa admittir com respeito á auctoridade da tradição.

Depois de Nakivingi segue-se uma comprida lista de reis, ácerca dos quaes a tradição, a fabula e a historia se conservam igualmente silenciosas. Morondo succedeu a Nakivingi—o Carlos Magno de Uganda—e áquelle seguiram-se Sekamanya, Jemba, Suna I., Kimbugue, Katerega, Nteui e Juko. Este ultimo, diz-se, tinha um filho teimoso, violento e desobediente, chamado Kyemba, a quem, para o contentar, se viu obrigado a dar a ilha de Uvuma, d'onde pouco depois elle sahia para Uganda indo depôr seu pae Juko, e tendo-o assassinado occupou o throno em seu logar.

Um dos heroes de Nakivingi foi um guerreiro de nome Kibaga, que tinha o poder de voar. Quando o rei combatia os Vuanyoro, mandou a Kibaga que se elevasse aos ares para reconhecer todas as posições do inimigo, que, descoberto por este modo extraordinario, foi atacado por terra nas suas fortificações por Nakivingi e pelo activo e fiel Kibaga, que fazia chover grandes pe-

daços de rocha sobre elles, matando por esse meio grande numero.

Aconteceu que entre os captivos da Unyoro, Kibaga viu uma mulher formosa, com quem o rei pretendia casar. Como Nakivingi estava muitissimo obrigado a Kibaga pelos seus serviços maravilhosos, concedeu-lhe esta mulher como esposa, avisando-o, comtudo, de que não fallasse com ella a respeito do seu poder mysterioso, porque com certeza ella o atraçoaria. Por muito tempo viveram os dois junctos, ignorando sempre a esposa a habilidade de seu marido; suspeitando, porém, alguma cousa de extraordinario nas suas ausencias e reaparecimentos subitos em casa, começou a vigial-o, e um dia pela manhã, quando elle deixava a cabana, surprehendeu-o, na occasião de se elevar com um sacco cheio de pedaços de rocha preso nas costas. Ao vêr isto, e recordando-se do que os Vuanyoro se queixavam de que a maior parte dos seus homens eram feridos e mortos mais por um inimigo que os atacava dos ares, do que pelas lanças de Nakivingi, qual outra Delilah, amando mais a sua raça e a sua nação do que o esposo, dirigiu-se á pressa ao campo dos Vuanyoro e communicou-lhes, com grande surpresa da parte d'elles, o que descobrira.

Para se vingarem de Kibaga, os Vuanyoro poseram frecheiros de embuscada nos cumes dos outeiros mais elevados, recommendando-lhes que olhassem com bastante attenção para o ar e escutassem qualquer bater d'azas, com ordem de dispararem as frechas na direcção do som, vissem ou não alguma cousa. Por este meio certo dia, quando Nakivingi marchava para o combate, Kibaga foi ferido de morte por uma setta; viram-se cahir na estrada grossas gotas de sangue e o rei ao chegar ao pé d'uma arvore gigante descobriu um corpo desfallecido preso entre os ramos altos. Cortada a arvore, Nakivingi viu com grande magua, que era o corpo do seu fiel guerreiro voador Kibaga.



A Kyemba succederam-se Tiuandéké, Mdoura, Kaguru, Kikuruhué e Ma'anda. Foi este o monarcha que conseguiu obter noticias de Kintu, d'um modo tão notavel como romantico.

Ainda que a historia e a fabula nada digam a respeito dos actos de muitos dos predecessores de Ma'anda, podemos crer que todos os reis fizeram esforços pôr encontrar Kintu, porque a crença de que elle estava vivo continuava tão firme no reinado de Ma'anda como nos dias de Chua e Kimera. No tempo de Ma'anda esta crença era mesmo mais forte, e, estimulado pela esperança de que algum dia teria a fortuna de obter bom resultado, dedicou-se o rei ardentemente á caça, penetrando nas mais densas florestas, atravessando extensas planicies e valles, ostensivamente á caça d'animaes selvagens, mas na realidade á caça de noticias de Kintu.

Sucedeu um dia, que ao voltar d'uma d'estas excursões, um camponio que vivia não muito longe da capital teve que ir procurar lenha para queimar, necessitando para isso de penetrar no interior d'uma floresta. Achan-do-se excessivamente fatigado pelo trabalho rude do córte da madeira e ficando a casa ainda distante resolveu dormir na floresta junto da sua provisão de lenha. Por segurança e para não ser interrompido no somno, construiu uma cabana tosca, rodeou-a com alguns ramos das arvores derrubadas, e feito isto deitou-se e adormeceu.

E bem pesado foi aquelle somno, como se deve imaginar, provocado como era por um trabalho rude e pelo cansaço; apesar d'isso não lhe faltaram sonhos. Porque, em quanto dormia, diz-se, teve o camponio um sonho extranho, julgando ouvir uma voz, que lhe dizia: «Vae a um lugar n'esta floresta, onde as arvores estão muito junctas, rodêa uma pequena clareira ao pé d'um ribeiro e ahi verás alguma cousa, que te ha de dar muitas riquezas e fazer-te um grande chefe.» Tres

vezes se repetiu o mesmo sonho. As palavras pronunciadas fizeram de tal modo pular de alegria o coração do camponio que este acordou, e depois de acordado lamentou profundamente que as riquezas que lhe haviam sido promettidas fossem apenas um sonho. Mas, reflectindo que conhecia o logar descripto, porque já muitas vezes ahi estivera, e que não ficava muito distante, pensou que deveria obedecer á voz que lhe fallara em sonhos, ao menos para satisfazer a sua curiosidade. Tivera o mesmo sonho tres vezes e em todas ellas a voz era clara e precisa e o camponio julgou que poderia haver alguma cousa de verdade no que ouvira.

Depois de algumas horas de marcha apressada, chegou o aldeão ao logar descripto, e começou a avançar para o ponto indicado com a maxima precaução, para que se não desse algum acontecimento exactamente contrario ao que elle esperava, por quanto muitas vezes os sonhos indicam a realisação do contrario do que se sonha. Escutou o murmúrio da agua do ribeiro; e o susurro dos ramos da floresta agitados pela briza encheu-lhe o coração de susto. Começou a sentir-se aterrorizado, ainda que não visse motivo e esteve muito resolvido a voltar para traz. Comtudo, este medo podia não ter razão de ser; adiantou-se portanto para a clareira e de repente deparou-se-lhe um espectáculo que o deixou gelado de medo.

Dispostos em duas filas aos lados d'um venerando ancião, que se recostava n'uma especie de throno, estavam muitos guerreiros sentados em esteiras. Tinham todos lanças e escudos nas mãos, e a côr d'estes homens era tão clara que muito se assemelhava á de brancos. O rosto do personagem sentado no throno era o de um ancião de longa barba branca e côr igual á dos guerreiros sentados nas esteiras. Tinham todos vestida uma comprida tunica da alvura da neve.

Por algum tempo ninguem fallou, todos os olhares es-



tavam voltados para o camponez attonito e aterrado, e fixavam-n'o com espanto severo e tremendo. Afinal quebrou o silencio a voz do ancião, que aos ouvidos do aldeão pareceu ser a mesma que já ouvira no sonho, e que dizia: «Camponio, que paiz é este?»

O camponio, tremulo e coberto de suor frio, respondeu: «Então não o sabeis? Estamos em Uganda.»

«E quem foi o primeiro rei d'Uganda? Vamos, dize-me o seu nome?»

«Kintu» respondeu o aldeão.

«É verdade» tornou o ancião. «E como se chama o rei actual?»

«Ma'anda» replicou o camponio.

«Muito bem. Ora parte a toda a pressa, vae ter com o rei Ma'anda e diz-lhe que venha fallar a Kintu, que estará aqui a esperal-o, porque Ma'anda ha muito que procura Kintu e Kintu tem alguma cousa que lhe communica. Diz-lhe que venha acompanhado unicamente por sua mãe e por ti e faz-lhe notar que nem o cão o deve seguir. Vae depressa e conta ao rei Ma'anda tudo quanto tens visto e ouvido, e se fores fiel será grande a tua recompensa.»

O camponio não precisou ouvir mais; voltou-se e deitou a fugir com a velocidade do antilope e na madrugada do dia seguinte chegou á capital e procurou immediatamente o Katekiro a quem disse: «Tenho noticias importantes a communicar ao rei Ma'anda e que ninguem deve ouvir além d'elle. Conduz-me á presença do rei e sem demora.»

Os modos d'aquelle homem, ainda que na apparencia pertencente ao povo, eram sem duvida extranhos, mas o Katekiro não ousou recusar-lhe o pedido e levantando-se conduziu-o aos aposentos do monarcha.

Acontecia, singularidade notavel, que n'este mesmo momento estava Ma'anda referindo a sua mãe, que mandára chamar, a historia d'um sonho extranho que tivera

n'aquella noute. Apenas o rei acabara a sua narração entrou o Katekiro, que lhe disse: «Rei, eis aqui um homem, um camponio, parece que affirma ter noticias importantes para te communicar, mas a ti unicamente.» Ao ouvir isto, e tendo já visto o camponio, Ma'anda disse para sua mãe: «Ora esta, é o mesmo homem que vi no meu sonho, e que me deu noticias tão maravilhosas.»

Voltando-se depois rapidamente para o camponio, disse-lhe: «Fallá, homem, que tens a communicar-me?»

«Oh rei, replicou o aldeão, não posso fallar senão diante de ti e de tua mãe, porque assim me foi ordenado.»

Ma'anda, impaciente, despediu o Katekiro, ordenando-lhe que pozesse uma sentinella á porta para que nenhum homem, mulher ou creança, fosse qual fosse o motivo, podesse vir incomodal-o.

Quando ficaram sós, o aldeão começou a narrar toda a sua historia, tal como já a descrevemos e concluiu com as proprias palavras do velho: «Diz ao rei que venha com a sua mãe e contigo, e, toma bem nota d'isto, não o deve acompanhar mais ninguem, nem mesmo o cão.»

Ao ouvir estas palavras, Ma'anda disse: «Vamos, partiremos unicamente os tres, porque assim o disse o velho,» e tomando a sua lança e o escudo, o rei saiu do palacio por uma porta secreta, seguido unicamente por sua mãe e pelo aldeão, sem dizer a pessoa alguma para onde se dirigia.

Não obstante esta precaução, algum tempo depois sabia-se que o rei Ma'anda e sua mãe tinham abandonado o palacio, acompanhados d'um camponez, e que tinham tomado a direcção da floresta, para onde se encaminharam com muita pressa, segundo communicaram ao Katekiro.

Esta noticia causou grande embaraço ao primeiro ministro. Durante alguns momentos ficou indeciso no que



havia de fazer, porque se o rei desejasse outra companhia, certamente o teria participado; mas, por outro lado, o seu procedimento era inexplicavel, e o rei poderia ter sido induzido, por qualquer ardil, a comparecer onde o poderiam assassinar sem risco de serem descobertos.

Logo que lhe veiu á ideia o pensamento d'uma traição, resolveu no mesmo instante seguil-o e velar pela sua segurança; se o camponez tivesse alguma ideia criminosa a respeito do rei, estando elle juncto do monarcha, poderia defendel-o. Agarrou na lança e no escudo e saiu apressadamente em seguimento do rei.

Em breve alcançou o rei, a mãe, e o camponez, e, andando sem ser visto, procurou não os tornar a perder de vista e evitar os olhares prescrutadores que o rei lançava frequentemente para traz. Caminharam d'este modo todo aquelle dia e metade do seguinte, quando o camponez informou ao rei que estavam proximos do logar ajustado.

O rei, para se certificar que ninguem o havia seguido, ainda mais uma vez olhou em torno de si, e ficando persuadido que estavam sós, ordenou ao camponez que os conduzisse ao sitio onde era a reunião. Caminhando á sombra das grandes arvores que cercavam a clareira, saíram dentro em pouco do matto e acharam-se em presença da extraordinaria assembléa, que parecia ter conservado a mesma posição e attitude desde a partida do camponez.

Logo que os tres avançaram até á extremidade das fileiras de guerreiros assentados, o velho que se achava no throno, fez ao rei, que se tinha postado na frente dos que o acompanhavam e olhava muito admirado para a scena que o cercava, a seguinte pergunta:

«Quem és tu?»

«Sou Ma'anda,» respondeu-lhe:

«És o rei?»

«Sou.»

«E quem é essa mulher que te acompanha?» perguntou o velho.

«Minha mãe», respondeu o rei.

«Perfeitamente, disse elle; mas porque não obedeceram ás minhas ordens? Porque não vieram sós?»

«Fizemos exactamente o que nos dissestes» replicou o rei. «Aqui não está mais pessoa alguma do que minha mãe e este aldeão, porque ninguem soube da minha partida.»

«Mas eu vi que um outro homem vos seguia, insistiu o velho. Quem é?»

«Podeis ter a certeza,» disse Ma'anda, «que além d'este camponez, nenhum outro homem me acompanhou, porque, hontem e hoje bastantes vezes olhei para traz para me certificar se alguém me seguia.»

«Qual foi o primeiro rei de Uganda?» perguntou de repente o velho.

«Kintu» respondeu Ma'anda.

«Dizes a verdade,» continuou o velho com uma voz pausada e como quem está reflectindo; «e Kintu era bom. Nunca fez mal a ninguem; nem aos homens, nem aos animaes, nem aos passaros, nem aos insectos; nenhuma cousa viva emfim, tem que se queixar d'elle. Nunca levantou a mão para qualquer pessoa, nem causou o menor damno, porque elle amava seus filhos como os pode estimar um pae dedicado; porém os seus filhos tornaram-se d'uma extrema maldade, desobedientes, teimosos e difficeis de educar. O seu maior prazer era fazer correr sangue. Primeiramente, mataram só os animaes, mas, era tal o prazer que lhes causava isto, que por fim já não poupavam os irmãos e irmãs. Chegaram a estar tão insaciaveis de sangue, que um dia quizeram matar o proprio pae. Então Kintu reconheceu que não podia permanecer mais tempo em Uganda, o paiz já não lhe convinha, e oh! quando o viu pela primeira vez era tão



bello e tão puro a ponto de o deslumbrar, porém, quando se tornou vermelho e sulcado pelo sangue de homens, mulheres e crianças innocentes, então tornou-se odioso a Kintu e elle afastou-se d'este paiz horrivel e cruel. Desde Chua até Ma'anda todos os reis teem diligenciado encontrar Kintu, e até hoje teem sido baldados os esforços. Tu, Ma'anda, verás Kintu face a face e ouvil-o has fallar. Antes d'isso, porém, tenho alguma cousa a dizer-te da parte d'elle. Escuta e toma bem sentido no que vou dizer-te. — Mas quem é o homem que te seguiu até aqui?» perguntou elle bruscamente.

Ma'anda, satisfeito por ter sido elle de todos os seus predecessores o escolhido para vêr e fallar a Kintu, estava muito attento, não perdendo uma só palavra do que o velho dizia, porém quando foi de novo interrogado acerca de um assumpto que elle julgava já sufficientemente explicado, respondeu impacientemente:

«Para que me tornaes a perguntar isso quando eu já disse que ninguem me acompanhou aqui, porque pessoa alguma soube onde eu vinha?»

«Porém eu,» disse o velho tranquillamente, «vi um homem seguir-te. Porque consentiste n'isso, quando eu expressamente te ordenei que não viesses acompanhado d'outra pessoa além da tua mãe e d'este aldeão.

Este e a mãe do rei disseram que Ma'anda havia dito a verdade e que ninguem os tinha acompanhado.

«Mas eu vio-o a escutar atraz d'aquella arvore. Olhem, lá está elle!» disse o velho, apontando de repente para o Katekiro, que se havia mostrado, ao ver-se descoberto. Ma'anda, encolerizado, agarrou na lança e enterrou-a no peito do seu fiel ministro, que soltando um grito agudissimo, caiu morto a seus pés.

Mas, caso extranho! quando o rei Ma'anda e os seus companheiros se voltaram para apreciar o effeito produzido por este castigo, viram que o velho e os guerreiros que o rodeavam tinham desaparecido sem deixar

nenhum signal da sua presença. Olharam-se muito admirados e o rei recobrando o socego, deitou-se no chão e chorou amargamente, chamando muitas vezes por Kintu; sua mãe e o aldeão acompanharam-no nas suas lamentações, chorando como se o coração se lhes despedaçasse. Porém Kintu, o inimigo do sangue derramado, não lhes respondia; apenas as florestas proximas repercutiam os seus gritos, «Kintu, Kintu-u Kintu-u-u-u» como se estivesse zombando da sua dôr.

Passaram toda a noite n'este estado, gemendo e lamentando-se da nova perda do patriarcha de Uganda. Depois d'isto Kintu nunca mais tornou a apparecer em Uganda; até hoje ninguem mais o tornou a ver, nem se ouviu fallar d'elle.

Depois da morte de Ma'anda succedeu-lhe Msangi, Namugara e Chabagu. No tempo d'este ultimo rei vivia um heroe, chamado Vuakinguru, cujo nome se conserva na memoria de todos, em consequencia das suas incomparaveis proezas. Quando Chabagu invadiu Usoga, parece que os Vuasoga eram bastante numerosos, e não se tendo nunca submettido aos Vuaganda, mostraram-se audaciosos e intrepidos. As continuadas provocações de que os Vuaganda eram alvo levaram por fim Chabagu a declarar-lhes guerra; e para mostrar a coragem do povo a quem elles tinham tão insolentemente desafiado, Chabagu consentiu que Vuakinguru se apresentasse só, do outro lado do rio, nas cataractas Ripon, para mostrar aos Vuasoga, as qualidades guerreiras da sua nação.

Vuakinguru, deve-se acreditar, era um homem de estatura herculea, de grande robustez, e de coragem extraordinaria. Encaminhou-se para as alturas do Jinja levando um grande molho de lanças; o escudo era de tal dimensão e tão pesado, que dois homens difficilmente o podiam levantar.

Tendo chegado a um logar onde era perfeitamente visto do campo Vuasoga, intimou-lhes que se approxi-



massem d'elle, um e um, ou todos junctos, para elle lhes mostrar de que qualidade eram os homens que elles desafiavam a cada instante. Muitos dos Vuasoga, respondendo ao desafio, foram experimentar a coragem do inimigo, porém as lanças de Vuakinguru eram tão formidaveis, tão potente a força do heroe, que antes mesmo dos Vuasoga chegarem á distancia a que um homem pode atirar com bom resultado a lança, eram immediatamente mortos. Em seguida o heroe vinha arrancar as lanças dos cadaveres, e preparava-se para receber aquelles que vinham vingar os seus amigos. O invencivel guerreiro de novo arremessava as suas lanças, e novamente os Vuasoga tinham a lastimar a perda de mais alguns dos seus.

Os Vuasoga, enraivecidos, avançaram em massa e formaram um grande circulo em redor do feroz guerreiro, porém Vuakinguru zombando d'esta manobra, continuou a ferir e a matar, arremessando as suas lanças mortíferas, e, apoderando-se das dos seus inimigos que estavam dispersas pelo solo, reenviava-as aos Vuasoga com tão grande rapidez e precisão como se fossem simples flechas. Devido á sua força extraordinaria sustentou este combate desigual desde o amanhecer até ao pôr do sol; n'esta ocasião viu-se que Vuakinguru tinha posto fóra do combate seiscentos homens. Durante a noite atravessou o Jinja em Ugungu sem a mais ligeira ferida, e depois d'isto tomou como refrigerante bananas e leite misturado com agua, e recebeu, além d'isso, as maiores provas de sympathia do rei Chabagu e do seu exercito.

No dia seguinte Vuakinguru recommçou a batalha, e continuou durante todo o dia, matando egual numero de inimigos; no terceiro dia teve egual successo, até que afinal os Vuasoga confessaram que eram incapazes de luctar com elle.

Então o rei Chabagu atravessou o rio um pouco

abaixo de Jinja (nome indigena do canal Napoleão) e concluiu a conquista de Usoga.

A Chabagu succederam Junju, Vuaseje e Kamanya. Este ultimo rei, avô do actual, tornou-se notavel pelas suas victorias sobre os Vuakedi, o povo mais feroz e guerreiro que occupava o paiz ao norte de Usoga. Os Vuakedi, dizem, traziam armaduras e empregavam na guerra um immenso numero de cães, tão grandes como leões. Além d'isso, o paiz dos Vuakedi era cercado de grandes rios ou pequenos lagos, \* e isto fazia com que os Vuakedi fossem temidos pelos Vuaganda. Vexado, porém, pelas repetidas excursões que elles faziam mesmo pelo interior do seu paiz e pela impunidade com que elles procediam, Kamanya determinou fazer-lhes guerra e combater até que se podesse decidir, sem a menor duvida, qual dos dois povos era mais forte. Para este fim, reuniu os seus chefes, e, tendo-lhes demonstrado as vantagens que o Ukedí possuia em caso de guerra, convidou-os a indicarem-lhe o modo como havia de fazer-se a campanha.

Estimulados pela promessa de grandes recompensas os chefes propozeram varios meios para invadir o Ukedí; porém o plano do avô de Sabadu, o historiador, era o mais admissivel. Este chefe propunha a Kamanya enviar 100 canôas para Jinja, onde seriam desmanchadas e transportadas atravez do Usoga até ao rio Nagambua; \*\* aqui, depois de reconstruidas, iriam atacar os Vuakedi pela rectaguarda, ao passo que o rei e o seu exercito caminhariam para Urondogani, seguindo a margem occidental do Nilo Victoria, e ameaçariam Ukedí por este lado. Este plano sensato foi muito applaudido e posto

\* Devo n'este ponto confessar que as repetidas indicações geographicas fornecidas por Sabadu, me admiravam bastante.

\*\* Outra nota geographica verificada ultimamente. Não duvido que o Nagambua seja o mesmo rio que o Asua.



imediatamente em pratica, sendo o avô de Sabadu encarregado do commando das canôas.

Como deve imaginar-se, os Vuakedi, vendo-se atacados por um lado d'onde não esperavam que o fossem, ficaram surprehendidos e desanimados: Fugiram e refugiaram-se nas suas aldeias cercadas de tranqueiras, abandonando aos Vuaganda as suas vaccas, que elles conduziram para Usoga atravessando o rio Nagambua. A vingança dos Vuaganda não estava ainda completa, foram por isso atacar os Vuakedi nas suas aldeias, empregando frechas aquecidas ao fogo e envolvidas em cortiça para d'este modo incendiarem as habitações. Acoçados pelas chammias, os habitantes saíram das tranqueiras e encontraram as lanças dos Vuaganda.

Percebendo que a presença de Kamanya na outra margem do Nilo, era apenas uma estrategia, os Vuakedi reuniram todas as forças para repellir os Vuaganda que tinham vindo pelo Nagambua. Quando os dois exercitos se encontraram empenhou-se um terrivel combate, que não foi vantajoso para os Vuaganda, porque o inimigo trazia armaduras de ferro, que as lanças não podiam atravessar.

Depois de algumas consultas foi decidido pelos Vuaganda que na seguinte batalha, não perderiam tempo em arremessar as lanças, iriam sem cousa alguma e quando chegassem proximo do inimigo lançar-se-lhes-hiam ao pescoço e estrangulal-os-hiam.

Tendo recebido um grande reforço, os Vuaganda começaram de novo a batalha, e em lugar de arremessarem as lanças como era costume, muniram-se simplesmente dos seus escudos e precipitaram-se sobre os seus inimigos embaraçados com o peso das grandes armaduras, apoderaram-se d'elles e ligaram-os por meio de cordas.

Conhecendo a sua fraqueza, os Vuakedi reuniram todos os seus cães de guerra, os quaes, enquanto os Vuaganda luctavam contra os seus donos, se arremessaram

sobre elles de todos os lados, de guela aberta, ladrando furiosamente e mordendo, e os dilaceraram de tal forma que os Vuaganda tiveram que se refugiar nas canôas. Os cães, cujo furor não se havia extinguido, seguiram as canôas a nado, e os Vuaganda, que tinham, segundo se suppõe, readquirido o sangue frio, mataram facilmente um numero consideravel d'elles.

Imaginando perder d'este modo quasi todos os cães, os Vuakedi chamaram-nos. Em seguida a esta batalha os Vuakedi reconhecendo a superioridade dos Vuaganda, pagaram-lhes o tributo; e até hoje, teem vivido sempre em boa harmonia.

Quanto mais a narração se ia approximando da epoca actual, mais ella se tornava exacta e fiel. Assim, ao chegar a Suna II, filho de Kamanya, antecessor e pae de Mtesa disse-nos que tinha cerca de dezeseis annos quando subiu ao throno, e quarenta quando morreu, sendo o seu reinado de vinte e quatro annos. Tendo Mtesa occupado o throno aos dezenove annos e tendo em 1875 já quinze de reinado, Suna devia ter nascido em 1820, começando a governar o seu povo em 1836 e devia ter morrido em 1860.

Suna, segundo me contaram os seus intimos amigos, que ainda estavam vivos, era de pequena estatura, mas airoso, extremamente cruel e despotico, de grande coragem e genio bellico.

Tinha um modo particular de se sentar, com a cabeça baixa levantando raras vezes os olhos. A sua attitude assemelhava-se á de um homem completamente entregue aos planos que traça no solo, muito embora na realidade estivesse muito attento ao que se passava em redor d'elle. Amiudadas vezes mandava decapitar centenas de subditos. Conta-se que uma vez por causa d'um crime commettido por um só, mandara matar oitocentos Vuaganda. Outros castigos, que elle infligia amiudadas vezes, eram egualmente horrorosos, taes como: arrancar



os olhos, cortar as orelhas, o nariz e os labios. Diz-se que elle levantava tão poucas vezes a cabeça, que, quando olhava para qualquer pessoa, os carrascos, alcunhados de «os Senhores da Corda», consideravam este olhar como uma condemnação.

Qualquer mensageiro que chegasse com noticias era obrigado a approximar-se de joelhos, e a fallar n'esta posição ao ouvido do rei. Quando caminhava por um atalho, bastava um grito «Ahi vem Suna» para que o povo, horrorisado, tomasse a fuga.

Para as pessoas dos outros paizes era muito liberal e hospitaleiro e muitos viajantes arabes tiveram occasião de agradecer ao acaso o tel-os conduzido a Uganda durante o reinado de Suna.

Este Imperador, ou *Kabaka*, titulo que os soberanos de Uganda tomam em seguida ás suas grandes conquistas, era apaixonado pelos cães. Para o sustento de um, que era o seu favorito, fez semear e cultivar um districto inteiro de batatas, alimento da predilecção do animal, e quando elle morreu, obrigou todos os chefes a darem um pedaço de cortiça para enterrar o defunto.

Tambem tinha um leão, um leopardo e um outro animal, que pela descripção que me fizeram, parece-me que devia ser uma especie de lobo ou lynce; os dois primeiros conseguiram domestical-os, o ultimo era de uma ferocidade tão indomavel, que afinal o Kabaka acabou por mandar mata-lo.

Com a disposição bellica que tinha Suna, era natural que se empenhasse em varias guerras; sendo o seu character ardente e resolutivo e sabendo-se da sua crueldade, não nos devemos admirar se ouvirmos dizer que essas guerras foram terriveis. Conquistou Ankori, devastou Unyoro e Usoga, e foi o primeiro que conquistou as nações unidas de Uzongora. Os intrepidos Vuavuma reconheceram-n'o como senhor feudal do seu paiz; os proprios Ruanda muito embora estivessem distantes, viram-no de perto; deram-

lho batalha e reconheceram a sua supremacia. Os pormenores das ultimas guerras contou-m'os Sabadu, e eu reproduzo-os aqui taes como Sabadu m'os referiu, afim de que o leitor comprehenda melhor o character de Suna e mesmo a maneira como são as guerras na Africa Central.

«Suna tendo conhecimento de que Usoga estava revoltado e recusava pagar-lhe o tributo, depois de ter rendido aos Muzimu, ou espiritos, as homenagens do costume, \* organisou um consideravel exercito e marchou para Jinja, rochas situadas na parte superior das cataractas Ripon, e ahi se demorou quatro dias. Os Vuavuma, sabendo que Suna se approximava, fugiram para a ilha de Kinteh (situada no canal entre Uvuma e Usoga distante sete milhas do cabo Nakaranga). Trouxeram para esta ilha as mulheres, os filhos, assim como numerosas manadas de vaccas, e, segundo as medidas que adoptaram, era evidente que tencionavam fazer uma resistencia desesperada e muito prolongada.

Depois de passar o Usoga, Suna acampou na margem, a meia milha distante da ilha de Kinteh. Os Vuavuma, respondendo ás suas ordens trouxeram-lhe cêrca de cem canôas tripuladas pelos indigenas de Uziri, Vuema e Kibibi; as ilhas de Lulamba, Iruaji e Sessé enviaram 200; da costa de Uganda obteve mais 200, de sorte que, ao todo, Suna possuia 500 canôas.

Usoga, paiz muito extenso, fez todo o possivel para enviar uma esquadra poderosa contra o monarcha de Uganda, e, auxiliado pelas suas ilhas, Namungi e Neygano, e tambem por Usuguru, Chaga, Muiuanda e Ugana estava habilitado a poder oppôr a Suna, canôa por canôa.

Mas o espirito que animava os guerreiros das duas

\* Observarei aqui, que a narrativa de Sabadu continha muitos e interessantes factos ethnologicos. E devo declarar ao leitor que por isso eu ia stenographando o discurso de Sabadu á medida que elle ia fallando.



nações era muito differente. D'um lado um povo resolvido a ser livre, d'outro, um monarcha resolvido a subjugar, mas não tendo guerreiros para lutar na agua contra os Vuasoga, e não podendo constringer os seus homens a combater sobre este elemento, ainda que recorresse ás mais terriveis ameaças.

Tendo reunido a sua flotilha, Suna deu o signal de ataque. Os Vuasoga encontraram os Vuaganda no canal e depois d'um combate desesperado, os Vuaganda foram forçados a retirarem precipitadamente para a praia. Durante um mez, Suna fez repetidos esforços para effectuar um desembarque na ilha, porém os Vuasoga repelliram corajosamente os Vuaganda, causando-lhe sempre enormes perdas. Ajunctando o insulto ao mal que faziam ao inimigo, os Vuasoga approximavam-se da margem e dirigiam ao rei palavras offensivas, dizendo-lhe que fosse procurar os tumulos de Kaguru e Kamanya, e se encerrasse n'elles para esconder a sua vergonha.\*

Afinal enraivecido por estas injurias, Suna reuniu os seus chefes, e em plena assembléa, censurou-os severamente, perguntando-lhes se elle não era o imperador, e se o era, porque deixavam que os Vuasoga o insultassem. Em seguida incoherisado ainda mais pela lembrança dos insultos recebidos ultimamente, ordenou aos seus chefes que no dia seguinte trouxessem as suas canoas e atacassem a ilha, ameaçando-os de que seriam queimados ou degolados se o não conseguissem.

Os chefes prostaram-se um apoz outro e juraram que no dia seguinte entrariam na ilha de Kitenteh. Chegou o dia immediato, e cada um dos chefes estava na sua canoa acompanhado dos seus mais intrepidos guerreiros. A batalha começou, porém unicamente só quatro chefes foram fieis á sua promessa. — o Katekiro, Namujurilua

\* Era d'este modo que os Vuavuma insultavam quotidianamente Mtesa.

(pai de Majuara)\* e dois outros de equal coragem e tambem de elevadas cathogorias. O Katekiro ao desembarcar, matou dois homens só com uma lançada, tão numerosa era a multidão de Vuasoga, que se precipitou para elle. Namujurilua atravessou tres da mesma maneira, porém, não podendo tirar a lança dos tres corpos, atravessaram-lhe os dois braços com um dardo e foi salvo pela chegada dos seus guerreiros, que o transportaram na canoa. Os outros dois chefes mataram cada um, dois homens; mas não sendo auxiliados pelos seus, foram obrigados a retirar. Muitos outros chefes se distinguiram, e varios pereceram, quando diligenciavam pôr o pé na ilha.

N'este dia, os Vuasoga estavam formados em quatro fileiras. A primeira era composta pelos fundibularios, a segunda, pelos lanceiros, a terceira, collocada n'um terreno mais elevado, era formada ainda pelos fundibularios e a quarta constituia uma reserva de lanceiros, para a lucta final.

Tres dias seguidos, os chefes de Uganda conduziram pessoalmente os Vuaganda ao assalto, até que finalmente o pae da rainha supplicou a Suna que não sacrificasse todos os chefes, quando havia alli paisanos espectadores ociosos do combate. Suna acceitou este conselho, e comprehendendo que a coragem não servia de cousa alguma contra a resistencia desesperada dos Vuasoga, imaginou cercar a ilha noite e dia com as canoas e obrigar os rebeldes a renderem-se pela fome. O que os desgraçados Vuasoga podiam procurar para se sustentarem além de ser insufficiente dava-lhe muito trabalho e custava-lhe muitos homens, tanto no canal como na margem; porque Suna tinha levantado os acampamentos em toda a costa do Usoga e as suas canoas vigiavam sem cessar a ilha de Kitenteh.

\* Majuara foi o rapaz, que assistiu aos ultimos momentos do dr. Livingstone.



Os Vuasoga sustentaram este estado de cousas durante dois mezes, no fim dos quaes vendo-se proximos de morrer de fome, enviaram tres chefes ao campo de Suna com propostas de submissão. Suna recusou-se a vel-os; mas mandou dar-lhes trinta cabeças de gado commendando-lhe que comessem e em seguida pensassem bem no que acabavam de offerecer, accrescentando que, se, em quatro dias, não tivessem mudado de ideia, escutal-os-hia.

Na tarde do quarto dia, vinte chefes vieram de Kinteh, dizendo que consentiam em submeter-se ao imperador, pagar-lhe o tributo e servil-o na guerra. Recebeu-os Suna agradavelmente e ordenou-lhes que começassem no proximo dia com a assistencia das suas proprias canoas o transporte de todos os seus guerreiros para o campo imperial, a fim de que todos os Vuasoga podessem prestar-lhe homenagem.

Durante tres dias, estiveram as canoas de Vuaganda e Vuasoga occupadas n'este serviço, e á medida que chegavam os Vuasoga, conduziam-nos para uma grande estacada construida expressamente para elles na vespera da capitulação. No mesmo dia estando já todos os inimigos no seu campo, Suna, rodeado dos seus guerreiros, chamou os chefes dos Vuasoga e disse-lhes que desejava vel-os no dia seguinte executar a sua dança de guerra entrando n'ella todas as pessoas. Não suspeitando nenhuma traição, os chefes prometteram satisfazer o Imperador.

Depois de se retirarem para a sua estacada, Suna disse aos chefes Vuakunga que no dia seguinte de manhã muito cedo, conduzissem áquelle local todos os seus guerreiros munidos cada um d'uma corda e collocando-os em duas fileiras de quatro homens de fundo, a um signal seu, lançarem sobre os Vuasoga amarrando-os com as cordas. Na manhã do quinto dia achavam-se todos os Vuaganda formados como Suna tinha dito. Os Vuasoga não viram n'esta

manobra senão o desejo, que Suna tinha de mostrar o seu poder e fausto; e sem a menor desconfiança do que os esperava, passaram pelo meio das fileiras factaes, armados unicamente de paus, como se tinha combinado, sob pretexto de que os Vuaganda poderiam offender-se vendo-os fazer exercicio diante de Suna munidos de armas cortantes. A benevolencia com que o Imperador os tinha tratado, a quantidade de bois e bananas, que lhes fornecera em seguida á sua submissão, tinha-os posto completamente ao abrigo de qualquer suspeita.

Imagine-se como os desgraçados Vuasoga caminhariam com osorriso nos labios até á presença de Suna n'este memoravel dia, e como empregariam todos os esforços para exhibirem as melhores danças desejando d'este modo agradar ao despota. Repentinamente, em quanto as suas vozes potentes (diz-se que eram trinta mil) se uniam em um grande côro celebrando a conclusão triumphal do combate simulado, que elles acabavam de figurar, Suna deu o signal, e cem mil guerreiros Vuaganda arremessaram-se sobre elles, e apesar da resistencia desesperada que opposeram, quando a traição de Suna se tornou conhecida, estavam já amarrados de pés e mãos.

D'este immenso numero de prisioneiros foram escolhidos sessenta dos principaes chefes e trazidos á presença de Suna, que lhes disse:

«Durante três mezes estive pacientemente com as minhas tropas á espera que se submettessem; tendes-vos revoltado contra a minha auctoridade e tentado subtrair-vos á minha soberania; matastes mais de metade dos meus principaes chefes; haveis-me insultado dizendo-me que fosse procurar os tumulos de Kaguru e Kamanya e que me encerrasse n'elles para esconder a minha vergonha. Tendes zombado de mim — de mim, que me chamo Suna, Suna, o Imperador (Kabaka). Eu hei de morrer um dia ou outro, mas vós, juro-vos pelo tumulto



de meu pae Kamanya, que haveis de morrer hoje mesmo e podereis ir dizer a vossos paes que foi Suna, o Imperador, quem vos enviou para juncto d'elles».

Em seguida, voltando-se para os Vuaganda, exclamou n'um impeto feroz:

«Cortem-os em bocados pequenos, e façam com elles uma pilha fóra do campo.» Como Suna ordenou, assim foi executado, e os Vuaganda empregaram-se n'esta horrivel tarefa durante cinco dias, porque obedeceram exactamente á ordem que tinham recebido, e, começando pelas pernas e braços, despedaçaram as suas victimas sem se darem ao trabalho de as matarem primeiro.

Usoga, tendo conhecimento d'este horroroso feito, mandou os seus principaes chefes a implorar o perdão e offerer homenagem e submissão, o que Suna se dignou acceitar. Com isto terminou a guerra e Suna voltou para o seu palacio em Uganda com um acompanhamento de cinco mil captivos e oito mil creanças.

Pouco tempo depois de voltar para Uganda, os Vuasoga revoltaram-se segunda vez por conselho de Rura, chefe de Nakaranga. Suna ao saber d'este acontecimento sorriu-se affectuosamente e disse: «Rura levou muito tempo a resolver-se; já que se demorou até agora, que espere mais algum tempo, e mostrar-lhe-hei quem é o seu chefe.»

Na mesma occasião Namujurilua, chefe de Uddu, soube que o seu visinho, rei de Ankori ou de Usagara se estava preparando para lhe invadir o paiz com uma força poderosa. Sempre prompto para o saque e para a guerra, Namujurilua não esperou que os Vuasagara entrassem nos seus dominios, mandou rufar o tambor de guerra, e, reunindo o exercito, atravessou o Buera e penetrou no paiz de Ankori, onde foi surprehender os inimigos no seu proprio acampamento, onde estavam reunidos sob o commando de cinco principes.

Namujurilua arremessou-se com tal impetuosidade e ar-

dor que a superioridade numerica dos seus inimigos não lhes poude valer. Durante cinco horas a victoria conservou-se indecisa para ambos os lados, até que Namujurilua se encontrou frente a frente com um dos principes de Ankori.

«Pois ainda não morreste, Namujurilua?» exclamou o principe. «Espera um pouco, disse agarrando no arco d'um dos seus soldados e despedindo uma frecha, que foi bater no bordo do forte escudo feito de duas pelles de boi, que trazia o chefe do Uddu.

Namujurilua não esperou segunda frecha. Deu um salto gritando: «Não, ainda estou vivo, *mlangira* (principe); não morri ainda, nem morrerei antes de ti», e a sua lança, cujo ferro era semelhante ao d'uma adaga, atravessou ao mesmo tempo o escudo e o corpo do infeliz mancebo.

Outro principe chegando n'essa occasião e vendo cair seu irmão lançou uma frecha que atravessou a pelle de leopardo, que cobria o chefe de Uddu, o qual retribuiu o comprimento com uma das suas compridas lanças, que penetrou no peito do archeiro, sahindo-lhe pelas costas. A morte d'estes dois principes fez terminar a batalha, porque os Vuasagara cheios de panico, tomaram a fuga, deixando nas mãos de Namujurilua uma quantidade immensa de animaes e de objectos diversos.

Voltando ao Uddu, o chefe victorioso enviou trezentas mulheres, seiscentas creanças de ambos os sexos e mil cabeças de gado ao Imperador Suna, parte, que lhe competia no saque. A' vista d'este magnifico presente, Suna disse aos seus chefes em plena assembléa. «Na verdade Namujurilua é um valente, não ha outro que o eguale em Uganda».

Setuba, um chefe que governava sob as ordens de Suna uma extensão consideravel de terreno \* na fronteira

\* A cada mkungu, ao receber este elevado titulo, é confiado o governo d'uma baronia ou condado, com autoridade absoluta sobre o povo e seus bens, sob a condição unica de servir o soberano logo que isso lhe seja exigido. A menor desobediencia faz com que seja exonerado d'este cargo e muitos vezes punido com a morte.



de Unyoro, disse ao ouvido do seu visinho: «hein! ouviu como Suna elogia Namujurilua; vamos a Unyoro e mostremos a Suna, que tem outros chefes tão valentes como Namujurilua.»

Depois de ter pedido e obtido permissão de visitar a sua provincia, Setuba sahiu da capital, e chegando á aldeia principal deu ordem para que rufasse o tambor e fez preparar a sua gente para a guerra.

Levando trezentas cabeças de gado, atravessou a fronteira de Unyoro, e ahi, mandando-as matar, disse aos seus soldados, que lhes destinava este alimento para os fortalecer. Depois de terem devorado toda a carne, os guerreiros disseram a Setuba, que estavam valentes como leões e promptos para combater.

Setuba respondeu-lhes sorrindo: «Dei-vos trezentos bois dos meus rebanhos; ide e trazei-me tres mil cabeças de gado; só assim me considerarei pago d'aquellas que vos dei».

Os guerreiros responderam ás palayras de Setuba com aclamações e partiram immediatamente a invadir o territorio dos Vuanyoro, emquanto Setuba permanecia no acampamento rodeado dos soldados mais valentes. Os Vuaganda contudo, promptamente encontraram os Vuanyoro, mas em numero tão consideravel, que em seguida a um combate, que durou algumas horas, aquelles foram completamente derrotados e perseguidos até ao sitio, onde se achava o acampamento de Setuba.

O chefe recebeu os fugitivos com apparencia grave e disse-lhes em tom severo: «Onde estão esses leões a quem eu alimentei ha pouco com a carne dos meus rebanhos? Voltareis a Uganda com as mãos vasiaas? Pois bem, voltae para lá, e ao fugirdes, dizei a toda a gente que Setuba morreu.» Dizendo estas palayras, Setuba agarrou nas armas, e, seguido dos seus guerreiros escolhidos, sahiu do acampamento e correu ao encontro dos Vuanyoro.

Acceso em colera e envergonhado da derrota que sof

frera, Setuba em breve encontrou os inimigos e atacou-os com brilhante successo.

Com a primeira lançada matou tres homens, e com a segunda dois. Os fugitivos, vendo o vigor e a coragem do seu chefe, pararam, dizendo uns aos outros: «Quem ousará dizer a Suna, que Setuba morreu? Vale mais combater e morrer com elle».

A palayra «Setuba, tuba, tuba!» tornada grito de guerra e repetida por milhares de vozes, fez voltar os fugitivos, e estes fazendo frente aos que os perseguiam, obrigaram-os tambem por sua vez a tomar a fuga. Durante dois dias os Vuaganda banharam-se no sangue dos ferozes Vuanyoro; estes, cheios de terror, foram obrigados a fugir para o cume das montanhas, deixando nos valles as suas familias e rebanhos, que foram levados pelos Vuaganda.

Voltando a Uganda, Setuba enviou ao Imperador o saque do inimigo, duas mil mulheres, quatro mil crianças e duas mil cabeças de gado grosso, e cabras e carneiros sem conto; Setuba ouviu Suna declarar com orgulho, que não conhecia monarcha algum que podesse mostrar heroes semelhantes a Setuba e Namujurilua, e que se orgulhava de taes chefes.

No dia em que Suna fez esta declaração publica, havia entre os ouvintes um mancebo, que resolveu eclipsar ambos os chefes. Chamava-se Kasindula, e era sub-chefe ou mtongoleh do poderoso Sekebobo, que governava o paiz de Chagué. Kasindula não era importante nem em nascimento nem em riqueza; era simplesmente um rapaz que se havia distinguido em varios combates, e a quem, por este facto, Sêkebobo elevara de simples camponez (*kopi*) ao cargo de sub-chefe (*mtongoleh*).

Alguns dias depois de Suna ter recebido os despojos enviados por Setuba, Kasindula apresentou-se a Sekebobo, e rogou-lhe que pedisse ao Imperador permissão para reconstruir o acampamento de sua magestade no Jinja, por isso que um grande numero de casas estavam em



ruínas e bastantes mulheres de Suna dormiam ao ar livre.

Sekebobo conduziu Kasindula á presença do Imperador, e participou-lhe o que elle desejava, sendo-lhe satisfeito o pedido, e acrescentando o Imperador, que era raro virem pedir-lhe permissão para prestar um serviço, quando sempre acontece exactamente o contrario.

Depois de ter agradecido calorosamente, Kasindula pôz-se a caminho acompanhado de dois mil homens cedidos por Sekebobo para o auxiliarem no trabalho de reconstrucção do campo do Imperador no Jinja; além d'isso o velho chefe accrescentou tambem alguns barcos grandes para o transporte da gente atravez do canal Napoleão.

O jôven chefe não perdeu um instante. Apenas chegou ao Jinja, começou immediatamente a trabalhar, e em poucos dias tinha inteiramente reconstruido as casas, fazendo-lhe em redor os pateos, que é uso terem e removendo os despojos accumulados no campo, de forma que podesse satisfazer um homem tão difficil de contentar como era Suna.

Acabado isto fez rufar o tambor de guerra. A este chamamento, responderam todos os homens, que nas vinhanças do Jinja eram capazes de manejar uma lança. Quando estavam todos reunidos, Kasindula disse-lhes:

«Guerreiros de Uganda e filhos de Suna, ouvi-me. Sabeis muito bem, que depois de Suna massacrar os rebeldes Vuasoga em frente da ilha de Kitenteh, vieram todos prestar-lhe obediencia. Sabeis mais, que em seguida á retirada do Imperador para Uganda, o chefe Vuasoga, Rura, poz-se á frente de nova rebellião, e desafiou Suna para voltar a Usoga a dar-lhe batalha. Quando Suna soube d'este desafio do insolente Rura, sorriu-se e disse: «Deixal-o esperar um pouco.» Suna é muito nobre para descer a combater Rura; Kasindula, um mtongoleh de Sekebobo, é o bastante para elle. Esta noite marcharemos para Nakaranga e amanhã de manhã antes de nascer o sol, Rura

dormirá com os seus irmãos, que foram mortos em frente de Kitenteh. Guerreiros, prepara-vos.»

Ainda que o cabo Nakaranga ficasse distante tres milhas do Jinja, Kasindula chegou cerca da meia noite á aldeia principal do chefe, cercanda-a completamente. Ao amanhecer, deitou fogo ás casas, forçando d'este modo os Vuasoga, bruscamente despertados, a abandonarem as suas habitações, vindo cair nas pontas das lanças dos Vuaganda. Depois de ter arrasado todo o districto de Rura, e recolhido o producto do saque, voltou Kasindula antes do meio dia para o Jinja.

Os confederados de Usoga, tendo noticia do resultado d'esta expedição e da morte de Rura e de seus filhos, partiram a toda a pressa para Nakaranga, para tirarem vingança do massacre; porém ahi apenas encontraram ruínas e desolação; já os inimigos haviam chegado ao Jinja, para onde não ousaram seguil-os e, por conseguinte, cada chefe voltou para o seu districto.

Depois de descansar alguns dias, Kasindula fez nova invasão n'uma direcção completamente opposta e com o mesmo successo. D'esta vez ainda os Vuasoga quizeram oppôr-se, mas a sua fraca resistencia teve como resultado verem as suas habitações incendiadas, os guerreiros mortos e não acharem nem as mulheres, nem os filhos, nem os rebanhos, pois que tudo o inimigo havia levado.

«Quê terrivel homem é este?» perguntavam admirados os Vuasoga uns aos outros, «que chega á noite, como a hyena, e desaparece de dia, saciado de sangue?»

Consolou-os, porém, a ideia de que em breve tirariam a desforra, e voltaram para as suas aldeias.

Porém o prudente e resolutivo Kasindula não descansava um momento; outro districto inteiro foi destruido, quasi todos os guerreiros mortos, e levadas captivas as mulheres e as creanças. A noticia d'esta nova proeza



desanimou completamente os Vuasoga, porque começaram a desconfiar que toda a sua nação seria por este modo pouco a pouco aniquilada; calculando, por consequencia, as suas perdas, e vendo que os principaes chefes tinham morrido, mandaram uma embaixada a Suna, encarregada de implorar perdão e offerecer-lhe um tributo formado pelas mulheres mais bonitas do paiz e por uma grande quantidade de vinho de banana.

Kasindula, entretanto, satisfeito com os despojos, reuniu tudo e, obrigando os seus prisioneiros e rebanhos a marchas forçadas, conduziu-os a Suna, que, sabendo do seu regresso, se preparou para o receber com grandes honras, convocando para isso o conselho.

Tendo enfileirado diante do Imperador as mulheres e as creanças, e reunido o gado de fórma que elle o visse todo, Kasindula, trajando uma tunica escura tecida com fibras de casca d'arvore, prostrou-se em frente de Suna e disse-lhe:

«Grande Kabaka, fui ao Jinja, reconstruí o vosso acampamento e alojei as vossas mulheres, pela fórma por que me ordenastes. Constando-me depois como Namujurilua e Setuba vos desaffrontaram dos Vuasagara e dos Vuanyoro, vi-me sufficientemente forte para responder ao desafio que Rura e os seus amigos vos tinham dirigido.

«Meu senhor, Namujurilua e Setuba são chefes respeitaveis, que todos os dias se apresentam diante de vós; eu porém, não sou mais que um simples Mtongoleh, sob as ordens de Sekebobo. Não tenho terras, nem casas, nem mulheres, nem creanças: a minha lança e o meu escudo, eis em que consiste toda a minha riqueza; o meu unico vestuario é este velho *mbugu*. Namujurilua e Setuba trouxeram-vos escravos, bois e vaccas aos centos eu, porém, *Kopi* Kasindula, trago-os aos milhares. Olhai, eil-os! Kasindula offerece tudo a Suna». E junctando as mãos, gritou: «Tuyanzi, yanzi, yanzi!» com o enthu-

siasmo de quem acabasse de receber o mais delicado presente.

Perguntou o Imperador a que importancia montava a offerta; responderam-lhe que havia sete mil escravos, duas mil cabeças de gado grosso, tres mil cabras, e quinentos carneiros.

«Kasindula fallou verdade, exclamou o Imperador, a sua offerta é superior ás de Namujurilua e Setuba. Em compensação faço-o hoje chefe de primeira classe, com terras, rebanhos e escravos, que lhe hão de pertencer.» E Kasindula no mesmo momento foi vestido de branco, teve todas as honras, privilegios e auctoridade d'um Mkungu de Uganda.

Depois d'esta epocha turbulenta, houve alguns mezes de tranquillidade, até que um dia o Imperador recebeu uma declaração de guerra de Kytahua, poderoso rei de Uzongora, que fizera uma alliança contra Suna com os reis Kiorra, Kamiru, Rugomero, e com Antari, rei de Ihangiro.

O imperador despediu o mensageiro de Kytahua dando-lhe uma bala de espingarda e uma enxada e dizendo-lhe: «Dá isto a Kytahua e diz-lhe que escolha; que veja se lhe convém acceitar a bala e romper as hostilidades, ou guardar a enxada e cultivar os campos em paz; vae e traz-me depois a resposta.»

Kytahua e os seus alliados julgando-se fortes para lutar contra Suna, guardaram a bala. Quando o mensageiro voltou com esta resposta, Suna ordenou ao seu Katekiro que carregasse 300 homens com enxadas e ferros usados, e que os enviasse a Kytahua, dizendo-lhe:

«Suna manda-te este ferro, porque talvez precisés de lanças, frechas ou maças. Manda fazer, durante estes trez mezes, armas para os teus guerreiros, e prepara-te para a guerra: ao quarto mez, Suna e os seus guerreiros irão ao teu paiz; Suna arrasará tudo e não deixará vivo ninguém».



Foi esta a ultima guerra de Suna. Depois de trez dias d'um combate desesperado os Vuazongora fôram completamente derrotados; Kytahua e os seus alliados, obrigados a fugir, refugiaram-se na ilha Kishakka, onde fôram cercados, até que todos os reis pediram perdão e juraram que pagariam o tributo.

Accommettido por um ataque de variola, o Imperador aceitou os seus juramentos, e, levantando o cêrco, partiu para Uganda. Quando sentiu que ia morrer, Suna fez reunir os seus chefes, e ordenou-lhes que aceitassem Kajumba, seu primogenito, por seu successor.

Comtudo este Kajumba, o principe imperial, não estava nas boas graças dos Vuaganda, porque segundo parece, era um mancebo violento, teimoso, d'uma estatura gigantea e de força extraordinaria. Estas qualidades commendavam-no muito a Suna, que julgava, que com tal successor Uganda conservaria o seu prestigio e supremacia e não receiava perigo algum para o seu povo d'um soberano dotado de tal character; e, de facto, como em toda a sua vida, exercera sempre a sua auctoridade incontestada com a maxima licença, pôde duvidar-se se elle considerava a violencia das paixões como cousa a que se devesse ligar a menor importancia.

Kajumba era o favorito de Suna; e proximo a morrer, o Imperador que tanto amára a guerra, apontava com orgulho aos seus chefes as qualidades heroicas do principe, recordava-lhes como, ainda moço, matára um buffalo com uma simples clava, e um elephante só com uma lança, e, affirmava-lhes, que Kajumba se tornaria mais famoso que Kimera, o leão, ou que o celebre Nakivingi.

Depois da morte de seu pae, Kajumba tomou a pesada lança e o enorme escudo do Imperador, e proclamou-se successor de seu pae, annunciando que estava resolvido a sustentar os seus direitos até á morte. Todavia, os chefes, receiosos do seu character violento, apoderaram-se d'elle, ligaram-n'o de pés e mãos e escolhe-

ram o joven Mtesa, de palavras melifluas e olhar meigo, a quem fizeram Imperador d'Uganda por aclamação.

Suna foi então sepultado com toda a pompa e ceremonial usados em taes circumstancias em Uganda; e o joven Imperador, prestadas as honras funebres aos restos de seu pae, e sentindo-se seguro no throno, começou a revelar a verdadeira indole, que occultara sob o olhar meigo e a linguagem doce. Em breve achou pretextos para mandar matar todos os seus irmãos, e desembaraçado d'elles, voltou-se para os chefes, que o haviam eleito Imperador d'Uganda e condemnou-os á morte, dizendo que não queria ter em torno de si nenhum subdito, que podesse recordar-lhe que a elle devia a soberania.

Segundo o costume de seu pae, Mtesa mandava matar todos os que o offendiam; e Namujurilua, o leão na guerra, bem como o Katekiro, foram tambem decapitados. Frequentes vezes, n'um accesso de colera, agarrava na lança e corria ao harem e feria as mulheres até que a sua sede de sangue estava saciada.

É provavel que Mtesa tivesse ainda este character no tempo em que Speke esteve em Uganda, e que assim se conservasse até á epoca em que o arabe Muley-ben-Selim o converteu n'um ardente musulmano. Depois d'isto, comtudo, tornou-se mais humano, absteve-se da cervejá forte, que lhe despertava os maus instinctos e renunciou aos costumes sanguinarios de seu pae.

O reinado de Mtesa, como o de seu predecessor, foi notavel por grandes victorias alcançadas sobre muitas nações, taes como os Vuanyankori, Vuanyoro, Vuasui, Vuazongora, e Vuasoga; e o seu Katekiro levou a sua bandeira victoriosa até Ruanda e Usongora nas margens do Muta Nzigé. Mandou tambem embaixadores a Gondokoro, ao pachá do Khediva; a Zanzibar ao sultão Medjid e ao sultão Barghash, e tendo recebido com hospitalidade verdadeiramente imperial os capitães Speke e



Grant, o coronel Long do exercito egypcio, o coronel Linant de Bellefonds e a mim proprio, deseja agora travar mais intimas relações com a Europa, introduzir a moeda no seu paiz e ter artistas europeus para instruir os seus subditos.

É a Sabadu, repito-o, que o leitor deve o conhecer todos os factos interessantes narrados nas paginas precedentes. Até ao dia em que estes factos me foram comunicados, Uganda e uma parte da Africa equatorial, eram — para me servir das palavras do velho Pistol — como uma ostra fechada. Hoje, com o seu auxilio, a ostra abriu-se em parte, deixando-nos entrever, embora de um modo insufficiente, a origem, os costumes e a chronica do paiz. A lenda do patriarcha perdido poderia fornecer assumpto a um poema epico ou a um romance, porque não carece de materiaes para uma grande obra a narração, que Sabadu me fez.

Se nos entregamos a reflexões sobre quem possa ter sido realmente este Kintu, o padre irreprehensivel, e sobre se a lenda não apresenta algumas semelhanças vagas com a historia de Adão ou de Noé, transmittida de geração a geração desde os tempos mais remotos por um povo selvagem, bem depressa nos perdemos no labirinto das conjecturas e das theorias. Ha, comtudo, um fundo tão solido para estabelecer taes supposições e demonstrar d'um modo plausivel a sua rasão de ser, como o ha para muitas fabulas hoje geralmente accites como verdades.

É impossivel, ao ler a historia de Kintu, o padre irreprehensivel, não pensar em Adão ou em Noé — porque tambem Adão e Noé acharam a terra deserta, como Kintu se diz haver encontrado Uganda e os paizes visinhos. O gigante Kimera «o robusto caçador» recorda-nos Nemrod e os maus filhos do patriarcha fazem lembrar vagamente o irreverente Cham. A espantosa fecundidade da esposa, a da vacca, da cabra, da ovelha, a maravilhosa raiz de

palmeira tem todas o seu paralelo nas tradições de todos os povos. E nós proprios não acreditamos «que tudo começou nas sombras do Eden, pela criação d'um unico homem?»

Um espirito engenhoso póde tambem facilmente achar o prototypo do milagroso Kibaga, o herce voador, no anjo exterminador que matou todos os primogenitos dos egypcios, ou no que destruiu o exercito de Sennacherib; e Nakivingi ou Chabagu e o seu valente guerreiro Vuakinguru póde ser tido por David e os seus campeões; e a desapparicação final de Kintu póde representar o fim da idade dos milagres. Mas toda a especulação sobre estes differentes pontos nos levará a theorias vãs; basta para o objecto d'este livro acceitar a historia de Kintu como uma simples tradição da Africa Central.

Ha entretanto fortes razões para acreditar, que se Kintu não é um mytho, é um personagem muito mais antigo, do que o faz suppor a lista dos predecessores do Imperador actual. Em todo o caso, d'outras fontes colligi os nomes de tres reis omissos por Mtesa e que são: Semi-kokiro, Karago e Kinguvu.

Para que o leitor possa calcular a duração da monarchia d'Uganda, ajuncto o quadro dos seus reis, comprehendendo os tres nomes, que Mtesa não mencionou.

1. Kintu.	13. Morondo.	25. Kaguru.
2. Chua.	14. Sekamanya.	26. Kikuruhué,
3. Kamiera.	15. Kinguvu.	27. Ma'anda.
4. Kimera.	16. Jembo.	28. Msangi.
5. Almass.	17. Suna I.	29. Namugara.
6. Tembo.	18. Kimbugué.	30. Chabagu.
7. Kigara.	19. Katerega.	31. Junju.
8. Vuanpamba.	20. Ntehui.	32. Vuaseje.
9. Kaima.	21. Juko.	33. Kamanya.
10. Semi-kokiro.	22. Kyemba.	34. Suna II.
11. Karago.	23. Tiuandeki.	35. Mtesa.
12. Nakivingi.	24. Mdoura.	



Esta lista de soberanos é muito respeitavel para um paiz da Africa central e prova que Uganda é uma monarchia de origem antiga, se o numero dos nomes pôde tomar-se com sufficiente indicação. Muitos nomes podem tambem ter sido olvidados para talvez mais tarde serem encontrados por algum viajante investigador e paciente.

### CAPITULO III

Vida e costumes de Uganda. — O camponez. — O chefe. — O Imperador. — O paiz.

Para contemplar em toda a sua perfeição a vitalidade e a belleza africana é preciso visitar as regiões da Africa Central, onde se pôde ver o indigena sob a fresca sombra das palmeiras e no meio da abundancia, que produz esta terra fecunda. O viajante europeu, depois de ter notado a grande extensão, a maravilhosa verdura da folhagem das bananeiras, a grossura dos seus magnificos estípites e a profusão dos fructos, a riqueza do solo e a sua inexaurivel fertilidade, a frescura d'esta vegetação constantemente primaveral, e o sol deslumbrante, observa que os habitantes estão em pleno accordo com a paizagem e não são menos perfeitos no seu genero de que as bellas e maduras bananas, que lhes pendem por cima das cabeças.

Até as suas feições parecem dizer: «Vivemos n'um paiz de leite, de mel e de vinho, n'um paiz abundante em prados, em ferteis valles.» O vigor do solo, parece ter-se-lhe transmittido ás veias. Os olhos brilhantes, inquietos e de extrema viveza — parecem dardejar raios como os do sol. Os corpos, d'uma bella côr de bronze, a pelle macia e avelludada, os nervos grossos, os musculos bem pronunciados nos flancos e nos braços revelam a exuberancia de vida que os anima.

Tentarei apresentar um d'estes robustos indigenas, um



*kopi*, ou camponez de Uganda, na sua cabana em pleno campo.

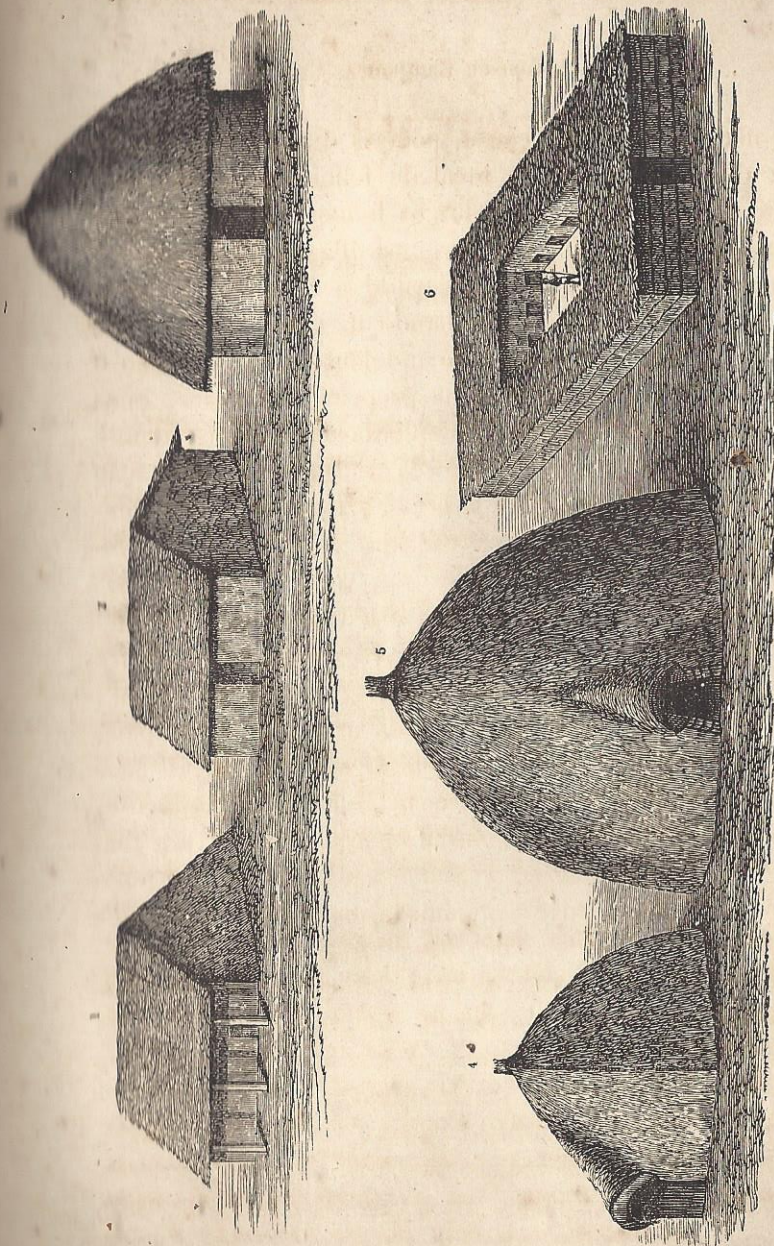
### O *Kopi* ou Camponez

Se não faltasse uma cousa, poderia dizer-se que o camponez d'Uganda realisa o ideal de felicidade a que aspiram e estimariam gosar todos os homens. Para o representarmos na imaginação, devemos afastar do espirito a imagem do negro sujo, embriagado e estúpido, rodeado de mulheres gordas e d'um bando de crianças de ventre saliente. Podereis accusal-o de indolente, comtudo não o será tanto que descure de seus proprios interesses. Seus jardins são bem tractados, as plantas são perfeitamente cuidadas, os campos cobertos de grãos; a sua habitação é nova e não necessita reparações; os pateos estão limpos e as estacadas, que os rodeam, nas melhores condições.

Erguei a cortina, contemplai-o e a tudo o que o cerca! Eil-o sahindo da sua cabana. E' um homem de tez bronze-avermelhada em todo o vigor da juventude; traja, com muito aceio e decencia, ao modo do seu paiz, um manto escuro preso no hombro e pendente até aos pés. Este homem tem a apparencia do contentamento, ou mais, de extrema felicidade, porque, tendo um raio de sol vindo illuminal-o, vemol-o melhor e certificamos de que o seu rosto exprime a mais completa satisfação.

Dispondo o manto com o cuidado, que a decencia exige, adianta-se para o seu assento habitual juncto da porta do pateo exterior, á sombra d'uma enorme bananeira cujas folhas cobrem um vasto espaço.

Na sua frente, no primeiro plano, estende-se a horta, que elle admira com satisfação. Nos alegretes, recortados por aleas curvilineas crescem as batatas, inhames, ervilhas, favas, voandzeias, tomates, e feijões de varias especies, uns arrastando-se no solo, outros sustentados



1 — Cabana do acampamento dos Yuanguana.  
2 — Cabana do acampamento dos Yuanguana.  
3 — Cabana dos Unyamuezi.

4 — Cabana de Karagú e de Uddit.  
5 — Cabana de Uganda.f  
6 — Pequeno tombo de Ugogo.



em ramas. O jardim abundava em cafeeiros, ricinos, mandioca, e tabaco; de ambos os lados veem-se campos de milho, trigo e cana d'assucar. Por detraz da casa e dos pateos que a cercam viam-se campos muito extensos plantados com duas qualidades de bananeiras, chamadas do paraizo e dos sabios; estas plantações bastavam para sustentar qualquer Mganda, dando-lhe os fructos, e o grão d'onde elle tira o seu vinho de pombé. Por entre as bananeiras elevavam-se copadas figueiras, cuja casca serve para manufacturar os fatos. Para o lado de lá das plantações havia um terreno inculto onde todos podiam deixar pastar as cabras ou vaccas que lhe pertencessem.

É evidente que este homem preferia o isolamento e a solidão, porque cercou a sua habitação e as cabanas da sua familia, de pateos fechados com altas e solidas palissadas, deixando apenas vêr o cume dos tectos. Emquanto o proprietario contempla o seu jardim, entremos e apreciemos pessoalmente o seu modo de vida.

No primeiro pateo, encontramos uma cabanasinha quadrada, consagrada ao espirito que impera nos actos da familia, o Muzimu da casa. Este genio a julgar pelas offertas que lhe fazem, parece não ter espirito exigente nem cubitoso, porque as cousas mais simples como conchas de caracões, bollas de barro, raizes de zimbro, uma ponta de bubalo ferrada e depois espetada no chão, são sufficientes para o tornar propicio.

Passando a outro pateo por uma porta lateral, desembocámos em frente de uma grande cabana de fórma conica e artisticamente construida, cuja porta arqueada e guarnecida d'um pedaço de cana, era abrigada por uma saliencia do tecto.

A cabana era de grandes dimensões e tinha alguma cousa de particular. Quando entrámos para dentro d'ella a escuridão não nos deixava vêr cousa alguma. Pouco a pouco fôram os nossos olhos costumando-se á sombra e começámos a distinguir os objectos. O que em pri-



meiro lugar prendeu a nossa attenção, foi a quantidade de pilares que havia no interior da cabana, e que serviam para sustentar o tecto. Eram em tão grande numero, que dava ideia d'um antro no meio da floresta. Estes pilares, comtudo, teem a vantagem de guiar o proprietario da cabana para o seu leito feito de canas, emquanto que pelo seu numero faziam confusão a qualquer pessoa estranha ou ao ladrão nocturno. Estas fileiras de columnas fórman, effectivamente, caminhos por meio dos quaes as pessoas da casa pôdem dirigir-se para o local ou objecto que desejem.

Observámos tambem que a cabana é dividida em dois compartimentos um na frente outro ao fundo, por um tabique feito de canas e aberto ao centro, de fórma tal que o proprietario d'esta habitação pôde, sem ser visto, examinar qualquer pessoa que entre.

No compartimento do fundo vêem-se algumas camas enfileiradas ao longo da paredé, para uso do proprietario e sua familia. No quarto da entrada, por cima da porta, viam-se alguns talismans, ao cuidado e poder dos quaes o aldeão confiava a guarda da sua casa e de tudo o que ella continha.

Os moveis são rarissimos, e os utensilios pouco numerosos, e de má qualidade. Como moveis pôdem classificar-se talvez dois tamboretas feitos d'um unico bocado de madeira macissa e uma especie de tableiro de jogar o gamão; como utensilios vê-se meia duzia de vasos de barro e pratos feitos com hasteas flexiveis e herva. Algumas lanças, um escudo, duas enxadas, grossos bastões feitos da maceira, cotão dos estofos, tubos de cachimbo e uma tijella que serve para a fabricação do vinho de banana, completam o inventario.

Por detraz da habitação que pertence ao dono da casa elevam-se duas cabanas de menores dimensões, egualmente cercadas de pateos onde se pôdem vêr as mulheres da familia a trabalhar. Umas pisam as bananas para

lhe extraiem o succo, que, depois da fermentação, se chama *maramba*—de gosto delicioso quando está bem preparado; outras preparam hervas para cosinhar, ou escolhem-as para fazer drogas medicinaes ou algum feitiço poderoso; outras empregam-se em fazer seccar as folhas do tabaco, emquanto que as de mais idade, fumam em cachimbos de grande tubo e no meio das baforadas, aspiradas lentamente, narram os episodios da sua vida.

Tal é o aldeão de Uganda em sua casa.

Se o quadro que acabamos de desenhar não representa fielmente os costumes de todos os individuos da sua raça, e se não é a expressão da verdade deve attribuir-se este nosso engano á sua indolencia ou a alguma calamidade acontecida ha pouco tempo. Como acaba de vêr-se o habitante de Uganda não vive parcamente, tem alimento variado e abundante e a habitação é commoda tanto quanto se pôde desejar: é casado com varias mulheres, é defendido do inimigo por um monarcha poderoso e que possui numerosos exercitos. Comtudo, ha uma cousa que elle não tem e que faria a sua felicidade completa, a protecção do soberano contra o chefe do districto.

#### O MKUNGU OU CHEFE

Poder-se-hia suppôr que, n'este paiz onde a sorte do aldeão é tão invejada, a do Mkungu ou chefe de primeira classe é mil vezes mais feliz. Isto não é sempre assim, como o demonstrará o seguinte esboço da vida do primeiro ministro actual, ou Katekiro, de Uganda, que, no principio, se chamava Magassa. A proposito d'isto observaremos que todos os Vuaganda, desde o Impérador até ao aldeão, trocam os seus nomes á medida que vão fazendo progressos na estima publica.

Na epôcha em que Mtesa succedeu a seu pai e fez decapitar os chefes mais velhos de Uganda, era notado na côrte um mancebo de aspecto agradável, intelligente,



muito assiduo juncto do monarcha, e sempre attento aos seus menores desejos. Era filho d'um Mtongoleh ou sub-chefe, e chamava-se Magassa. A todas estas qualidades apreciaveis juntavam-se duas magnificas fileiras de dentes alvissimos, olhos scintillantes e feições d'um conjuncto agradavel. Mtesa tomou-lhe affeição e deu-lhe o logar de guarda do lavadouro imperial, emprego de grande confiança em Uganda.

Ao passo que Mtesa crescia, Magassa, que era quasi da mesma idade, sahia da adolescencia, conservando sempre e desenvolvendo as qualidades que fizeram recahir sobre elle a attenção do monarcha. Promovido no logar de Mtongoleh dos guardas imperiaes, recebeu uma espingarda de dois canos com a competente polvora, balas e capsulas, presente este que agradou immenso ao joven Magassa. Talvez estivesse mais orgulhoso com a posse d'uma espingarda do que da sua denominação, embora acontecesse muitas vezes ter o Mtongoleh da guarda que se glorificar unicamente do seu titulo.

Comtudo o cargo de Mtongoleh, (ou coronel) habilitava-o para ser enviado, n'um dado momento, com qualquer missão especial, a algum sitio afastado no Imperio.

Este momento chegou finalmente.

Imaginae um joven official subalterno britannico, despachado pela rainha, repentinamente, para desempenhar uma commissão de serviço especial. Como o coração lhe palpita d'alegria! Como elle pisa a terra com desprezo desafiando as estrellas com o olhar! Se um official britannico experimenta um tal deslumbramento por ter sido escolhido por um soberano constitucional, como não deve ficar o eleito d'um autocrata tão despota como é o Imperador d'Uganda?

Apenas saiu da casa onde estava o Imperador e quando ainda lhe soava ao ouvido a ordem que Mtesa lhe dera, apoderou-se de Magassa o delirio; parecia-lhe que a cabeça tomava proporções avantajadas e se despedaçava soõ

o effeito d'este enthusiasmo illimitado. O seu espinhaço, até aqui curvado em consequencia d'um medo terrivel, indireitou-se e tornou-se subitamente tão inflexivel como o cabo da sua lança; uma expressão de severidade e de soberba substituiu no mesmo instante o doce sorriso que lhe era habitual. Pois não era elle «Kabaka» emquanto desempenhasse a commissão de que o encarregara o Imperador? Os seus soldados, que elle chamava, e que appareciam com uma respeitosa promptidão, não lhe respondiam: «Kabaka, aqui estamos; o que havemos de fazer»?

Desgraçado d'aquelle que tivesse feito a offensa, se o joven Magassa fosse enviado com os seus homens para desaffrontar o Imperador! Infeliz do guerreiro, que de baixo das ordens de Magassa, faltasse á disciplina, ou excitasse o mau humor do chefe, durante o desempenho d'este serviço especial! A lança de Magassa era afiada e leve; as suas mãos, sempre prestes a apoderar-se dos despojos, sabiam sustental-os; em breve notou-se que Magassa tinha grande abundancia de escravos, cada vez era mais fallado e adquiria na cõrte extrema influencia.

Successivas promoções recompensaram a destreza com que elle executava as ordens do seu soberano; terras, escravos, rebanhos, tudo isto lhe era concedido, chegando Magassa a ser Mkungu, ou chefe de segunda classe.

Mas para o espirito ambicioso de Magassa era isto insufficiente, por quanto muitos chefes superiores a elle não possuíam a decima parte da sua capacidade e destreza, nem sabiam como elle, observar e adivinhar os caprichos do despota.

Aconteceu um dia que um chefe Mkungu de primeira classe, chamado Pokino, offendeu Mtesa.

Procurando em volta de si um homem que pudesse substituir o chefe demittido, Mtesa encontrou o radioso semblante de Magassa, decidindo desde logo a sua escolha.

«Anda cá, Magassa» exclamou elle, e o corteção ca-



hiu aos seus pés, inclinou a face até ao chão, e escutou as ordens do soberano.

«Apressa-te, Magassa, reúne os teus homens e toma conta das terras e do nome de Pokino, porque o velho Pokino esqueceu-se de mim.»

«Twiyanzi, yanzi! exclamou elle, «Twiyanzi, yanzi, yanzi! cada vez mais emphaticamente e roçando as faces pelo chão: em seguida levantando-se d'um pulo, agarrou na lança e brandindo-a como se a quizesse atirar, exclamou com voz sonora:

«Por ordem do imperador devorarei Pokiro. Apoderar-me-hei das suas terras e do seu nome, e Magassa ficará sendo Pokino. Imperador, olhai para mim!» e de novo se prostrou, soltando de novo os seus twiyanzi com voz aguda, e inclinando-se até ao chão.

Quando terminou a audiencia, Magassa, impaciente por trocar o seu nome pelo de Pokino, mandou rufar o tambor de guerra, desenrolou o seu estandarte e reuniu os seus soldados; e, semelhante ao feroz leopardo, arremeçou-se sobre o desgraçado chefe, quasi cego, a quem juncto com a vida, tirou as terras e o nome, os quaes começou a usar immediatamente. Porém os vastos estados e os despojos do velho Pokino não satisfizeram ainda completamente o joven Pokino. Pouco tempo depois o Imperador encarregou-o de «subjugar» Namujurilua, o Achilles de Uganda, e foi d'este modo que Majuara, um pequeno filho d'aquelle grande chefe veio a ser escravo de Njara do Unyanyembé a quem eu comprei e dei a liberdade em 1871. Enviei-o em seguida a Livingstone, servindo com fidelidade o grande viajante até á sua morte.

Pela queda de Namujurilua o joven Pokino tornou-se possuidor de todo o Uddu, desde o valle de Katonga até ao Nilo Alexandra, districto que abrangia mais de tres mil milhas quadradas. Vinte chefes reconheciam-no por seu senhor e este possuia então além d'isso duas gran-

des capitaes: Masaka, a de Namujurilua e a de Pokino; possuia centenas de mulheres, milhares de escravos de ambos os sexos, immensos rebanhos e animaes bovinos, e tinha sob as suas ordens uma população superior a 100:000 almas. Que mudança! De simples guarda de lavadouro, chegar a ser possuidor de Uddu!

Pokino passa, na capital d'esta provincia, Masaka, uma vida quasi de rei. Está possuidor dos territorios de dois grandes chefes, o velho Pokino e o invencivel Namujurilua, e agora, o insaciavel sustenta os indigentes, o forte protege os fracos. O seu palacio está continuamente cheio de pretendentes e escravos que veem implorar a sua generosidade e justiça; elle distribue com largueza e manda matar os bois ás centenas. A generosidade e bom coração que possui é conhecida de toda a população de Uganda. Em vista d'esta liberalidade politica, todos os habitantes de Uddu lhe são affeição-dos, e na côrte, possui a amizade dos chefes superiores e a approvação do Imperador.

Estará Pokino satisfeito?

Julgamos que não: porque ainda existe um cargo que Mtesa póde conceder; mas para o alcançar é preciso paciencia.

O Imperador ouviu dizer que havia um paiz chamado Usongora, para o lado oeste de Gambaragara, \* rico em gado, e ordenou a Pokino que fosse buscar algumas manadas de vaccas. Immediatamente o grande tambor de guerra de Masaka rufou chamando ás armas, e os indigenas das bordas do Nilo Alexandra, das vertentes da planura de Koki e de todas as margens do lago Alexandra até Katonga accudiram ao chamamento, apparecendo aos milhares, porque o modo de rufar indicava que havia saque, e, qual é o habitante de Uganda que resiste a tal convite?

\* Este episodio da vida de Pokino foi-me relatado pelo proprio Pokino, Kitunzi, Sambuzi e o seu pagem.



Em poucos dias, Pokino estava á testa d'um consideravel exercito augmentado pelos contingentes enviados por outros chefes. Kitunzi, do valle de Katonga, enviou Sambuzi; e Mkuenda, Kangaú e Kimbugué tambem tinham enviado varios sub-chefes capitaneando algumas centenas de guerreiros. Á vista do grande exercito de Pokino os habitantes de Gambaragara refugiaram-se nos cumes abruptos das suas montanhas nevadas, e, perseguindo-os tanto quanto a prudencia aconselhava, Pokino, viu na sua frente, ao longe, a planura ondulada e cultivada de Usongora, e ainda mais distante, um lago immenso, que dizem ser o Muta Nzigé.

Descendo a montanha pelo lado opposto, alcançou Usongora com espantosa rapidez; e, não obstante a resistencia desesperada dos indigenas, apoderou-se de numerosas manadas de animaes bovinos, capturou milhares de creanças e mulheres bonitas de nariz direito e labios delgados e levou tudo isto diante de si para Uganda.

Apresentaram-se-lhe algumas difficuldades no caminho. A planicie de Usongora é coberta de sal e carbonato de soda, de que o emprego immoderado produz muitas mortes; nos valles, abundam os pantanos, e do cume das montanhas sai fumo e fogo, e de vez em quando a terra ruge surdamente, semelhando o rodar de trens.

Sucedeu tambem que os Vuanyoro, de combinação com os indigenas de Gambaragara tentaram fechar a passagem aos Vuaganda. Opposeram-lhes emboscadas sobre emboscadas e fatigavam-os dia e noite. Porém Pokino não desanimava. Zombava dos ruidos sobrenaturaes d'aquella terra de Espiritos, e, com extrema sagacidade, evitava as emboscadas que lhe eram dirigidas, e oppondo ardis ás ciladas do inimigo, aniquilhou-lhe as forças, reaparecendo finalmente em Uganda, na capital do imperio, conduzindo rebanhos e escravos em numero sufficiente para satisfazer os desejos do Imperador.

Mtesa indicou o dia em que havia de receber Pokino

e os seus guerreiros; mandou fazer uma enorme quantidade de pombé muito forte, como recompensa dada aos victoriosos e ao mesmo tempo devia servir para distinguir os valentes dos cobardes.

O dia chegou. O Imperador estava sentado no seu throno rodeado d'uma comitiva extraordinaria. Detraz d'elle ficava o harem; de ambos os lados os chefes enfileirados segundo a sua graduação, os guardas do rei estavam em armas com os seus tambores e musicos, e por cima da cabeça fluctuavam as bandeiras com as côres do imperio, estandartes riscados de vermelho e branco. Em frente do imperador estavam os jarros contendo o pombé para a experiencia.

Pokino aproximou-se, prostrou-se em frente de Mtesa e começou narrando tudo o que acontecera e o que havia feito no Usongora, em quanto que os heroes d'esta campanha estavam grupados atraz d'elle e ouviam perfeitamente as suas palavras.

Apenas acabou a sua narração, o imperador disse-lhe em tom breve:

«Bebe, se és capaz d'isso.»

Pokino levanta-se, e adiantando-se para os jarros, recebe a colher e mergulha-a no pombé; em seguida retirando-a, elevou-a a certa altura e, dirigindo-se aos guerreiros que o acompanharam, disse-lhes:

«Tekeh? (Sou eu digno ou não?)»

«Tekeh! (Tu és digno),» respondeu a multidão aclamando-o.

De novo perguntou «Tekeh?» e outra vez lhe responderam «Tekeh!» com o mesmo enthusiasmo que da primeira vez, bebendo em seguida o contheúdo da colher. Dirigiu depois ao imperador os seus Tuiyanzis e affastou-se para que outros se approximassem e se sujeitassem á mesma experiencia. Os que se acham dignos são recompensados, e os que não se acham dignos são condemnados á morte pelo povo.



Algum tempo depois, provou-se que Myanja, o Katekiro, commettia a imprudencia de apropriar-se das mais lindas escravas, esquecendo-se de que era o imperador quem tinha o direito de escolher antes de toda a gente, e o resultado d'isso foi que Myanja não tardou a ser decapitado.

Estando por consequencia vago o cargo de primeiro ministro foi Pokino nomeado para elle. Foi d'este modo que Magassa, outrora tão humilde se tornou o homem mais poderoso do paiz, depois do imperador, estando finalmente satisfeita a sua ambição.

Agora todos os dias está sentado no tapete imperial á direita de Mtesa, superintende em todas as cousas, commanda todos os homens e, quando sae do conselho, da audiencia ou de qualquer recepção, é escoltado por todos os chefes até á sua habitação, e a multidão curva-se respeitosa, quando elle passa; tem alem d'isso o direito de escolher, depois de qualquer guerra, as captivas que lhe convenham, bem como as melhores cabeças de gado tomadas ao inimigo; tem a sua parte em todos os presentes que Mtesa recebe, seja vinho, estofos ou contas; porque o Katekiro, outrora Pokino, e Magassa, é agora primeiro ministro e secretario de Estado! Que mais quer elle?

Um dia emquanto elle examinava os compartimentos da minha habitação, deixei-o examinar a caixa onde tinha os medicamentos. Quando lhe explicava as diversas applicações do laudano, suspirou e, com grande surpresa minha, disse-me:

«Ah! aqui está a medicina que eu desejava ter. Podeis ceder-me uma porção d'isso?»

Pobre Magassa! Pobre Pokino! Pobre Katekiro! Joven ainda, em todo o vigor da mocidade, pensa já na hora desconhecida em que, talvez, o carrasco lhe faça um signal com a mão.

Deixaremos a algum futuro viajante o cuidado de nos



narrar a entrevista de Pokino com Kasuju, o executor em chefe.

O KABAKA OU IMPERADOR

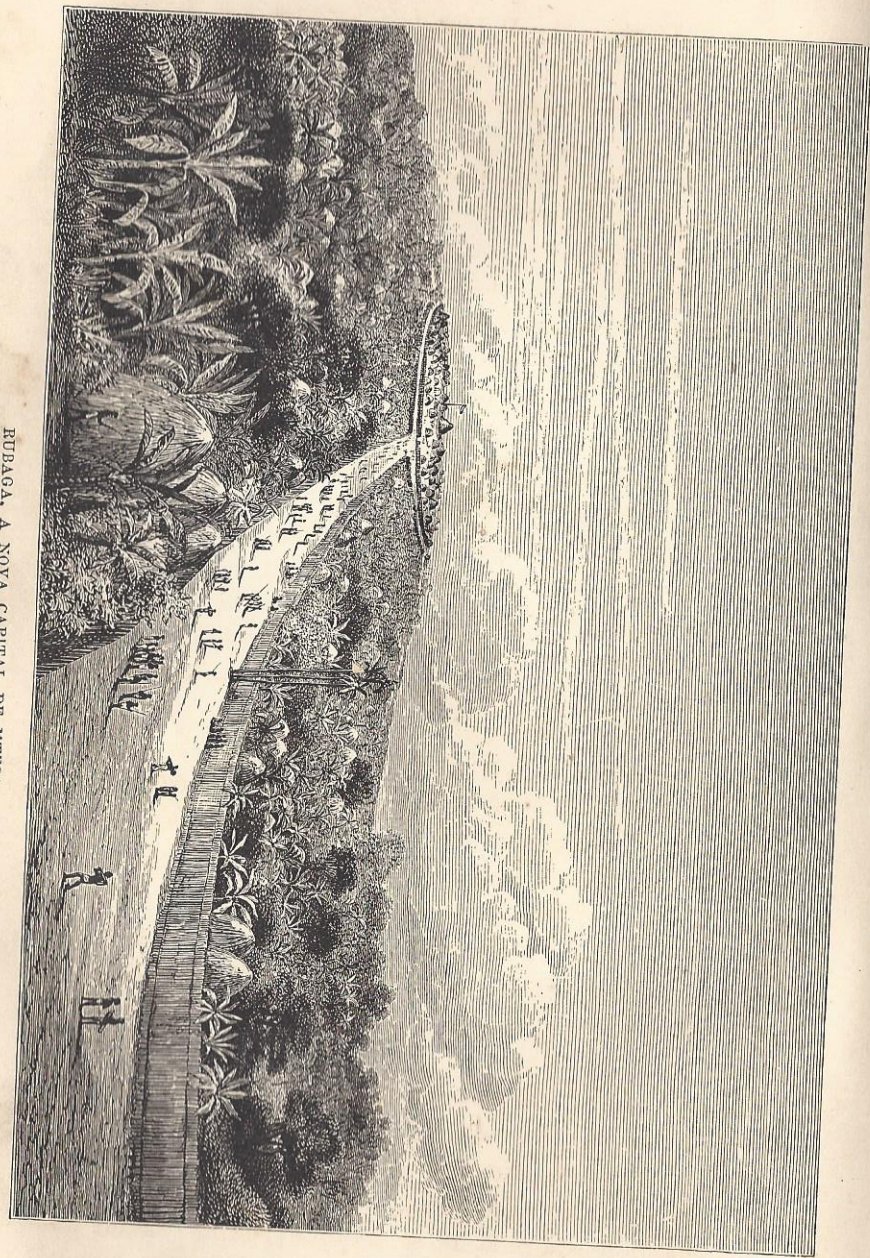
Levante-se o panno, e vereis uma collina coberta de grandes cabanas de forma conica, cujos tectos apparecem na parte superior da espessa folhagem das bananeiras e grandes canaviaes. Nos flancos d'esta collina ha varias avenidas de suave declive, muito bem construidas, orladas de palissadas feitas de cannas, por detraz das quaes estão grupadas as cabanas que, sob o brilho do sol, tem uma côr parda no meio da verdura que, as cerca. Grande numero de indigenas vestidos muito pittorescamente, caminham ao longo das avenidas. Os roupões brancos, inundados de luz fazem vivo contraste com a côr vermelha e escura dos mantos. Toda esta gente se encaminha para a habitação que está no alto da collina. Emquanto não se entra, a multidão, em grupos, rodeia as portas conversando; trocam-se felicitações e contam-se novidades.

Repentinamente o murmurio de vozes cessa, e um prolongado rufo de tambor annuncia que o monarcha está sentado no burzah. As portas abrem-se e a multidão, composta de chefes, soldados, paisanos e estrangeiros precipitam-se tumultuosamente atravez de oito ou dez casas até á sala d'audiencia, e n'este rapido caminhar notam-se os primeiros symptomas d'este servilismo abjecto caracteristico d'aquelles, que estão ás ordens d'um despota.

Estamos em frente d'uma secção pertencente a uma grande casa de tecto agudo, construida de palha, tendo approximadamente vinte cinco pés de altura, sessenta de comprido e dezoito de largo.

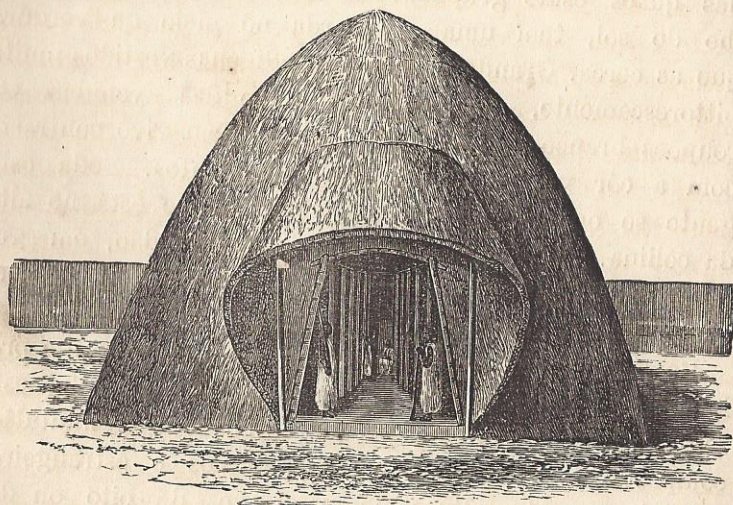
Ao fundo d'esta sala vê-se, com o auxilio da luz que entra por uma grande porta, a figura de um homem vestido com uma jaqueta bordada de escarlate sobre um

RUBAGA, A NOVA CAPITAL DE NTESA.





roupão branco, é o Kabaka. De ambos os lados do burzah onde está sentado, estão postados dois soldados armados de lanças e outros dois armados de espingardas. Os chefes e altos dignatarios da côrte transpõem a porta de entrada e inclinam-se profundamente em frente do imperador; alguns, segundo o uso dos musulmanos beijam-lhe a palma e as costas da mão direita; outros sujeitando-se ao costume antigo do paiz, deitam-se no chão e estendem-lhe as mãos exclamando: «Tuiyanzi, yanzi, yanzi!» indo em seguida tomar os seus respectivos lo-



Sala d'audiencia do palacio.

gares, conforme a posição que occupam. Duas extensas filas de homens, estão sentados em esteiras ao longo da parede de cannas, voltados para o centro da casa que fica desobstruido para dar logar á admissão dos estrangeiros e dos pretendentes, sitio onde se tratam os negocios, julgam as causas, etc.

Como eramos privilegiados, entrámos com os chefes e tomámos logar á direita, perto do Katekiro, d'onde nos foi facil examinar minuciosamente o imperador.

As feições, delicadas, sem rugas, parecem-se com as de um mancebo, que tenha de vinte cinco a trinta annos. A cabeça é rapada e coberta com um fez (barrete); os pés estão descalços e descancam sobre um tapete feito de pelle de leopardo; na extremidade do tapete está collocado um dente de elephante muito branco e polido, e um par de babuchas escarlates, babuchas turcas. Os compridos dedos da mão direita seguram fortemente os copos de ouro de um alfange arabe; a esquerda apoiada no joelho faz lembrar a posição de Rameses em Thebas. Os grandes olhos, brilhantes, sempre em movimento e que parecem envolver tudo n'um golpe de vista, distinguem o Kabaka de todos os que me rodeiam. Comtudo, a physionomia tem uma extrema mobilidade passando rapidamente d'um extremo ao outro. Quando dorme é digna e intelligente; se um pensamento mau ou desagradavel lhe atravessa o espirito, os labios contrahem-se, os olhos augmentam de volume, e as mãos teem contracções nervosas; os cortezãos veem n'isto uma demonstração de furor. Se elle está satisfeito, os seus olhos diminuem de volume, tomam as dimensões ordinarias, os labios estendem-se e uma risada sonora retumba na sala.

Mas silencio! dez ou doze individuos avancam e prostram-se diante do imperador; o chefe começa um discurso que, caso estranho, o imperador parece não escutar.

Soube, por meio d'um interprete que era uma embaixada de Mirambo; este ouvira dizer que Mtesa tinha ideia de expedir contra elle um exercito de cincoenta mil lanças, e vinha declarar humildemente por meio d'esta embaixada, que não tinha offensa alguma de Uganda.

As dadivas foram transportadas á presença de Mtesa e contadâs: peças de estofa, fio metallico, seis pratos de fabrica europea, um grande tacho de cobre, uma adaga arabe de copos de prata e um vestuario escarlate.



Desde a chegada da embaixada, Mtesa tinha estado a fallar distrahidamente com os seus chefes; não tinha visto ainda os presentes, nem deu attenção ao discurso que o chefe dos embaixadores fez; porém, de repente vólta para elles os seus olhos flammejantes e n'um tom decisivo pronuncia rapidamente estas palavras:

«Dizei da minha parte a Mirambo que eu não preciso dos seus presentes, mas sim da cabeça do homem que matou, no anno passado, o meu chefe Singiri quando elle voltava de Zanzibar para Uganda; senão, mandarei em sua procura mais homens do que arvores ha no seu paiz. Ide!»

Apresenta-se outro grupo. O seu chefe morreu e desejam saber quem lhe ha de succeder; trazem consigo o filho do defunto para que o imperador possa fazer a sua escolha.

Mtesa sorri-se e convida os seus chefes a nomearem successor. Um indica Bugomba, outro Tanisiua, outro Kaseje, outros Sempa. Os dignatarios não estavam d'accordo e Mtesa perguntou com gesto de enfado:

«Qual ha de ser o chefe?»

A maioria decide que seja Tanisiua o eleito, em seguida ao que ouvimos os «Tuyianzis» do favorecido, e as promessas e votos de fidelidade ao Imperador.

Precisamente n'esta occasião apparece uma comprida fileira de mulheres, umas novas outras mais idosas, á vista das quaes o Imperador se levanta, exemplo que é seguido por todos. Curioso por saber quem eram aquellas mulheres, informei-me e disseram-me que eram descendentes do Kamanya e Suna, e por conseguinte faziam parte da familia imperial. Estas senhoras, segundo parece, sabiam escolher perfeitamente o momento das suas visitas, de forma que chegassem tarde á côrte, do mesmo modo que as damas Europeas, para chamarem a attenção, costumam entrar no theatro depois de começar o espectáculo.

As pupillas imperiaes caminharam até á extremidade do tapete, e Mtesa dirigiu a cada uma phrases amaveis; depois de tomarem os seus logares o Imperador sentou-se-lhe nos joelhos e abraçou cada uma por sua vez. Em troca d'esta delicadeza imperial, offereceram-lhe gallos vivos que Mtesa recebeu a um e um com a sua mão, como prova de estima igual para todas, passando-os em seguida a um dos seus chefes. Um tal potentado que desce a ser tão benevolente, tão affavel para as mulheres de todas as idades, deve certamente ter muita bondade.

O Imperador n'este dia estava constipado. Os chefes, cuidadosos, apenas conhecem esta ligeira indisposição, precipitam-se cinco ou seis d'entre elles para o Imperador e ajoelhando aos seus pés offerecem-lhe os turbantes para que o nariz imperial possa alliviar-se.

O Imperador volta-se na cadeira e diz, sorrindo:

«Oh, não tenho necessidade de tudo isso.»

«Bem, aqui está o meu» disse um dos chefes.

«Não, Kabaka, o meu; é d'um estofó branco; é fino e macio» disse outro.

E Mtesa seduzido pela brancura e flexibilidade do tecido, agarra n'elle, assoa-se, e torna a dar o turbante ao seu proprietario o qual esfrega cuidadosamente o lugar onde o Imperador se assoou, como se quizesse punir a causa do mal que atormenta o seu soberano.

Repentinamente, d'uma das extremidades da sala, saiu um ruído rouco, como se alguém estivesse affectado dos pulmões. O olhar do Imperador fixa-se com insistencia no doente, os chefes, porém, gritam indignados:

«Fóra d'aqui, fóra d'aqui immediatamente».

No mesmo instante meia duzia dos «Senhores da corda» agarram n'elle e empurram-no brutalmente para fóra da porta.

Em seguida a esta interrupção os sons da harpa indigena fazem-se ouvir: o Imperador chama o musico e pede-lhe para tocar no seu instrumento, o que o con-



summado artista se apressou a cumprir. Porém, enquanto escutam os esta musica monotona, ouve-se um tiro de espingarda que nos faz estremecer!

Escapam-se dos labios gritos de exclamação e varios chefes saem precipitadamente para inquirir a causa d'este acontecimento, mas já os ageis carrascos tinham lançado uma corda em redor da garganta do culpado e este, meio estrangulado, é arrastado á presença do Imperador, cujos nervos estavam ainda um pouco perturbados por causa d'aquella detonação inesperada. Os carrascos ajoelham-se e dizem que aquelle homem pertence á guarda e tendo deixado cair a espingarda no chão esta se lhe disparára; os seus olhos parecem perguntar: «Que devemos nós fazer-lhe?»

«Deem-lhe cincoenta bastonadas» grita o Imperador encolerizado, e o infeliz é levado para receber o castigo que o impossibilitará durante um mez.

Ouvem-se agora mugidos de bois e vaccas no exterior da sala da audiencia, um homem adianta-se e depois de se prostrar e dizer os Tuiyanzis do costume, declara que traz um presente de Mankorong, rei de Usui, composto de bois gordos e vaccas de leite.

«Ide vel-ós Katekiro, disse Mtesa; dae um ao meu mordomo Ka-uta para o socegar, outro a cada um dos meus chefes, e distribue dez aos meus guardas.» A' vista d'esta liberalidade todos os chefes se prostram, inclinam a cabeça até ao chão gritando estrondosamente: «Tuiyanzi.»

Os chefes tomam de novo os seus logares e n'este momento chega um mensageiro das margens do Nilo Victoria e narra, com grande surpresa do monarcha, que Namionju, um principe pouco poderoso proximo de Unyoro, tinha repudiado a alliança de Uganda e estabelecido negociações com Kabba Rega, rei de Unyoro.

Ao ouvir as noticias do mensageiro, o imperador exclama, com os olhos desmedidamente abertos e quasi

saindo fóra das orbitas: «O que! pois morreu toda a minha gente em Nakaranga? Não tenho eu chefes, nem povò, para que Namionju me tracte d'este modo?»

Estas palavras deram em resultado levantarem-se todos os chefes e correndo a um dos cantos da sala apoderarem-se das lanças e bastões, pedindo ao Imperador que os observasse e contasse; agitavam ao mesmo tempo as suas armas com uns modos tão expressivos que algum individuo estranho poderia imaginar um começo de revolta.

O Imperador, entretanto, respondeu com todo o socego: «Está bom» depois do que, os chefes largaram as suas armas e tornaram a occupar os seus logares.

Em seguida olhando á roda de si chamou com voz socegada o joven chefe chamado Maoor-ugungu, que no mesmo instante se prostrou aos seus pés exclamando: «Kabaka, aqui estou.»

«Vai, Maoor-ugungu, leva contigo cinco Vuatongoleh com os seus soldados e anniquila Namionju e o seu territorio.»

Maoor-ugungu, depois de ouvir estas palavras, ergueu-se rapido como o raio e, depois de dirigir muitos «Tuiyanzi» ao Imperador, apoderou-se do escudo, das duas lanças, e tomando uma attitude athletica e com uma voz retumbante: «Attendei-me:» exclamou. «O Imperador ordena; Namionju morrerá; eu terei os seus despojos, e devastarei todo o seu territorio. Tuiyanzi, yanzi, yanzi. yanzi.»

Em seguida o Imperador levantou-se. Tori executou um comprido rufo no seu tambor, e todos os chefes, cortezãos, pagens, pretendentes e estrangeiros se retiraram. O Imperador, sem dizer palavra, saiu por uma porta lateral para os seus aposentos interiores e d'este modo conclue o burzah da manhã.

Quando se deseja saber mais minuciosamente o genero de vida do Imperador é necessario atravessar a multidão



de guardas, pagens e executores, com olhos vigilantes, e passar da sala d'audiencia para os quartos da habitação particular, casas numerosas que parecem aparentemente servirem unicamente para isolar os quartos que os precedem e confundir os estrangeiros.

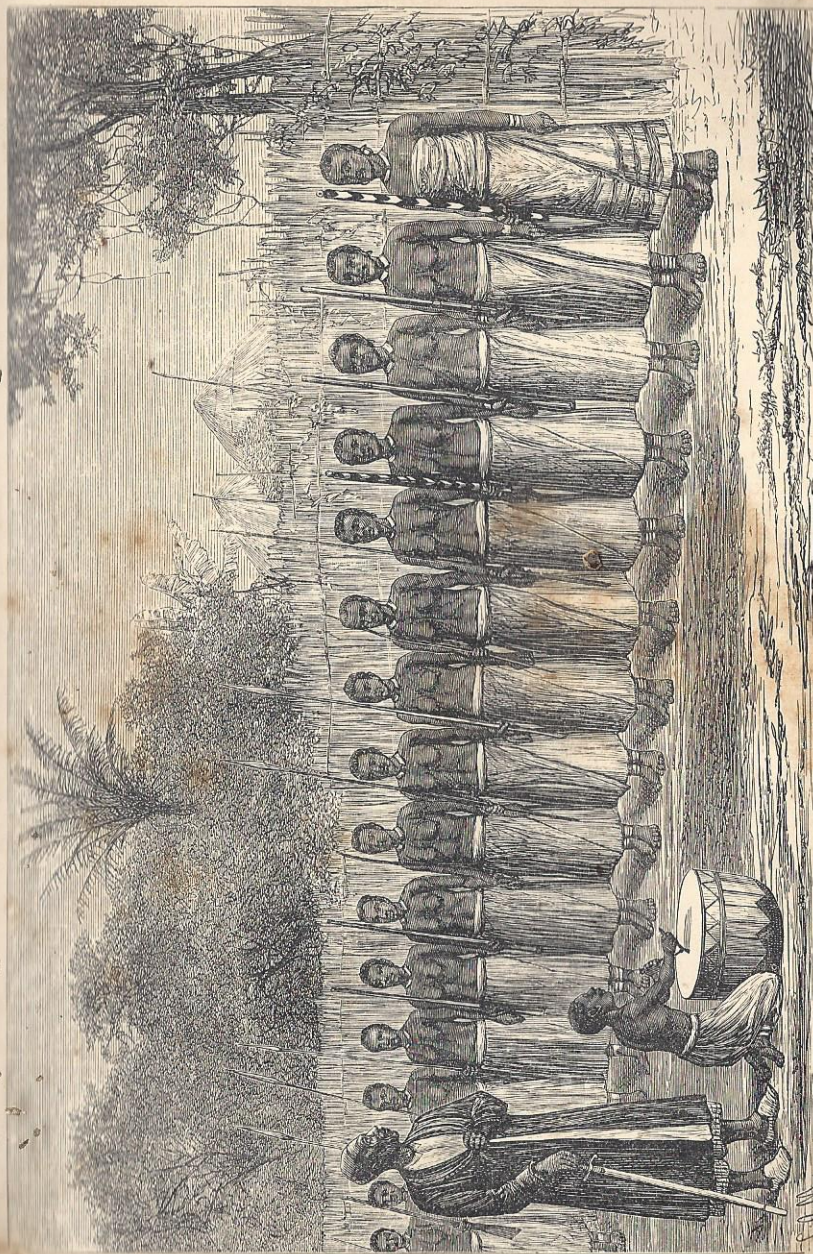
N'um dos pateos, pôde vêr-se Mtesa commandar as manobras das suas Amazonas — ensinar o manejo d'armas ás suas favoritas. São graciosas, algum tanto trigueiras e possuem peitos virginaes. Mas tudo o que mais nos admira é o effeito da disciplina. Os olhares tímidos e attentos que dirigem ao monarcha, para lhe adivinhar os menores desejos, provam que lhe são dedicadas, e que teem assistido a outras scenas muito differentes das do amor.

Em outro pateo, ao meio dia, encontra-se Mtesa tomando uma ligeira refeição composta de bananas maduras e leite coalhado, ou rindo e conversando com as suas esposas favoritas e com as suas filhas que, assentadas em circulo á roda d'elle, parecem harmonisar os seus gestos em conformidade com o semblante do despota. Podeis vel-o tambem com um dos seus pagens mais dedicados, examinando os objectos que se acham na casa do thesouro e que este tem recebido dos viajantes que por ali teem passado, Europeus, Turcos, e Arabes; ou então com Tori, o seu factotum, planeando alguma novidade sob a fórma de carreta, carruagem, navio ou bote, ou ainda procurando pôr em practica a ideia que n'aquelle momento, se lhe tem apoderado do espirito.

### O PAIZ

Tendo-se dito alguma cousa do character dos aldeões, do chefe e do monarcha, resta-nos fallar do paiz afim de se conhecer a sua extensão, natureza e geral aspecto.

O imperio governado por Mtesa pôde ser descripto como tendo a fórma d'um crescente. Tem cerca de tre-



AMAZONAS DE MTESA.  
(Segundo uma photographia do Auctor.)



zentas milhas geographicas de extensão e sessenta de largura, (ou quinhentos e cincoenta kilometros, por cento e treze), abrangendo com as ilhas de Sessé, Lulamba, Bufue, Sadzi, Lulamba, Damba, Lukomeh, Iramba, Iru-aji, Kiua, Uema, Kibibi, Uziri, Uanzi, Uruma, Utamba, Muama, Ugeyeya, Usamu, e Namungi, uma área de trinta mil milhas quadradas. Se juntarmos Unyoro, Ukedi, e Ankori, que reconhecem o dominio de Mtesa e lhe pagam tributo, ainda que d'uma maneira irregular, podemos acrescentar mais uma área de quarenta mil milhas quadradas, prefazendo a extensão do imperio a totalidade de setenta mil milhas quadradas.

O calculo do numero dos habitantes não pôde ser feito senão approximadamente, porque, para estabelecer um calculo não ha outra base senão a cifra do exercito reunido em Nakaranga, e a enumeração dos districtos e aldeias que encontrámos no nosso caminho.

Paizes e districtos	População
Uganda propriamente dita desde as quedas	
Ripon até ao rio Katonga.....	750:000
Uddu.....	100:000
Buera.....	30:000
Koki.....	70:000
Usoga.....	500:000
Ukedi.....	150:000
Unyoro.....	500:000
Usagara ou Ankori.....	200:000
Karagué.....	150:000
Usui.....	80:000
Uzongora, incluindo Ihangiro e Bambireh...	200:000
Ilha Sessé.....	20:000
Uvuma.....	15:000
Outras illas.....	10:000
	2.775:000



Este numero dá aproximadamente trinta e oito individuos por milha quadrada no imperio de Uganda.

As produções do paiz são muito variadas, e, se estivessem ao alcance dos Europeos, teriam grande consumo, taes como: marfim, café, resinas, gommias, myrrha, pelles de leão, de leopardo, de lontra, de cabra, \* de boi, pelles de macaco muito brancas, cortiça, gado; animaes bovinos, carneiros e cabras. Entre as principaes produções vegetaes, citaremos a fructa da ambapayeira, bananas, igname, batatas, ervilhas, varias especies de feijões, melão, pepinos, a medulla vegetal, mandioca e tomates. Com relação a cereaes encontra-se nas visinhanças da capital; trigo, arroz, milho, sesamo, milho miúdo e ervilhaca.

O solo da região do lago, desde a extremidade de Usoga até ao Nilo Alexandra, é de uma espantosa fertilidade. As florestas são densas e formadas por arvores de grande altura, entre as quaes se nota a teca, o choupo, e certas gommeiras attingem uma altura consideravel, emquanto que as partes baixas e deshabitadas da costa tornam-se notaveis pela densidade, aspecto e variedade da vegetação.

As terras altas, pela maior parte despidas d'arvores e cobertas d'ervas, parecem servir melhor para o sustento do gado, apesar de que a bananeira e a figueira crescem no cume das collinas com o mesmo vigor como se estivessem na borda do lago.

Para oeste do paiz cultivado e pastoril que caracteriza o interior de Usoga e Uganda, observa-se que o terreno perdeu a sua superficie de suaves ondulações, e eleva-se em collinas com numerosos cumes e formas abruptas. A' medida que se caminha para o lado de oeste as collinas augmentam de volume e transformam-se em monta-

\* As cabras brancas de Usoga são parecidas com as cabras de Angora, tem um pello fino e sedoso de quatro a oito pollegadas de comprimento.

nhas de aspecto suberbo, cujos cumes só se podem distinguir quando o dia está muito claro.

Profundos valles, onde se ouvem rugir as torrentes e as cataractas, cortam estas montanhas. Nas vertentes bastante alongadas, veem-se grandes pedaços de rochedo d'uma alvura deslumbrante, parecendo estarem enterrados até ao meio n'um montão de ruínas, onde se acham desde que foram destacados do cume que se eleva altivamente acima d'elles.

Mais ao longe ainda, o solo parece ter-se contrahido e fundido todas as collinas e montanhas secundarias n'uma enorme massa, cuja altura e volume dá o aspecto de anões aos montes até então vistos e que, ciosos da observação do homem, abrigam os seus cumes debaixo da neve, entre nuvens pardacentas.

De facto, é tão gradual a transição e mudança do aspecto do paiz do Lago Victoria para o Golfo de Beatriz, que se póde dividir esta faixa de cem milhas em cinco zonas de igual altura, e classificar-as conforme os limites acima indicados. Imaginemos que um caminho de ferro percorria toda esta distancia, d'um lago ao outro, — que paragens de belleza incomparavel, de fertilidade exuberante, de sublime grandeza se não atravessariam!

Partindo das margens do lago Victoria, esse magnifico mar interior, penetraria o viajante nas profundezas d'uma floresta cujas arvores entrecusam os seus cimos, produzindo noute eterna; um abysmo de verdura, onde o gigantesco sycomoro, o magestoso mvulé, e o gommeiro frondente disputam o espaço, e á sombra dos quaes luctam com igual energia as arvores mais modestas, os arbustos, as plantas, os liames, a hera, e as palmeiras; sahindo d'ahi, voltando a campo descoberto, debaixo de sol abrasador, teria na sua frente uma planicie ondulada, pequenas collinas arredondadas, cones truncados, planaltos de fórma quadrada, prados relvosos e valles onde ha um sem numero de formigueiros cobertos de matto. Poucas arvo-

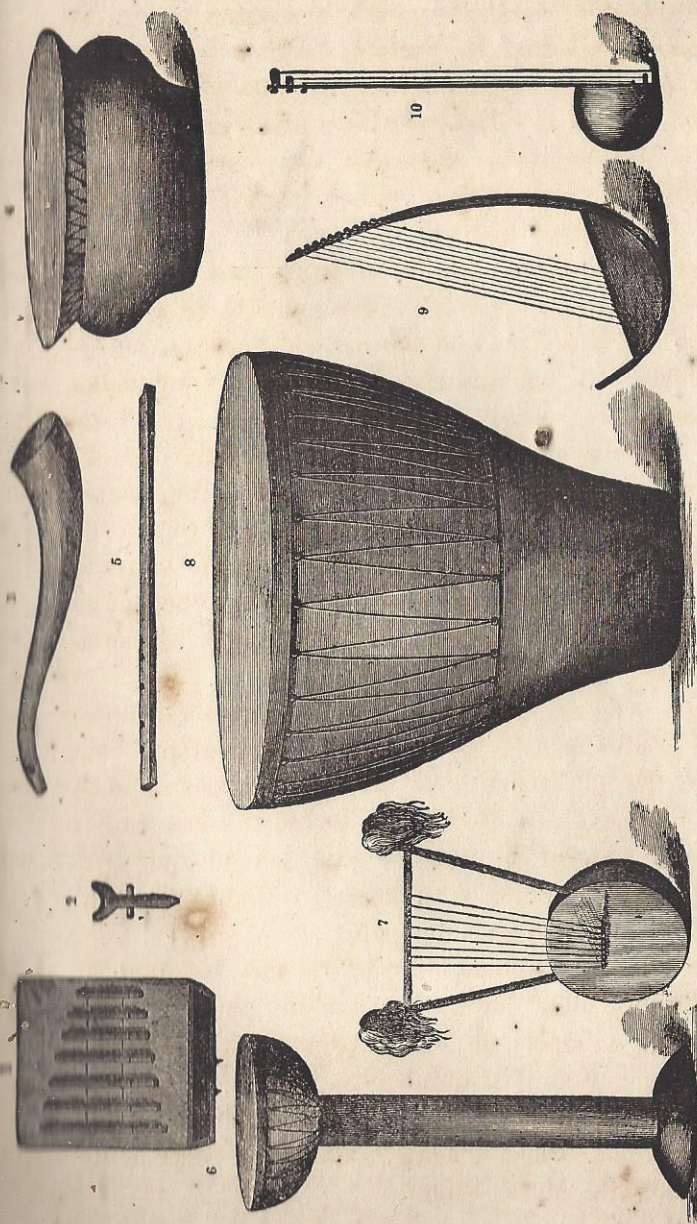


res avistaria n'estes valles, e essas mesmas são na maior parte a euphorbia candelabro ou a tamargueira com algumas acacias isoladas. Do vertice d'alguma collina que tivesse de subir para seguir ávante, gozaria um vasto panorama de montes e valles, prados e planicies, ora apresentando-se ligeiramente ondulados ora cavando-se em grandes depressões, bacias e eminencias herbosas, tudo envolvido n'um vapor ardente.

Achar-se-ia em seguida no meio de collinas selvagens, onde a rocha primitiva apparece distinctamente em grandes massas arredondadas d'um azul acinzentado devido ao musgo e aos lichens, ou em grandes fragmentos amontoados como n'um chaos cyclopeo e que o sol e a agua teem fendido e despedaçado. Na sua base, em camada espessa, os detritos de gneiss com veios de quartzo, fragmentos de granito e d'uma rocha avermelhada pelo oxydo de ferro embarçam a passagem d'algum ribeiro que se irrita com o obstaculo, lucha por vencel-o para chegar ao valle e depois ao rio placido, cujas margens são orladas de papiros e canaviaes.

E então o viajante observaria que os valles vão aprofundando gradualmente, os outeiros augmentando em altura, até que de repente se lhe apresentaria aquelle rei das montanhas, o monte Gordon-Bennett, cujos cumes brancos desaparecem no azul dos ceus, cercado por cristas selvagens e enumeras cordilheiras, e diante do qual o espirito se sente como subjugado.

Afastando-se da visinhança d'este rei das montanhas, correria durante uma hora apenas n'um planalto queimado pelo sol e depois, de subito, deter-se-hia na borda d'um precipicio de mil e quinhentos metros de profundidade. Ao fundo d'este, reflectindo as muralhas do planalto na sua superficie placida, agitam-se docemente as aguas azues do Muta Nzigé.



6 — Tambor de Uganda.  
7 — Viola de Usoga.  
8 — Grande tambor de guerra de Uganda.  
9 — Viola de Uganda.  
10 — Banjo d'uma só corda do Unyamwezi.

1 — Kinanda.  
2 — Apito do Ubujué.  
3 — Trombeta de guia.  
4 — Tambor de Uzimba.  
5 — Flauta de kopi ou camponéz.

Instrumentos de musica



OBSERVAÇÕES GERAES

Resta-me ainda accrescentar alguns detalhes interessantes. Mtesa, que apresentei ao leitor desempenhando o papel de imperador n'um burzah publico, tem comtudo até agora apenas uma personalidade vaga e indistincta, e assim para lhe completar o retrato, accrescentarei as seguintes observações.

Na primeira entrevista, como já disse, Mtesa captiva o viajante pelos seus modos amaveis, e se o estrangeiro pensa em arrancar a Africa ao paganismo, parecer-lhe-ha que o imperador d'Uganda será de todos os africanos o que mais probabilidades de bom exito lhe offerece. A sua intelligencia e faculdades nativas são d'uma ordem muito elevada, a sua afeição aos brancos é grande e a sua hospitalidade aparentemente sem limites. Se tivesse sido educado na Europa, não haveria duvida de que se tornaria digno membro da sociedade; alimentado, porém, no seio do paganismo, da superstição e da ignorancia não passa hoje d'um africano extraordinario.

Por mais lisongeiro que seja para mim a honra de ter convertido o imperador d'Uganda ao christianismo, não posso esquecer que essa conversão é apenas nominal, e que, para levar a obra a bom fim, seria necessario um missionario paciente, assiduo e zeloso. Alguns mezes de conversação a respeito de Christo e da sua abençoada missão na terra, embora assaz interessante para Mtesa, não bastam para desenraigar o mal a que trinta e cinco annos d'uma vida brutal e sensual habituam o espirito: só o zelo inconcusso, a dedicação infatigavel e a vigilancia paterna d'um pastor possuindo uma piedade sincera poderiam conseguir isso. E porque estou convencido da insufficiencia da minha obra e da má indole do meu proselyto, não hesitei em descrever o seu character em toda a sua naturalidade. A grande qualidade de Mtesa, a qualidade que o eleva, apesar de baseada no in-



teresse pessoal, é a admiração pelos homens da raça branca.

Quando pela primeira vez entra em Uganda, o viajante vê o seu caminho como que juncado de flores; saudações acompanhadas de magníficos presentes de feliz chegada seguem-se uns aos outros rapidamente; pagens e cortezãos ajoelham diante d'elle e o seu minimo desejo é immediatamente satisfeito, porque fazer um pedido ao imperador é honral-o na sua generosidade, no seu poder. Enquanto o viajante tem o attractivo da novidade, emquanto os seus talentos e merecimentos conservam o seu prestigio, a vida que passa em Uganda é um prolongado dia de festa.

Entretanto os pagens, os curiosos, os mensageiros e os cortezãos tomam todas as precauções segundo regras e methodos que lhes são proprios. As suas faculdades são calculadas; todos os seus actos são profundamente observados e analysados; a sua capacidade practica e aptidões rigorosamente avaliadas, e durante todo esse tempo gosa d'uma hospitalidade regia; cercam-no dos mais delicados mimos rodeando-o de milhares de atenções por um modo que bastante se affasta de toda a expectativa.

Mas chega o momento em que lhe é preciso retribuir, em que lhe é preciso cumprir a promessa tacitamente feita ao acceitar prompta e amigavelmente todos os presentes e favores de que o encheram. Com grande surpresa sua, perguntam-lhe se sabe fazer polvora, fabricar uma espingarda, fundir um canhão, construir um navio ou edificar uma casa de pedra ou de tijolo. Se o estrangeiro é um sacerdote e que o seu habito e modos meigos e tranquillios o provam, a sua obra é facil: tem unicamente de ensinar e prégar. Mas se é um soldado, porque não ha de saber fazer espingardas, canhões, navios, casas de tijolo? Se confessa ao imperador que ignora todas estas cousas, é preciso que pague n'outra moeda. Tem espingardas comsigo, deve-as «dar»; tem relogios,

tem obrigação de os «dar»; tem diversos objectos de valor, taes como um porta-lapis de ouro, ou um annel, «dar»; usa bom fato, «dar»; tem missanga, perolas, fazendas, arame de latão, «dar, dar»; dar sempre até cahir na miseria. E se não dá com a liberalidade de um Speke ou d'um Stamli, cujos nomes lhe serão repetidos constantemente para o confundir e humilhar, acharão outros meios de lhe extorquir o que recusa. Os seus homens, seduzidos pelos presentes de Mtesa e pelas descrições exaggeradas da sua liberalidade, tornar-se-hão infieis e desertarão, e um dia, quando o viajante começa a felicitar-se de ter sido mais feliz do que outros, acha-se repentinamente despojado de metade ou de tres quartos do que possuía. Se o estrangeiro diz conhecer algumas artes, deve provar as suas palavras á custa do seu tempo e paciencia, perdendo muitos mezes preciosos; e mesmo então o pouco que lhe é permittido fazer com os horriveis perguiçosos d'Uganda apenas servirá para mostrar a sua insufficiencia; e será tambem por astucia alliviado de algumas armas e fardos de fazenda.

Destas exacções só estará exempto o missionario residente, porque poderá prover amplamente a tudo o que lhe faltar prégando e instruindo; e, com o tempo, chega a ser, de facto, o verdadeiro imperador. Diante d'elle Mtesa curvar-sé-ha com toda a docilidade d'uma creança submissa e tratál-o-ha com tanto respeito como affeição. A sua indole particular, irascivel, violenta, cheia de contradicções, mudaria completamente; seria um ente novo que se apresentaria d'ahi em diante ao viajante europeu com um aspecto amavel, ou ainda mais, far-se-hia estimar. Mtesa é o homem mais interessante da Africa e o que em maior grau se torna digno das nossas sympathias; e repito que só por elle póde ser christianisada e civilisada a Africa central.

Ha de ter-se notado que dei sempre a Mtesa o titulo de «Imperador» d'Uganda, e não o de rei, como os



meus predecessores Speke e Grant. Mas o leitor pôde recordar-se do que, nas paginas precedentes, eu fiz observar, a proposito do primeiro ministro: que todos os Vuaganda desde o soberano até ao camponez, mudam os titulos e nomes á medida que se elevam na opinião publica.

Mtesa, antes da morte de seu pae, era um Mlangira (principe); quando succedeu a seu pae, sendo ainda joven, recebeu e titulo de Mukavya ou Mkavya (rei) d'Uganda; mas depois que se distinguiu na conquista de reinos, este titulo foi trocado pelo de Kabaka ou Kavvaka, que significa imperador, porque o Imperio de Uganda, como tem sido descripto, comprehende varias regiões além d'Uganda propriamente dita.

Não me familiarizei com todas estas varias distincções ou grãos senão depois de prolongada demora na côrte. O titulo de Mkama, como, por exemplo, o de Mkama Rumanika do Karagué, Mkama Mankorongu do Usui, é synonymo com o de vice-rei ou sub-rei, ainda que literalmente signifique «senhor». Os cortezaos bem educados, todos cumprimentos e adulações, promptos sempre a rojarem-se diante de Mtesa, chamam-lhe muitas vezes «Mkama angè» («Meu proprio senhor»).

Os filhos de Mtesa teem todos o titulo de Ulangira (principes). Abaixo d'este titulo parece que não ha nenhuma outra designação de condição hereditaria excepto a de Kopi (camponez). Os Vuakungu e os Vuatongoleh nasceram camponezes e são portanto camponezes, ainda que possam classificar-se como chefes e sub-chefes, ou governadores e vice-governadores, ou generaes e coroneis. Assim Mtesa em Nakaranga, quando se dignou prometter recompensar aquelle que primeiro desembarcasse na ilha Ingira com o logar de Katekiro, perguntou aos chefes reunidos «Porque, quem é Pokino? Não é na realidade um camponez?»

O caracter moral do povo está muito abaixo do do

Imperador. De facto, sem elle, nenhum estrangeiro se atreveria a entrar em Uganda. Os indigenas não teem o minimo respeito pela vida ou pelos direitos humanos. Mesmo entre elles apenas reconhecem o direito do mais forte; Mtesa poderia ser perdoado por se mostrar, para com elles, mais severo do que é; porque para governar este povo feroz é necessaria a auctoridade implacavel que Suna tão cruelmente empregava. Considerados na totalidade, os Vuaganda são uns velhacos, astuciosos, traiçoeiros, mentirosos e ladrões, e parecem ter nascido com o desejo irresistivel de enriquecer pelo roubo, pelo assassinio ou pela força, no que se assemelham a quasi todas as tribus africanas com a differença de possuirem o instincto da pilhagem n'um grão mais elevado do que se encontra na maior parte das outras. Graças, comtudo, ao terror da punição, é permittido ao estrangeiro vaguear com toda a segurança no interior de Uganda; e é hospitaleiramente tratado como «hospede do Imperador» (Mgeni). Basta só ouvir a palavra «Nganya» (saque) pronunciada por um chefe para ficar surprehendido com a avidéz que expressam immediatamente todos os olhares.

Ha muito que o proverbio «tal pae, tal filho» corre no mundo accete como verdade; seria igualmente verdadeiro dizer «tal rei, tal povo». Pelo menos em Uganda a conducta dos chefes assim o tem provado, porque, do mesmo modo que o Imperador, elles adoptam os modos despoticos e exigem que os seus inferiores os sirvam com tanta servilismo como promptidão. Como Mtesa, tambem, os chefes são amigos do fausto o da ostentação, e até onde lh'o permittem a sua classe e meios, desenvolvem esta vaidade no maximo grão.

Assim, o monarcha tem sempre cerca de quarenta tambores, vinte pifaros e dez tocadores de viola, varios charlatães, clowns, anões e uma multidão de garotos, pagens, mensageiros, cortezaos, pretendentes, além d'um grande numero de guardas do corpo e dois porta-estan-



dartes, que o acompanham em todas as suas saídas para annunciarem a sua condição e qualidade. Os chefes também teem, portanto, o seu sequito, porta-estandartes e pagens, e assim successivamente até ao camponez ou vaqueiro que obriga a trotar atrás de si uma criança, um pequeno escravo, que lhe transporta o escudo e as lanças.

Em estatura os Vuaganda são altos e delgados. Vi centenaes d'elles de mais de seis pés e duas pollegadas de altura, e medi um que chegava a seis pés e seis pollegadas. Deve-se naturalmente fazer distincção entre os Vuaganda indigenas e os estrangeiros e escravos e seus descendentes, importados dos paizes conquistados e de que em geral differe o verdadeiro Mganda pelas suas feições mais agradaveis e aspecto mais attrahente. Este ultimo, comtudo, pode attribuir-se a um amor pelo aceio, pela limpeza, pela modestia, que se encontra em todos desde o mais elevado até ao mais humilde. Para um cortezão de Mtesa a nudez ou a falta de pudor é uma verdadeira abominação; o mais pobre dos camponezes vê com desgosto ou escarnece da absoluta nudez.

Deixei dito mais acima que, a respeito de astucia e instincto de rapina, os Vuaganda excedem todos os outros africanos; mas póde ver-se n'isto uma indicação da superioridade da sua intelligencia, superioridade que se reconhece por numerosas provas. Os seus tecidos são mais finos; as suas habitações são melhores e mais limpas; as suas lanças são as mais perfectas, devo dizel-o, de toda a Africa e no seu manejo mostram extraordinaria habilidade e completo conhecimento d'aquella arma mortifera; os seus escudos attrahiriam a attenção em qualquer paiz, emquanto que as suas canoas não teem eguaes em todas as pirogas do mundo selvagem.

Frequentemente os Vuaganda fazem desenhos no chão para completar uma descripção oral imperfeita e muitas vezes fiquei surprehendido pela exactidão d'estas tos-

cas illustrações. Quando na conversação pretendem fundamentar uma cousa qualquer com primeira, segunda e terceira razão, empregam para esse fim um meio curioso. Pegam n'uma varinha e quebram-na em bocados pequenos. Um d'estes bocados entregue com emphase e recebido com toda a gravidade na palma da mão do seu ouvinte indica a conclusão da primeira razão; um outro bocado annuncia o fim da segunda razão; até que concluida finalmente a terceira, o orador levanta ambas as mãos, com as costas unidas e as palmas para o lado de fóra, como se dissesse: «Apresentei-vos as minhas razões, por força as deveis ter comprehendido!»

Quási todos os principaes dignatarios da cõrte sabem escrever os caracteres arabes. O Imperador e muitos dos chefes sabem ler e escrever com facilidade aquelles caracteres e empregam-nos frequentemente já para enviar mensagens uns aos outros já para escrever para grandes distancias aos estrangeiros. Os materiaes de que se servem para esse fim são placas muito delgadas e lisas da madeira do algodoeiro. Mtesa possui algumas dezenas d'estas placas ou laminas, sobre as quaes estão escriptos os seus «livros de sabedoria», como elle designa os resultados das suas conversações com os viajantes europeus. Um dia virá, talvez, em que um viajante curioso julgará que estas chronicas valerão o tempo que consumir a traduzil-as.

O poder visual d'estes indigenas é extraordinario. Frequentes vezes com a vista desarmada distinguiam objectos que o meu oculo de seis libras não alcançava. O sentido do ouvido é egualmente n'elles d'uma finura extrema.

É realmente maravilhosa a multiplicidade de serviços que um habitante ingenhoso d'este paiz sabe tirar d'uma simples planta. Tomemos por exemplo a bananeira. Á primeira vista, aos olhos do homem civilizado, ainda não co-



nhecedor das artes do selvagem, esta planta parece apenas destinada a dar os fructos da sua especie, porque o caule não póde ser empregado como combustivel e as folhas murcham e desfazem-se rapidamente; e ainda que a selvagem lhe aponte quaes os seus variados usos, o homem civilisado, creio-o bem, consideral-a-hia como d'um valor secundario. E, comtudo, esta arvore é d'uma utilidade maxima para o indigena d'Uganda.

O fructo da bananeira, verde ou maduro, fórma o alimento dos naturaes. Quando verdes, os Vuaganda descascam as bananas, junctam-nas umas contra as outras, envolvem-nas com uma folha verde da mesma arvore, e introduzindo-as dentro d'uma vasilha com pouca agua, fazem-nas cozer só por meio do vapor. Este modo de cozedura torna a banana verde farinhosa na apparencia e muito doce e gostosa ao paladar. Quando maduras, formam uma excellente sobremesa, e tomadas pela manhã antes do café constituem, para certas constituições, um agradável laxante.

Ha diversas variedades de bananas, cada uma distincta por um nome especial, do mesmo modo que na Europa ha diversas variedades de batatas. Umas de tres pollegadas de comprimento, tem a casca verde e parecem cheias de polpa. Outras de seis pollegadas de comprimento e d'um verde mais claro, são consideradas como as melhores. Outras ainda são curtas, carnosas e tambem muito apreciadas. Ha uma outra especie, que se reconhece por um ponto negro, que as distingue, e que é amarga ao paladar e impropria para alimento, mas que é exclusivamente empregada no fabrico do vinho.

O fructo d'esta ultima especie fornece aos naturaes o maramba, especie de vinho, doce como o mel, e com um sabor a cidra. Misturado com uma pequena porção de milho, a polpa d'este fructo dá tambem uma bebida muito doce. Esta bebida quando é fermentada torna-se tão forte

que para qualquer pessoa se embriagar, basta beber um litro. Comtudo, ha alguns bebedores velhos, como por exemplo o principe Kaduma, que depois de terem absorvido quatro litros, parecem não terem bebido cousa alguma. Um copo de maramba tomado ao amanhecer é excellente para a saude e eu tive occasião de experimental-o.

As folhas das bananeiras servem para cobrir as casas, auxiliam a construcção dos tapumes e constituem a cama dos indigenas. Tambem usam d'ellas para cobrir o leite, a agua e a farinha preservando-os do pó ou d'outras materias extranhas; empregam-as como toalha ou papel de embrulho; são ellas que envolvem os presentes, como por exemplo, bananas maduras, carne, manteiga, ovos, peixe, etc., ao passo que servem diaria e universalmente entre os Kiganda para envolver os puddings. Devemos ainda indicar como uma das melhores propriedades das folhas a magnifica sombra que produzem.

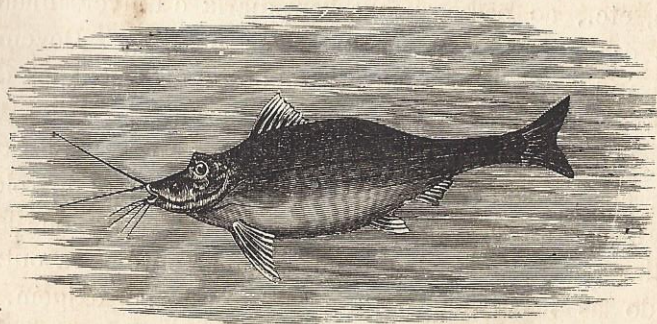
Os troncos são usados para se construirem palissadas e barreiras defensivas; empregam-os, servindo de rolos, para fazerem mover grandes troncos d'arvores, ou para auxiliar o transporte das canôas d'um ponto para outro, quando as necessidades da guerra assim o exigem. O miolo é tirado do tronco e transformado n'uma especie de esponjas que se vêem em quasi todos os lavatorios Kiganda. Muitas vezes os indigenas indolentes preferem servir-se d'estas esponjas, esfregando com ellas o corpo, do que irem banhar-se ao rio, lago, ou tanque, ou mesmo incommodarem-se a procurar a agua.

Das fibras dos troncos fazem cordeis que são empregados em serviços identicos aos nossos. Os indigenas pouco remediados, fazem tambem com os troncos da bananeira escudos grosseiros que prestam bom serviço, e os pescadores do lago, arranjam com elles, grandes chapéus que os abrigam do sol.

Poderíamos mencionar muitas outras applicações d'esta



planta, mas o que acima dissemos é prova sufficiente de que, além da frescura da sua sombra, a bananeira fornece ao aldeão de Uganda pão, legumes, vinho, cerveja, medicamentos, material para fazer casas e palissadas, camas, roupas, papel, cordel, cordas, toalhas, sabão, esponjas, banhos, escudos, chapéus e mesmo uma canôa, quasi tudo o que se necessita, com excepção da carne e do ferro. Com a bananeira é o indigena rico, feliz, passa commodamente; sem ella, seria um ente miseravel, cheio de fome e aguardando a morte a todas as horas.



Peixe Ngogo

Dez pollegadas de comprimento, tres de altura, sem escamas; operculo armado d'um esporão horisontal, dois filamentos compridos e espessos no labio superior. Este peixe foi encontrado no golpho de Speke, lago Victoria.

## CAPITULO IV

### VIAGEM A MUTA NZIGÉ E VOLTA A UGANDA

As damas da familia de Mtesa — Sambuzi é nomeado para me acompanhar a Muta Nzigé — A ultima tarde que passei em companhia de Mtesa — A caminho para Muta Nzigé — Sambuzi, o general — Deligenciamos entender-nos — População branca de Gambaragara — Musica de guerra — Atravez do paiz deserto — Presagios sinistro — Um conselho de guerra — Panico no acampamento — Sambuzi abandona-me — Volta — O espoliador despojado — Mtesa intenta persuadir-me que devo voltar — Em Kafurro.

Em 29 de outubro, Mtesa e o seu numeroso exercito chegaram á antiga capital de Ulagalla. Aqui foi muito fria a recepção feita pelos habitantes ao Imperador, excepto a que se fez por parte das mulheres do palacio imperial, reunidas em grande numero sob a direcção de Nana Mazuri, a mãe do Imperador, uma senhora edosa e de espirito decididamente masculino, possuindo um genio violento e vingativo.

O Imperador, que estimava muito a sua mãe, abraçou-a com muito carinho, bem como ás outras viuvias de seu pae, que tinham vindo ao seu encontro para o honrar, e que receberam o filho do heroico Suna com um respeito consideravel misturado porém de temor.

As aclamações, os canticos, as felicitações e os sorrisos foram a ordem do dia. Seguiram-se grandes libações de vinho de maramba e cerveja forte; salvas de



musqueteria, troca de presentes, matança de bois e cabras, eis em que se passou o dia.

Em seguida a alguns dias consagrados ao repouso, lembrei ao Imperador o fim principal da minha visita, e a promessa que me fizera. Consentiu na minha partida, e permitiu-me que eu escolhesse os chefes que haviam de commandar a força que elle me concedia para auxiliar a expedição na exploração do paiz entre Muta Nzigé e o lago Victoria. A minha escolha recahiu em Sambuzi, um mancebo de trinta annos aproximadamente, e que durante a guerra com os Vuavuma, se tinha por varias vezes distinguido por actos de coragem e bravura; a sua posição garantia-me forças sufficientes para subjugar, sendo bem conduzidas, as do rei de Unyoro, — então em guerra com Gordon Pachá, se se lembrasse de impedir a passagem.

Mtesa, confirmou a minha escolha, dizendo-me com a exaggeração habitual d'um Africano ou Oriental, que Sambuzi levaria cinco mil guerreiros, numero que foi corroborado pelos chefes que se achavam presentes á audiencia. Pedindo-lhe eu para dar publicamente a Sambuzi as suas ordens a meu respeito, Mtesa chamou á sua presença o chefe, o qual, prostrado e com a cabeça inclinada para o chão, ouviu do Imperador as seguintes palavras, pronunciadas com uma voz clara e distincta:

«Sambuzi, o meu hospede Stamli, vae para Muta Nzigé. Pede-me que te desse o commando dos Vuaganda que o devem acompanhar ao lago, e eu consenti n'isso. Agora, ouve-me bem. Quasi todos os europeus que teem accettato a escolta de meus soldados queixam-se de que os Vuaganda os incommodam seriamente. Que eu não ouça semelhante cousa de ti.

«Para esse fim vou enviar alguns mensageiros a Kabba Rega para o informar do fim d'esta viagem e estou certo que elle vos não incommodará. Vae reunir todos os teus homens, e eu dar-te-hei para te auxiliarem, quatro sub-

chefes com mil homens cada um sob as ordens de Vuatongoleh. Tudo o que Stamli disser ou ordenar será executado; e sob nenhum pretexto voltarás para Uganda sem que as minhas ordens sejam inteiramente executadas. Se regressares sem uma carta de Stamli que te dê essa authorisação, terás que affrontar a minha colera. Tenho dito.»

«Obrigado, obrigado, obrigado, oh, obrigado, meu senhor!» respondeu Sambuzi roçando as faces pelo chão. Em seguida, levantando-se e esgrimindo as lanças contra um inimigo invizível, exclamou:

«Vou por ordem do Imperador acompanhar Stamli ao Muta Nzigé. Conduzil-o-hei ao lago atravez do Unyoro. Construirei um *boma* (acampamento fortificado) e demorar-me-hei ahí até que Stamli tenha concluido os seus trabalhos. Quem me resistirá? O meu tambor rufará hoje para fazer a chamada, e reunirei sob a minha bandeira todos os mancebos do valle de Katonga! Quando virem o meu estandarte de guerra os Vuanyoro fugirão e hão de deixar-me o caminho livre, porque é o Kabaka que o envia e Sambuzi vae em nome do Kabaka! Graças, graças, oh, muitas graças, meu senhor, meu caro senhor!»

O dia anterior ao da minha partida passei-o em conversação com o Imperador, que parecia contrariado por haver chegado o momento em que eu definitivamente tinha de me separar d'elle. O principal assumpto d'esta conversação foi a igreja christã que se estava construindo, e onde as ceremonias seriam executadas por Dallington, segundo o rito que tinha aprendido em Zanzibar na Missão das Universidades, isto emquanto não chegava melhor officiante.

Fomos ambos ao local onde se estava erigindo a igreja, e ahí Mtesa, a meu pedido, repetiu-me tudo o que eu lhe dissera das vantagens que adviriam pela adopção da Religião Christã, e da sua superioridade ao islamismo. Por isto deduzi que Mtesa tinha uma excellente memoria e



estava sufficientemente instruído nos artigos de fé. Deixei-o ao anoitecer, convencendo-o a que não mudasse a sua nova crença, e a que orasse muitas vezes pedindo a Deus que o livrasse da tentação de violar os mandamentos escriptos na Biblia.

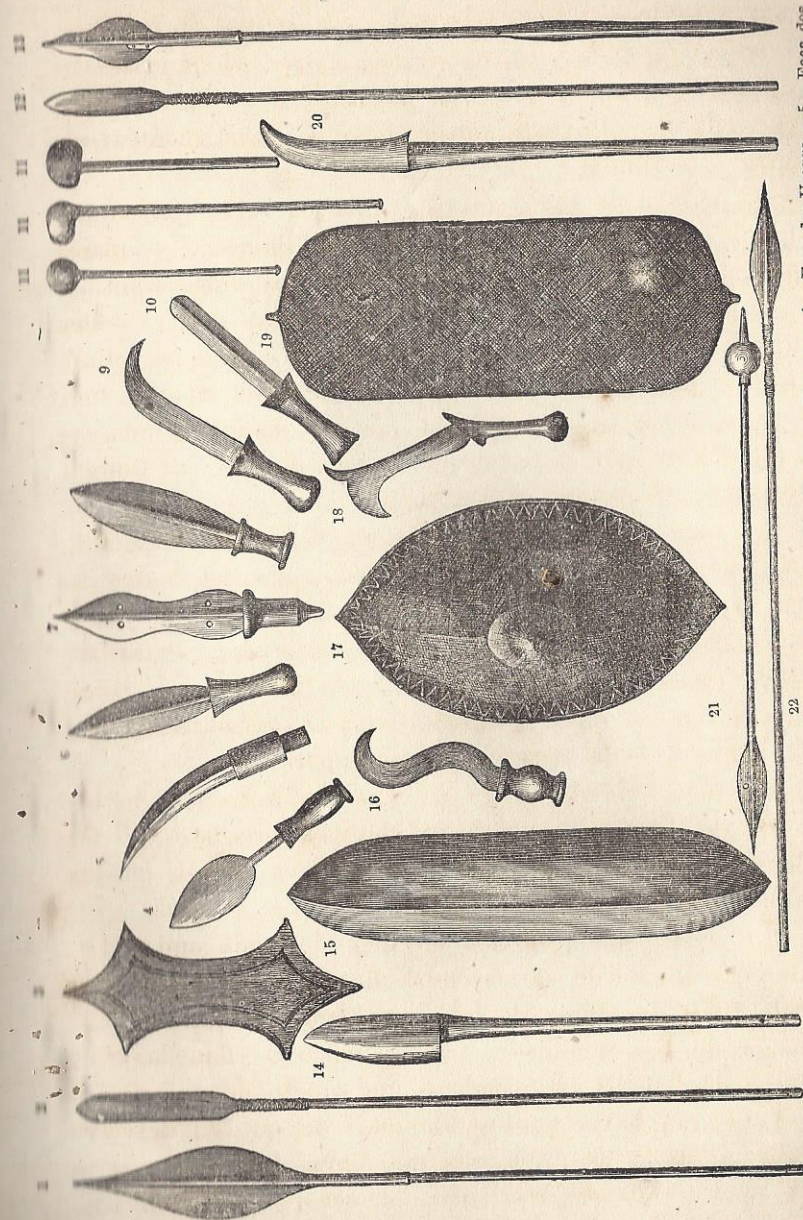
Na manhã do dia seguinte o meu proselyto enviou-me alguns presentes, como prova da sua afeição, os quaes se compunham do seguinte: quatro escudos, dezeseis lanças, doze facas, dez foices, dez bengallas, doze bellas pelles curtidas e algumas pelles de animaes selvagens, vinte arrateis de myrrha, quatro pelles brancas de macaco, dez bois, dezeseis cabras, bananas, cerveja, vinho, e uma escolta de cem guerreiros que me acompanhariam até Dumo, dirigindo-me d'aqui para o lago.

Ao nosso amigo commum Lukongeh, rei de Ukerehué, mandou por minha intervenção, cinco grandes dentes de elephante, vinte arrateis de arame de ferro, seis pelles de macaco muito brancas, uma canôa completamente nova, capaz de comportar cincoenta homens, e, como esposa digna d'um rei, uma rapariga de quinze annos, que pertencia á bella raça dos Gambaragara.

Ao meu amigo, o rei da ilha de Komeh e do litoral de Uzinja, mandou os mesmos presentes e fez distribuir alguns bois pelos embaixadores do rei, que eu trouxe para receber estas dadivas.

Em meu nome, enviou ao meu dedicado amigo Lukongeh um fardo de fazendas de diversas qualidades, dois rolos de arame de latão, sessenta arrateis de misanga de boa qualidade, um vestuario de flanella azul, outro de flanella encarnada e um tapete de veludo.

Feliz, por haver conseguido mais do que eu desejava para satisfazer as promessas que havia feito aos reis de Ukerehué e Komeh, e satisfeito por conseguir o meu fim, não obstante a demora que a guerra havia tornado inevitavel, parti de Nteui com vinte canôas cheias de guerreiros Vuaganda, cinco destinadas especialmente para



1 — Lança do Manyema oriental. — 2 — Lança de Urundi, Karagú e Uhha. — 3 — Escudo de Unyoro. — 4 — Faca dos Uregga. — 5 — Faca dos Rua. — 6 — Faca de Uvumá e Usoga. — 7 — Faca de Manyema. — 8 — Faca de Uganda. — 9 — Faca de Uganda. — 10 — Faca de Ukerenú. — 11 — Basiões e bengallas. — 12 — Lanças ordinarias de Unyamwezi. — 13 — Lança de Uregga. — 14 — Cutello dos Vusaganda. — 15 — Escudo dos Manyema. — 16 — Foice dos Unyeya. — 17 — Escudo de Uganda. — 18 — Foice Unyamwezi. — 19 — Escudo de Usongora e Bamireh. — 20 — Cutello de Usongora e Bamireh. — 21 — Lança dos Manyema. — 22 — Lança de Uganda.



me escoltarem, duas para escoltar os embaixadores de Ukereué, duas para os de Komeh, e onze para abrirem as relações commerciaes com o Unyanyembé pelo lago, caminho de Kagehyi.

No mesmo dia em que eu parti de Nteui, Sambuzi saiu de Ulagalla acompanhado de mil homens dirigindo-se por terra a Katonga, local onde nos deviamos encontrar e juntar com a expedição que viesse do Dumo e com os quatro sub-chefes, Sekajugu, Mkoma, Kurji e Ngezi.

Durante a travessia no lago fomos generosamente acolhidos em Nakavija pelo poderoso almirante de Mtesa; Gabunga, e por Jumba, vice-almirante de Unjaku, que nos offereceram leite, vinho, cerveja, bois, bananas, tomates e batatas doces.

Em Ujaju o nosso pontão de cautchouc foi condemnado e substituido por uma nova e ligeira canôa, que se baptisou com o nome de *Livingstone*, devendo servir para auxiliar o *Lady Alice* na sua exploração do Muta Nzigé.

Depois de navegar quatro dias ao longo da costa, chegamos a Dumo, onde encontrei a expedição depois de uma ausencia de tres mezes e cinco dias. Franch Pockock gozára excellente saude, e os soldados pela sua apparencia robusta, indicavam que tinham passado perfeitamente em Uddu, e que as ordens do Imperador a respeito d'elles se haviam cumprido.

Durante todo este tempo não tinham despendido um real, e eu não tive animo de reenviar a escolta sem a encarregar de levar ao Imperador algum penhor da minha gratidão e por isso enviei-lhe quatro fardos de fazendas, quarenta arrateis de perolas escolhidas, além de varios outros presentes.

Poucos dias bastaram para reorganisar a expedição, tornar a enfiar as mercadorias e preparar o barco, o qual depois de um arduo serviço durante nove mezes



no lago Victoria, ia agora ser transportado por terra até Muta Nzigé.

A canôa *Livingstone* foi igualmente dividida em secções portateis. Este barco tinha vinte e tres pés de comprimento, trinta e quatro de largura e dois de profundidade; era formado de quatro taboas e uma quilha, reunidas por costuras feitas com as fibras da cana: tudo, com os bancos dos remadores e a prôa, sete homens eram suficientes para o transportar.

No sétimo dia depois da minha chegada a Dumo, puzemo-nos em marcha em direcção ao rio Katonga, local onde havia de ter lugar a reunião de todo o exercito. Atravessámos o Uddu na direcção nor-nordeste, até que, chegando ao rio Kyogia, seguimos o curso d'este affluente do Katonga até á aldeia de Kikoma, onde, atravessando o rio, entrámos no paiz de Buera, que se estende de Koki a Katonga, parallelamente ao Uddu.

Em Kikoma, fomos forçados a parar até que Sambuzi estivesse informado da nossa chegada e nos enviasse alguns guias para nos encaminhar ao sitio onde nos havíamos de reunir.

Entretanto eu aproveitei a demora para me dedicar algum tempo á caça e obter mantimentos para a expedição. Durante os cinco dias que permanecemos n'este local, tive a fortuna de matar cincoenta e sete bufalos, um water-buck (*Kobus Ellipsiprymnus*) e duas zebras. N'este paiz deserto, que os leões, leopardos e a visinhança dos soldados do Ankori defendem ás explorações do homem, abunda a caça, o que explica o meu successo. No primeiro dia matei em alguns minutos cinco animaes, façanha que não só admirou os Vuaganda, como a mim proprio.

Ouvimos dizer que nas visinhanças de Kikoma os leões eram muito numerosos, comtudo, muito embora as minhas excursões me levassem distante, nunca vi o mais leve signal de leão ou de leopardo.

A chegada dos guias do general Sambuzi fez-nos pôr em marcha, e no segundo dia chegavamos ao rio Katonga, ou antes lagôa, porque não foi possível descobrir-lhe a corrente. O leito do Katonga tem cerca de oitocentos metros (meia milha) e estava cheio de papyros e canaviaes. Havia n'este rio sitios onde a agua estava estagnada, tendo de profundidade tres, quatro e mesmo sete pés.

A travessia do Katonga levou todo o dia, e a causa d'isto foi o *Lady Alice* ter difficuldade em passar pelo meio dos canaviaes. Em Ruueua, na margem norte do Katonga, Sambuzi fez-nos demorar mais cinco dias, demora que me impacientou, por não ser em conformidade com os meus desejos nem com as ordens que tinha recebido de Mtesa. Comtudo, estando tão adiantados n'esta exploração e sabendo eu que era impossível conseguir outro meio mais facil e mais rapido não podia fazer outra cousa senão resignar-me, reflectindo que «o que não tem remedio remediado está» ainda que eu mentalmente criticasse Sambuzi por ser tão pouco apressado.

A paisagem, entre Dumo e o rio Katonga apresenta á vista algumas cordilheiras de collinas com os cumes quasi unidos, outeiros tendo entre si valles semeados de formigueiros e quasi completamente sem arvores. Um magnifico paiz pastoril, apropriado para o sustento do gado, pela ausencia de sufficiente população, constitue uma pastagem de primeira ordem para os animaes, pouco ferozes n'este local, porque é facil approximar-mo-nos d'elles até curta distancia. Nos logares desertos, além da euphorbia, poucas arvores mais se encontram.

Em seguida vêem-se grandes extensões de terreno ondulado, collinas e valles cheios de herva succedendo-se em series regulares.

Como gozassemos, durante a nossa viagem atravez d'esta região, d'uma saude excepcional, fomos levados a crer que estas extensas perspectivas, que de todos os lados se



apresentavam á nossa vista, prolongariam por muito tempo esta saude excellente. E sem duvida o nosso sangue corria mais apressado, o olhar era mais brilhante, a respiração mais desafogada quando nos achavamos no cume d'alguma d'estas cordilheiras herbosas, e comparavamos este paiz com outros que já haviãmos percorrido e onde a febre era menos commum.

Descrever detalhadamente Uddu e Buera seria uma tarefa enfadonha, porque estes valles, collinas, cordilheiras, declives e depressões são parecidos uns com os outros; mas vistos no seu conjuncto de algum ponto elevado, nota-se alguma cousa de nobre e grandioso n'esta scena.

Notei que os sitios regularmente habitados pelos Vuaganda são as cordilheiras e os cumes das collinas tabulares, e os Vuahuma que são pastores e vagabundos, occupam os sitios mais baixos e os valles.

Seis dias depois de chegarmos a Ruueua, no districto de Kahuangau, seguimos para Laugurue onde encontrãmos o general Sambuzi acompanhado de mil homens. Acampãmos a oitocentos passos de distancia dos Vuaganda, e occupãmos uma aldeia inteira, as plantações da qual foram postas com a maior liberalidade á nossa disposição. O exercito de Sambuzi occupou as aldeias que ficavam ao norte da nossa.

Durante a manhã fui fazer os meus cumprimentos ao general, pensando que o melhor meio de chegar mais rapidamente aos meus fins era lisonjear o mais possivel a susceptibilidade d'este general africano, e observar a seu respeito todas as regras de uma escrupulosa delicadeza.

Emquanto durou a guerra com Uvuma, n'esse tempo que eu assistia constantemente ao levantar do Imperador, por isso que era o seu hospede protegido, Sambuzi occupava com as suas tropas um local contiguo ao meu aposento, e tinha n'esta epoca cultivado a minha amisade d'uma

maneira muito assidua. Isto, de facto, foi uma das razões que me obrigou a escolhel-o, e dar o seu nome a Mtesa. Porém, quando agora o vi, achei que elle copiava os gestos e maneiras do Imperador, exagerando-as, sem possuir a cortezia e benevolencia do monarcha.

Quando eu entrei no seu palacio construido de forma que realçasse a sua dignidade, se o espaço todavia pudesse produzir este effeito, vi que o general se levantava no meio dos seus subordinados, friamente, esperando que eu lhe fosse apertar a mão, e respondendo ao meu cumprimento unicamente com algumas phrases inintelligiveis.

Não deixava de estar prevenido para este acolhimento, resultado da sua ulterior promoção; não obstante, isto contrariou-me, irritou-me um pouco, devo confessal-o, de forma que me obrigou a perguntar-lhe se alguma cousa ia contrario aos seus desejos.

«Não, disse, vae tudo bem.»

«Então porquê vos mostraes tão frio para com o vosso amigo? perguntei-lhe eu. Não vos achaes satisfeito por ir até Muta Nzigé? Se isso é assim, então mando chamar outro chefe.

«Agrade-me ou não a viagem, isso não altera em cousa alguma as ordens do Kabaka, replicou elle. Recebi a ordem de vos acompanhar ao Muta Nzigé e ahi vos conduzirei. Não sou uma creança, sou um homem, e o meu nome é muito bem conhecido em Unyoro, porque os Vuanyoro e Vuasongora, sabem o que são as minhas lanças e não supponho que me obriguem a recuar. Agora, estou occupando o logar do Kabaka, porque o represento aqui e sou eu que dirijo o exercito. Sambuzi o vosso amigo de Uvuma, é agora o Sambuzi, general. Compreendeis-me?

«Pefeitamente, respondi eu. Agora tenho a dizer-vos algumas palavras que comprehendereis tambem como eu percebi as vossas. Desejo ir ao lago Muta Nzigé; haveis



recebido ordem de me acompanhar ali e se seguides pontualmente o que o Imperador vos ordenou, podeis contar que terei para convosco todas as atenções que são devidas a um Imperador e além d'isso dar-vos-hei um presente que fará inveja ao proprio Katekiro de Uganda. Emquanto permanecermos em Uganda não me importarei com o systema que seguides para acampar ou marchar, mas, apenas entrarmos em Unyoro, aconselho-vos como amigo a não vos separardes de mim, conservardes sempre as tropas unidas, fazer um unico acampamento e escolher posições estrategicas, e quando haja algum perigo a temer, não deveis operar sem consultardes aquelles que podem dar bons conselhos e que estão dispostos a isso. É tudo quanto tenho a dizer.»

«Muito bem, disse elle, percebemos agora. Caminharemos lentamente para a fronteira, para dar tempo aos outros chefes de se unirem connosco, e n'essa occasião apreciareis se os Vuaganda sabem marchar.»

Considerando esta resposta como se fôra a d'um europeu, não se podia censurar Sambuzi por um excesso de dignidade; assim, relevava-lhe o que em outras circumstancias poderia tomar como insulto grosseiro da sua parte. Os soldados de Sambuzi eram em numero superior ao dos meus e só elle poderia servir-me de auxilio para transpôr o Unyoro. A prudencia aconselhava-me a que não dêsse ouvidos ao falso orgulho, que poderia servir de obstaculo ao successo da expedição, e segui o seu conselho.

O caminho que seguimos para Kauanga, na fronteira de Uganda, foi a margem septentrional do Katonga, atravez d'um paiz sem arvores e ondulado, cortado a intervallos pelos differentes affluentes d'aquelle rio. Estes affluentes, conhecidos pelo nome de correntes d'agua, devem pelo contrario denominar-se pantanos, grandes vallas cheias de papyrus e canaviaes, da mesma maneira que em Katonga. Ao norte e ao sul d'este ultimo,

a uma distancia approximadamente de dez milhas, o terreno sobe rapidamente nascendo ali numerosos rios; porém na sua descida para o valle de Katonga unem-se todos e vão desaguar n'alguns grandes pantanos, cujo esgoto é feito pelo lado de Katonga. \* Este conserva o character de pantano até proximo d'uma collina baixa, que separa os affluentes do Muta Nzigé dos do lago Victoria. O ponto mais elevado d'esta collina não é superior a duzentos e cincoenta pés acima do leito do rio Katonga, e a sua base não tem mais do que duas milhas de largo, de este a oeste, comtudo, é cercado do lado oriental pelo rio Katonga, que vem do nordeste, e banhada do lado occidental pelo Rusango, o qual, das proximidades do monte Lawson corre para o sul, em direcção ao Muta Nzigé.

Exceptuando nas proximidades do Katonga, apenas se vê o espaço d'uma milha que seja unido. Por toda a parte vemos depressões de terreno cheio de herva, encostas e montes, e o horisonte constantemente cortado por fileiras de collinas azuladas, as quaes, á medida que caminhavamos para oeste tomavam proporções de montanhas.

Em Kauanga, quando todas as forças de Sambuzi estavam reunidas, o nosso exercito elevava-se ao numero de dois mil duzentos e noventa homens, como em seguida se vê:

Expedição do <i>Daily Telegraph</i> a <i>New-York Herald</i> .....	180
Samburi, general.....	1:000
Mkoma, coronel.....	250
	<hr/>
	1:430

\* Na confluencia do Uakassi com o Katonga o grau de ebullicão mostrou uma altura de quatro mil cento e onze pés acima do nivel do mar; só dezoito pés mais alto que as Quedas Ripon!



<i>Transporte</i> .....	1:430
Ngezi, coronel.....	250
Sekajugu, coronel.....	450
Mroula, capitão.....	100
Kurji, capitão.....	40
	<u>2:270</u>
Guardas do corpo de Mtesa sob o commando de Sabaud (sargento).....	20
Total.....	<u><u>2:290</u></u>

Seguiam este pequeno exercito cerca de quinhentas mulheres e crianças, dando tudo isto um total de aproximadamente duas mil e oitocentas pessoas.

Com o coronel Sekajugu iam quatro homens de Gambaragara, de côr clara como a das pessoas do meio dia da Europa; os seus habitos e maneiras, differiam egualmente dos Vuaganda. Possuiam as suas vaccas especiaes e o seu alimento parecia consistir unicamente em leite. A apparencia d'estes homens, além da sua compleição, era d'uma regularidade tal que a minha curiosidade e interesse a seu respeito tinha chegado ao mais alto gráo. Lembra-me de ter visto, no palacio de Mtesa alguns representantes d'esta raça, mas não me fôra possível alcançar qualquer informação definitiva a seu respeito. Foi, pois, n'esta occasião, que eu pude obter, d'elles mesmos, e do coronel Sekajugu, o homem melhor informado de Uganda, os esclarecimentos precisos que eu desejava ha bastante tempo, a respeito d'esta raça branca.

Estes individuos, de tez clara, e feições regulares, são naturaes de Gambaragara, paiz situado entre Usongora e Unyoro. Gambaragara comprehende todos os districtos proximos da base da alta montanha Gordon-Bennett e ella propria. Ao atravessar o Unyoro, vimos esta elevada montanha que se ergue a nordeste do Benga occidental; porém a distancia era tão grande que não posso dar uma descripção exacta d'ella. Parecia-me apresentar a

forma de um cône truncado, e, segundo Sekajugu, tinha cerca de quatorze a quinze mil pés de altura. Eleva-se d'uma planicie por uma serie de terraços; numerosas cascatas precipitam-se dos seus flancos escarpados e geralmente são precisos dois dias para chegar ao ponto mais elevado d'ella. O rei, Ny-ika, no tempo de guerra, habita o cume mais alto da montanha, acompanhado dos principaes chefes e suas familias. Parece ser uma antiga cratera, e, segundo me disseram, apresenta uma grande cavidade rodeada d'uma muralha de rochedos, no fundo da qual ha um poço circular cheio d'agua, no meio do qual se eleva uma alta columna rochosa, que lhe occupa o centro. Faz ali muito frio, e amiudadas vezes cae neve. As encostas, a base e o cume são muito povoados, mas apesar d'isto, os Gambaragara, como guerreiros, são alvo das zombarias dos Vuaganda, que os censuram por preferirem refugiar-se nas cavernas e no cume das montanhas inacessiveis, do que acceitarem a batalha.

Ainda que provavelmente inferiores em coragem aos Vuaganda, é certo que em algumas occasiões foram bem succedidos na guerra, d'outro modo não se explicaria como os corajosos e guerreiros Usongora se submetteriam a Ny-ika, rei de Gambaragara.

Este rei possui varias aldeias em differentes pontos da montanha, e passa d'umas para outras á medida que as pastagens, no sitio onde está, se tornam insufficientes para os seus numerosos rebanhos. O leite é o principal sustento dos Gambaragara, e deve ser assim em vista do grande numero de rebanhos que ha n'este paiz e em Usongora. O Katekiro de Uganda quando saqueou este paiz, dizem que levou d'aqui cincoenta mil cabeças de gado grosso. Sambuzi que assistiu a esta façanha, muitas vezes me contou esta brilhante aventura.

Este povo é d'uma raça particular. Segundo se diz, vieram do Unyoro septentrional, e no tempo em que emigraram eram quasi todos brancos, agora, entre elles, os



negros são tão numerosos como os brancos; isto provem de successivas guerras, muito antigas, e de casamentos entre vencidos e vencedores, dando estas uniões em resultado nascerem os mestiços, com o corpo muito franzino e as pernas extraordinariamente compridas. A família real e a dos chefes continuam a conservar o exclusivismo de não casarem com quem não pertença á sua classe, e por este facto conservam a cõr primitiva. Dizem que as mulheres pertencentes a esta raça são de uma belleza notavel, algumas que eu vi, não se podem chamar bonitas, dando a esta palavra a significação que tem na Europa e America, comtudo, são melhores do que as que eu tenho visto na parte da Africa que percorri, e a não ser a cabelleira, não teem nada de commum com a raça negra. Diz-se egualmente que os Gambaragara estão encaregados da guarda dos talismans de Kabba-Rega, e tem o privilegio hereditario de fornecer ao Unyoro os padres do Musimu.

Com grande despeito meu, não soube cousa alguma a respeito dos seus costumes, nem pude saber se eram superiores aos seus visinhos ou menos favorecidos com respeito a dotes physicos.

No dia 1 de janeiro de 1876, o exercito explorador, contando cerca de duas mil e oitocentas pessoas, abandonava as plantações de Kauanga, cada destacamento sob a bandeira do respectivo commandante e cada um marchando ao som da musica adoptada pelo chefe do qual dependia. Assim, a propria força de Sambuzi era conhecida a grande distancia por um toque particular, que, segundo a explicação que me deram os Vuaganda, significava: «Mta-usa, Mta-usa, (o Expoliador, o Expoliador) aproxima-se.» O toque dos musicos de Lukoma queria dizer: «Mkoma, Lukoma está perto.» Mkoma quer dizer attenção. O nome de Sekajugu era cantado com o estylo da musica d'uma canção ingleza intitulada ding-dong-bell: «Se-ka-ju-gu, Sekajugu!»

Ao deixar a sombra das bananeiras, o exercito formou em duas fileiras n'uma vereda estreita. Sekajugu na frente, Lukoma na rectaguarda, Sambuzi e a expedição Anglo-Americana occupando o centro, enquanto que os destacamentos menos numerosos, sob as ordens dos coroneis Ngezi, Mroula e Kurji, tomaram posição á direita e á esquerda para preservarem a columna das emboscadas. Esta formatura foi rapidamente executada e ao nascer do sol o grande tambor de Sambuzi deu o signal da partida.

Ao meio dia, occupámos um acampamento abandonado, conhecido pelo nome de Salt Bunder (mercado de sal), situado na margem do rio Nabutari, que separa Unyoro de Uganda.

A magnifica perspectiva campestre que tinhamos desfructado constantemente desde Dumo, no lago Victoria, termina aqui, porque do lado occidental começa um paiz mais montanhoso o qual, á medida que se dirige para o oriente, se torna cada vez mais accidentado e termina por não ser mais do que um massiço de montanhas muito altas, sem vegetação alguma, montes destacados e pedregosos, entre os quaes ha um terreno muito escarpado, apresentando á superficie grandes pedações de ferro carbonatado misturado com fragmentos de granito. Em cada dia de marcha, avistavamos duas ou tres montanhas d'uma altura tal que, dominando todas as outras, nos serviam de ponto de referencia e eram de grande utilidade para o levantamento do caminho que seguíamos.

Em 2 de Janeiro, atravessámos o rio Nabutari, ou Nabuari, entrando no Unyoro, paiz que nos era hostil e tendo caminhado cerca de dez milhas sem encommodo parámos afinal junto d'umas aldeias, em Ruoko meridional. Muito embora me não tivessem informado da mudança do territorio, eu teria immediatamente reconhecido que tinhamos entrado em outro paiz, pela differença na construcção das cabanas e pelos vegetaes que formavam



o principal alimento dos indigenas. Emquanto que em Uganda a banana era o principal alimento — o que nós achavamos muito bom, saudavel e muito digestivo — o que constitue a base da alimentação em Unyoro é a batata doce cosida com sal; e junta a outros legumes, que podessemos obter, formaria o nosso sustento.

Era divertido ver a pressa com que o nosso exercito desenterrava as suas rações. Podia-se dizer á primeira vista, pela grande quantidade de cavadores que havia nos campos, que tinhamos ali chegado unicamente com o fim de rotear Unyoro. A cava prolongou-se até ao pôr do sol, e extrahiram tão grande quantidade de batatas que parecia ser o desejo d'esta gente saquear os Vuanyoro.

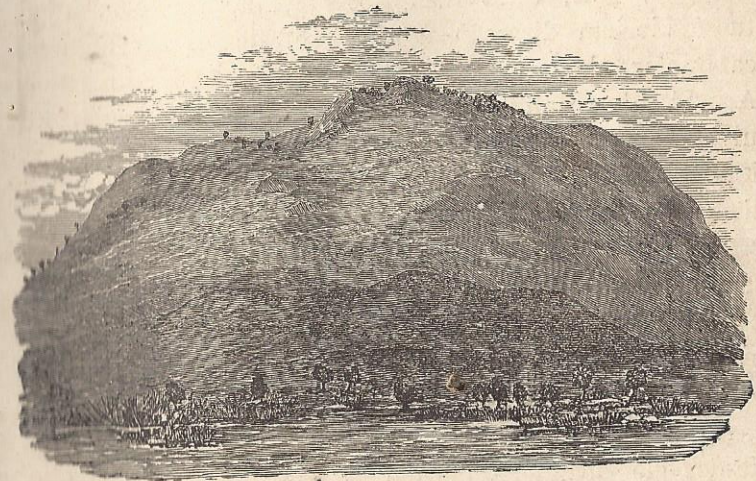
Do mesmo modo que a nossa marcha não fôra sustida por nenhum obstaculo, a nossa occupação em Ruoko meridional não foi contrariada. D'isto tiravam Sambuzi e Sekajugu sinistros presagios. « Os Vuanyoro, diziam elles, quando aqui entravamos, costumavam tocar as businas no alto das montanhas, afim de lhe dizermos o motivo da nossá vinda. Hoje está tudo deserto e silencioso; não se vê ninguém; devem, naturalmente, estar reunidos em qualquer sitio para nos atacar.» Resolveu-se, por consequencia, enviar espiões em differentes direcções, com o fim de reconhecer as disposições dos indigenas a nosso respeito: e para dar tempo a serem obtidas estas informações, a partida foi fixada para o dia seguinte.

No dia 5 de Janeiro as diversas musicas e tambores annunciaram que a hora da partida chegava. Os Vuanganda que possuíam uma bagagem muito simples, composta da sua esteira, da sua cama e dos vestuarios de reserva, e ainda assim conduzida pelas mulheres, caminhavam rapidamente, e submettiam a ardua experiencia os que pertenciam á Expedição e que iam muito carregados. Mas a minha gente não fraquejava; os portadores das duas cânôas corriam como cavallos, e chega-



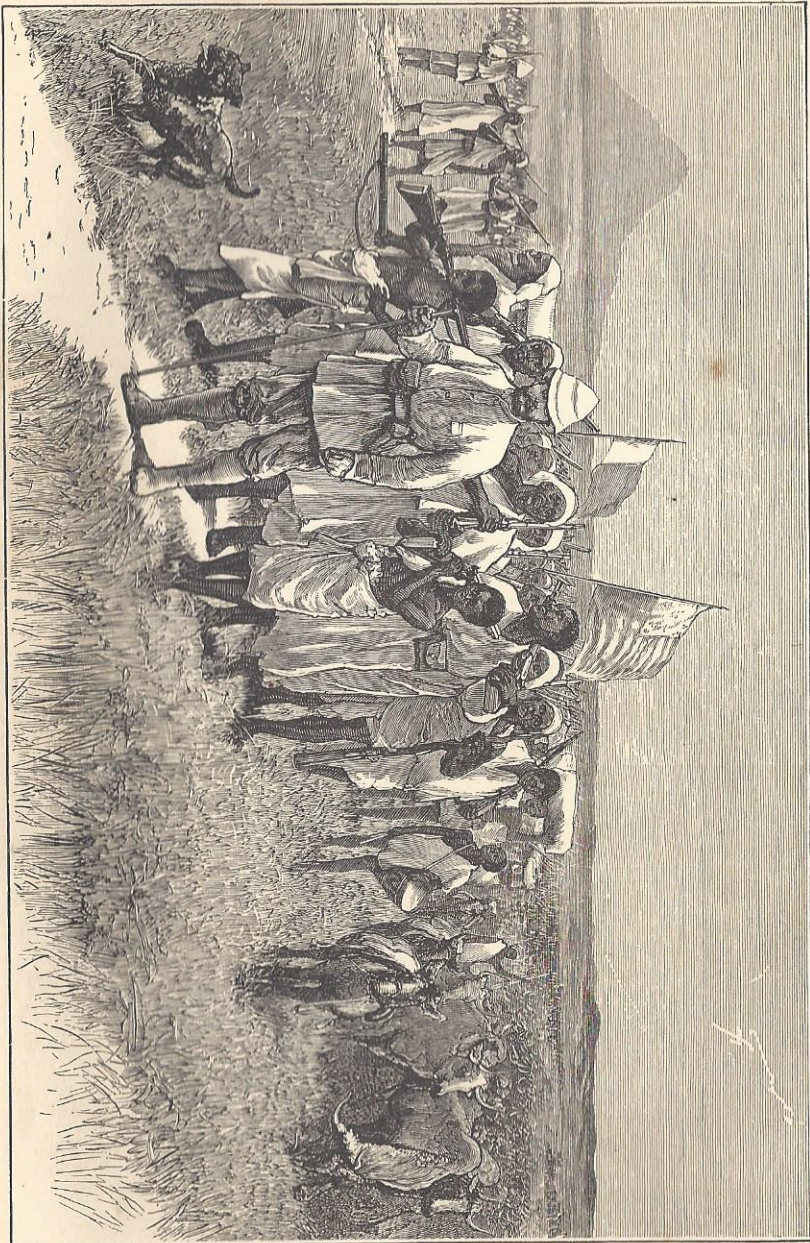
vam aos locais de bivaque ao mesmo tempo que a guarda avançada. Depois de atravessar o districto de Ruoko meridional, entrámos n'um paiz deshabitado e montanhoso; e, em seguida a uma marcha de onze milhas, acampámos em Kazinga, no Benga oriental.

No dia seguinte atravessámos o Katonga, porque agora a nossa marcha era em direcção ao poente, e occupámos o Benga occidental. Do cume d'uma elevada collina, vi, pouco distinctamente, muito longe, uma enorme massa azul, que me disseram ser a grande montanha dos Gambaragara. Dei a essa montanha o nome de Gordon-Bennett, em honra do meu chefe Americano.



Monte Edw'n Arnold

Os nossos espiões ouviram e viram aqui, pela primeira vez durante a marcha, alguns indigenas, os quaes lhes gritaram que podiamos avançar sem receio, mas que duvidavam da possibilidade de voltarmos pelo mesmo caminho, só se nós tivéssemos azas como os passaros, e passassemos muito alto. Tambem se descobriram por



MARCHA ATRAVEZ DO UNYORO: MONTE GORDON-BENNETT A DISTANCIA.



acaso alguns esconderijos dos indigenas, no meio do matto que se succedia ás planicies rasas; e a pouca distancia da aldeia encontrámos muitos fossos profundos, com uma abertura estreita e circular, os quaes, sendo examinados e seguidos, conduziam a escavações mais espaçosas, constituindo vastos quartos. Estas habitações subterraneas são muito numerosas no sul de Unyoro.

Depois de uma caminhada de dezeseis milhas atravez d'um paiz selvagem, acampámos em 8 de janeiro, na margem oriental do rio Mpanga. Esta corrente nasce proximo de Gordon Bennett, e, passando poucas milhas distante do monte Edwin Arnold, encontra-se com o rio Rusango que vem do lado nordeste, proximo do monte Lauson, situado no districto de Kibanga, no Ankori; juntando-se, pois, estes dois rios precipitam-se com impetuosidade em direcção nordeste e, depois de algumas cataractas, desaguam no golpho Beatriz. O monte Edwin Arnold, d'uma altura superior a nove mil pés acima do nivel do mar, ficava a oeste do nosso acampamento, no Mpanga, a uma distancia approximadamente de seis milhas.

Haviamos deixado o territorio de Unyoro propriamente dito e estavamos agora em Ankori, ou Usagara. Um velho tapume de madeira completamente arruinado, mostrava que os pastores do paiz traziam algumas vezes os rebanhos até á extremidade de Ankori.

A altura media dos campos que tinhamos occupado desde que abandonamos o lago Victoria não excedia a quatro mil e seiscentos pés; porém, quanto mais caminhavamos para o occidente, mais frias eram as noites. Na noite de 7 o thermometro marcou 11 e meio graus centigrados; na noite seguinte marcou 13° centigrados; esta temperatura fria, era, sem duvida, causada pelos ventos que de noute sopravam do monte Gordon Bennett. Um nevoeiro, que rivalisava com o de Londres em novembro, era certo todas as manhãs, tornando as pri-

meiras horas do dia muito desagradaveis. E era tão denso que á distancia de cincoenta passos, era impossivel avistar qualquer pessoa, e por isso sómente as trombetas e tambores é que guiavam a nossa marcha.\*

Depois do meio dia, a atmospherá tornava-se um pouco mais clara, e o sol, rompendo as nuvens espessas, apparecia-nos quando o dia estava quasi a findar.

Em 9 de janeiro de 1876 o tambor despertou nos duas horas antes do sol apparecer, porque tinhamos uma longa jornada a fazer; deviamos entrar n'aquelle mesmo dia em Uzimba, paiz que era governado pelo chefe Ruigi.

Costeámos o Rusango, que, com as suas numerosas, cascatas, rapidos e cataractas, dava-nos uma prova da rapidez da sua corrente que se ençaminhava para o Muta Nzigé. Ao pôr do sol achamos-nos n'um paiz singularmente selvagem e pittoresco, uma Suissa africana.

Picos, cones e cumes de montanhas abruptas viam-se em todas as direcções, enquanto que as torrentes d'agua gelada deslisavam por entre os rochedos desmantelados, ou sob as pontes naturaes, d'onde sahiam com rugidos furiosos. Estas massas de granito, de que o curso do Rusango está obstruido, apresentam formas muito eccentricas e tomam muitas vezes o aspecto d'um montão de escorias. Os vestigios do poderoso agente que produziu por meio d'uma convulsão o ajuntamento d'estes restos, achavam-se representados no chaos que nos cercava. Filões de quartzo branco percorrem em diversas direcções, no sentido primitivo da camada, os stratos tornados verticaes. Além d'isso o quartzo parecia ter sido comprimido em moldes circulares, que os aguas impetuosas, com a sua acção incessante, teem cavado, deixando nas rochas grandes cavidades e sulcos profundo. Um pequeno affluente do Rusango, que vinha do sul, corria sobre um leito de basalto polido, apresentando egualmente grandes veios de quartzo.



Pouco tempo depois do meio dia a columna chegou ao centro d'uma depressão da cordilheira de Uzimba, depressão situada a cinco mil e seiscentos pés acima do nivel do mar, e d'onde concluimos que teem um nivel muito inferior os campos, os jardins, e as aldeias do rei Ruigi. O paiz era populoso, mas a chegada subita da nossa guarda avançada, os tambores rufando e as bandeiras desenroladas, haviam despovoado este valle tão alegre, deixando-o inteiramente entregue ao principal corpo d'exercito. Se os indigenas fossem informados da nossa approximação, poderiam vingar-se de nós cahindo sobre a rectaguarda da nossa expedição, porque esta extensa marcha de desenove milhas tinha desorganizado um pouco as tropas, até aqui tão compactas, e haviam-se subdividido em pequenos grupos de individuos cançados e extenuados.

Um dos meus homens, chamado André, pertencente á missão Britannica de Zanzibar, havia abandonado o fardo que levava e escondera-se no matto para ahi dormir á vontade, e tendo eu enviado, logo que cheguei ao acampamento, vinte homens á sua procura até uma distancia de cinco milhas, chegaram felizmente a tempo de o salvarem, estando já em poder de um bando de indigenas. No mesmo dia, de tarde, alguns Vuaganda, que estavam doentes, foram victimas da colera d'um grupo de indigenas, que a nossa presença tinha exasperado.

A descida para os campos de Uzimba foi executada de uma maneira tão inesperada que os habitantes não sabiam de que nação vinhamos e quem eramos. Ao fugir perguntavam á guarda avançada porque razão o rei de Ankori enviava as suas tropas a este paiz, e affirmaram que no dia seguinte voltariam para nos combater. A' noite, comtudo, o grande tambor de guerra do general Sambuzi annunciou a toda a gente o character das nossas tropas, e fez saber aos indigenas que os Vuaganda estavam no seu territorio.

No dia seguinte formou-se um conselho de todos os chefes e commandantes da nossa expedição, no qual se resolveu que fosse enviada durante a noite uma força de duzentos homens capturar alguns indigenas, por intermedio dos quaes podessemos communicar as nossas intenções a Ruigi, chefe de Uzimba, e a Kasheshé, rei de Unyampaka, cujo territorio confina com o lago, do lado occidental de Uzimba. Como o lago apenas distava quatro milhas, era necessario saber com urgencia como seriamos recebidos pelos indigenas, e saber, além d'isso, se podiamos permanecer tranquillamente ali durante um mez ou mais.

Foram apanhados uns dez indigenas, e, depois de lhes dar algumas peças de panno e perolas, soltámol-os com a condição de participarem aos seus respectivos chefes que os Vuaganda acompanhavam um branco, que desejava visitar o lago, e pedia permissão para residir no paiz alguns dias; que pagaria tudo o que fosse consumido pelos seus companheiros; que não occuparia aldeia alguma, nem faria mal a ninguem, que construiria o seu acampamento separado das aldeias, e convidava todos os indigenas que tivessem viveres para vender, a virem offerecel-os ao nosso acampamento, recebendo em troca fazendas, perolas, arame de latão ou cobre, podendo estar certos de que, não dando occasião a isso, ninguem lhe faria o menor damno. Dissemos-lhe que esperavamos uma resposta no praso de dois dias.

Em 11 de Janeiro abandonámos as aldeias de Uzimba e aproximámo-nos até á distancia de uma milha da planura que domina o lago, \* n'uma altura de mil e quinhentos pés. Fieis á nossa promessa, não occupámos aldeia alguma, porém construimos o nosso acampamento

\* O nosso acampamento achava-se construido n'uma altura de 4724 pés (1436 metros) acima do nivel do mar.



no cume d'uma cordilheira de collinas, da qual observavamos todos os movimentos dos nossos vizinhos. A expedição occupava a parte mais proxima do lago, emquanto que aos Vuaganda se destinou o centro e a extremidade oriental. Ao norte e ao sul era o terreno cortado a prumo, até a uma especie de valle cheio de matto. Nenhuma arvore ou qualquer outra cousa impedia que observassemos o que se passava em redor. Os acampamentos dos Vuaganda foram cercados de cabanas, cujas portas se abriam para o exterior, podendo d'este modo ver o que se passava da parte de fóra sem serem vistos.

No dia seguinte os indigenas responderam-nos que não estavam costumados a receber estrangeiros, e que não lhes agradava a nossa visita ao seu paiz; que Uzimba e Unyampaka pertenciam ao Unyoro: que achando-se o rei d'este paiz em guerra com os brancos, não se comprehendia como um europeu viesse ao seu paiz e esperasse encontrar acolhimento; que as nossas palavras eram boas, mas que as intenções não o eram, isso não admittia duvida; portanto, deviamos estar preparados para nos atacarem no dia immediato.

Foram portadores d'esta resposta cerca de trezentos indigenas, os quaes, emquanto desempenhavam a sua mensagem, estavam prevenidos para não soffrerem qualquer desfeita. Acabando de fallar, retiraram-se em direcção ao monte Uzimba.

A declaração de guerra perturbou d'um modo singular os nervos dos chefes Vuaganda, especialmente os subalternos e os soldados da guarda de honra de Mtesa, dando em resultado convocar-se uma sessão que foi muito tempestuosa. Sabadu e Bugomba, irmão do Katekiro, usaram da sua maxima eloquencia para demover Sambuzi a retirar-se. Por outro lado, Sekajugu e Lukoma eram de opinião, fundamentando isto com habeis argumentos, que havia necessidade d'uma immediata retirada. Ao mesmo

tempo, porém, todos estavam dispostos a acompanhar Sambuzi e a defendel-o até á morte.

Eu via que estava eminente um panico; dirigi-me a Sambuzi e pedi-lhe que me escutasse. Disse-lhe então que ainda que não estivessemos a maior distancia d'um tiro de espingarda do lago Nyanza, não o tinhamos visto ainda e o imperador tinha-lhe ordenado que me acompanhasse alli; que, antes de escolhermos o local onde poderia ser o acampamento, já fallava em voltar para Uganda. Se estava decidido a partir, não era eu que o impedia de fazel-o; pedia-lhe, comtudo, dois dias e no final d'elles dar-lhe-hia uma carta para Mtesa que o justificaria de qualquer falta. N'este intervallo, quinhentos Vuaganda e cincoenta dos meus homens seriam enviados para escolher um local por onde eu podesse fazer transportar os barcos e as bagagens e um caminho por onde passassem para alcançar, sem avaria, o lago. Ao chegar a Nyanza, os vossos soldados e os meus homens, hão de ver se é possível encontrar canoas para embarcar toda a minha gente. Esta proposta agradou aos chefes; e, sem perder tempo, ás 8 horas da manhã, quinhentos Vuaganda e cincoenta da Expedição, dirigidos por Lukuma e Manua Sera, meu capitão, encaminharam-se para o lago, com instrucções para proceder cautelosamente e não sobresaltar os habitantes da margem do lago. Eu proprio com cincoenta homens fui explorar a borda do planalto para ver se encontrava um local por onde a descida fosse facil e não offerecesse perigo. O lago parecia um extenso espelho, tranquillo e azulado, excepto ao longo da praia, onde apresentava uma orla branca proveniente da espuma da ressaça. Muito embora a atmospherá não estivesse muito pura, calculei que a costa opposta, formada pelas altas montanhas do Usongora, ficava a uma distancia de quinze milhas. Usongora confina pelo lado occidental com o golphó de Beatriz.



Ao meio dia Lukoma e Manua Sera voltavam do lago, e traziam a noticia de que no primeiro plano a altura dos penhascos era de 50 pés, e que para descer os botes por estes penhascos eram necessarias cordas compridas e solidas; que os indigenas, voltando do mercado pelo caminho do lago, içavam até á superficie os sacos envolvidos em pelles de boi; que era impossivel a qualquer pessoa descer ou subir a muralha com qualquer peso ás costas, pois eram-lhe necessarias as mãos para se agarrar. Disseram mais que não tinham podido encontrar mais do que cinco canôas de pesca, absolutamente incapazes para transportar qualquer cousa. Nas margens do lago viram grande deposito de sal trazido de Usongora, assim como milho, ervilhaca, batatas, bananas e canna d'assucar em abundancia.

Estas noticias fizeram com que os Vuaganda ficassem impacientes, desejando partir immediatamente.

Numerosos grupos de indigenas collocados no cume de todas as collinas proximas, augmentaram o medo que se tinha apoderado do espirito dos Vuaganda, assim como o boato que um malicioso fez propalar de que um consideravel exercito avançava pelo sul para offerecer batalha do dia seguinte. Isto fez com que os Vuaganda começassem immediatamente a enfardar as provisões de batata, visto terem que atravessar as solidões do Ankori. Dos meus homens tambem se apoderou egual pânico, e preparavam-se em silencio para seguir os Vuaganda, pois que o seu bom senso lhes fazia perceber que, se uma força superior a dois mil homens não se achava habilitada sufficientemente para manter as suas posições, muito menos resistencia poderia offerecer a nossa expedição. Vi-os dispostos a partir, antes de terem recebido qualquer ordem a este respeito, antes que isto fosse discutido.

Os capitães dos Vuanguana da expedição extremamente preocupados, vieram procurar-me cerca do meio dia, para saber o que se havia resolvido.

Informei-os de que, pelo sacrificio da quarta parte das mercadorias que existiam ainda em nosso poder, esperava obter de Sambuzi que passasse mais dois dias em nossa companhia, porque durante este tempo talvez conseguisse descobrir o modo como havia de pôr os dois barcos a nado, o que me permittia dispôr de sessenta homens, para guardar os que fossem a pé.

O *Lady Alice* e o *Livingstone* navegariam ao longo da costa, para auxiliar os homens que iam por terra, em caso de ataque, ou para os auxiliar a transpor os regatos, até ao momento em que estivessemos proximos d'alguma ilha deserta. A caravana seria n'uma occasião conveniente conduzida para essa ilha, onde esperaria com toda a segurança que os exploradores descobrissem uma terra mais pacifica ou outro meio de continuar a viagem. Os capitães approvaram este modo de conjurar o perigo que nos ameaçava.

As cinco horas da manhã um mensageiro de Sambuzi veio chamar-me para comparecer a um conselho, ao qual assistiam todos os chefes do exercito que me serviu de escolta, para se discutir as vantagens que teriamos no ataque ou defeza, ou se deviamos combater ou fugir.

Sabadu, o commandante do destacamento dos guardas de Mtesa foi convidado a expôr a sua opinião, o que elle fez com a fraqueza d'um Thersita.

Todos os argumentos que eram susceptiveis de impedir a resolução de obedecer ao que Mtesa havia ordenado, foram apresentados por elle; desenvolveu-os com a auctoridade que lhe dava a posição de chefe dos guardas de Mtesa e a sua supposta influencia no espirito do monarcha e concluiu por dizer que se encarregava de conjurar a colera do Imperador fazendo-a recair sobre Kabbâ Rega, rei de Unyoro.

Bugomba, irmão do primeiro ministro de Uganda, muito embora contasse apenas dezeseis annos de idade, gosava já de certa influencia no conselho, e era dotado



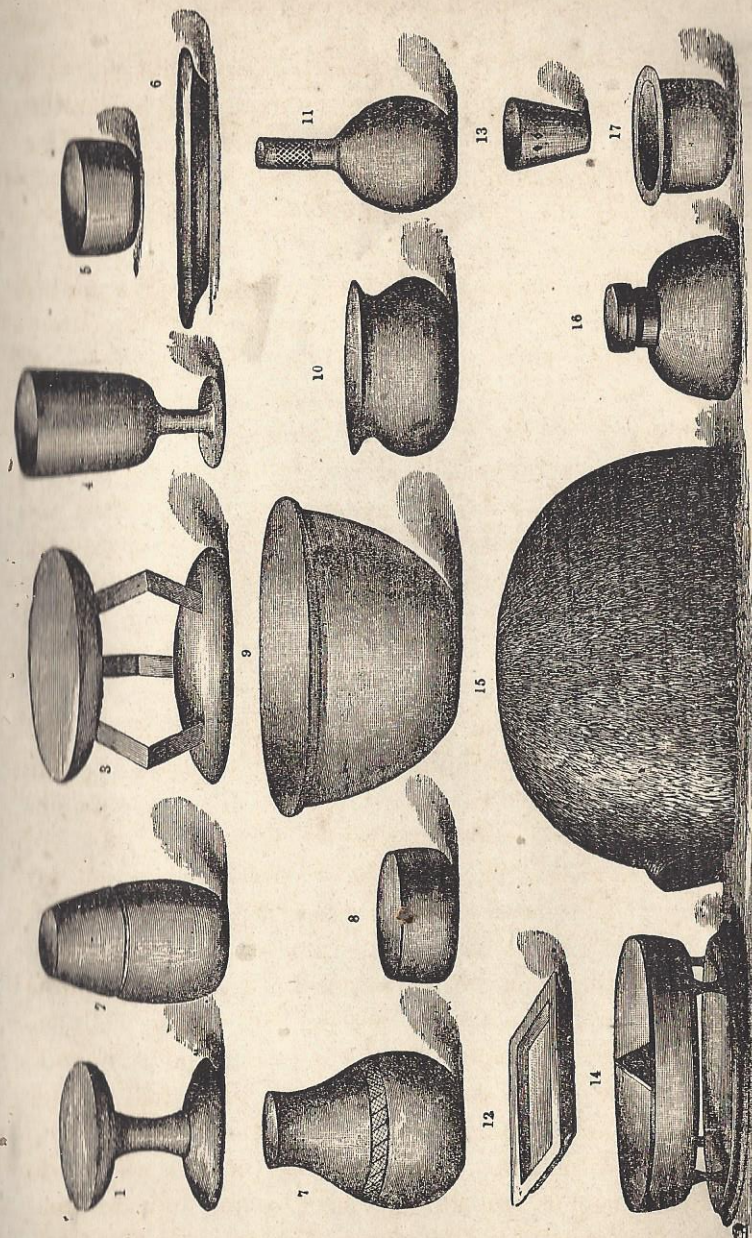
de uma sagacidade tal que podia ser invejada por muitos Europeos, tomando um ar de modestia, apoiou humildemente o anterior discurso, apresentando outros argumentos que haviam esquecido a Sabadu, e concluiu o seu discurso dizendo que a fuga se tornava absoluta e immediatamente necessaria.

O conselho enviou-o com signaes de agrado e muitos eram de opinião que se abandonasse immediatamente o acampamento, não esperando pela noite ou pelo dia seguinte.

Lukoma e Sekajugu, officiaes immediatos a Sambuzi, pediram ao general que pensasse detidamente no numero dos guerreiros que haviam de apresentar os nossos inimigos no dia seguinte; devia-se lembrar que não tinhamos auxilio de especie alguma; que todas as vantagens estavam do lado do inimigo. Este combateria no seu proprio terreno, com a coragem de quem defende a sua casa.

Admittindo que o vencessemos no primeiro dia, o inimigo voltaria no seguinte em maior numero, e dentro em pouco tempo todas as forças de Unyoro, um paiz tão consideravel como Uganda, se reuniriam para nos desalojar e massacrar. Todavia, Sambuzi era o seu general; se elle teimasse em permanecer juncto de Stamli, não abandonariam o seu chefe e morreriam ao seu lado.

Sambuzi convidou-me em seguida a expôr a minha opinião. A colera soffocava-me; vinham agora pedir-me que lhes dissesse o que pensava a esse respeito quando todos os que me rodeavam estavam dispostos a fazer inteiramente o contrario do que se tinha combinado no principio da viagem; quando até o proprio receio do Imperador não os impedia de fazer o que haviam imaginado. Não comprehendia que um chefe como Sambuzi, de tão grande experiencia e reconhecida coragem, se dignasse escutar os conselhos d'uma creança como era Bugomba, e d'um homem como Sabadu. Comtudo, fazendo



Casa e utensilios de Uzimba e Ankori

- 1 — Tamboreto de madeira. — 2 — Vaso de madeira para leite. — 3 — Tamboreto de madeira. — 4 — Copo de madeira. — 5 — Escudella de madeira onde se faz o caldo de farinha. — 6 — Prato de madeira. — 7 — Vaso de madeira dos Ankori para o leite. — 8 — Gamella de madeira. — 9 — Vaso de barro servindo de panela. — 10 — Caçarola de barro. — 11 — Bilha de barro para agua. — 12 — Prato de madeira. — 13 — Taça de madeira. — 14 — Prato de madeira para servir as bananas e as batatas. — 15 — Casa em Uzimba. — 16 — Jarro para agua, usado em Uzimba. — 17 — Taça de madeira para uso dos Uzimba.



um esforço sobre mim mesmo, e procurando não me exaltar, disse:

«Não sei que utilidade possam ter as minhas palavras, quando todos vós tendes já resolvido fazer exactamente o contrario da opinião que eu possa formular. Mas para que não possaes censurar-me por ter recusado dizer-vos o que penso a tal respeito e esquecido o perigo a que vos ia expôr a retirada, fallarei.

«Vós, Sambuzi, em Laugurué, dissestes-me que ereis um homem e não uma creança. Se sois um homem, porque permittis a uma creança como Bugomba, a quem o medo faz perder a razão, que falle n'um conselho de guerreiros, como os que eu vejo aqui? Julgaes que Bugomba vos salvará a cabeça, quando Mtesa tiver conhecimento do vosso procedimento? Não, a amizade que este rapaz professa por vós desvanecer-se-ha com um gesto do Imperador. Julgaes que o Katekiro vos agradeça a attenção que tendes para com o seu irmão? Estaes enganado; o Katekiro renegará Bugomba e será o primeiro a pedir a vossa morte. Se sois um homem, um chefe, porque daes attenção ás palavras de Sabadu? É Sabadu aqui o chefe e general dos Vuaganda, ou é Sambuzi, que combateu com tanta valentia em Uvuma? Se os chefes Lukoma e Sekajugu, vos aconselham a que deveis fugir, fazeis mal em escutal-os, porque Mtesa não os punirá a elles, mas sim a vós.

«Como amigo devo comtudo aconselhar-vos a permanecer aqui mais dois dias, tempo que necessito para montar o bote e a canôa. No fim de dois dias escreverei uma carta a Mtesa que vos porá ao abrigo de toda a censura; se me concederdes este tempo que peço, dar-vos-hei metade dó que possuo, — dar-vos-hei metade das minhas fazendas, arame e contas que podereis distribuir entre vós e os vossos amigos. Nada deveis temer dos Vuanyoro; esta noite podemos construir uma posição tão forte, que, ainda que viesse o proprio Kabba Rega nada



poderia fazer contra nós. Não ha grande perigo em ficar aqui mais dois dias, emquanto que se voltardes para Uganda sem uma carta minha, correreis infallivelmente o perigo de morrer. Tenho dito».

Depois de uma pequena pausa, durante a qual trocou algumas observações com os seus chefes, Sambuzi disse:

«Stamli, sois meu amigo, bem como de Mtesa, um filho de Uganda, e eu tenho que cumprir o meu dever com todas as minhas forças; comtudo deveis ouvir a verdade. Não podemos fazer o que nos pedís. É impossivel permanecermos aqui nem um dia. Que amanhã havemos de ter um combate, isso é fóra de duvida, e se pensaes que fallo d'este modo por medo, ver-me-heis diante do inimigo. Esta gente conhece-me ha muito tempo, e sabem que a minha lança é afiada e terrivel. A'manhã, ao amanhecer, havemos de ter uma batalha, e para tornarmos a entrar em Uganda devemos abrir caminho por meio dos Vuanyoro. Não podemos combater e continuar a permanecer no mesmo paiz, porque, uma vez começada a guerra, durará até que morra o ultimo de nós, porque os Vuanyoro não teem escravos; portanto, o que nos resta é fazermos esta noite os nossos fardos, e amanhã, ao romper do dia, pôrmo-nos em marcha forçando o caminho pelo meio d'elles. Agora fallae-me como a um amigo.

Que tencionaes fazer? Ficar aqui, ou ir comnosco procurar um outro caminho melhor? Porque eu devo dizer-vos, se é que já não sabeis ou vêdes isso, nunca, n'este sitio, conseguireis lançar os vossos barcos ao Nyanza. Como podeis transportal-os, emquanto combaterdes e milhares de inimigos vos perseguirem de todos os lados? Ainda mesmo que consigaes chegar á borda do lago, como podereis combater e trabalhar ao mesmo tempo?»

A isto respondi:

«Depois do modo de proceder que eu observei nos Vuaganda, sei qual é a vossa decisão. Quando Magassa

foi encarregado de me acompanhar a Usukuma pelo lago, fugiu e deixou-me só em Bambireh. Quando os Vuaganda foram escoltar até Gondokoro, Abdul Assiz Bey (Mr. Linnant de Bellefonds), acompanharam-n'o até Unyoro, e quando viram que os Vuanyoro se approximavam, abandonaram-n'o, roubando-lhe quasi todas as suas caixas e Abdul Assiz Bey teve que percorrer só, o caminho até Gondokoro. Nós, os brancos, sabemos que não ha homens tão cobardes como os de Uganda. Quanto ao vosso conselho agradeço-o, e esta noite dar-vos-hei a minha resposta».

Apenas saí do conselho, Sambuzi mandou rufar o grande tambor de guerra para annunciar a marcha e o presumido combate do dia seguinte. Annunciou egualmente aos anciosos membros da Expedição que os Vuaganda haviam resolvido voltar para Uganda. Ao chegar ao meu acampamento vi a anciedade escripta em todos os rostos. Mandei chamar Pocock á minha presença bem como todos os outros membros da Expedição, e fiz-lhes ver a nossa posição e a decisão de Sambuzi de voltar para traz; descrevi-lhes os perigos que nos ameaçavam, as esperanças que podiamos ter e pedi-lhes para darem a sua opinião com toda a franqueza, com toda a liberdade.

Depois de alguma hesitação o corajoso e fiel Kachéché fallou, e disse:—«Senhor, eu não sei como pensam os meus irmãos aqui presentes ácerca d'este assumpto, mas vejo muito bem que nós fomos conduzidos até á borda d'um precipicio profundissimo, e que os Vuaganda lançar-nos-hão n'elle se não os seguirmos. Pela minha parte, não tenho nada a dizer, senão que farei exactamente tudo o que me ordenardes. Viver ou morrer, é para mim a mesma cousa. Se disserdes, deixae partir os Vuaganda sem nós, eu direi a mesma cousa; se disserdes que é preciso voltar para traz, eu tambem direi: voltemos. E' isto que eu penso. Mas eu desejava



perguntar-vos, se, determinando nós continuar a viagem sem escolta, teríamos alguma esperança de sair do nosso acampamento, rodeados como estamos pelos indigenas que nos declararam guerra? Se todos estes Vuaganda com o nosso auxilio são insufficientes para sustentar convenientemente a sua posição, como poderemos nós, tão pouco numerosos como somos, fazel-o? Eis o que penso, e a razão, supponho eu, do panico da Expedição. E tambem vos direi uma cousa: quando Sambuzi mandar amanhã reunir para a marcha, mais de metade da Expedição acompanhal-o-ha e não podereis obstar a isso.

«Bem, repliquei eu, eis a minha decisão. A minha intenção era explorar este lago. Quando parti de Usukuma, duvidava que o podesse fazer sem o auxilio dos Vuaganda, porque não ha, nas margens d'este lago, povo algum amigo dos estrangeiros; foi por este motivo que eu pedi a Mtesa o auxilio d'uma escolta numerosissima. Como não ha, n'esta margem, nenhuma povoação amiga, onde vos podesse deixar emquanto navegasse no lago, pensei em apoderar-me de alguma aldeia durante um ou dois mezes. A força com que eu contava desampara-me e os indigenas são hostis; só me resta, voltar com Sambuzi, e alcançar o lago por outro caminho. Se não o encontrar, poderemos dar-nos por muito satisfeitos com o que já fizemos.»

Os Vuanguana ouviram esta minha decisão com signaes de alegria, e disseram: — «Prasa a Deus, que nós achemos outro caminho, e outra vez que realisarmos trabalhos d'esta especie, ha de ser sem o auxilio dos Vuaganda».

Sambuzi foi informado d'esta nossa resolução e pediu-me n'esta mesma occasião que me enviasse vinte homens para auxiliar os meus, que estavam extenuados, a conduzir o nosso material. Ao amanhecer reunimos as nossas forças e, com melhor ordem do que quando entramos em Unyampaka, abandonámos as penedias do Muta

Nzigó. Mil homens com lanças e escudos formavam a guarda avançada; e outros tantos, tambem armados de lanças junctamente com trinta dos meus melhores Vuanguana armados de escudos formavam a rectaguarda. As mulheres, crianças, o resto da escolta e a minha gente compunham o centro. Os tambores, pifanos e os diferentes musicos deram finalmente o signal para a partida.

Os indigenas, de quem esperavamos o ataque, contentaram-se em seguir-nos a respeitosa distancia até sairmos de Uzimba, e vendo que a nossa formatura de marcha era muito compacta para nos atacarem, deixaram-nos continuar em socego.

O caminho que seguíamos era ao sul d'aquelle que havíamos percorrido quando nos dirigíamos ao lago. Ia em direcção ao Ankori, e o nosso primeiro acampamento foi estabelecido nas margens do Rusango onde chegámos cerca das quatro horas.

Na manhã de 15, depois de atravessarmos uma cordilheira de pequena altura, tendo duas milhas de largo, atravessámos o Katonga, que, n'este local, corria do noroeste, e tornámos a entrar em Unyoro. N'este dia a nossa expedição formava a guarda avançada, e quando estávamos proximo de Kazinga, no Benga, fomos atacados furiosamente pelos Vuanyoro que estavam embuscados, sendo, porém repellidos sem nos causarem a menor perda.

Em 27, acampávamos em Kissossi no Uganda, um pouco ao oriente do local onde Sambuzi se nos tinha reunido com a sua escolta. Aqui separamo-nos; Sambuzi ou Mta-usa, o Expoliador, foi para os seus dominios, situados proximo d'este local; justificou a sua alcunha, esquiccendo-se de me entregar cento e oitenta arrateis de perolas que lhe havia pedido para trazer até Uganda, accrescentando por este facto mais uma queixa ás que eu tinha já contra elle.



Demorei-me em Kissossi tres dias para dar á Expedição o descanso necessario; descanso de que ella tanto carecia. Durante este tempo enviei Kachéché acompanhado por dois homens com uma carta para Mtesa, na qual eu o informava do pouco cuidado com que Sambuzi tinha cumprido as suas ordens, do roubo dos tres saccos de perolas e do irregular comportamento de Sabadu e Bugomba.

Segundo me informou Kachéché, poucos dias depois quando se juntou commigo em Charugaua, o effeito que a minha carta causou a Mtesa e a toda a sua côrte não foi dos mais lisongeiros para Sambuzi. Kachéché foi chamado ao Burzah e convidado a repetir em voz alta tudo o que se tinha passado entre mim e Sambuzi, depois que nos reunimos em Laugurue. Esta narração foi escutada com muita attenção, e era a miudo interrompida por violentas exclamações que o imperador soltava, e nas quaes ameaçava o general.

Quando Kachéché terminou, Mteza disse:

«Vêde até que ponto me envergonham os meus subditos? E' a terceira vez que me fazem faltar ao que prometto aos brancos. Mas, pelo tumulo de Suna, (juramento muito solemne entre os Vuaganda) meu pae, hei de ensinar a Sambuzi e a todos vós que não lhes é permittido zombar do Kabaka! A ida de Stamli ao lago foi contrariada por Sambuzi, um vil escravo que, na presença do meu hospede, pretende ser mais do que eu. Quando fui eu desattencioso para um hospede, como este miseravel o foi para com Stamli? Tu, Saruti, disse elle de repente ao chefe dos seus guardas, reúne os teus guerreiros, vae procurar Sambuzi, apodera-te do seu territorio e traze-me o general amarrado».

Saruti prostrou-se fazendo o juramento de que se apoderaria das terras de Sambuzi, tornando-se elle agora o «Expoliador» e que traria Sambuzi cheio de cadeias como um escravo. Deveis notar aqui, que Saruti e Sambuzi estimavam-se como se fossem dois irmãos.

«E tu, Katekiro, disse Mtesa voltando para elle os seus olhos flammejantes, como é que o teu irmão Bugomba, um simples pagem, se arroga tanta importancia? Dize-me, onde aprendeu elle a dar conselhos assim?

«Meu senhor» («Mkama ange»), «Bugomba é uma oriança, merece chicote pelo seu procedimento e eu mesmo farei com que elle seja castigado.

«Muito bem, vae buscar Bugomba e Sabadu, e traze-m'os sem demora; teem a lingua muito comprida mas eu farei com que elles não se tornem a servir d'ella contra nenhum dos meus hospedes.

«Agora, Kachéché», disse Mtesa, «o que pretende Stamli fazer? Julgaes que se eu lhe der cem mil homens, sob as ordens de Sekebobo e Mkuenda elle possa voltar outra vez ao Muta Nzigé?»

«Póde, Kabaka, mas julgo que já não confia muito nos Vuaganda, porque é a segunda vez que o teem enganado. Magassa abandonou-o, Sambuzi tambem, e, talvez Sekebobo faça o mesmo. Deante de vós, os Vuaganda são muito bons, mas desde que se afastam, esquecem as vossas ordens, e roubam as mercadorias e tudo o que podem.

Sekebobo e Mkuenda ao ouvirem estas palavras precipitaram-se para o imperador, exclamando:

«Kabaka, permitta-nos que vamos atravessar o paiz de Kabba-Rega de Unyoro, de Mtambuko, rei d'Ankori, e todas as nações em volta não nos farão recuar.»

«Muito bem, disse o Imperador. Agora vós, Dallington, disse elle ao membro da missão Ingleza que eu lhe havia deixado, haveis de escrever uma carta a Stamli. Dizei-lhe que volte a Katonga, e que Sekebobo e Mkuenda, com sessenta mil ou mesmo cem mil homens, acompanhal-o-hão até Muta Nzigé, e não o abandonarão senão quando tiver terminado o seu trabalho. Dizei-lhe que fica com todos os poderes sobre os meus chefes e que poderá castigar da fórma porque quizer os que sem sua ordem pretenderem voltar para Uganda.



Em Charugaua, proximo do Nilo Alexandra recebi eu a carta de Dallington em que me pedia para voltar e tentar mais uma vez chegar ao lago\*. Esta carta deixou-me muito perplexo, mas, depois de pensar no que devia fazer, decidi que era uma imprudencia perder o meu tempo d'esta maneira; além d'isso tropas indisciplinadas como aquellas eram não se podiam governar, e arruiariam sem duvida o paiz onde permanecessem. Estavamos tambem agora muito distantes do Muta Nzigé, e para voltar na incerteza, muito embora as promessas do Imperador, pelo conhecimento que eu tinha do character dos Vuaganda, seria, na minha opinião, um acto de loucura. Escrevi a Mtesa n'este sentido, e terminei a carta dirigindo-lhe uma amigavel despedida, tendo antes agradecido a sua generosa offerta.

\* A carta era concebida n'estes termos:

«Meu caro sr. H. M. Stanley,

«O que aconteceria para que Sabadu chegasse primeiro, sem carta alguma? Eu perguntei-lhe: «onde está a carta que trazeis para mim?» Ao que elle me respondeu: «a carta é a minha boca», mas eu não acredito em palavras. Fui em seguida ao Sultan e contei-lhe o que se passava. O Sultan chamou Sabadu e perguntou-lhe «Onde está a carta? ao que elle respondeu: «Não tenho carta nenhums». Foi depois enviado a Pokino,—o Katekiro, mas o meu coração adivinha que elle vos abandonou. Por isso agora mando outra escolta commandada por outro chefe, e vamos punir Sambuzi. É melhor esperardes pelos Vuaganda para vos acompanharem até Mutanzigé, porque vendo que Sambuzi foi castigado, todos os outros hão de obedecer ao que mandar o seu soberano. Eu, Dallington, creado d'um branco, não desejo mentir-vos, mas referir-vos só a verdade. O Sultan (Mtesa) está de saude. Esta carta foi escripta muito á pressa, e peço-vos duas ou tres folhas de papel para vos escrever mais tarde.

«30 de Janeiro de 1876.

«SEYYID MTESA,  
«Filho do Sultão Suna de Uganda.»

Kachéché, ao voltar da capital com a carta do Imperador, encontrou o desgraçado Sambuzi carregado de cadeias, e aquelle, longe de o lastimar, não pudera deixar de lhe dizer:

«Ah, ah, Sambuzi, ides agora desempenhar deante do proprio Mtesa o papel de Kabaka; mas vós não sois agora tão bello como outr'ora; passae muito bem Sambuzi.»

Saruti, o expoliador, obteve grandes despojos, possuía agora duzentas mulheres e trezentas vaccas de leite, além d'um extenso e fertil districto no valle Katonga, districto muito povoado com aldeões robustos e laboriosos, e guerreiros que lhe seriam submissos d'ora em diante.

A minha carta de despedida final terminou as minhas relações com o poderoso monarcha de Uganda, e foi a ultima cousa que fiz durante a minha permanencia n'este paiz de bananas e de magnifica hospitalidade. Desde este momento, a expedição não devia submeter-se senão a uma unica vontade, e seria guiada por um só homem bastante resolutos para não sujeitar a sua pessoa ou a sua vontade ao capricho, authoridade ou favor d'outro homem, qualquer que elle fosse.

Estavamos perto do Nilo Alexandra n'um sitio chamado Ndongo, quando tomámos esta resolução e a puzemos em practica, porque os emigrantes estabelecidos n'esta localidade declararam que não passariamos sem obtermos permissão do seu chefe, e que esta permissão só se obteria pagando-a. Todavia, vendo que permaneciamos em não lhes darmos cousa alguma, deixaram-nos atravessar o Nilo Alexandra sem nos fazerem damno algum.

As informações que os indigenas de Uganda, Kiziuva e Karagué (alguns d'elles muito intelligentes), me tinham dado a respeito da largura e impetuosidade do Alexandra, tinham despertado em mim um vivo desejo de examinar este rio com mais cuidado do que tivera no anno anterior.



No sitio onde o atravessámos, o Kagera, que tambem se denomina Kitangule ou Ingezi, e que eu sempre chamei Nilo Alexandra, tinha n'essa occasião 411 metros de largo; mas cerca de 300 metros corriam lentamente pelo meio de papyros e canaviaes. Os restantes 100 metros pertenciam a um rio profundo com uma corrente cuja velocidade era de tres nós e meio por hora. A agua era d'uma côr avermelhada, e extremamente pura com relação á largura do rio, e podia dizer-se que procedia d'algum lugar que não estaria muito distante.

Os Vuaganda e Vuanyambu da côrte de Rumanika conhecem este rio pelo nome de «Mãe do rio que existe em Jinja» (Nilo Victoria), mas as informações que me deram ácerca da sua nascente são diferentes. Dizem os primeiros que o Muta Nzigé nasce em Mpororo, dirige-se para o sul, corta em duas partes o Ruanda e, em seguida contornando Kishákka, corre para o norte, separando Karagué de Ruanda.

Rumanika, o rei de Karagué não é menos extravagante na sua theoria ácerca da nascente do Nilo Alexandre, porque a suppõe no Lago Tanganika, atravessando Urundi. Comtudo, estas e muitas outras informações faziam augmentar o meu interesse pelo rio Kagera, e o desejo de o explorar cuidadosamente. Por algumas sondagens que lhe fiz, depois da minha viagem ao Lago Victoria, e pelo exame de diferentes ribeiros que desaguam n'elle, conclui que o rio Alexandra ou Kagera é o principal affluente do lago.

Uma jornada de quatorze milhas na direcção do valle do Alexandra a partir da margem meridional, conduziunos até á base das altas montanhas do Karagué. Este paiz comprehende todas as cordilheiras entre Usongora e o Nilo Alexandra na direcção este a oeste. Parece que em epocas remotas, estas cordilheiras faziam parte das altas terras de Koki e Ankori, situadas ao norte, e das de Ruganda, ao sul, mas, como o lago Victoria tinha

aberto uma saida pelo meio da argila e dos schistos de Usoga e Uganda, baixou o nivel, a corrente impetuosa do Alexandra ou Kagera abriu um leito mais profundo no centro do paiz, que n'essa occasião formava apenas um unico planalto de grande altura, e os milhares dos seus affluentes precipitaram-se por esta depressão, cavando elles mesmos mais profundamente os seus respectivos leitos.

A 24 de fevereiro acampámos em Nakahanga, uma aldeia situada doze milhas distante de Kiyanga para o lado sul, e no seguinte dia, depois de uma marcha de treze milhas, entrámos em Kafurro, aldeia do Karagué.



CAPITULO V

Kafurro e seus magnates — O lago Vuindermere — Rumanika, o bom rei do Karagué — Seu paiz — O Ingezi — No meio dos mosquitos — Ilha de Ihéma — O triplice cone do Ufumbiro. — Um rhinoceronte bicorneo — As nascentes quentes de Mtagata — A sociedade geographica de Karagué — O thesouro de Rumanika Novas particularidades do elephante e do rhinoceronte — Uhimba Vista d'olhos retrospectiva.

Kafurro deve toda a sua importancia a tres ricos arabes que ali se estabeleceram e que são: Sayid-bin-Sayf, Hamed Ibrahim e Said o Mascati. Kafurro está situado n'um valle profundo a mil e duzentos pés abaixo do cume das montanhas que o rodeiam e juncto da nascente d'uma corrente d'agua que se dirige primeiro para Este e que depois, desviando-se um pouco para norte, vae lançar-se no Nilo Alexandra. A riqueza de Hamed Ibrahim, é constituida por gado, escravos e marfim. Dando credito aos numeros por elle mesmo fornecidos, vemos que elle é possuidor de cento e cincoenta bois e vaccas leiteiras, quarenta cabras, cem escravos e quatrocentos e cincoenta dentes de elephante. A maior parte d'este marfim é, dizem, armazenado no Urangua, provincia Umyamuezi e confiado á guarda do chefe que é amigo do proprietario. Hamed habita uma casa espaçosa e confortavel, tem numerosas mulheres e muitos filhos. É um bello gentleman arabe de côr clara, generoso e hospitaleiro para os seus amigos, bom para os escravos e muito amavel para as suas mulheres. Habita na Africa ha dezoito annos, tendo passado doze

em Karagué. Conheceu Suna o valoroso pae de Mtesa, visitou frequentemente Uganda e percorreu muitas vezes o caminho que de Unyanyembé conduz a Kafurro. Estabelecido ha muito em Karagué é amigo intimo do rei que, assim como Mtesa, gosta de ver estrangeiros na sua côrte. Hamed tem por varias vezes procurado estabelecer relações commerciaes com a imperatriz de Ruanda mas as suas tentativas teem sido sempre mallogradas. Alguns dos seus escravos que teem chegado á côrte da imperatriz teem sido envenenados; e de todos os que lá teem ido só dois conseguiram escapar fugindo, o que prova quanto habilmente são postas em pratica n'esta capital a traição e a astucia. Pelo que me disse Hamed, a imperatriz deve ser uma mulher de elevada estatura, de meia idade, de côr clara e com olhos grandes e brilhantes. Ha alguns annos o filho d'ella, um rapaz de dezoito annos envenenou-se, porque ella o tratava de modo que, segundo o que elle mesmo dizia, só a morte poderia terminar a dôr que tal procedimento de sua mãe lhe causára.

Hamed disse-me que estava plenamente convencido que todos os membros d'esta familia descendem d'alguma raça do norte, talvez de origem arabe.

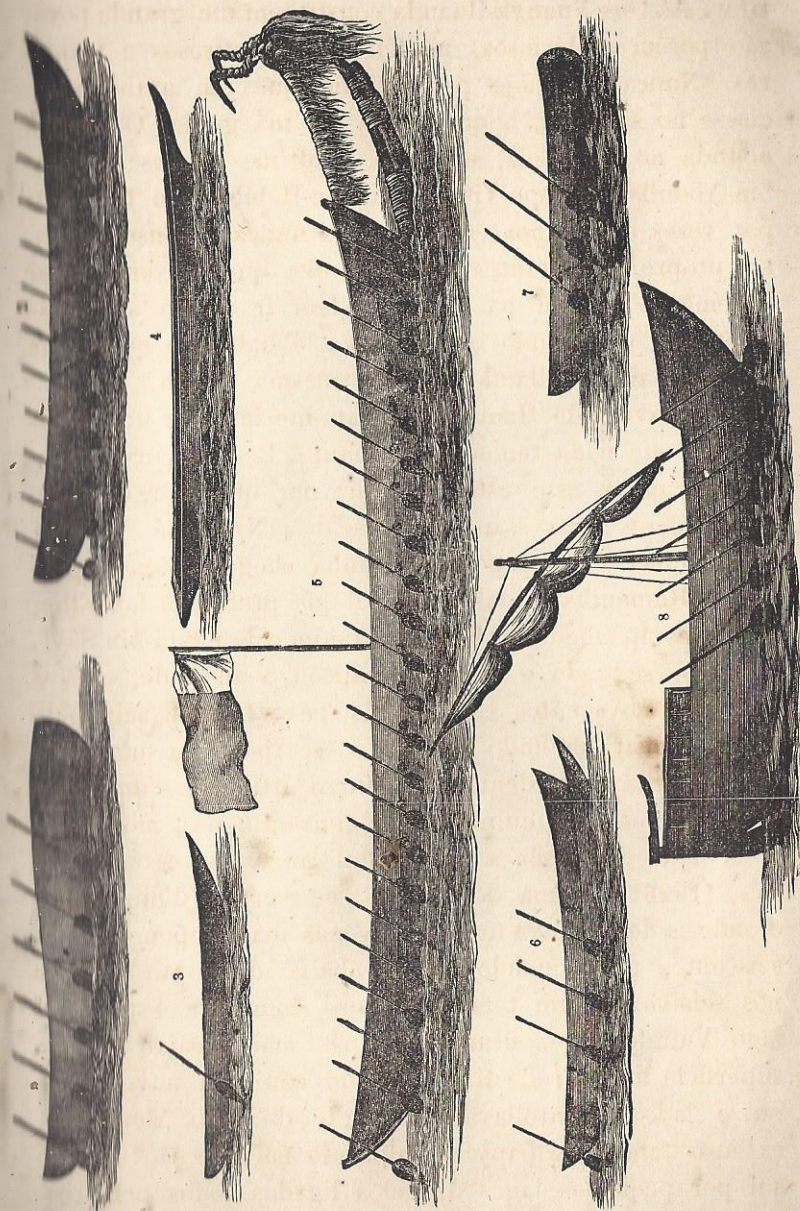
«— Como, a não ser assim, disse-me Hamed, poderia o rei de Kishakka ter um alfange arabe, recebido por herança e que todos os membros da familia real veneram, por ser o sabre do fundador da monarchia? Entre a gente dos paizes que nos rodeiam e os Vuashensi ordinarios, acrescentou Hamed, ha tanta differença como entre mim e elles. Eu esposaria uma mulher de Ruanda tão voluntariamente como uma mulher de Muscat. Tu verás Vuanya-Ruanda em Rumanika e poderás então julgar por ti mesmo. Os povos d'este paiz não são cobardes; pelo contrario, conquistaram Kishakka, Muvani e acabam de se apoderar de Mpororo. Os Vuaganda tiveram já occasião de se medirem com elles e foram obrigados a re-



tirar. Ah! os Vuanya-Ruanda constituem um grande povo; são porém ambiciosos, malfeitores, mentirosos e traidores. Nunca até hoje permittiram que um arabe negociasse no seu paiz, o que prova ser má gente. O marfim abunda no seu paiz; e nos oito ultimos annos Khamis-bin-Abdullah, Tippu-Tib, Sayid-Bin-Habib e eu tentámos por vezes entrar no seu paiz, mas nunca o conseguimos. Os proprios habitantes de Rumanika que deixam entrar livremente no seu paiz, não podem ir muito além das fronteiras e comtudo o Rumanika é habitado quasi que pela sua raça, fallando quasi a mesma lingua.

As palavras de Hamed deixaram-me intrever uma perspectiva que nada tenha de brilhante. Resolvi porém, procurar ganhar este estranho paiz por qualquer caminho conhecido e atravessando-o, chegar a Nyangué.

No terceiro dia depois da minha chegada, tendo prevenido Rumanika da visita official que pretendia fazer-lhe, parti acompanhado de Hamed Ibrahim e de Sayid-bin Sayf. Kafurro, segundo o que me indicou o aneroides, está a tres mil novecentos e cincoenta pés (1200<sup>m</sup>) acima do nivel do mar. Subindo a encosta escarpada da montanha que se acha a occidente de Kafurro attingimos uma altitude de cinco mil quinhentos e cincoenta pés; no fim de meia hora parámos a cinco mil trezentos e cincoenta pés, (1626<sup>m</sup>), acima do Oceano, no vertice d'um monte d'onde se desfructava uma das scenas mais imponentes. A seiscentos pés, quando muito, abaixo do ponto em que nos achavamos, um terraço relvoso dominava o pequeno lago Vuindermere, situado mil pés mais abaixo e cuja superficie unida reflectia o azul do ceu sem nuvens. Do outro lado desenrollava-se o valle do Nilo Alexandra, extenso tapete de papyrus salpicado na direcção norte e sul por pequenos lagos azuladós ligados todos pela corrente sinuosa e argentea do rio, mostrando ou fazendo pensar, que seria aquelle um importante objecto d'uma exploração, exploração indispensavel para bem conhecer



Canôas e pangaos d'Africa

1 — Usukuma. — 2 — Ujiji e Urundi. — 3 — Unyampaka (Golpo Beatriz). — 4 — Manyema, no rio Lusua. — 5 — Uganda. — 6 — Ukereué. — 7 — Karagué, no Nilo Alexandra. — 8 — Bârco arabe do Ujiji.



as relações que existem entre o rio, o lago e o valle. Para o sul d'este valle, avistam-se um sem numero de cristas, cadeias de montanhas succedendo-se umas ás outras, separadas porém por extensas e profundas bacias e depressões paralelas; depois altas montanhas vão perder-se de vista no vago horisonte. A nordeste, a uma distancia proximamente de seiscentas milhas, eleva-se um massiço de cones enormes que me disseram serem os montes de Ufumbiro. Na sua base, do lado norte, estende-se o Mpororo; do lado oeste começa o Ruanda. Da extremidade septentrional do pequeno lago Vuindemore parte uma cadeia irregular de montanhas, em fórma de anel, que se prolonga para o Norte até Ugoi e termina pelo Isossi, montanha em fórma de zimborio. Ao sul do ponto em que nos achavamos elevava-se, a uma distancia de quasi oitocentos metros, o monte Kazuiro, e na mesma direcção e a trinta milhas distinguiam-se as massas irregulares e confusas das montanhas de Kishakka.

No terraço relvoso que se achava a nossos pés via-se uma aldeia cercada por uma estacada circular; era a residencia real. Depois de admirarmos o bello panorama que resumidamente tentei descrever, descemos em direcção a essa aldeia.

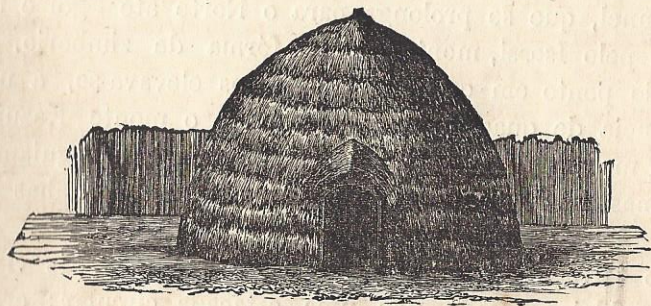
O nosso acompanhamento não tardou a attrahir centenas de indigenas, pela maior parte creanças, completamente nuas, a não serem as que já tinham entrado na adolescencia. Hamed disse-me por essa occasião que alguns dos mãis novos eram filhos de Rumanika e os outros são Vuanya-Ruanda. Os filhos do rei sustentados a lacticinios apresentavam um magnifico aspecto. A sua pelle oleosa e fina, singularmente tenra sobre as fórmas arredondadas, sem apresentar uma ruga, brilhava ao sol como se o calor tivesse derretido o tecido gordo que ella cobria.

Os seus olhos, grandes, brilhantes e mostrando uma



extraordinaria viveza, eram d'uma extranha meiguice. Um artista teria achado em qualquer d'estes principes um magnifico modelo para uma estatua que rivalisaria com a de Antinous.

Depois de nos terem saudado pela nossa feliz chegada da maneira a mais graciosa, escoltaram-nos e durante o resto do caminho eu pensei que d'este povo se poderia dizer com verdade: — Raça tres vezes feliz, que, não pensando em verter sangue, procura no leite puro o seu simples sustento. Fomos, depois de chegar, introduzidos n'uma casa onde se achava sentado Rumanika, espe-



Casa do thesouro de Rumanika

rando a nossa visita e onde nos recebeu com o seu melhor e mais paternal sorriso.

A' vista d'este velho pagão, d'olhar meigo, confesso que me senti tão impressionado e commovido como se estivesse na presença d'um dos patriarchas que a igreja venera ou d'um santo cuja memoria honra. O seu rosto sereno fazia-me lembrar a agua tranquilla e limpida d'uma fonte; a sua palavra era suave e socegada e eu procurava involuntariamente fallar tão baixo como elle ao passo que em minha consciencia reprovava o tom aspero e elevado e os gestos violentos com que Hamed fallava.

A' vista do aspecto venerando e seductor d'este pagão, d'um character irreprehensivel, não me admirava já da profunda afeição que o irascivel e vivo Mtesa lhe dedicava. E esta afeição era tanto mais para estranhar quanto era certo que Mtesa nunca havia visto Rumanika, mas os pagens do primeiro tinham-lh'o pintado tão fielmente, e com a sua incomparavel mimica tinham de tal modo reproduzido os gestos, as modulações da voz do segundo que Mtesa o conhecia como se o vira. Mas que differença, que contraste, havia entre estas duas naturas! Quando se entregava a um dos seus arrebatamentos de ira, Mtesa era o furor personificado.

Se um actor tivesse de representar n'um theatro um d'estes accessos de colera em que pretendesse imitar o imperador, seria quasi impossivel conseguir o seu fim. Quando os Vuaganda me queriam descrever um d'esses accessos do imperador, recorriam sempre a pantomimas espantosas com o fim de tornar menos saliente a insufficiencia da sua descripção. «Os seus olhos, diziam elles, são ballas de fogo do tamanho de punhos, as suas palavras expludem como a polvora.»

A natureza que dotou Mtesa d'um temperamento vigoroso, d'uma extrema violencia, extraordinariamente bilioso, d'uma susceptibilidade excessiva, deu a Rumanika a doçura, o socego e a bondade d'um pae.

Rumanika estava envolto n'um manto encarnado. Em quando esteve sentado pareceu-me um homem de mediana estatura, quando porém se levantou, vi que eu apenas lhe dava pelo hombro; devia ter d'altura seis pés e seis pollegadas (1<sup>m</sup>,98); tinha o rosto comprido, o nariz aquilino e o seu perfil era francamente d'um typo distincto. A entrevista foi extremamente agradável. Todas as minhas perguntas, todas as minhas respostas despertavam n'elle o mais vivo interesse.

Quando eu fallava, elle impunha silencio aos seus amigos e inclinando-se para mim ouvia-me com a mais ávida



e concentrada attenção. Se eu pedia algumas indicações geographicas, mandava immediatamente procurar o individuo mais habilitado para esse fim e elle mesmo o interrogava de modo o mais instante.

Quando me viu tomar apontamentos, sorriu-se d'um modo approvativo, como se tivesse n'isso algum interesse pessoal. A sua alegria augmentava á medida que via crescer o numero de linhas escriptas e fez notar aos Arabes com um ar de triumpho quanto os brancos lhe eram superiores. Dissè-me que o enchia d'alegria o desejo que eu tinha de visitar o Karagué, um paiz, acrescentou elle, que todos os brancos deviam conhecer.

Tem um grande numero de lagos, rios, montanhas, nascentes d'agua quente, e muitas outras cousas que outro qualquer paiz não póde gabar-se de possuir.

«Dizei-me Stamli; de qual gostaes mais, de Karagué ou de Uganda?»

«O Karagué é um grande paiz, respondi, as suas montanhas são altas e os seus valles profundos. O seu grande rio é bello e os seus lagos são encantadores.

«O Karagué é mais rico em gado do que Uganda, excepto Uddu e Koki, e a caça é abundante. Uganda porém é tambem um bello e rico paiz; as suas plantações de bananeiras são como florestas; em Uganda não ha perigo de morrer de fome; Mtesa é bom e bom é tambem, em Karagué, o pae Rumanika, acrescentei sorrindo.»

«Ouvís, arabes? Não falla bem? Sim Karagué é bello, acrescentou elle com um suspiro de satisfação. Stamli conduzi o vosso barco e lançae-o no Rueru (o lago); podeis subir o rio até Kishakka e descer até Morongo (as quedas), onde a agua se lança contra um grande rochedo, saltae por cima e depois ide alcançar o Nianja de Uganda. Verdadeiramente o meu rio é muito grande; d'elle nasce o rio de Jinja (quédas Ripon). Vereis todo o meu paiz e quando tiverdes acabado de examinar o rio, mostrar-

vos-hei alguma coisa mais: as nascentes d'agua quente do Mtagata.

A 6 de março, o barco, montado na aldeia de Kazinga, foi lançado por Frank no Vuindermere; \* o Rureu de Rumanika, e no dia seguinte fui para a margem do lago acompanhado pelo rei que vinha vestido em grande gala, se é permittida esta expressão referindo-nos a um rei d'Africa. Meia duzia de pesados anneis de cobre brilhante ornavam-lhe as pernas, e braceletes do mesmo metal cercavam-lhe os pulsos, e um manto de flanela carmezim caía-lhe dos hombros.

O seu bastão tinha sete pés de comprimento, e os seus passos tinham um metro d'alcance. Era seguido por tambores e pifanos tocando uma musica barbara. Cincoenta homens armados de lanças, os seus filhos, os seus parentes, a gente de Uganda, de Ussui, de Ruanda, d'Unyoro, de Uanyamuézi, os Arabes e os Vuanguana compunham o cortejo. Quatro canôas tripuladas por Vuamyambu (indigenas), estavam promptas a luctar em velocidade com o *Lady Alice* cuja tripulação era commandada por Franck. Nós fomos sentar-nos sobre as encostas relvosas de Kazinga para gosar este espectáculo; e eu recommendei aos meus homens que fizessem todos os esforços para sustentarem a fama dos filhos do Oceano e não se deixarem vencer pelos filhos do lago.

Uma regata de botes e canôas em Karagué, no Vuindermere, tendo como espectadores mil e duzentos gentlemen indigenas! Uma festa internacional africana! Rumanika estava no seu elemento, todo elle estremecia de jubilo com a perspectiva de tão grande funcção. Os seus filhos, sentados á roda d'elle, contemplavam-n'o, reflectindo-se nas suas faces o enthusiasmo de que o pae es-

\* Este lago foi assim chamado pelo capitão Speke, segundo a observação do coronel Grant, que disse parecer-se com o pequeno lago inglez Vuindermere.



tava possuído. Os indígenas tomavam parte na festa geral.

A corrida não durou muito tempo, terminou apenas chegaram á ponta de Kankorogo, distante oitocentos metros. A velocidade foi quasi igual em todos os contendores, mas isto bastou para promover a satisfação geral. Os indígenas, tripulantes das canoas, manobravam os seus compridos remos com a energia de que podiam dispôr, ao passo que os Vuanguana, estimulados pelos camaradas que tinham ficado na praia, faziam voar o barco por cima das aguas.

No dia seguinte começámos a circumnavegação do Vuindermere. A extensão do lago durante a estação invernos, é de proximamente oito milhas, por duas e meia de largo. Na direcção de norte e sul está cercado de grandes montanhas cheias de hervas, que se elevam a uma altura de mil e duzentos a mil e quinhentos pés. Tem uma ilha chamada Kankorogo, situada a meio caminho entre o monte Isossi e a extremidade meridional do lago.

Fiz tres sondagens, e obtive quarenta e oito, quarenta e quatro é quarenta e cinco pés de profundidade em differentes pontos. O solo da praia é colorido pelo oxydo de ferro, e, excepto nas proximidades das aldeias, produz unicamente euphorbias, gommeiros espinhosos, acacias e aloes.

No dia 9 passámos por diante da ilha de Kankorogo, e, atravessando um canal de quinhentos a oitocentos pés de largo, dirigimo-nos para o Kagera, onde tivemos que luctar contra uma corrente de dois nós e meio por hora;

A largura do rio n'este sitio varia entre cincoenta a cem metros.

A media de dez sondagens que eu fiz n'este dia, deu-me cincoenta e dois pés no meio do canal, e nove juncto dos papyrus que se elevavam como um espesso bosque por cima das nossas cabeças. Algumas vezes, encontravamos bandos de hyppopotamos, no meio dos ca-

naviaes, em angras d'algumas centenas de pés de extensão. Em Kagayyo, permanecemos algum tempo na margem esquerda, para gosar a paisagem que d'alli se disfructava, porque do meio do rio, apenas se via o horisonte, o alto das montanhas e os papyrus que nos rodeiavam. Descobrimos então o verdadeiro character do terreno que eu tinha imaginado ser um valle quando o tinha visto do cume da montanha entre Kafurro e a capital de Rumanika.

O Ingezi, como os indígenas lhe chamam, comprehende todo o espaço desde a base da montanha de Muvari até á praia do Karagué com o rio chamado Kagera, os Funzo ou papyrus, e os Ruerus ou lagos, que são em numero de dezeseite, incluindo o Vuindermere. A sua maior largura, da base d'uma cordilheira a outra, é de nove milhas; a parte mais estreita tem cerca de uma milha. Desde as cataractas de Morongo em Iuanda, ao norte, até Uhimba, ao sul, tem cerca de trezentas e cincoenta milhas quadradas. Os Funzo, ou papyrus, cobrem uma superficie de nove a quatorze pés d'agua. Cada um dos seus lagos tem uma profundidade de vinte a sessenta e cinco pés, e são todos ligados entre si, assim como o rio, sob o tapete fluctuante, pelos papyrus.

As cinco horas da tarde, quando estavamos distantes de Kizinga, umas tres milhas para o norte, abrigámos o barco debaixo d'uns papyrus com disposições de passar ahi a noite. Os Vuanyambu fizeram o mesmo.

Os meus homens derrubaram alguns papyrus dos mais seccos, cortaram-lhes as pontas em fórma de vasos, e estenderam as esteiras por cima d'esta cama improvisada, esperando passar ahi uma noite agradável. Accenderam os fogos no meio de tres pequenos troncos que sustinham as cassarolas. A ideia não era de certo das melhores, pois que os troncos tinham que ser frequentemente substituidos: comtudo, afinal, as bananas



estavam sufficientemente cozidas. Chegou, porém, a noite e nuvens de mosquitos d'uma voracidade extraordinária atacaram os meus homens; e, durante uma hora ou duas, não se ouviam senão gemidos que não nos deixavam dormir, misturados com o ruído incessante das pontas dos papyrus que serviam para os fazer afugentar. Passado algum tempo começou a minha gente a sentir a humidade; depois agua em abundancia; sendo afinal obrigados a refugiarem-se nos barcos, onde passaram uma noite pessima, porque os mosquitos multiplicavam-se e não cessaram de os atormentar até ao amanhecer com a obstinação peculiar a estes vampiros sempre vorazes.

No dia seguinte, cerca do meio dia, descobrimos um canal estreito e turtuoso que nos conduziu a um lago que parecia um rio, da extensão de cinco milhas, e, tendo saído d'elle, seguimos um outro canal semelhante ao precedente, e impellindo as nossas canôas e bôtes á vara, alcançámos a ilha Unyamubi, rica em gados.

D'uma saliencia que se elevava cerca de cincoenta pés acima de Ingezi, calculei que nos achavamos a uma distancia de quatro milhas aproximadamente de Kishakka e a igual distancia, d'uma ponta de terra projectada pelo Muvari.

No dia immediato subimos o Kagera n'uma extensão de duas milhas, e em seguida voltando para, traz até uma distancia de quatorze milhas, entrámos no lago Ihema, uma milha distante de Muvari. Os indigenas da ilha Ihema affiançaram-me que o lago Muta Nzigé estava apenas a onze dias de marcha d'aquellas praias, e que os Vuanya-Ruanda frequentemente os visitavam, offerecendo-lhes leite e legumes em troca de peixe. Tambem me disseram que o Muorongo, — ou, por outras palavras Nauarongo — tem a sua nascente nas montanhas de Ufumbiro, atravessa Ruanda, e lança-se no Kagera a sudoeste e um quarto de oeste de Ihema; que o Akanyaru

é um lago muito grande, cuja circumnavegação não se pode fazer em menos de trinta dias de viagem em canôas e que está collocado entre Ruanda, Uhha e Urundi. No meio d'este lago está uma Ilha onde, isto é ainda baseado nas mesmas informações, as canôas vindas de Uhha costumam passar a noite, partindo no dia seguinte para Ruanda onde chegam cerca do meio dia.

Os indigenas de Ihema são muito corajosos, tratados e alegres, mas estão sujeitos a duas doenças, qual d'ellas a peor; a lepra e elephantiasis. A ilha é formada d'um schisto revestido d'uma camada de allu-



Indigena de Uhha

vião pouco espessa. A agua do lago Ihema é boa e agradável ao paladar, mas, como todas as aguas do Nilo Alexandra, distingue-se pela côr carregada de ferro.

Começámos, no dia seguinte, a caminhar ao longo da costa de Muvari ou Ruanda, que começa na extremidade sul do lago; proximo de uma pequena aldeia tentámos desembarcar mas os habitantes d'ella mostraram os dentes como os cães quando querem morder, e agitavam os seus arcos d'um modo ameaçador, o que nos obrigou, — na qualidade de hospedes de Rumanika — a affastar-nos e a abandonar estes individuos ao seu feroz exclusivismo.

Voltando ao Kagera, descemol-o, e ás 7 horas da tarde



chegávamos ao nosso pequeno acampamento em Kasinga, na extremidade sul do Vuindermere.

No dia 11, continuando a descer o Kagera, chegámos até Ugoi; na tarde de 12, voltámos ao nosso acampamento de Vuindermere.

Em 13, depois de ter dito a Franch que conduzisse o bote até Kafurro, pedi a Rumanika que me concedesse alguns guias para me acompanharem até ás nascentes d'agua quente em Mtagata, e, fiel á sua promessa, trinta homens foram postos á minha disposição.

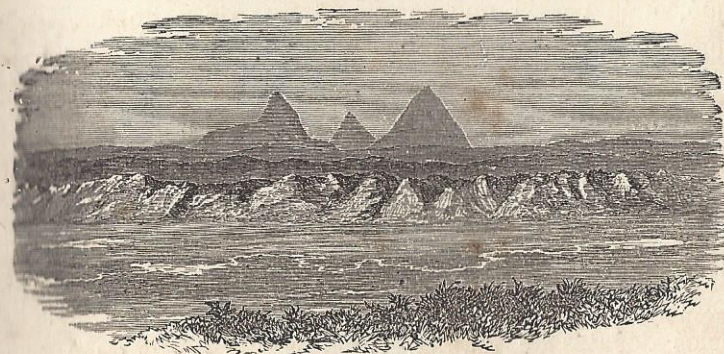
O caminho que seguíamos conduzia-nos, na direcção norte, ao cume d'uma cordilheira elevada, situada entre Kafurro e Vuindermere. Para qualquer lado que olhassemos, não se viam senão pastagens; montes, cumes, vertices, valles, tudo estava cheio de herva, era um paiz excessivamente pastoril. Em um pequeno numero de desfiladeiros é que se viam algumas arvores nos sitios mais elevados.

Chegando ao sul do lago Vuindermere e de Isossi, montanha que lhe fica do lado do norte, descemos um valle sinuoso e cheio de hervas, e no nosso trajecto de dez milhas desde Isossi até Kasya contei trinta e dois rebanhos de gado grosso, cuja totalidade dava talvez a somma de novecentas cabeças. Vimos igualmente sete rhinocerontes, dos quaes tres eram brancos, e quatro de côr escura. Os guias pediram-me para matar um; porém possuia poucas munições e como não tinha a certeza do tiro, recusei, não querendo ferir inutilmente o animal e perder um cartucho.

No dia seguinte, ás oito horas, proximo da extremidade do valle, achámos o lago Méruré que tem proximamente duas milhas de comprimento, e atravessando tres differentes montanhas, chegámos á montanha de Kiuandaré, e da sua curva, que fica cinco mil pés acima do nivel do mar, apercebemos distinctamente, na direcção oeste-noroeste magnetica, o triplice cone do Ufum-

biro. A distancia que ia de Kiuandaré até Ufumbiro calculei-a em quarenta e cinco milhas, e cerca de sessenta ao cume que domina a capital de Rumanika. Varias cordilheiras, que separam os valles lateraes, elevam-se entre o valle do Nilo Alexandre e o massiço do Ufumbiro.

De Kiuandaré descemos gradualmente ao longo do cume até chegarmos a um terraço mais baixo. Perto das cinco horas da tarde, um dos que me acompanhava, viu um rhinoceronte d'uma côr muito escura e bicornio. As provisões faltavam-nos, e a natureza do terreno permittindo a facil aproximação, caminhei com muito cuidado até á



Vista das montanhas de Ufumbiro proximo das nascentes de Mtagata

distancia de cincoenta passos do animal, e enviei-lhe, fazendo a pontaria a uma orelha, uma bala de zinco, que o matou no mesmo instante.

A quantidade de carne que o animal me forneceu era mais que sufficiente para alimentar os meus dezoito Vanguana; portanto, accedendo ao desejo d'estes, consenti em acampar ali mesmo, n'um local exposto aos ventos frescos da montanha os quaes não deixaram de nos visitar durante a noite. Os meus homens, procurando lenha em abundancia e absorvidos pela interessante occupação de fazer assar a carne do rhinoceronte em grandes fogueiras, nada soffreram com o frio.



No dia seguinte, ás 9 horas da manhã, descemos o desfiladeiro de Mtagata, depois de ter caminhado, desde Kafurro, trinta e cinco milhas em direcção ao norte.

Este desfiladeiro está situado no angulo que fórma o encontro da extremidade norte da montanha Kiuandaré com uma cordilheira transversal. Possui grande numero de arvores que a humidade das nascentes e o calor do solo fizeram adquirir proporções gigantescas e com uma folhagem de grande espessura. Uma matta d'arbustos, de cipós, de plantas trepadeiras de todas as dimensões, tem crescido á sombra d'estas enormes arvores, resultando d'isso uma escuridão d'um effeito surprehendente. Creio que, uma pessoa que se encontrasse de noite, só, [n'esse logar tenebroso, achal-o-hia bastante phantastico e experimentaria uma estranha commoção. Grandes cynocephalos\* e macacos de cauda muito comprida, gritavam nas ramadas, curvando os troncos e fazendo cair as folhas ao saltarem de arvore em arvore.

Na occasião da nossa visita, á nascente d'agua quente de Mtagata, que gosava, parece, de grande reputação em todo o Karagué e nos paizes visinhos, era ella frequentada pelos doentes de Iuanda, Ngoi, Kiziua, Usongora e Usui.

As nascentes são em numero de seis; na propria occasião da sahida da agua achei-lhe uma temperatura de  $129\frac{1}{2}^{\circ}$  Fahr. (57 cent.) Nos tanques, que tem cerca de 12 pés de diametro e dois a cinco de profundidade, o thermometro não indicou mais do que  $110^{\circ}$  Fahr. (43% cent.) excepto um que ficava mais ao norte e que marcou só  $107^{\circ}$  Fahr. (41% cent.).

Guardei uma pequena porção d'esta agua que tirei d'um dos tanques, e, ao chegar a Londres, enviei a aos srs. Savory e Moore, chimicos muito conhecidos, que, poucos dias depois me davam o seguinte resultado da analyse que fizeram:

\* Especie de macaco com a cabeça semelhante á d'um cão.

«O liquido é claro, sem côr e sem cheiro. Deixando-o assogado, deposita em pequena quantidade um sedimento vermelho de materia granulosa.

«Examinando-o chimicamente, produz uma fraca reacção alcalina, e o seu pezo especifico, rectificado a  $60^{\circ}$  Fahr. ( $15^{\circ},56$  cent.) é de 1004, tendo tomado 1000 para base.

«A evaporação de 100 grammas deixou um pequeno residuo cristalino, do peso de  $\frac{1}{37}$  grammas e era composto de carbonato de soda, carbonato de cal, sulphato de cal, e chlorureto de soda. Esta ordem representa a sua proporção; o carbonato de soda sendo o principal elemento, e os outros saes existindo em quantidades mais diminutas.

«O deposito foi removido e examinado micro-chimicamente; achou-se que consistia em areia ferruginosa e parcellas de cellulose.

«É portanto uma agua ligeiramente alcalina, cuja alcalinidade é devida á presença do carbonato de soda, que pôde ahi existir em solução no estado de bicarbonato contendo a agua em solução gaz acido carbonico, que desenvolve quando se aquece.»

Os indigenas elogiaram-me tanto estas aguas, que eu resolvi permanecer aqui tres dias afim de conhecer pessoalmente os beneficios que ellas poderiam produzir. Bebi grande quantidade d'esta agua com a idéa de consolidar a minha saude, mas, em logar de adquirir por isso algum beneficio, succedeu-me o contrario, porque, poucos dias depois de a tomar, fui atacado d'um violento accesso de febres intermitentes, occasionadas, supponho eu, pelo resultado da humidade da athmosphera. Todavia, de manhã e de tarde, banhei-me no tanque reservado expressamente para mim por Luajumba, filho de Rumanika, e foi esta a unica vantagem que obtive durante a minha permanencia nas nascentes d'esta agua.

Os doentes de affecções cutaneas curavam-se rapida-



mente, e isto era resultado, creio eu, da propriedade excepcional do banho em si, e não das condições medicinaes da agua. Durante muitos dias houve aqui uma concorrência extraordinária de indigenas que chegavam ou partiam, e as conversações alegres e animadas, o banho, a natação, e os passeios occupavam todo o tempo, ao passo que a musica e os cantos barbaros despertavam os eccos das montanhas.

A nossa persistencia n'este local tornava-se ainda mais agradável pela presença de Luajumba, o qual, seguindo o exemplo de seu pae Rumanika, era hospitaleiro e de maneiras brandas e agradáveis. Enviou-me um boi, duas cabras, dez gallos, bananas, batatas doces e farinha, quatorze cabaças cheias de maramba que foram recebidas com reconhecimento e retribuidas com usura.

No dia 18 de março, partimos de Mtagata e voltámos para Kafurro. No caminho matei um rhinoceronte branco que os meus homens esquartejaram para levar aos seus camaradas; no dia seguinte cada um dos Vuanguana trazia um carregamento superior a vinte arrateis de carne.

Tendo descansado durante dois dias, fiz nova visita a Rumanika, conseguindo este que houvesse uma outra sessão da sociedade de geographia de Karagué. Não era necessario descrever as informações que me deu Rumanika respectivamente á distribuição das tribus e raças no Continente Negro, mas persuadido que o mundo geographico encontrará algum interesse nas informações que recebi de Rumanika e dos viajantes do seu paiz, transcrevo aqui, litteralmente, as notas que tomava quando fallavam.

Hamed Ibrahim disse:

«Os meus escravos teem-se afastado até grande distancia, e dizem que o rio Ni-Nauarongo nasce na vertente occidental das montanhas de Ufumbiro, atravessa uma parte de Ruanda, e entra no lago Akanyaru onde encontra o Kagera vindo do sul. Unidos aqui os dois

rios saem do lago entre Uhha e Kishakka, e, passando entre Karagué e Ruanda, lançam-se no Nianza (Nyanza).

«O rio Ruizi tambem nasce da base septentrional do Ufumbiro, em Mpororo, atravessa Igara, Shenã, Ankorã, o lago do rei de Koki (Luampula), e tomando o nome de rio Chibarré ou Kiuaré, junta-se ao Kagera abaixo de Kitangulé.

«Se de Mpororo, partirdes em direcção ao Occidente, vereis o Muta Nzigé, o Nianza de Unyoro. Ha n'elle grande numero de ilhas. O Utumbi é um paiz de ilhas, e os indigenas que o habitam são muito socegados, mas não podereis atravessar o Mpororo, porque os indigenas que o povoam são Shaitans — diabos — e os Vuanya-Ruanda são igualmente maus; e porque lhes aconteceu alguma desgraça quando os Vuanguana ahi entraram pela primeira vez, não querem que os estrangeiros os vão visitar. E' um povo singular, e muito astucioso.

«A oeste de Ruanda ha um paiz chamado Mkinnyaga, onde se acha um grande lago, ácerca do qual ouvi dizer que nenhum arabe ainda ali tinha ido.»

Em seguida um indigena do Usui occidental tomou a palavra e expressou-se nos seguintes termos:

«O Mkinnyaga fica situado do lado occidental do lago Kivu ou Nianza Cha Ngoma, d'onde sae o rio Rusizi que se vai lançar no lago de Uzigé (Tanganika). Para alcançar o Mkinnyaga, é preciso primeiro atravessar Unyambungu, onde em seguida se vê o grande lago de Mkinnyaga.

«O lago Kivu communica com o lago de Akanyaru, muito embora haja alli muita herba, como aqui ha no Ingezi. Uma canôa poderia ir do lago Kivu ao Kishakka, mas isto seria um trabalho muito arduo.

«O lago de Akanyaru, que os Vuahha chamam Nianza Cha Ngoma, é muito grande. Para o atravessar na sua maior largura gasta-se n'uma canôa dia e meio, e para o descer, são precisos dois ou tres dias. Está situado en-



tre Ruanda, Uhha, e Urundi e junta-se ao Kagera que se para o Uhha do Urundi. O Nauarongo lança-se no Ruvuvu entre Ugufu e Kishakka, o Ruvuvu lança-se no Kagera entre Kishakka e Karagué, o Kagera entra no Ingezi, passa proximo de Kitangulé e lança-se no Nianja de Uganda. O lago Kivu está situado a oeste-sudoeste da capital de Kibogora, na parte occidental de Usui; não tem comunicação com Muta Nzigé, lago de Unyoro».

Depois d'este um indigena de Zanzibar que havia acompanhado Khamis bin Abdallah ao norte do Uhha occidental, disse o seguinte:

«Fui ao oeste do Uhha, paiz do rei Khanza, e vi um grande lago. Na verdade havia ali muita agua. Urundi ficava á minha esquerda, Ruanda na frente e eu estava em Uhha.»

Rumanika tomou em seguida a palavra e desenvolveu largamente todas as suas informações, das quaes apenas dou um extracto:

«De Mpororo, em meio dia de viagem em canôa pôde conseguir-se chegar até Makinda, no Utumbi. A ilha chama-se Kabuzzi. Continuando a navegar, no fim de tres horas chegareis á ilha de Karara, e d'aqui, tendo navegado mais meio dia conseguireis alcançar Ukonju, onde ha uma tribu de cannibaes.

«Mkinyaga é o limite de Ruanda e o seu lago é o Muta Ngizé, pelo qual podeis ir até Unyoro. Ali ha uma raça de anãos que se chamam Mpundu, e uma outra denominada Batua ou Vuatua, que teem apenas dois pés d'altura. Em Uriambua ha uma raça de individuos baixos que possuem cauda.

«Em Uitua, ou Batua-Vuatua, está situada a extremidade meridional de Usongora.

«De Butua, n'uma extremidade de terra em Ruanda, podeis vêr Uitua Usongora.

Estando em Butua, Mkinyagu fica situado á esquerda, a uma distancia proximamente de tres dias de jornada.

«Alguns dos Vuasiua viram, n'um d'aquelles paizes longiquos, habitantes cujas orelhas chegavam até o chão. Para dormir, servia-lhe de esteira uma orelha, e a outra cobria-os, garantindo-os frio, como se empregassem qualquer pelle destinada a esse fim. Os Vuasiua deligenciaram trazer um exemplar d'esta raça tão singular, mas a viagem era muito longa e morreu no caminho.»

Bom velho o Rumanika! com que alegria elle presidia ás sessões da sociedade de geographia de Karagué e como elle sorria referindo esta ultima e extraordinaria informação de Münchhausenism! Tinha a certeza que era considerado como o melhor informado de todos quantos estavam presentes, e gosava antecipadamente do prazer que experimentaria a velha Europa quando lhe referissem estas maravilhas da Africa equatorial. Ambicionava igualmente vêr o meu livro de notas encher-se com as suas palavras, e temi que elle desejasse impôr estes apontamentos á credulidade de honrados christãos. Todavia, com esta advertencia, os seus contos tornam-se inoffensivos e podemos agradecer-lhe por nos ter fornecido estas informações.

Já que publico estas notas geographicas posso tambem accrescentar a ellas o resumo d'outras informações que me offereceu um indigena de Usongora ácerca do Muta Nzigé. Este indigena encontrei-o em Kauanga com Sekajugu, um dos Vuatongoleh que me acompanharam ao golpho de Beatriz.

«Partindo de Ruoko, no Unyoro, fica Gambaragara á direita, e Usagara ou Ankori á esquerda. Uzimba, paiz do Ruigi, fica situado a quatro dias de jornada para o lado do poente.

«Chegando a Uzimba, se tomardes para a esquerda podereis alcançar Luhola, ficando Usongora á direita.

«A' esquerda tereis Umyampaka, Kasita, Kishakka, Chakiomi, Nyteré, Buhuju, Makara, Unyamururu, Munya, Chambiro e os Buambu, que são cannibaes.



«Se vos dirigis para a direita, chegareis a Usongora, Mata, dois dias depois a Nabueru, e em seguida a Butua, d'onde se vê, para o lado esquerdo, o paiz de Ruanda.

«O paiz de Ruigi chama-se Uzimba.

«Kitaguenda é o nome do paiz visinho:

«Unyanuruguru acha-se situado entre Ruanda e Usongora.

«Todos os Vuasongora teem emigrado de Unyoro.»

O que se segue ácerca de Muta Nzige resulta de informações dadas por um indigena de Unyampaka:

«O nome de meu rei é Bulema. Kashéshé é o nome d'um poderoso rei de Uzimba. Ruigi morreu. Da residencia de Kashéshé, olhando para o occidente, podereis vêr Usongora. Para ir de Kashéshé a Usongora, é preciso alcançar a ilha de Nkoni, e em seguida a ilha de Ihundi.

«A' esquerda, muito longe, olhando sempre para o occidente, tereis Utumbi, Mahinda, Karara, e as ilhas Kabuzzi.

«Ha abundancia de sal no Usongora; nós ahí o vamos buscar de Unyampaka (o meu paiz) para o vender nos paizes visinhos. O paiz de Ankori não se estende até Muta Nzigé; Bahuju e Unyamuruguru estão situados entre Ankori e o lago.

«Nyika é rei de Gambaragara e Usongora. Ao norte de Gambaragara fica situado Toru ou Tori, paiz que faz parte de Unyoro. Kabba Rega é o poderoso rei de todas estas ilhas. Os remedios (talismans) de Unyoro são guardados por Nyika no cume das suas elevadas montanhas. Ha ali tanta quantidade de gente branca como preta. No cume da montanha existe um Nianja em ponto pequeno, no meio do qual se eleva, a prumo, um rochedo. Dos flancos da montanha precipita-se enorme quantidade de agua, algumas vezes de grande altura, fazendo um ruido de ensurdecer. Ha tambem numerosos rebanhos e grande quantidade de bois e vaccas pertencentes

aos Gambaragara e Usongora. Os povos de Usongora são muito guerreiros; arma-se cada um de tres lanças e um escudo, e não vivem senão de leite e batatas.»

Agora apresentarei algumas «reflexões» d'um joven philosopho de Uganda, que era pagem de Sambuzi, e que acompanhou o seu senhor a Usongora por occasião do grande destroço feito tres annos antes pelo Kaktekiro.

Este rapaz fez-me perder a idéa em que estava de que o raciocinio era uma cousa pouco commum e que a faculdade de observação caracterisava a raça branca; fez, repito, com que eu ficasse desilludido a este respeito, pela seguinte pergunta que me dirigiu:

«Stamli, não me dirá porque motivo todos os brancos teem o nariz comprido e os cães que lhe pertencem o nariz curto\*, ao passo que quasi todos os pretos teem o nariz curto e os cães o nariz comprido?»

Um mancebo de Uganda, pensei eu, que pôde formular um problema semelhante, é para ser notado.

«Dizei-me, pedi-lhe eu, tudo o que sabeis ácerca de Muta Nzigé e de Kagera».

«Bem, respondeu elle, vêde o Kagera; é extenso, profundo, rapido e a sua agua, sendo escura, é comtudo clara. D'onde virá ella? Ha n'aquelle rio uma enorme quantidade de agua; é o principal affluente do rio de Jinja, porque, sem elle o nosso Nyanza seccava!

«Dizei-me d'onde elle vem? Não ha paiz assaz grande para o alimentar, porque subindo até ao paiz de Rumanika, ainda encontraes um rio muito grande. Se ides até Kishakka, paiz mais para o sul, ainda o achais bastante largo e do mesmo modo em Kibogora. O Urundi não está muito distante e depois d'este ha o Tanganika.

\* O joven philosopho observára que os narizes do meu bull-dog e do bull-terrier eram pequenos, e d'isto concluiu que todos os cães dos brancos tinham o nariz chato.



«Dizei-me, onde desagua o Muta Nzigé? Naturalmente no Kagera, que se dirige para o nosso Niyanza; o rio Jinja (Nilo Victoria) dirige-se para Kaniessa (Gondokoro). Digo-vos que necessariamente isto deve ser assim.

«Tendes visto, não é verdade, que o Rusango e o Mpanga, se encaminham para o Muta Nzigé? Pois bem, devem ahí haver muitos rios como estes, que se precipitam igualmente no Muta Nzigé. E qual é o rio que absorve todos os outros, senão o Kagera? perguntou elle triumphantemente.

«O Usongora é um paiz maravilhoso! Os seus habitantes são valentes; e quando o Katekiro, acompanhado dos chefes de Mkuenda e Sekebobo, d'alguns Katunzi, os quiz combater, conheceu que eram muito diferentes dos de Gambaragara. Os homens d'este paiz são muito altos, de pernas muito compridas; armam-se de lanças e escudos. Deligenciaram fazer-nos toda a qualidade de astucias. Um dia em que nós estávamos nas margens d'um rio que corria para o norte, atravez do Tinka-tinka, semelhante ao do Katonga, os Vuasongora que estavam na margem opposta gritaram-nos que estavam promptos. Sambuzi foi morto no dia seguinte e nós perdemos muitos homens. O Katekiro, porém, não se bateu como os outros chefes; é excessivamente corajoso e queria agradar a Mtesa. Combatemos durante seis dias.

«Os Vuasongora tinham uma grande quantidade de cães que soltaram contra o nosso exercito. Como conduzimos o seu gado do lado de Gambaragara, a terra começou a tremer, abriu-se em alguns sitios saindo por ali a lava. A agua do lago era muito amarga, e matou bastantes Vuaganda; deixava nas margens uma substancia branca, que parecia sal.

«A primeira vez que vimos Muta Nzigé, foi quando perseguíamos Nyika até ao cume da sua elevada montanha, em Gambaragara. Não pudemos chegar perfeita-

mente ao cume, porque era muito alta \*. Mas pudemos ver o Usongora e um grande lago que o cercava de todos os lados. Quando voltámos com a nossa preza, Mtesa mandou-nos, pouco tempo depois a Ankori, e do alto d'uma elevada montanha proximo de Kibanga (Monte Lawson), vimos de novo o Muta Nzigé, para o lado de Oeste. Oh! é um grande lago, não tão largo como o nosso Niyanza, mas mais comprido. Todo o sal de que precisamos tiramol-o do Usongora, e o paiz de Nyika paga-nos o seu tributo em sal, porém este paiz colhe-o nas suas planicies, e não é tão bom para comer como quando é lavado e esfregado.»

Este mancebo acompanhou-me no Karagué, e pela sua intelligencia e esperteza, conseguiu saber dos Vuanyambu, cortezaos na côrte de Rumanika, algumas noticias, que me referiu da seguinte fórma:

«Senhor, fiz perguntas a varios Vuanyambu, e disseram-me que podeis conduzir as vossas canoas d'aqui até Ujiji, tendo só que as transportar por terra durante pequenas distancias. Dizem tambem que Ndagara, pae de Rumanika, querendo negociar com os Vuajiji, diligenciou atravessar um canal com as suas canoas. Dizem ainda que o lago Kivu é conhecido com o nome de Akanyaru, e que o Rusizi vae do Kivu ao Tanganika atravessando o Uzigé; porém, como é que o Kagera passa no Karagué para vir em direcção a Uganda. Seria isso possível?»

Para completar este interessante dia, Rumanika pediu a Hamed Ibrahim para me mostrar os thesouros, trophéus, e curiosidades contidas no museu real, o que Hamed fez com tanta maior pressa, quanto elle me tinha frequentemente elogiado esses objectos.

Uma casa circular servia de armeiro, e tinha a dimensão de trinta pés de diametro aproximadamente,

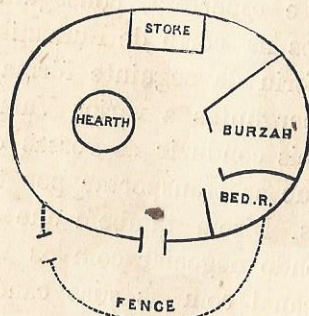
\* Era a montanha Gordon-Bennett.



em forma de cupula e era cuidadosamente revestida de colmo.

As armas e diversos artigos da collecção estavam enfileiradas em perfeita ordem, mostrando o cuidado com que Rumanika conservava o seu thesouro.

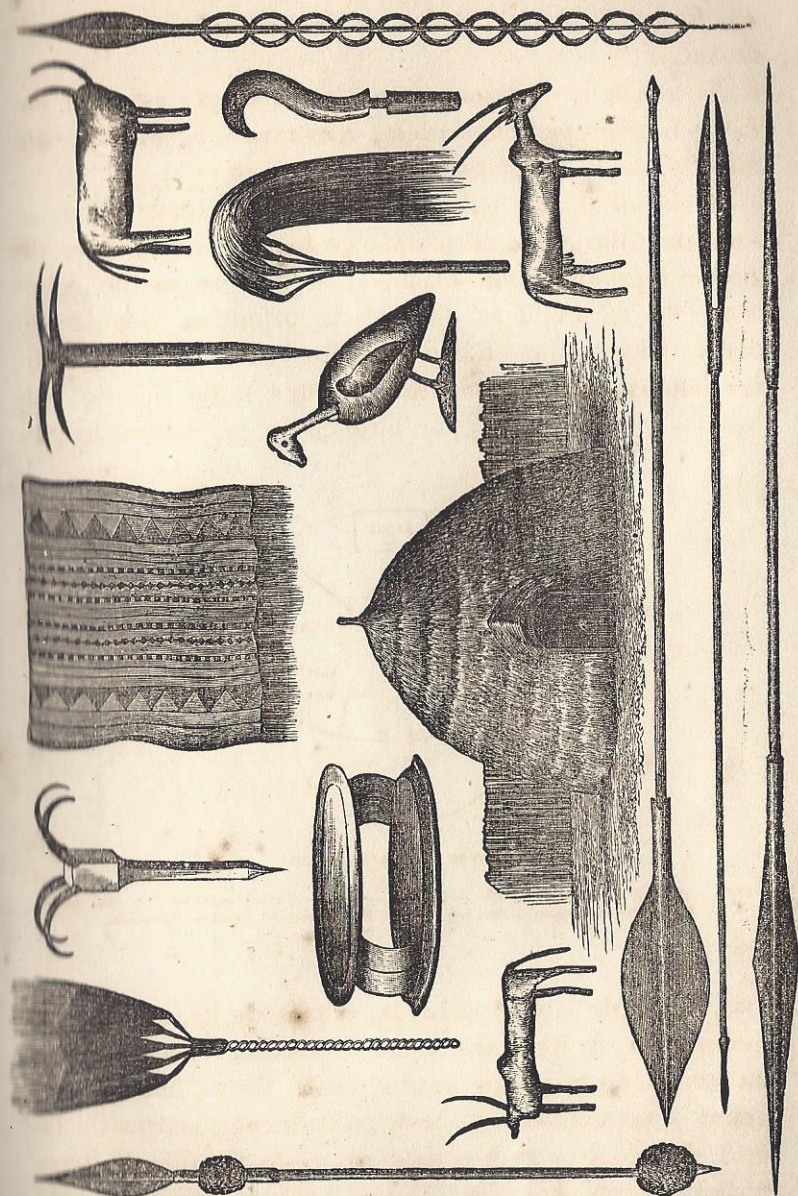
Havia ali quinze ou dezeseis patos de bronze com azas de cobre, dez curiosos objectos de metal, que, diziam, representavam antilopes, e dez vaccas de cobre sem cabeça, producto d'uma arte primitiva; seguiam-se depois foices feitas de ferro, muito bem fabricadas, muitas laminas excessivamente cortantes e de dezoito pollegadas de comprido, por oito de largo; lanças magni-



Planta da casa do rei

Store — Armazem ou arrecadação. — Hearth — Lar. — Burzah — Museu ou casa onde guardam as armas. — Bed.r — Quarto de dormir. — Fence — Palissada.

ficas, umas de lamina dobrada, outras de lamina simples e com cabo de ferro em forma de cadeia; muitas tinham um grupo de pequenos aneis muito fortes, na base da lamina e no extremo da haste; finalmente, outras de lamina de cobre e com o cabo composto de fios de ferro cuidadosamente torcidos. Havia tambem alguns enxotamoscas, com cabo de ferro, que apresentavam admiraveis specimens da arte indigena; facas massiças parecendo-se com machadinhas, e perfeitamente polidas; um



Casa do thesouro, armas e o thesouro de Rumanika



objecto de cobre, tendo a fórma d'uma ancora e munido de quatro extensas unhas de ferro; estofos indigenas fabricados com ervas delicadas tingidas de vermelho e escuro, com desenhos ou com cercaduras podendo comparar-se em finura com a fazenda chamada *sheeting*. O tamborete real, construido d'um unico pedaço de alamo, era uma obra prima da marceneria africana.

A arte indigena estava ainda representada por algumas taças, copos, mezas, gamellas de madeira para beber o leite, tudo isso de maravilhosa execução. O fogão circular, construido com muito gosto, occupava o centro do edificio. Proximo da parede estavam enfileirados alguns presentes feitos pelos Arabes, entre outros, pratos de cobre e tampas de terrinas de louça ingleza, evidentemente de Birmingham. Não devemos esquecer a carabina-revolver offerta feita ao rei pelo capitão Speke; tem esta espingarda no museu um lugar de honra, e o bom Rumanika gosta de a ver, «porque lhe faz lembrar os seus amigos Speke e Grant.»

Enormes tambores, em numero de cincoenta e dois, enfileirados no exterior da cabana, fizeram-me avaliar pelo seu aspecto o ruido de ensurdecer quando se saúda a lua nova ou quando se dá o signal de guerra.

A minha separação de Rumanika, este velho sympathico que devia ter então proximo de sessenta annos, foi commovente. O excellente homem apertou-me as mãos muitas vezes, dizendo amiudadamente que ficava triste por me vêr partir.

Concedeu-me alguns dos seus filhos para me acompanharem e recommendou-lhes formalmente que tivessem para commigo todas as attenções, até que eu chegasse á habitação de Kibogora, rei do Usui occidental «o qual, tinha a certeza d'isso, me receberia com prazer, na minha qualidade de amigo de Rumanika.»

No dia 26 de março, depois da permanencia de um mez em Kafurro, tempo que eu consagrara á exploração



do Karagué occidental, a expedição pôz-se de novo a caminho; descansámos um bocado depois de caminharmos cinco milhas e passámos a noite em Nakauanga, proximo da base meridional do monte Kibonga.

No dia seguinte, tendo andado treze milhas, chegámos á extremidade norte do lago Uhimba, lençol d'agua semelhando um rio e que é alimentado pelo Nilo Alexandra.

Em 27, tive a felicidade de matar tres rhinocerontes que nos forneceram uma grande provisão de carne para o nosso sustento enquanto atravessassemos as solidões de Uhimba. Um d'estes enormes animaes tinha um chifre de dois pés de comprimento, perto d'um outro com nove pollegadas, de ponta aguda como a d'um punhal. Parecia ter havido lucta entre elle e algum animal feroz, porque um pedaço da pelle da largura da mão tinha-lhe sido arrancado das ancas.

Os Vuanguana e Vuanyambu informaram-me com a maior seriedade que o elephante maltracta frequentemente o rhinoceronte, quando está atacado de grande alegria.

Dizem que quando o elephante não encontra espalhados os excrementos do rhinoceronte, enfurece-se, e põe-se immediatamente á procura do criminoso, e desgraçado d'elle se, achando-se de mau humor, se sente disposto a manter o direito de abandonar os seus excrementos no sitio onde os deixou. Em tal caso, o elephante arranca um tronco grosso ou uma arvore pequena da grossura d'um mastro de navio, e fustiga com ella o desgraçado animal, até que este se apresse a salvar-se pela fuga, do castigo que está soffrendo. É por esta razão, dizem os indigenas, que o rhinoceronte sempre dispersa os seus excrementos.

Quando encontra um elephante, o rhinoceronte deve ceder-lhe a passagem e afastar-se, porque aquelle não admitte rivalidades; se o rhinoceronte teinha em querer

passar ao mesmo tempo, o elephante arremessa-o d'encontro a uma arvore e mata-o com os dentes, ou atira com elle ao chão e o despedaça debaixo dos pés.

O nosso terceiro acampamento foi estabelecido vinte seis milhas distante de Kafurro, proximo da extremidade de uma pedreira de porphyro com veios escuros, e ao lado d'um braço do lago de Uhimba onde pullulavam os hippopotamos.

O porphyro de grande dureza, soffrendo nas camadas inferiores a acção desagregante das ondas, mostrava a cincoenta metros acima do nivel actual do lago a acção produzida pela agua. Alguns dos veios emergiam d'este ponto e mostravam os efeitos da agua eguaes aos que apresentavam os rochedos situados por detraz do nosso acampamento.

Nas duas jornadas seguintes caminhámos vinte sete milhas atravez d'uma depressão ou valle longitudinal, que se estendia parallelamente ao lago Uhimba e o curso do Alexandra, que era separado unicamente por uma cordilheira de montanhas. Aqui e alli viam-se pequenos cones truncados tendo entre si notavel semelhança e a mesma elevação que as encostas cheias de herva que os flanqueiam. Os seus cumes são lisos, mas a rocha ferruginosa indica fielmente a natureza da força que, depois de ter escavado o valle, separou estas collinas das cordilheiras lateraes.

Uhimba, entregue pelo rei Rumanika á direcção dos seus filhos Kakoko, Kananga e Ruhinda, está situada á distancia de sessenta e oito milhas ao sul da capital e compõe-se d'alguns estabelecimentos de pastores. Era, ha poucos annos, um territorio disputado entre Usui e Karagué, mas depois da conquista de Kishakka pelo rei Ruanda, Rumanika apressou-se a occupar aquelle paiz com receio de que Mankorongo, rei de Usui, rival invejoso e difficil de contentar, se estabelecesse n'elle.

Aqui recebi alguns mensageiros de Mankorongo, man-



dados por elle a convidar-me para o ir ver, e com a impudencia caracteristica do seu procedimento para com os arabes, estes mensageiros declararam-me que se eu tentasse atravessar um paiz qualquer d'aquellas visinhanças sem primeiramente ir prestar homenagem ao seu rei, poderia isso contribuir para a minha perda.

Reenviei-os com uma mensagem pacifica dizendo que a minha intenção era alcançar a capital de Kibogora, onde procuraria um caminho que me conduzisse para oeste, passando por Urundi, e que se eu conseguisse isto aproveitaria o convite de Mankorongo; ao mesmo tempo, Mankorongo podia estar certo que se eu encontrasse emboscado na floresta algum exercito numeroso, collocado alli com intenção de me intimidar, essa força havia de se arrepender d'isso.

Ouvira fallar aos Arabes e Vuaganda nas extorsões de Mankorongo e sabia até que ponto elle se mostrava digno successor do expoliador Suarora, que causou tantas preocupações a Speke e Grant.

Durante o segundo dia das minhas relações cortezes com Kakoko, subi a uma montanha que tinha seiscentos pés de altura e ficava distante do acampamento cerca de tres milhas, a fim de marcar a posição de diferentes pontos do paiz que pedi a Kananga para me designar. Viam-se cinco paizes, Karagué, Kishakka, Ruanda, Ugufu e Usui. Parallelo ao Usui vê-se Uhha, do rei Khanza; em seguida a Uhha vê-se Urundi; depois para o occidente o Tanganika e Uzigé, e em continuação a estes ninguem pôde dizer ao certo os paizes que se seguem. Akanyaru está situado ao sudoeste, entre Ruanda, Uhha e Urundi; na direcção de sudoeste disseram-me que estava situado o Kivu; ao oeste  $\frac{1}{4}$  de norueste fica Mkinyaga, e no oeste acha-se situado Unyambungu. Ugufu está separado de Kishakka pelo Nauarongo ou Ruvuvu, e de Uhha e Usui pelo Nilo Alexandra que passa entre Uhha e Urundi. Disseram-me que um rio de certa im-

portancia corria em direcção ao Akanyaru, vindo de Unyambungu \*.

No dia seguinte entrámos pelo lado occidental de Usui, e acampámos em Kafarra. Em Usui não havia abundancia de viveres, de sorte que foi necessario dar trinta e dois dotis (sessenta e quatro braças) de fazenda para obtermos rações durante quatro dias. Kibogora pediu e obteve como tributo trinta dotis, um rolo de arame de latão e quarenta enfiadas de perolas, Kafurra, seu principal chefe, exigiu dez dotis e uma porção de perolas; um outro chefe pediu cinco dotis; a rainha tambem sollicitou fazendas; os principes fizeram egualmente as suas exigencias e os guias reclamaram a sua recompensa. D'este modo em quatro dias fiquei sem dois fardos dos vinte e dois que me restavam do enorme carregamento trazido do Zanzibar.

N'estas circumstancias, que esperanças poderíamos nós ter de continuar a nossa exploração sendo obrigados a atravessar Uhha, que, no anno de 1871, me consumira dois fardos de fazendas por dia? Vinte dias mais como este ficariamos reduzidos á miseria.

Os Mutuarés e Mkamas costumados ao roubo só se podem satisfazer com fazenda e perolas, distribuidas prodigamente. Cem fardos de tecidos seriam sufficientes no Uhha para pagar o alimento apenas de cem homens durante seis semanas. Depois de Uhha seguiam-se o Urundi e Ruanda, paizes onde o estrangeiro é considerado como um inimigo.

Todavia Kibogora e Kafurra fizeram-me um acolhimento agradavel e mostraram-se muito communicativos, em virtude de eu chegar á sua cõrte sob os melhores auspicios, e recommendado pelo bom Rumanika, o homem que era amado e venerado.

\* Tres mezes mais tarde, disseram-me os Vuarundi e Vuazigé que o rio vindo do occidente era o Ruanda, que desagua no Rusizi, affluente do Tanganika.



Abandonei com bastante pena esta região tão interessante, mas com a resolução cada vez mais firme de não retardar a minha viagem sob nenhum pretexto, na terceira vez que eu procurava n'estas paragens o caminho de oeste.

No dia sete de abril, bem contra a minha vontade, continuei a viagem dirigindo-me para o sul, caminhando cinco milhas ao longo d'um despinhadeiro, proximo do qual corria o rio Lohugati, então no começo do seu curso. No sitio onde nasce subimos a uma encosta abrupta que nos conduziu ao cume d'uma cordilheira herbosa de cinco mil e seiscentos pés de altura.

Não tínhamos ainda descido meia milha em direcção ao valle de Uyagoma, quando reconheci a importancia d'esta cordilheira, que é o ponto de partida entre um dos tributarios do lago Victoria e a nascente do Malagarazi, principal affluente do lago Tanganika.

Ainda que uma jornada atravez de Uhha, na direcção de este ou sudoeste, pudesse fazer com que tornassemos a encontrar o Nilo Alexandra e os affluentes do lago Alexandra, (Akanyaru) a viagem futura não se destinava a encontrar o rio ou regato que alimentava o grande rio que, atravessando o Egypto, desagua no mar Mediterraneo.

Desde 17 de janeiro de 1875 até 7 de abril de 1876 dedicámo-nos exclusivamente a procurar as nascentes mais meridionaes do Nilo, desde as planicies mais paludosas e planuras cultivadas onde o rio tem a sua nascente, até ao consideravel reservatorio que toma o nome de Victoria Nyanza. Fizemos a circumnavegação d'este enorme lago; penetrámos em todas as bahias, braços e ancofadouros; fizemos conhecimento com quasi todas as variedades selvagens da especie humana que povoam as margens do lago ou habitam as ilhas, umas, tribus trataveis e moderadas, outras, insociaveis, ferozes, pouco hospitaleiras e outras generosas. Fomos testemunhas do seu modo de comba-

ter, e vimos com que selvagem triumpho elles tingiam as mãos no sangue uns dos outros, soffremos cinco vezes as suas impetuosidades guerreiras e perdemos muitos homens em consequencia dos combates que com elles sustentámos; caminhámos para um e outro lado, a pé, centenares de milhas ao longo do Victoria, e finalmente explorámos com uma enorme força os paizes desconhecidos e situados entre os dois lagos Muta Nzigé e Victoria; descobrimos o braço d'este ultimo lago, ao qual denominei golpho *Beatriz*, e bebemos das suas aguas.

Depois de procurar sem resultado um lugar nas suas margens onde pudéssemos permanecer algum tempo, renunciámos em proseguir os nossos trabalhos n'esta direcção; e caminhando para o sul, a partir de Katonga, alcançámos o Nilo Alexandra, que é o principal affluente do lago Victoria, e recebe quasi todas as aguas que veem de este e sudoeste.

Percorremos pacientemente metade do seu curso, e não podendo satisfazer a avidez das tribus proximas do Alexandra Nyanza, repugnando-nos abrir passagem por meio da força e atravessar um paiz onde os habitantes oppunham as suas lanças e frechas ás nossas carabinas; fomos compellidos no dia 7 de Abril a abandonar os paizes que alimentam o Nilo e a voltarmos para o Tanganika.

Tenho feito, me parece, todo o possivel para descrever fielmente a natureza animada e inanimada, tal como ella se encontra nas suas extranhas phases, e como se desenvolve á nossa vista. Estou certo que não tenho penetrado os seus segredos, mas tentei fazel-o, não passando além da minha missão, que era, a exploração das nascentes meridionaes do Nilo, e a solução do problema que Speke e Grant tinham deixado de resolver: é o Victoria Nyanza \* um lago, ou é formado de cinco, como Li-

\* A carta hypothetica de Speke dá ao Victoria vinte nove mil milhas quadradas de extensão, cifra que as minhas medidas reduzem a vinte uma mil e quinhentas milhas quadradas (55:600 kilometros quadrados).



vingstone, Burton e outros affirmam? Este problema está satisfactoriamente resolvido, e a Speke cabe agora a gloria de ter descoberto o maior lago d'Africa, assim como os seus principaes affluentes e o desaguadouro. Devo igualmente prestar-lhe a justiça, de que elle comprehendeu muito melhor a geographia das regiões que atravessou, do que nenhum d'aquelles que incessantemente combatem as suas hypotheses; e testemunho aqui a admiração que me inspira o genio geographico que, por uns simples apontamentos que obteve dos indigenas, conseguiu traçar tão magistralmente a carta do Victoria Nyanza.

## CAPITULO VI

Os rios gemeos — Mankorongo é frustrado no seu roubo — Pobre Bull! Fiel até á morte — Novas desfeitas de Msenna. — O terror d'Africa apparece em scena. — Marte faz a paz. — «Arrancae as batatas.» — Mirambo, o chefe dos bandidos, visita-me e faço com elle a troca de sangue — Reis pequenos tendo a «cabeça grande» — Conversão pratica do chefe de Ubagué — Os Vuatuta, Ismaellistas d'Africa. — Sua historia — Nomenclatura africana — De Mserié, atravessando o Malagarazi, até Ujiji — Tristes recordações.

Ao longo do valle de Uyagoma, no Usui occidental, corre uma cordilheira coberta de herva, muito linda em varios pontos, entrecortada por pequenos valles semeados de penhascos atapetados de musgo e fetos, e adornados d'uma folhagem d'um verde vivissimo. A meio caminho, em ambas as encostas, e n'um sitio encantador, teem a sua origem dois impetuosos rios; ao sul o Malagarazi e ao norte o Lohugati.

Muito embora creados no mesmo berço, e saindo a duas milhas de distancia um do outro, os dois rios irmãos não teem nada de commum durante o seu percurso, correndo cada um atravez dos fetos e da folhagem da sua propria vertente, murmurando ao tomar maior força, correm ambos seguindo a costa que lhe é destinada; o Lohugati para o lago Victoria, o Malagarazi para o Tanganika, mais distante.

Este rio, no seu começo, ao passo que reúne os regatos seus tributarios que serpenteiam nas curvas da mon-



tanha, contorna a bacia do Uyagoma, e tem tão pouca profundidade que uma creança o atravessa sem custo; a população de Usui dá-lhe n'este ponto o nome de Meruzi. Quando partimos de Uyagoma, seguimos ao longo do rio durante duas horas, tomando-se n'este espaço de tempo n'um rio de *nomime dignum*. Atravessando-o, achámo-nos em frente de algumas montanhas, cujas cordilheiras atravessam diagonalmente o Usui, de nordeste a sudoeste, e correndo em linha quebrada até ao Uhha septentrional, onde se perdem entre o conjuncto de grupos confusos.

O Meruzi corre no meio d'este macisso complicado, descreve uma serie de curvas que se confundem, e precipita-se de penhasco em penhasco recebendo na sua passagem myriades de regatosinhos, filetes de agua pura, até ao momento em que sob a denominação de Lukoke alcança a grande região florestal de Unyamuezi, que o separa de Uhha.

Saindo d'esta região tínhamos que atravessar uma serie de montanhas cobertas de bosques. Chegando a um caminho que conduzia do paiz de Kibogora ao territorio do turbulento e vingativo Mankorongo, successor de Suarora, encontrámos uma embaixada que, com os modos mais insolentes, nos perguntaram se queríamos passar pela aldeia do rei. Isto significava naturalmente que deveríamos permittir que nos levassem dois ou tres fardos de fazenda, meia duzia de espingardas, um ou dois saccos de contas e outras cousas que porventura agradassem ao rei, — para ter a vantagem de prolongar a nossa jornada umas quarenta milhas e soffrer uma demora de duas ou tres semanas.

Esta exigencia insolente não podia ser satisfeita, e recusámos energicamente fazer o que pediam. Pouco satisfeitos com a resposta passaram ás ameaças. Na floresta deshabitada e livre qualquer ameaça constitue um *casus belli*; resultando d'isto partirem os chefes que me tinham sido enviados, sem um metro de fazenda.

Depois da sua partida, caminhámos rapidamente até á noite. No dia seguinte, ao romper do dia, continuámos a nossa jornada, e caminhando com a maxima velocidade, ás tres horas da tarde chegavamos a Nyambarri, Usambiro, satisfeitos por escaparmos ao perigoso rei de Mankorongo.

No dia 13 de abril, fiz uma paragem, para que os meus homens podessem descansar e comprar viveres. Usambiro, do mesmo modo que Unyamuezi, produz diferentes cereaes, sesamo, milho miudo, farinha de milho, ervilha e feijão que póde fornecer a todas as caravanas e expedições. Tenho observado que os paizes agricolas são de mais facil accesso que os paizes pastoris ou os que fornecem unicamente leite, bananas e batatas.

Encontrámos em Nyambarri duas caravanas arabes que vinham do paiz de Mankorongo, do qual nos deram muitas informações, qual d'ellas mais aterradora; concluí d'aqui que este chefe não ficaria satisfeito quando soubesse como nós escapámos aos seus projectos de expropriação.

N'esta occasião o famoso Msenna pela terceira vez se revoltou. Referiram-me que elle induziu um grande numero de Vuanguana e Vuanyamuezi a desertarem com elle, formando um grupo, offerecendo-se para os encaminhar até ao Unyanyembé, e que varios rapazes, intimidados pelo seu character brutal, tinham accedido ás suas instancias. Por consequencia Msenna foi exonerado das funções de capitão de dez homens, e condemnado a transportar uma caixa, sob a vigilancia de Kachoché, durante um periodo de seis mezes.

Durante a jornada de Nyambarri para Gambauagao, a principal aldeia de Usambiro, o velho «Bull» o ultimo dos meus companheiros de raça canina que trouxera de Inglaterra, succumbiu ao peso dos annos e das fadigas d'uma viagem de cerca de mil e quinhentas milhas.

Com a tenacidade peculiar aos bulldog persistiu em



seguir os meus soldados, que tinha por habito acompanhar, e que se afastavam d'elle cada vez mais. Offegante, caindo, gemendo, levantando-se, esforçava-se sempre por caminhar; mais tarde as forças trahiram-no; deitou-se na estrada, gemendo da sua impotencia, e morreu um momento depois, com os olhos fixos no caminho que tão corajosamente tentára seguir.



« Bull »

(Segundo uma photographia do auctor)

Pobre cão! Que bons e fieis serviços foram os seus! Quem se regosijava melhor do que elle por ouvir o ruido da minha carabina repercutir-se atravez da floresta! Como elle applaudia, com a sua voz grave e sonora, o tiro bem empregado! Que grandes extensões de bosques profundos, de planicies ardentes, collinas, montanhas elle tinha percorrido! Como elle mergulhava no pantano ou no rio, ou se introduzia pelo meio das sarças! A sua

voz, nas noites mais escuras, afastava do acampamento os ladrões e os animaes ferozes. O seu rosnar respondia ás horrendas cascalhadas da hyena, e os gritos do leopardo não o amedrontavam. Assustava os selvagens pela firmeza do seu olhar, e fazia-os recuar pela sua attitude ousada. Com que bravura elle nos ajudou a repellir do nosso acampamento os Vuanyaturu! Adeus, gloria da tua raça! Descança dos teus trabalhos na silenciosa floresta! Tu já não subirás a montanha com passo rapido, não esquadrinharás as planicies, já não penetrarás nas altas ervas e não me seguirás atravez das florestas, porque estás agora no tumulto como os teus companheiros!

O rei de Usambiro trocou connosco os presentes; é joven, e pareceu-me ser tão intelligente como amavel. Ainda que os seus subditos pretendam ser Vuanyamesi, são, comtudo, uma mistura de Vuahha e Vuazinja. Construiu uma aldeia forte e rodeou-a com um fosso de quatro pés de profundidade e seis de largo, com uma estacada e seteiras destinadas aos atiradores, collocadas a intervallos eguaes. A população d'esta capital é aproximadamente de dois mil habitantes.

Boma Kiengo, ou Msera, está situada a 5 milhas distante da capital, e o seu chefe, vendo a boa harmonia que existia entre mim e o rei, fez toda a diligencia para alcançar a nossa sympathia.

Musonga, onde chegámos no dia 17, fica distante duas milhas para su-sudoeste de Boma Kiengo, e é a aldeia que fica mais ao norte do paiz de Urangua. No dia 18 de abril com uma marcha de quinze milhas, chegámos a Ndeverva, capital d'esta ultima provincia, e que era outra aldeia cercada por um fosso profundo e com seteiras para os atiradores.

Fizemos aqui importantes compras, e, muito embora os pequenos regulos por cujos dominios passavamos, reclaimssem troca de presentes, o que me obrigava a distribuir mais fazendas do que desejava, estes regulos eram



delicados e não tinham exigencias taes que alterassem as nossas relações o mais amigaveis possível.

Cousa alguma nos preocupava e impedia a nossa marcha. Mas, no dia da nossa chegada a Urangua, em quanto conversavamos com o chefe, um mensageiro veio a toda a pressa dizer-nos que o phantasma, o pesadello, o terror d'este paiz, o homem que aterrorisava as creanças de Unyamuezi e Usukuma e fazia palpitar de medo o coração das mulheres só com pronunciar o nome d'elle, Mirambo, emfim, chegára; que estava distante dois acampamentos (vinte milhas), e que vinha acompanhado de um numeroso exercito de Ruga-Ruga (bandidos).

Póde avaliar-se a consternação produzida por esta nova, o desanimo, o abatimento d'uns, e as sobreexcitações de outros. Construíram-se barricadas; foram levantadas plataformas blindadas com troncos d'árvores destinadas aos melhores atiradores. As mulheres prepararam os talismans, os Vuanganga (magicos) consultaram os seus idolos; os guerreiros carregaram as suas espingardas de Brummagem, auxiliando-se das varetas, com intenções d'implacavel vingança, ao passo que o rei trajando uma tunica fluctuante, andava d'um lado para o outro com uma energia nervosa.

Além dos cento e setenta e cinco homens que eu tinha ás minhas ordens, tinham-se-me reunido mais quarenta Arabes e as nossas caixas de munições eram numerosas. O rei, lembrando-se d'isto, disse-me:

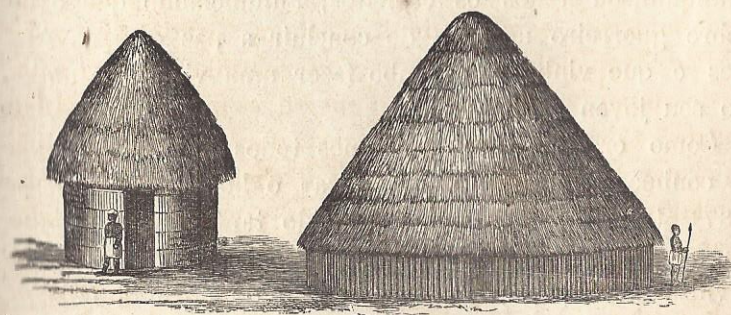
«Ficaes para combater Mirambo, não é assim?

«Não, meu amigo; não tenho motivo de queixa contra elle, e nós não podemos auxiliar todos os indigenas a combater o seu visinho. Se Mirambo atacar a aldeia enquanto eu aqui estiver, e não se retirar quando eu lh'o pedir, então bater-nos-hemos; mas, nós não poderemos demorar-nos aqui a esperal-o.»

O pobre rei estava muito desanimado quando no dia seguinte nos despedimos d'elle. Enviei os meus explo-

radores á descoberta, como tinha por costume desde que atravessavamos paizes pouco pacificos, não esquecendo nenhuma das precauções necessarias para prevenir qualquer surpresa.

No dia 19 chegámos a uma das maiores villas ou cidades de Unyamuezi, chamada Serombo ou Sorombo. Tem duas milhas e meia de circumferencia e talvez mil casas pequenas e grandes para uma população de cerca de 5:000 almas.



Cabanas de Serombo

O actual rei, por nome Ndega, é um rapaz de dezesseis annos, filho de Makaka, fallecido ha dois annos. Muito moço para poder governar esta grande aldeia e o paiz que a cerca, exercem dois velhos, ou *Manyapara*, funcções de regentes.

Deram-me para habitação uma casa de fórma estranha, tendo muita semelhança com uma habitação da Abyssinia. A porta d'entrada tinha sete pés d'altura, e do chão até á extremidade do tecto conico a cabana media vinte. Feita de ramos entrelaçados, a parede era cuidadosamente rebocada com uma camada d'argilla escura. A casa do rei, muito maior, tinha trinta pés d'altura, medidos do solo ao vertice do cone, e quarenta



de circumferencia interior, mas uma palissada, cujos pilares sustentavam a parte avançada da cobertura da cabana, formava a parede da galeria que cercava a habitação elevando a cinquenta e quatro pés o diametro do edificio. Devido a esta disposição particular, cento e cinquenta homens resolutos, collocados na galeria exterior, poderiam sustentar muito tempo o ataque d'um inimigo muito superior em numero e talvez mesmo repellil-o.

A noticia da aproximação do inimigo tinha-se já espalhado; mas Ndega, alliado pelo casamento a Mirambo, tranquillizou todos os espiritos, annunciando que o celebre guerreiro acabava de concluir a paz com os Arabes e que vinha a Serombo fazer uma visita de amigo ao seu joven parente.

Como era natural, estavamos todos desejosos de ver e conhecer o «Marte da Africa» o homem que, desde 1871 tornava o seu nome temido tanto dos estrangeiros como dos indigenas, desde Usui até Urori, e de Uvinza até Ugogo, n'uma extensão de noventa mil milhas quadradas (duzentos e trinta e tres mil kilometros), o homem que, de simples chefe de aldeia no Uyoueh, conseguiu crear em metade da Africa equatorial, um nome tão conhecido como o de Mtesa, um nome pronunciado todos os dias desde Nyangué até Zanzibar, servindo de thema aos canticos dos poetas de Unyamuezi, Ukimbu, Ukonongo, Uzinja e Uvinza.

Na tarde da nossa chegada a Serombo, os seus *Brown Besses*, ou *Gumeh-Gumeh*, — como os indigenas chamam aos seus fusis, — annunciaram-nos que o homem terrível não estava longe.

Ao anoitecer, os grandes tambores de Serombo impozeram silencio para se ouvirem os arautos, que precedidos do tilintar de campainhas de ferro, declararam o seguinte:

«Escutae, habitantes de Serombo. Mirambo, o irmão de Ndega, chega amanhã de manhã. Preparae-vos, pois,

para receber os seus soldados, porque elles não de ter fônie. Mandae vossas mulheres apanhar batatas. Mirambo choga. Apanhae batatas, para amanhã!»

No dia seguinte, ás 10 horas da manhã, os *Brown Besses*, fortemente carregados e descarregados ás centenas, annunciavam que se approximava Mirambo, e quasi todos os meus Vuanguana seguidos da maior parte dos habitantes de Serombo precipitaram-se para fóra da aldeia para verem o famoso chefe. Grandes tambores de guerra e aclamações entusiásticas de milhares de indigenas, annunciaram a entrada do visitante, e em breve o pequeno Mabruki, chefe dos meus rapazes de tenda, e Kachéché, o *detective*, com a intelligencia do qual eu podia contar, trouxeram-me importantes noticias.

Mabruki disse-me:

«Vimos Mirambo. Já chegou. Vimos os seus Rugaruga; têm muitos, muitos; e estão todos armados de Gumeh-Gumeh. Quasi um cento d'elles estão vestidos de fazenda vermelha e camisas brancas, como os Vuanguana. Mirambo não é velho.»

Kachéché tomou então a palavra:

«Effectivamente Mirambo não é velho, pelo contrario, é moço: eu devo ser mais velho do que elle. É um homem perfeito, e bem vestido, exactamente como um Arabe. Tem turbante, fez, o vestuario de um Arabe, e traz sabre. Possui tambem babuchas; o vestuario que usa por baixo da tunica é muito branco. Calculo que traga consigo mil e quinhentos homens; estão todos armados de espingardas de um e dois canos. Mirambo faz-se acompanhar de tres rapazes que lhe transportam as espingardas. Na verdade, Mirambo, é um grande chefe.»

Prolongados e agudos Lu-lu-lu echoavam continuamente, saltados pelas mulheres, que testemunhavam igualmente o seu respeito pelo mais poderoso rei de Unyamuezi.

Ainda Kachéché não acabára de fallar, quando Manua Nera, o chefe dos Vuanguana, entrou na minha cabana



acompanhado de tres mancebos — Ruga-Ruga (bandidos) como lhes chamavamos, (o que d'aqui para o futuro não faremos), temendo offendel-os. Apresentavam-se elegantemente, vestindo lindas jaquetas de panno fino, uma azul, as outras vermelhas, sobre tunicas d'uma alvura de neve; traziam amplos turbantes em redor da cabeça. Eram capitães da guarda de Mirambo, e seus confidentes.

«Mirambo, disse o mais importante d'entre elles, envia os seus *salaams* ao branco. Espera que elle seja seu amigo, que não partilhará da opinião dos Arabes, e que não julgue ser Mirambo um mau homem. Será agradável ao branco enviar a Mirambo algumas palavras pacificas?»



«Ruga-Ruga»

Um dos patriotas de Mirambo

«Dizei a Mirambo, respondi eu, que tenho o maior desejo de o vêr, e que ficarei satisfeito por apertar a mão d'um homem tão importante, e, sendo amigo de Mtesa, de Rumanika e de todos os reis que tenho encontrado na minha viagem desde Usoga até Unyamuezi, regosijar-me-hei de ter igualmente Mirambo por amigo. Dizei-lhe que o espero, e que venha vêr-me logo que lhe seja possível.»

No dia seguinte, depois de Mirambo ter enviado um Ruga-Ruga — não, um patriota, — annunciar-me a sua visita, apresentou-se-me, seguido de vinte dos seus principaes chefes.

Acolhi-o com um enthusiasmo tal que o fez sorrir.

«O branco, disse elle, aperta a mão a um verdadeiro amigo.»

O seu aspecto captivou-me, porque tinha na minha frente um *gentleman* Africano, muito differente da ideia que eu tinha feito do terrivel bandido que inflingira aos arabes e aos principaes chefes indigenas derrotas formidaveis, com a rapidez d'um «Frederico o Grande.»

Escrevi no meu jornal as seguintes notas, em 22 de abril de 1876:

«Este dia será memoravel para mim em consequencia da visita do celebre Mirambo. Destruiu todas as idéas pouco lisongeiras que tinha ácerca do homem que eu qualificava como o «terrivel bandido».

«E' de elevada estatura, tendo cinco pés e onze pollogadas de altura, cerca de trinta e cinco annos, e é muito nutrido. Tem boa presença, feições regulares, voz suave, e a pronuncia pausada; é muito generoso e liberal.

«O character differia de tal modo d'aquelle que se me figurára, que tive um momento em que suspeitei estar sob a influencia de algum sonho; mas os Arabes affirmaram-me que este personagem tão tranquillo não era outro senão Mirambo. Esperava vêr um homem semelhante a Mtesa, cuja apparencia indicasse a classe a que pertencia. Mas aquelle homem sem pretensões, inoffensivo, de maneiras delicadas, sem um gesto de enfado ou qualquer cousa que justificasse o genio militar que desenvolvera durante cinco annos no Unyamuesi, fazendo grande prejuizo ao commercio dos arabes, e contribuindo para que augmentasse o preço do marfim. No seu exterior, disse eu, nada havia que indicasse o que era aquelle personagem; deve-se, comtudo, exceptuar os olhos, por-



que estes tinham uma certa firmeza e socego como os d'uma pessoa costumada a dar ordens.

«Durante a conversação que tive com elle, disse-me que para a guerra preferia sempre homens muito novos, mesmo adolescentes; não escolhera nunca velhos nem homens feitos porque, perturbados pela lembrança das suas mulheres e filhos, não combatem tão decididamente como os primeiros, cujo pensamento está inteiramente entregue ás ordens que recebem.

«Os rapazes teem o olhar mais penetrante, os membros mais ageis e flexiveis, o que lhes permite moverem-se com a facilidade da serpente ou a rapidez das zebras, e bastam algumas palavras para que sejam corajosos guerreiros. Em todas as minhas guerras com os Arabes, tive um exercito de rapazes, imberbes, que alcançaram bastantes victorias. Um dia, quinze d'estes guerreiros foram mortos, por eu dizer que queria possuir um bocado de panno vermelho que o inimigo me mostrára, desafiando-me. Não, não quero para o campo da batalha senão rapazes, os homens servem para a defeza das aldeias fortificadas.

«O que deu causa á sua guerra com os Arabes? perguntei eu a Mirambo.

«Varios motivos, respondeu-me. Os Arabes estavam orgulhosos, já não se lhes podia fallar. Mkasiua de Unyanembe fazia o mesmo, imaginava que eu era seu vassallo, quando não era verdade. Meu pae era rei de Uyoueh, e eu sou seu filho. Que direito tinham Mkasiua ou os Arabes para me darem ordens? A guerra, porém, está terminada. Os Arabes conhecem-me; Mkasiua tambem. Sabem o que eu posso fazer. Não combateremos mais, trabalharemos para mostrar quem negocia melhor, e quem será mais habil. Todo aquelle que atravessar o meu paiz, seja Arabe ou branco, será bem recebido. Dar-lhe-hei carne, cerveja, casa e ninguem lhe fará mal».

Mirambo retirou-se e eu de tarde fui pagar-lhe a vi-

sta acompanhado por dez dos principaes Vuanguana. Encontrei-o n'uma cabana de forma conica com vinte pés d'altura e vinte cinco de diametro. Rodeavam-n'o todos os chefes.

Manua Sera foi encarregado de estabelecer a nossa amizade reciproca, effectuando-se entre nós a cerimonia da troca do sangue.

Tendo-nos mandado assentar um em frente do outro, n'uma esteira, fez-nos a ambos uma incisão na perna esquerda, tirando algumas gotas de sangue que trocou d'uma para outra; em seguida exclamou em voz alta e distincta:

«Se algum de vós, disse elle, faltar á fraternidade agora estabelecida, será devorado pelos leões, e envenenado pelas serpentes; o seu alimento será improductivo e os amigos abandonal-o-hão; a sua espingarda reben-tar-lhe-ha nas mãos e feril-o-ha, e tudo o que fôr mau perseguil-o-ha até á morte».

O meu novo irmão deu-me quinze peças de fazenda para distribuir pelos meus chefes, ao passo que elle apenas me acceitou tres.

Com o desejo de não parecer menos generoso do que elle, offereci a Mirambo um revolver, duzentos cartuchos e algumas outras curiosidades das fabricas inglezas. Ainda desejoso de me ultrapassar em liberalidades enviou ao Urambo \* cinco dos seus soldados encarregados de irem buscar tres bois e tres vaccas de leite acompanhadas dos seus respectivos vitellos, e com ordem de os conduzirem a Ubagué, local onde eu depois havia de ir. Concedeu-me egualmente tres guias para me auxiliarem a passar o territorio dos Vuatuta.

No dia seguinte de manhã acompanhou-me até alguma distancia de Serombo, onde nos separámos nas

\* Significa litteralmente paiz de Rumbo (abreviatura de Mirambo) que o celebre chefe deu a Uyoueh.



melhores disposições. Um arabe da sua comitiva, chamado Sayid bin Mohammed, fez-me presente de um pedaço de sabão, um sacco de pimenta e uma porção de açafraão. Um burro que havia comprado a Sayid, recebeu nome de Mirambo, por pedido dos meus Vuanguana, aos quaes havia seduzido a amabilidade do importante chefe.

N'este mesmo dia parámos em Mayangira, sete milhas e meia distante de Serombo, e, no dia 24, depois de uma marcha fatigante de onze milhas, na direcção sudoeste, atravez de planicies inundadas, chegámos a Ukombeh.

Em Masumbua, dez milhas e meia distante de Ukombeh, encontrámos um chefe ainda moço e muito arrogante, que dava a si mesmo o titulo de *Mtemi* ou rei, e que, em honra da sua soberania, reclamava um donativo de quinze dotis de fazenda, reclamação que foi peremptoriamente recusada, não obstante as mais vivas instancias do pretendente.

Atravez de planicies igualmente inundadas, onde a maior parte das vezes a agua nos chegava até á cintura, e depois de atravessarmos um regato importante, que corre na direcção oeste-sudoeste indo juntar-se ao Malagarazi, chegámos á aldeia de Myonga, capital do Masumbua meridional.

Este Myonga é o mesmo chefe que expoliou o capitão Grant, quando este, á frente de um destacamento indisciplinado, ia em procura do seu companheiro Speke. No jornal de Speke, a pag. 159, é este acontecimento narrado na seguinte carta:

«Nos Jungles, proximo de Myonga, 16 de setembro de 1861.

«*Meu caro Speke.* — A caravana foi atacada, roubada, e dispersos todos os que a compunham, quando esta manhã atravessavamos o paiz de Myonga.

«Levantado desde o romper do dia, fazia apressar a partida afim de nos juntarmos o mais depressa possivel, e quando estava arrumando os mantimentos e mais objectos, foi a minha attenção dispertada por uma violenta questão que se ventilára entre os meus chefes e sete ou oito soldados bem armados que o sultão Myonga me enviára pedindo-me que me demorasse mais algum tempo na sua aldeia. Respondi em poucas palavras aos embaixadores que tendo já recebido de vós um presente, o sultão escusava de esperar cousa alguma de mim. Sem insistir mais, e conforme as instrucções que tinham recebido, (o que para mim é fóra de duvida), estes homens constituiram-se officiosamente em nossos guias, até ao momento em que quizemos sair da estrada que elles haviam tomado; n'esta occasião, tendo-se adiantado rapidamente e fazendo um rodeio, interceptaram-nos o caminho, e espetaram as lanças no chão dizendo-nos que nos aggreiriam se dessemos mais algum passo.

«Esta ameaça desafiou o nosso desejo de passarmos adiante, e conseguimol-o apezar das lanças. Durante sete milhas caminhámos sem o menor obstaculo; de repente fômos surprehendidos por um grande clamor de vozes, que partiam dos bosques, e do matto precipitaram-se para o sitio onde estavamos cêrca de duzentos selvagens, possuidos da maior alegria. Um momento depois chegavam ao centro da caravana, e arremessavam-se sobre os meus pobres carregadores. A lucta foi breve; aterrorizados pelas flechas e lanças com que ameaçavam trespassal-os, os meus homens não offereceram resistencia e deixaram-se despojar dos fardos, vestuarios e enfeites antes que eu tivesse tempo de oppôr a menor resistencia; ficaram ao meu lado unicamente tres homens, de cem que levava commigo; os outros, cuja preocupação era unicamente salvar a vida, haviam fugido para o matto, onde depois os fui procurar. Um d'estes, Rahan, apezar de ter pouca idade, com a es-



pingarda defendia corajosamente o seu fardo contra cinco selvagens, que o ameaçavam de lanças erguidas. Nunca me aconteceu caso semelhante. Dois ou tres fugitivos foram mortos, e outros ficaram feridos. As nossas fazendas, caixas, missanga, finalmente todas as mercadorias que conduzimos jaziam espalhadas pela floresta. Uma verdadeira desgraça. Ainda tentei ir procurar o sultão e pedir-lhe uma reparação, mas impediram-m'o, e, desesperado, assentei-me no meio d'este bando de ladrões, a quem este acontecimento havia tornado insolentes, e que blasonavam da minha derrota. Alguns traziam vestido o que haviam roubado aos meus homens. Cêrca do meio dia o sultão enviou-me quinze homens carregados e uma mensagem; n'esta participava-me que o ataque tinha sido *engano* dos seus soldados, e que, por este facto, já tinha mandado cortar uma das mãos a um dos aggressores e que me seria restituído tudo o que me pertencia.

«Creia-me

vosso dedicado

J. A. GRANT.»

A idade não tinha diminuído o orgulho de Myonga, nem moderado a sua cubiça. Affirmava os seus privilegios e regalias com uma certa vaidade e um ar grave e severo. Exigia um tributo; vinte cinco dotis, uma espingarda e cincoenta enfiadas de contas! Os Arabes, que me acompanhavam, foram convidados a fazer-lhe a mesma offerta!

«Isso é impossível, Myonga!» exclamei eu, admirado de semelhante audacia.

«Todos teem sido obrigados a pagar o que eu peço», disse o velho com um olhar malicioso.

«D'accordo, respondi eu; «mas tenham os outros pago ou não, eu não posso dar-vos tanto, e, o que ainda é mais, não quero. Como signal da nossa passagem pelo

vosso paiz, dar-vos-hei um fato, e os arabes que me acompanham dar-vos-hão outro.»

Myonga enfureceu-se, supplicou, ameaçou e alguns dos seus soldados começaram a encolerisar-se; levantei-me, e disse a Myonga que o gritar era proprio das velhas rabugentas; que, se elle enviasse ao nosso acampamento um dos seus chefes mais idosos, dar-lhe-hia dois fatos, um, presente meu, outro dos Arabes, como prova do direito que lhe assistia sobre este paiz.

N'este instante o tambor da aldeia de Myonga rufou para se reunir o exercito, porém este incidente não passou d'isto, e o velho chefe que me enviaram recebeu o promettido e rasoavel tributo das duas peças de fazenda, acompanhadas do aviso de que seria perigoso interceptarem a marcha da expedição, porque levavamos todas as espingardas carregadas.

Phunze, chefe de Mkumbiro, aldeia situada a dez milhas ao sul  $\frac{1}{4}$  sudoeste de Myonga, e o chefe de Ureueh, quarenta milhas e meia distante de Phunze, tornaram-se igualmente demasiado exigentes nos seus pedidos, porém não receberam uma pollegada de fazenda. Comtudo, nenhum d'estes tres chefes foi tão exigente como Ungomirua, rei de Ubagué, uma grande cidade de tres mil habitantes.

N'esta cidade encontrámos um arabe que ia em viagem para Uganda, e a narração que nos fez das extorsões e roubos de que havia sido victima da parte dos Ungomirua, era horrorosa. Tinha sido obrigado a dar cento e cincoenta peças de fazenda, cincoenta libras de polvora, cinco espingardas de dois cannos, trinta e cinco libras de missanga, tudo no valor de quinhentos e cincoenta mil réis, para obter a permissão de atravessar sem perigo o districto de Ubagué.

Quando o chefe veio visitar-me, disse-lhe:

«Porque é, meu amigo, que tendes tão má reputação? Porque motivo teve este Arabe pagar um tão



exorbitante tributo para atravessar o Ubagué. Não pertencerá Ubagué a Unyamuezi, para que Ungomirua exija tanto dos Arabes? Os mercadores Arabes trazem fazendas, polvora e espingardas. Se exigis o que elles transportam para vender, eu participarei aos compradores que não venham cá. D'este modo Ungomirua tornar-se-ha pobre e não terá polvora nem espingardas para se defender, nem fazenda para se vestir. O que tem Ungomirua a responder ao seu amigo?

«Ungomirua, replicou elle, não faz mais do que Ureueh, Phunze, Myonga, Ndega, Urangua, e Mankorongo; apanha o que póde. Se o branco acha que faço mal, e quer ser meu amigo, restituirei tudo ao arabe.»

«Ungomirua é bom, respondi eu. Não entregareis porém tudo; guardae para vós uma espingarda, cinco peças de fazenda, vinte enfiadas de contas e dez arrateis de polvora; não é pouco, mas é o sufficiente. Tenho comigo um grande numero de Vuanyamuezi, os quaes tenho tornado bons; trago tambem na minha companhia dois homens de Ubagué e um homem da aldeia de Phunze. Faça Ungomirua conduzir á sua presença os Vuanyamuezi e pergunte-lhes como o branco os tracta, aconselhae-os a desertarem, e ouvireis o que elles respondem. Dir-lhe-hão que todos os brancos são bons para aquelles que os tratam bem.»

Ungomirua mandou chamar os Vuanyamuezi, e perguntou-lhes a razão porque seguiam o branco para toda a parte, abandonando por causa d'elle os seus irmãos e irmãs.

Ao que elles responderam:

«Os brancos sabem tudo. Temos abundancia de comida e de fazenda para nos vestirmos, e além d'isso dinheiro. Em compensação tudo o que damos ao branco é a nossa força. Transportamos as suas mercadorias, e elle tem para com as crianças negras todos os cuidados de um pae. E' preciso que Ungomirua faça alliança com o bran-

co, que siga todos os seus conselhos e d'este modo será bom para o paiz de Unyamuezi.»

Qualquer que fosse o motivo a que elle obedecesse, Ungomirua restituiu ao arabe quasi todas as mercadorias e fez-me presente de tres bois; durante todo o tempo que permaneci em Ubagué, dedicou-me grande amizade e apresentou-me como seu particular amigo a varios Vuatuta que o vieram visitar n'esta occasião. Na verdade, não me recordo de aldeia alguma d'Africa onde a permanencia fosse tão agradavel para mim.

O Unyamuezi é perturbado por uma multidão tal de pequenos potentados, aos quaes a necessidade, e mesmo a pobreza, dão á sua audacia proporções taes que cada um d'elles tem mais ameaças nos labios e fazem mais exigências que o imperador de Uganda.

O proverbio que diz «de pequenas cousas nasce o orgulho das naturezas vis» é verdadeiro n'Africa, assim como nas outras partes do mundo. Sayid bin Sayf, um dos arabes de Kafurro, supplicou-me, no interesse das minhas mercadorias e da minha tranquillidade d'espirito, que não atravessasse o Unyamuezi em direcção a Ujiji, mas seguisse o caminho de Uhha. Attribuo este conselho ao desejo que Sayid tinha de saber depois se eu teria sido tão expoliado pelos reis de Khanza, Iuanda, e Kiti como elle o fôra. Confessou que tinha entregue a Kiti sessenta fardos de fazendas, a Iuanda a mesma porção e ao rei de Khanza cento e trinta e oito, representando o valor de quinhentos mil réis o que despedaçava o coração do estimavel negociante.

Na minha primeira viagem á procura de Livingstone tinha experimentado sufficientemente a habilidade dos chefes de Uhha para se apoderarem do alheio, e estava bem resolvido a evital-os para o futuro com muito cuidado. A narração de Sayid, confirmada por Hamed e pela minha propria experiencia, punham perfeitamente em relevo o modo de proceder e a avidez dos Vuahha.



Até agora, desde a capital de Kibogora até Ubagué, apenas tenho distribuido trinta fardos de fazenda, pelos nove monarchas do Unyamuezi, sem outro trabalho que o de fazer reduzir as suas exigencias.

Nenhum viajante encontrou ainda na Africa equatorial, raça peor que a dos Mafitté ou Vuatuta. São estes os verdadeiros Beduinos d'esta parte do mundo; e seguramente algum negro Ismael os produziu, porque as suas mãos estão sempre levantadas para todos os homens e as de todos os homens estão levantadas contra elles.

Matar um Mtuta é considerado por um arabe como acção tão meritoria e muito mais necessaria do que matar uma serpente. Para se acautellar d'estes negros flibusteiros o viajante, emquanto passa proximo das suas tocas, precisa tanto sangue frio e destreza, como prudencia. É necessario que os habitantes dos logares circumvisinhos defendam as suas aldeias por meio de inexpugnaveis palissadas, e vigias que estejam áleria dia e noite velando cuidadosamente pelas suas mulheres e filhos. A lenha para cosinharem vão busca-la reunidos em grandes grupos e cultivam os terrenos de lança em punho, tal é o medo inspirado por estes bandidos.

Os Vuatuta, por cujo territorio vamos agora passar, pertenciam á tribu dos Mafitté, e separaram-se d'elles ha trinta annos, encaminhando-se para o norte em busca de algum gado que pudessem apanhar. Nas suas excursões, encontraram os Vuarori, que possuíam numerosos rebanhos de animaes bovinos. Tendo combatido dois mezes n'um local, tres mezes n'outro e conhecendo que os Vuarori eram demasiadamente fortes para elles e perdendo, além d'isso, muita gente, tanto na guerra como pelo estabelecimento de grande numero d'elles perto de Ugogo (agora conhecido pelo nome de Vuahehé) os Vuatuta, contornaram Urori, e avançando pelo noroeste atravessaram Ukonongo, Kauendi e encaminharam-se para Ujiji.

Ainda está presente na memoria dos velhos Arabes residentes n'esta provincia a brusca apparição dos Vuatuta que os obrigaram tanto a elles como aos Vuajiji a refugiarem-se na ilha de Bangué.

Não satisfeitos ainda com este successo, os Vuatuta atacaram o Urundi, porém ahi encontraram inimigos muito differentes dos negros do sul. Invadiram em seguida Uhha e ahi encontraram a mesma resistencia. Repellido em Uhha e Urundi, continuaram a sua marcha devastadora, atravessaram o Uvinza, entraram no Unyamuezi, penetraram em Usumbua, Utambara, Urangua, Uyofo, e atravessando Uzinja alcançaram o lago Victoria, onde permaneceram durante alguns annos. Mas as margens do Nyanza não lhes convinham, e retrocederam para Utambara. Kututua, rei de Utambara, pediu, em casamento, a filha do chefe dos invasores, e conservou o seu paiz, que lhe foi restituído. Os Vuatuta, dirigindo-se então para o sul, apoderaram-se de Ugomba, paiz que ficava pouco distante, e estava situado entre Uhha e Unyamuezi. Este territorio possuindo abundancia d'agua e ricas pastagens, convinha-lhes perfeitamente aos seus habitos e á sua maneira de viver, e estabeleceram-se portanto n'este local. Os reis de Serombo, Kinyamuezi, Ubagué, Ureueh, Renzeueh, e os de Mirambo e Phunze fizeram tractados de alliança com os Vuatuta e vivem com elles em boa harmonia; sómente o teimoso Myonga se acha desligado dos seus terriveis visinhos.

Os leitores do «Como encontrei Livingstone» devem lembrar-se que em 1871, Mirambo appareceu repentinamente diante de Tabora acompanhado de milhares de Vuatuta; que, no combate que se seguiu, Khamis bin Abdullah e cinco outros arabes foram assassinados, e aquelle populoso estabelecimento saqueado. Pelo que acabo de dizer d'estes terriveis expoliadores, comprehender-se-ha que foi a esperanza da pilhagem que fez juntar os Vuatuta ao partido de Mirambo. Nos paragraphos seguintes



explicarei de que maneira obtive as informações sobre a emigração d'esta população expoliadora.

A mulher de Vuadi Safeni — um dos meus chefes, e mestre do *Lady Alice* durante o nosso cruzeiro no Victoria Nyanza — saindo da palissada de Ubagué para ir buscar agua, ouviu por acaso alguns Vuatuta, que tinham vindo visitar-me, conversar em grupo. O dialecto e o accento das palavras soando familiarmente aos seus ouvidos obrigaram-n'a a escutar. D'ahi a um momento



«Vuatuta»

estava ella no meio d'elles, fallando e discutindo acaloradamente ácerca do territorio que habitam os Mafité, entre os lagos Nyassa e Tanganika. Foi d'este modo que consegui obter as informações ácerca das correrias dos Vuatuta, confirmadas pelos Arabes, Vuanguana, e Vuanyamuezi.

«Mono-Matapa», nome tornado classico na Africa em virtude da sua antiguidade e da persistente apparição

nas nossas cartas, — onde occupa diversos lugares, seguindo os caprichos dos cartographos ou as hypotheses dos viajantes, — teve outr'ora relações com a tribu dos Vuatuta.

O intelligente viajante Salt, no seu livro ácerca da Abyssinia, datado de 1814, diz:

«Este paiz, — uma porção da Africa oriental, ao sul do Equador, — chama-se geralmente Monomatapa. Nas descripções que d'elle se tem feito ha uma certa obscuridade, resultado dos differentes auctores confundirem os nomes dos districtos com os titulos dos soberanos; d'este modo chamam indistinctamente a estes districtos; Quitéve, Mono-matapa, Bene-motapa, Bene-motasha, Chikanga, Manika, Bokaranga e Mocaranga. Comtudo suppõe-se ser Quitéve o nome do rei e Motapa o do paiz, ao qual juntaram a prefixa *Mono*, como em Monomugi e muitos outros nomes da costa; parece, além d'isso, que para lá d'esta região, se achava um districto chamado Chikanga, onde eram situadas as minas de Manika, e que os outros nomes não designam senão pequenos districtos, submettidos n'aquella epocha ao dominio de Quitéve.»

Zimbaoa, capital d'este interessante paiz, ficava situada, dizem, a quinze dias de jornada para o lado occidental de Sofala, e a quarenta dias de Sena.

As minuciosas explorações de alguns viajantes intelligentes habilitaram-nos a comprehender exactamente o sentido de varios nomes que os antigos geographos empregavam, e que durante muito tempo fizeram confusão. O antigo paiz de Mono-Matapa, occupava a parte sudoeste da Africa onde estão hoje os Matabeles, e o imperio comprehendia quasi todas as tribus e todos os clans actualmente designados sob os nomes populares de Cafres e Zulus.

A reputação que Chaka havia adquirido, em toda a elevada região que se estende desde o paiz dos Hotten-



totes até ao Zambeze, despertou o desejo da conquista a muitos ambiciosos. Estes grandes capitães, levando consigo bandos de guerreiros, espalharam o terror entre as tribus do norte, sul e oeste. Mosélé-katzé invadiu o Transvaal e subjugou os Bechuanas; mais tarde, porém, foi obrigado pelos Boers a emigrar para o norte, onde a sua população, agora conhecida sob o nome de Matabeles, se havia estabelecido sob a direcção de Lo-Benguella, seu successor.

Sebituané, de genio igualmente bellicoso como Chaka, poz-se á frente d'uma tribu dos Basutos, e, depois de numerosas victorias ganhas aos chefes de pequena importancia, alcançou as margens do Zambeze, onde se estabeleceram sob o nome de Makololo. A Sebituané succedeu Sekeletu, um amigo de Livingstone; a este seguiu-se Impororo, o ultimo rei de Makololo.

Um dos generaes de Chaka chamava-se Mani-Koos. Devemos acrescentar que Mani, Mana, Mono, Moeni, Muini, Muinyi são prefixas e synonymos de senhor, de principe e algumas vezes mesmo de filhos: por exemplo, Mana-Koos, Mani-Ema, agora chamados Manyema, e Mana-Mputu, senhores do mar; Mono-Matapa, Mana-Ndenga, Mana-Butti, Mana-Kirembu, Mana-Mamba, e assim por diante. Em Uregga a prefixa transforma-se em Vuana ou Vuane, assim como em Vuane-Nbeza, Vuane-Kirumbu, Vuane-Kamankua, Vuana Kipangu, Vuana-Mukua, e Vuana-Rukura; nos paizes de Bateké e Babuendé modifica-se em Muana, como Muana-Ibaka, ou Muana-Kilungu, cujo titulo foi dado por Babuendé ao rio de Livingstone e que significa «senhor do mar».

Voltemos a Mani-Koos. O general de Chaga bloqueou os Portuguezes na bahia da Delagoa, Sofala, e Inhambane, obrigando-os a pagar-lhe tributo. Os seus guerreiros atravessaram em seguida o Zambeze, acima de Tete e depois de terem assolado as margens do Nyassa foram estabelecer-se ao noroeste, entre este lago e o Tan-

ganika. Hoje são conhecidos pelo nome de Manitu, Matité ou Ma-Víti. D'esta tribu destacaram-se tres grupos; o dos Vuahhé que atormentam tão cruelmente os Vuagogo e a dos Vuatuta que se estabeleceram nas vizinhanças de Zombé, extremidade sueste do lago Tanganika; e os Vuatuta, aliados de Mirambo, e que os Vuanyamuezi chamam Muangoni.

No dia 4 de maio, tendo recebido as vaccas, bois e vitellas que me enviava o meu novo irmão Mirambo, caminhámos na direcção do sudoeste, costeando o territorio dos Vuatutas, até Ruuinga, aldeia situada n'um terreno inculto e governada por um chefe pouco importante, que é tributario dos seus temiveis vizinhos.

No dia seguinte, atravessámos em boa ordem uma parte do territorio dos Vuatuta. Não esquecemos nenhuma das precauções que é uso tomar quando se recosa uma cilada, e não fizemos paragem alguma n'esta jornada. Conhecemos demasiado os habitos do inimigo para saber que era este o unico meio de evitar um ataque.

Às duas horas da tarde, depois d'uma marcha de vinte e duas milhas, chegámos a Msené, cujo rei chamado Mulagua, nos recebeu com demonstrações d'affecto.

A população das tres aldeias, governadas por Malagua, é proxicamente de tres mil e quinhentos habitantes. O rei dos Vuatuta vem frequentemente visitar este districto; porém as fortificações das aldeias, e um grande numero de armas de fogo, teem sido sufficientes até hoje para repellir os ladrões. Apesar d'isso um grande numero de atrocidades tornam victimas os imprudentes que se affastam das habitações. Vi uma pobre mulher, a quem os Vuatuta haviam cortado o pé esquerdo, n'uma occasião em que a encontraram nos seus dominios.

Maganga, o vagaroso chefe d'uma das caravanas da primeira expedição, achava-se n'esta occasião um Msené.



Conhecendo de longa data a minha generosidade, aconselhou Mulagua a fazer todo o possível para me ser agradável.

Uma jornada de dez milhas, na direcção do sudoeste de Msené, levou-nos a Kauangira, districto com dez milhas quadradas de superficie e governado por Nyambu, rival de Mulagua. O extenso territorio que separa os paizes d'estes dois chefes possui numerosos signaes dos ataques deshumanos e devastadores dos Vuatuta, e este paiz outr'ora populoso, apresenta hoje o aspecto primitivo de territorio deserto.

No dia 9 de maio alcançámos a aldeia que se segue chamada Nganda, situada dez milhas a sudoeste de Kauangira. D'este lugar até Usenda (distante quatorze milhas para o su-sudoeste) estende-se uma planicie coberta d'agua, de dois a cinco pés de profundidade, resultante das inundações do Gombé, que nasce á distancia de quarenta milhas ao sudoeste de Unyanyembé. No sitio onde este rio se juncta com o Malagarazi, existe uma grande planicie, a qual, durante a estação das chuvas, é convertida n'um lago.

No dia 12, tomando a direcção de su-sudoeste, chegámos á importante aldeia de Usagusi. Do mesmo modo que Serombo, Urangua, Ubagué e Msené esta povoação é cercada d'uma forte palissada, e o chefe compreendendo que a segurança da sua principal aldeia consiste no bom estado das fortificações, impõe grandes multas aos habitantes que manifestam repugnancia em reparar a palissada; e em virtude d'esta vigilante prudencia tem conseguido conter em respeito os lobos devoradores de Ugomba.

Na aldeia seguinte, Ugara, encontrei um outro antigo amigo meu. Era um dos que me foi visitar em 1871 ao meu acampamento de Zuzuri, em Ukimbu. Ugara fica a dezeseite milhas de distancia de Usagusi para o lado oeste-sudoeste. Encontrei o paiz em dupla guerra, uma

entre Kazavula e Uvinza, e outra entre Ibango de Usenyé e Mkasiua de Unyanyembé.

Uma jornada de vinte cinco milhas na direcção do occidente, atravez d'um paiz despovoado, conduziu-nos a Zegi, em Uvinza, onde encontrámos uma grande caravana, sob a direcção de um Arabe ao serviço de Sayid bin Habib. Entre estes indigenas de Zanzibar havia um homem que tinha acompanhado Cameron e Tippu-Tib até Utatera. Como outros Münchhausens da sua raça affirmou-me, sob juramento, que tinha visto, n'um lago situado a oeste de Utatera, um navio tripulado por Vuazungu, Europeus, com a pelle negra.

Antes de chegármos a Zegi, vimos o lago de Sivué, lençol d'agua alimentado pelo rio Sagala: tem este lago cerca de 7 milhas de largo por quatorze de extensão. Desagua atravez d'um grande canal atulhado de videiras, canaviaes e plantas tropicaes, indo juntar-se ao rio Malagarazi proximo de Kiala.

A aldeia de Zegi estava cheia de guerreiros de Ruunzu. Este que succedeu ao seu pae, chamado Nzogera, rei de Uvinza, é um homem energico, disposto a combater Mirambo por causa dos seus ambiciosos projectos de annexação. Tomei muita cautella em não dar a conhecer as minhas relações fraternaes com Mirambo receiando que os Vuavinza suspeitassem que eu auxiliava as pretensões e desejos de Mirambo de se apoderar do seu amado paiz.

Estes guerreiros vendo que a palavra Ruga-Ruga, ou bandidos, tem influencia nos espiritos fracos, dão a si mesmos este nome e fazem todo o possível para o justificar, apoderando-se de todos os viajantes indigenas suspeitos de serem hostis ou possuirem alguma cousa.

Um d'estes acabava de ser apanhado e iam cortar-lhe o pescoço, quando eu observei que era melhor vendel-o, porque o seu cadaver não lhes servia para cousa alguma.

«E quereis compral-o então? perguntaram-me os que



o tinham apanhado. Queremos por elle dez dotis (vinte braças) de fazenda.

«Os brancos não compram escravos, respondi-lhes eu. Mas para impedir que matem um innocente, offereçovos dois dotis por elle.»

Depois de grande discussão, foi accete a proposta; o pobre velho, porém, tinha sido tão maltratado que morreu alguns dias depois.

Zegi, occupado como era por homens sem fé nem lei não era um lugar muito agradável. A conducta d'estes guerreiros provou-me mais uma vez, e d'uma maneira curiosa, a exactidão de proverbio que já citámos. «como das pequenas cousas nasce o orgulho das naturezas vis.» As suas maneiras arrogantes, o ar insolente, os olhares altivos, e o enorme enfeite de plumas, os seus gestos, maneira de andar, tudo entre elles era insultante. Tendo adoptado arrogantemente o nome de Ruga-Ruga, honravam-se imitando os bandidos e fumando o canhamo, e a minha memoria não recorda cousa alguma semelhante á tempestade de gritos, espirros, soluços, extravagancias vocaes, acompanhadas dia e noite do monotonico ruido da guitarra de uma só corda, (outro objecto indispensavel ao Ruga-Ruga.)

Paguei a Rusunzu um tributo convencionado de quinze córtes de fazenda em lugar de sessenta que elle tivera a imprudencia de reclamar por intermedio do seu Mutuaré ou chefe, e este, que pedira vinte para si, recebeu apenas quatro. Terminado isto partimos no dia 18 de maio em direcção ao Malagarasi, que alcançámos em Ugaga.

No dia seguinte o Mutuaré d'esta aldeia reclamou quarenta dotis para nos dar a permissão de atravessar o rio. Mandei Frank acompanhado de vinte homens, armar o *Lady-Alice*, tres milhas distante do local onde estavamos, e prolonguei as negociações até á chegada do mensageiro que me viesse dizer que o barco estava prompto.

N'esta occasião, depois de fazer uma tentativa de offerta de dois córtes, que foram regeitados com desdem, dei-lhes quatro dotis. O Mutuaré, depois de receber o meu tributo, disse-me que Rusunzu, o rei, me ordenava que o fosse procurar para o ajudar a combater os seus inimigos, e que se assim não fizesse não me dava a permissão de atravessar o rio. Contentei-me em sorrir á vista d'esto acto de dispotismo, e encaminhámo-nos para o bote, onde acampámos. A's quatro da manhã do dia seguinte, 20 de maio, já tinha oitenta homens do outro lado do rio, que, n'esta epoca, tinha uma milha de largo,\* e ás tres horas da tarde, a expedição inteira, com os arabes que tinhamos encontrado em Zegi, estava do outro lado do Uvinza.

No dia seguinte, evitando as ardentes planicies de Uhha, de triste memoria para mim, chegámos a Ruuhera, tendo caminhado onze milhas; d'aqui dirigindo-nos para o occidente, e fazendo uma jornada de nove milhas e meia atravez de uns canaviaes pouco espessos, chegámos a Mansumba; d'aqui enviei alguns Vuanyamuezi a Uhha comprar uma porção de cereaes para sustento da expedição durante a travessia do paiz despovoado que separa Uvinza de Ujiji.

Cousa estranha, os Vuahha, que são os maiores exploradores d'Africa, não só auxiliam qualquer caravana quando está fora das suas fronteiras, mas ainda se apressam a vender-lhe os viveres. Além d'isso cerca de cinquenta Vuahha vieram ao nosso acampamento em Mansumba e trouxeram-nos farinhas e aves. A verdade obriga-me a dizer que se tivéssemos atravessado o Uhha teríamos sido maltratados, comtudo deve reconhecer-se que além das fronteiras, os habitantes d'este paiz não são hostis para os estrangeiros.

É pena que o Malagarazi não seja navegavel. Ha uma

\* Na estação da estiagem o Malagarazi tem sómente em Ugaga cerca de 60 jardas de largura.



diferença talvez de novecentos pés entre a altitude do Ugaga e a do Ujiji. A vinte cinco milhas de distancia d'este ultimo ponto, a su-sudoeste de Ruuhera, ha uma serie de cataractas, e ha outra a vinte milhas de distancia do Tanganika.

No dia 24 ao meio dia acampámos na margem occidental do Rusugi. Uma pequena aldeia, chamada Kasenga, está situada duas milhas acima do vau. Juncto d'esta e de ambos os lados das margens, existem as marinhas de sal de Uvinza, que dão ao rei um bom lucro. N'um espaço d'uma milha quadrada, o solo está juncado de vasos quebrados, cinzas, residuos de sal, bocados de barro cosido e cabanas em ruinas. Como Rusunzu era agora o proprietario de todo o paiz até á distancia de quinze milhas de Ujiji, ninguem lhe disputava a posse das marinhas de sal.

Depois de uma marcha de vinte e tres milhas, durante a qual atravessámos um espesso matto dividido em pequenas clareiras, e transpozemos uns pequenos afluentes do Malagarazi, parámos proximo de Uguru, districto montanhoso do Uhha occidental.

Os cumes septentrionaes do massiço de Uguru, situados talvez a quinze milhas ao norte das nascentes do Liuché, dão origem aos afluentes meridionaes do Nilo Alexandra; correndo as aguas do oeste pelo Mshala; as da vertente meridional pelo Liuché, e as de éste pelos regatos de Uhha tributarios do Malagarazi. As fronteiras de Urundi, Uhha e Ujiji comprehendem estas montanhas, cuja elevação é provavelmente de seis mil e quinhentos pés (1:976 metros) acima do nivel do mar.

Em Niamtaga fiquei satisfeito por encontrar o chefe que ahi tinha deixado em novembro de 1871 e que era meu amigo. Pobre homem! quinze dias depois foi surprehendido pelo rei Rusunzu, sendo massacrado com tres quartas partes dos seus subditos.

No dia 27 de maio ao meio dia, as brilhantes aguas

do Tanganika appareceram repentinamente á nossa vista e parei, surprehendido, como da primeira vez que as tinha contemplado. Tres horas depois chegávamos a Ujiji, onde Muini Kheri, Mohammed bin Gharih, Sultan bin Kassim, e Khamis o Baluch, esperavam a minha volta. Mohammed bin Sali tinha morrido. O largo ou praça onde encontrára Livingstone em 1871 estava occupado por immensos tambés dos arabes. A casa que tinhamos habitado ambos, ha muito tempo que se havia queimado, e em seu logar apenas havia algumas asnas enegrecidas e um espaço desoccupado e de feio aspecto. O lago apresentava-se á vista com o mesmo esplendor como na epocha em que o observámos da praça; do outro lado, as montanhas do Goma tinham a mesma cor escura azulada; o rio Liuché continuava o seu curso, tão escuro como outr'ora, correndo a éste e sul de Ujiji. A ressaca não era menos activa, o sol tinha o mesmo brilho, o ceu o mesmo esplendido azulado, as palmeiras continuavam a ser graciosas, e a vegetação opulenta, mas o velho heroe, cuja presença outr'ora substituiu para mim o Ujiji e todas as suas bellezas, já não existia!



## CAPITULO VII

Ujiji, seu aspecto, habitantes, seus mercados e arredores. — A rivalidade dos arabes. — A circumnavegação do Tanganika. — O commandante Cameron e o curso do Lukunga. — Invasão das aguas. — Lenda do lago. — Á tarde.

O melhor sitio d'onde se pode ver Ujiji é do tecto dos tombés (casas) dos arabes. A photographia juncta representa uma vista do lado do norte tirada do meu tombé, que ficava fronteiro ao mercado. Comprehende as cabanas quadradas e conicas dos Vuanguana, Vuanyamuezi e escravos arabes, as palmeiras oriundas da Guiné, cujos fructos côr de ouro desvanecido fornecem o oleo de palma aos Vuajiji; os longos campos de bananeiras, destacando-se aqui e ali uma graciosa ambapayeira, e mais distante avistam-se os bosques d'um verde escuro orlando as margens, e cujas arvores são cuidadosamente conservadas pelos barqueiros para lhes gozarem a sombra.

Ao sul do mercado ficam os tombés dos arabes, solidos, espaçosos, construidos de barro e com o telhado raso, tendo do lado da estrada espaçosos terraços d'onde se gosa deliciosa frescura. Palmeiras, ambapayeias, romanzeiras, erguem-se graciosamente, cobrindo com os seus ramos e folhagem as varandas d'estas habitações, e formando assim um agradável contraste com as paredes escuras as casas e com as palissadas.

O porto de Ujiji divide-se em dois districtos — Ugoy,



UDJIDI, DO LADO NORTE DO MERCADO; VISTA TIRADA DO NOSSO TOMBÉ EM UDJIDI.  
(Segundo uma photographia do Auctor.)



occupado pelos arabes, e Kaulé, habitado pelos Vuan-guana, escravos e indigenas. A praça do mercado está situada em Ugoy, n'um local descoberto que, em 1871, tinha uma extensão de tres mil jardas (2+700 metros) quadrados e agora está reduzida a tres quintas partes. Deante d'esta praça estão ancoradas enormes canôas dos arabes, as quaes, procedentes da margem occidental de Goma, teem a borda elevada empregando para isso enormes taboas de teca. Por occasião da minha chegada (1876) a maior d'estas embarcações pertencia ao sheikh Abdullah bin Sulieman, e tinha quarenta e oito pés de comprimento, nove de largo e cinco de altura, com um camarote para o Nakhuda (capitão) e com um pequeno beliche á prôa.

Sheikh Abdullah assumindo um ar de opulento armador marítimo, tem por vezes ferido a vaidade do governador, Muini Kheri, possuidor de nove canôas. Abdullah havia posto ao seu «grande navio» um nome muito pomposo, o governador, porém, dava-lhe o sobrenome de *ronceiro*. A este respeito devemos dizer que os arabes e Vuagigi dão todos nomes ás suas canôas.

O ruido que se elevava da praça do mercado, onde se agitava uma numerosa multidão, formada pelos representantes de grande numero de tribus, fez com que eu acordasse logo ao romper do dia. Estando com bastante curiosidade de vêr o primeiro mercado por onde passavamos desde a minha sahida de Kagehyi, vesti-me á pressa e dentro em pouco misturava-me com a multidão dos vendedores, compradores e ociosos.

Vêm-se aqui representadas todas as riquezas das margens do Tanganika. Os Vuajiji, que são habéis negociantes, sabendo que as batatas, ignames, cannas d'asucar, mandobi, azeite, vinho de palma, manteiga e pombé, que vendiam aos Vuanguanas eram tornadas a vender por estes com enormes lucros aos seus compatriotas, elevaram os preços em alguns artigos chegando



agora a valerem o dobro do que custavam quando aqui estive da primeira vez, em 1872. Isto deu causa a grandes lamentações dos escravos e Vuanguana, porque os Arabes não estão dispostos a fornecer-lhe as rações que estejam em relação com os preços actuaes. O governador, fornecido pelo Mutuaré do districto do lago, recusa-se a intervir n'este assumpto, muito embora seja frequentemente convidado para isso; e acontece a miudo que os Vuanguana, armados das suas maças correm sobre os indigenas, como faziam outr'ora os aprendizes de Londres soccorrendo algum dos seus camaradas.

Exceptuando os Vuajiji, que actualmente teem abundancia de fazendas, todos os outros, — os indigenas ruraes—conservam o primitivo vestuario trazido pelos Vuazinja, Vuazongora, Vuanyambu, Vuany-Ruanda, Kishakka, Vuanyoro, Vuanya-Nkori, Vuasui, Vuatusi, Vuahha, Vuarundi e Vuazigé, isto é, uma pelle de cabra atada em redor da cintura, descendo até abaixo dos joelhos com extensos atacadores da mesma materia. Todas estas tribus teem uma origem commum, e os seus dialectos fazem pouca differença uns dos outros. Comtudo, a maior parte dos que habitam os paizes contiguos a Unyamuezi e Uganda perderam as feições que caracterisam a raça pura, distinguindo-se dos Africanos por um typo menos favorecido e menos delicado.

O mercado de Ujiji é quotidianamente e todos os dias o Uhha para ahi envia palma, sesamo, milho miudo, feijões, aves, cabras, carneiros de grande cauda, manteiga e algumas vezes bois; o Urundi envia igualmente bois, cabras, carneiros, manteiga, aves, bananas verdes e maduras, azeite e fructos de palmeira; o Uzigé—só de tempos a tempos envia, — bois e azeite de palma; o Ubuari manda enormes quantidades de milho miudo, mandioca, peixe secco, *dogara* (peixes brancos muito pequenos que abundam no lago) e cereaes; Uvinza manda sal; Uguha, envia cabras, carneiros e cereaes, principal-

mente milho; os Vuajiji ruraes vendem leite, mandobi, batatas, bananas, tomates, ignames, feijões, hervas de jardim, melões, pepinos, canna d'assucar, vinho de palma, azeite de palma, bois, cabras, carneiros, ovos, aves e louça de barro; os Vuajiji do paiz trazem os seus escravos, peixe fresco, *dogara* e outras especies, marfim, cestos, linhas de pesca, lanças, arcos e flechas; os Vuanguana e os escravos Arabes apresentam para a venda madeira para queimar, arroz, ovos, fructos selvagens, cannas d'assucar, mel colhido nos bosques de Ukaranga e escravos.

O'mericani, tecido crú de Massachusett, e o Kaniki, tecido de algodão, fazendas de riscas ou xadrez de Manchester, Muscat ou Cutch, contas azues, vermelhas, brancas ou escuras são acceites em pagamento sem difficuldade, porém com a deducção do desconto, porque o Sofi, é a unica moeda corrente para todos os indigenas que frequentam o mercado. E' uma conta de fórma cylindrica de meia pollegada de extensão, de porcellana branca ou escura, que se assemelha a um fragmento de tubo de cachimbo. Isolado, este pedaço de conta tem o nome de «*Masaro*» e é a moeda de menor valor; em enfiadas de vinte, cada uma representa um «*Kheté*» e é sufficiente para pagar a ração de dois dias a qualquer escravo e só um dia a um homem liberto de Mguana.

Os preços dos mercado de 1876 foram os seguintes:

	Córtes de fazenda de 4 jardas de extensão
Cada arratel de marfim.....	1
Uma cabra.....	2
Um carneiro.....	1 1/2
Doze gallos.....	1 1/2
1 boi.....	10
1 caneco de vinho de 14 litros.....	2
1 caneco de azeite de palma — 14 litros	4
60 arrateis de trigo.....	1
90 » de milho.....	1



1 caneco de mel (4 litros).....	1
1 escravo de 10 a 13 annos.....	16
1 rapariga de       »       » .....	50 a 80
1       »   de 13 a 18   » .....	80 a 200
1 mulher de 18 a 30 annos.....	80 a 130
1 mulher de 30 a 50 annos.....	10 a 40
1 rapaz de 13 a 18       » .....	16 a 50
1 homem de 18 a 50       » .....	10 a 50

O paiz de Ujiji estende-se ao longo da margem do Tanganika, desde o rio Liuché que o limita ao sul e separa-o de Ukaranga, até ao rio Mshala, que o limita ao norte, dando uma extensão de quarenta e cinco milhas. Como Ujiji, dizem, é limitrophe de Uguru, no districto de Uhha, póde attribuir-se-lhe uma largura de vinte milhas e uma superficie de novecentas milhas quadradas (2330 kilometros quadrados).

O Mtemi (rei) actual chama-se Magassa, que possui um terror supersticioso pelo lago. A sua residencia é n'um valle entre as montanhas que limitam o Uguru, e nunca se approxima do lago, porque está persuadido que, se o fizer, morrerá no mesmo instante. Esta superstição tem talvez alguma relação com a a legenda do lago que me contaram, e que narrarei mais adiante.

Póde calcular-se a população do paiz em quarenta habitantes por cada milha quadrada; teria, pois, a provincia, em numeros redondos, trinta e seis mil habitantes, distribuidos irregularmente. Relativamente ás outras partes do territorio, o valle de Liuché é populoso: os dois districtos de Ugoy e Kaelé tem só por si uma população de trez mil almas, os districtos de Kigoma e Kasimbu são districtos patrocinados pelos Arabes e Vuan-guana. Os Vuajiji são valentes, de character independente mas não de genio bulhento. Depois do estrangeiro ter pago o modesto tributo que lhe é exigido pelo Mutuaré de Ugoy, de Kaelé e Kasimbu, póde installar-se em qualquer parte do districto; e como existe excellente harmo-

nia entre Mutuaré e o governador arabe Muini Kheri, não ha a temer nenhuma injuria. O Mguana ou indigena que appelle para um ou outro, tem a certeza de que serão attendidas as suas queixas. Se o assumpto é grave, é submettido a uma commissão composta d'Arabes e Vuajiji idosos, que se reúnem para darem boa solução á questão, pois entendem elles que um começo de hostilidades comprometteria os seus interesses pecuniarios.

Os Vuajiji são os melhores barqueiros de todas as tribus situadas em redor do Tanganika. Teem visitado todas as terras, bahias, angras e regatos que pertencem a este lago. Algumas vezes soffrem maus tratos, mas elles com a sua prudencia politica commercial, e fino tacto, vão arrostando todos os perigos e dissabores. Teem muitos amigos que em certas occasiões os avisam de algum perigo que lhes está eminente.

Eu não posso deixar de me felicitar pelo benevolo acolhimento que tive. O governador da colonia arabe do Ujiji, meu velho amigo, foi, como é de suppor, cortez e hospitaleiro para commigo.

Mohammed bin Gharib, que tinha tractado tão bem Livingstone em Marungu e Ujiji, não podia ser melhor para mim. O pão de trigo, o arroz, leite e as golodices com que fomos brindados tão liberalmente por ambos, fizeram com que começassemos desde logo a engordar, tanto Frank como eu, e o nosso peso depressa augmentou.

A avaliar pela gordura que tinham, os meus dois amigos deviam possuir excellente saude: o governador tinha um grande abdomen o Mohammed não lhe ficava atraz, pois apenas pezava menos uns vinte a vinte cinco arratels. O anterior governador, Mohammed bin Sali, possuía igualmente uma rotundidade espantosa, d'onde conclui que a compleição dos arabes se dá perfeitamente com o clima de Ujiji. Quando aqui estive com Livingstone não fui tão feliz porque fui atacado d'uma



febre intermittente tão violenta e de character tão grave que no fim de trez mezes, já não pezava mais de quarenta e quatro kilogrammas.

A riqueza de Muini-Kheri compõe-se de 120 escravos, pouco mais ou menos, de ambos os sexos, oitenta espingardas, oitenta *frasilah* (2800 arrateis) de marfim, duas casas (tambés). um campo de trigo, um arrosal, nove canoas com os competentes remos e velas, quarenta cabeças de gado grosso, vinte cabras, trinta fardos de



Um indígena de Rua

fazendas, vinte saccos de contas, trezentos e cinquenta arrateis de arame de latão, e duzentos arrateis de arame de ferro, valendo tudo isto, no mercado de Ujiji, desoito mil dollars.

A fortuna do seu amigo Mohammed era avaliada sómente em trez mil dollars!

A de Sultan bin Kassim era calculada em 10:000 dol-

lars, e Abdullah bin Suliman proprietario do *Great Eastern* do lago Tanganika, tinha uma fortuna avaliada em dez mil dollars. Os outros arabes de Ujiji podia calcular-se possuirem entre cem a trez mil dollars, cada um.

Ainda que não seja o mais rico, é comtudo Mohammed bin Gharib o possuidor da mais bella casa. Tem cerca de cem pés de comprimento, por vinte cinco de largura e quatorze de altura. Uma varanda de dez pés de largura por quarenta de comprimento, corre ao longo da fachada deixando um espaço livre aos visitantes que são ahi recebidos sobre luxuosos tapetes. O edificio era construido com tijollos seccos ao sol, e cuidadosamente revestidos d'uma camada de barro. A porta principal fazia honra ao carpinteiro do proprietario, e as janellas, guarnecidas de grades, causam admiração ás pessoas naturaes de Uha e Uvinza que vem ao mercado. N'um pateo, situado pela parte de traz da habitação, estavam collocadas as cabanas dos escravos, a cosinha e o curral.

Mohammed bin Gharib era considerado pelos outros arabes seus amigos como um homem emprehendedor e amigo dedicado, mas, censuravam-n'o por ser muito bom e liberal para com os seus escravos, motivo que o podia reduzir á miseria, diziam. As suas dividas eram tão numerosas, que já não tinha credito algum em Zanzibar.

Ha entre todos os arabes uma certa inveja que dá lugar muitas vezes a luctas sanguinolentas. Assim, desde o momento que Said bin Habib entra em Ujiji, a discordia não se faz esperar. O filho, que possui grande numero de escravos, toma o partido do pai. Entre os escravos ha alguns muito exaltados que se resentem da menor injuria feita ao seu senhor. Uma reprehensão, qualquer palavra de descredito é no mesmo instante seguida d'uma vingança sanguinolenta. Os chefes dos Montagues e Capulets correm immediatamente acompanhados dos seus soldados armados de lanças, espingardas



e bastões. Todo o paiz se revoluciona, e o tumulto não se apazigua senão quando os amigos dos dois rivaes os obrigam a ir cada um para sua casa. Vi, tanto nos arabes, como nos Vuanguanas e escravos, as cicatrizes das feridas resultantes d'estas questões.

Abdullah bin Suliman e os seus partidarios estabeleceram-se em Kasimbu, porque dois arabes, parentes de Muini Kheri e chamados Bana Makombé e Muini Hassan, pelo seu genio exaltado, perturbam frequentemente a tranquillidade publica. O que deu causa á partida de Abdullah foi o seguinte acontecimento: um dos escravos d'este, tendo sido aggreddido por Bana Makombé, que lhe deu alguns pontapés, quiz vingar-se d'elle, tentando apunhalal-o. Apenas foram derramadas algumas gottas do sangue aristocrata n'esta pequena aggressão, felizmente frustrada. Comtudo os nobres reuniram-se em grande força e os arabes residentes em Kigoma avançaram em direcção a Ujiji com trezentas espingardas, obrigando o governador a reunir as suas tropas para vingar o sangue derramado. O governador referiu este acontecimento ao Mutuare, e os Vuajiji reunidos em grandes grupos resolveram atacar Abdullah bin Suliman, o possuidor do criminoso. Felizmente Abdullah é um homem prudente, e apresentou-se acompanhado de poucos chefes para explicar o acontecido. Mas, muito embora elle expozesse com socego que a aggressão havia sido feita por um bebado, foi condemnado a ficar sem a mão direita, comtudo, o governador salvou-o, pedindo, em lugar d'isso a cabeça do aggressor.

Um Europeu, n'esse tempo, não tinha em Ujiji senão uma segurança muito precaria. A cada instante, um ou outro dos seus escravos, sob a influencia do pombé ou vinho de palma, poderia, n'um accesso de embriaguez, ferir mortalmente um Arabe ou um Msuahili, o que obrigaria o seu senhor a fugir immediatamente para escapar d'uma ruina total, e talvez da morte.

No Ujiji o trabalho começa logo ao amanhecer, e, excepto nas noites em que ha luar, ninguem anda fóra de casa depois do sol posto. Os arabes, — que contam os annos como os Europeos contam os dias — empregam a maior parte do tempo em comer, beber, fazer visitas de cerimonia e rezar. Uma hora ou duas de commercio, e algumas occupações domesticas de pequena importancia constituem o unico trabalho da sua vida indolente.

Nenhuma carta encontrei para nós em Ujiji, depois de uma ausencia de dezete mezes empregada em percorrer as regiões dos lagos. Eu tinha escripto muitas cartas de Kagehyi, no lago Victoria, a Said bin-Salim, governador de Unyanyambé, pedindo-lhe para me enviar para Muini Kheri, todos os despachos e cartas que me fossem dirigidas, promettendo-lhe por isso uma recompensa condigna, não que estivesse certo de passar por Ujiji, mas sabia que, em chegando a Nyangué, poderia mandar uma força de vinte homens buscar a minha correspondencia que estava em poder de Muini Kheri. Muito embora Said bin-Salim tivesse doze mezes para satisfazer este modesto pedido, nem uma palavra, nem um pedaço de papel veio descançar o nosso espirito, depois de tão grande intervallo! Ambos tinhamos pressa em chegar aqui, tão convictos estavamos de que viriamos encontrar um sacco cheio de cartas. Grande foi pois o nosso desapontamento.

Estando eu resolvido aprehender a circumnavegação do lago Tanganika e calculando estar ausente durante dois ou tres mezes pensava no meio de obter ainda as minhas cartas antes da minha partida para oeste, enviando alguns mensageiros a Unyanyambé. Annunciei esta minha intenção ao governador, e elle prometteu-me junctar um pequeno grupo dos seus soldados aos meus, pois elle e varios Arabes do mesmo modo estavam anciosos por terem noticias dos seus amigos. Mania Sera escolheu então cinco dos nossos mais fieis homens, e os Arabes, pela sua parte,



designaram cinco dos seus escravos de mais confiança e os dez partiram para Unyanyembé no dia 3 de Junho.\*

Antes de partir para a minha viagem em torno do lago Tanganika, tinha que me occupar d'alguns negocios que diziam respeito á Expedição, como aprovisional-a para todo o tempo que durasse a minha ausencia, escolher os guias etc., etc.

Os dois guias que eu escolhi para me acompanharem eram Para, que havia feito parte da expedição de Cameron, durante os mezes de março e abril de 1874, e Ruango, que, em dezembro de 1871, nos havia guiado, a Livingstone e a mim, até á extremidade septentrional do lago.

O ponto mais interessante para mim do lago Tanganika era o seu desaguadouro. Antes de sahir de Zanzibar, tinha ouvido dizer que Cameron o havia descoberto e que ficava no Lukuga, dirigindo-se para oeste a-travez de Uguha e que portanto era um affluente do rio Livingstone.

No livro onde narra a sua viagem, Cameron diz, ao fallar do que viu a respeito de Lukuga:

«Acompanhado do chefe, desci o rio na distancia de quatro a cinco milhas, até onde a navegação era possível. No sitio onde parámos o rio tinha trez braças de profundidade, seiscentas jardas de largura, uma velocidade de nó e meio, e a corrente com uma força tal que nos custava a desviar o barco dos arbustos que appareciam aqui e ali.

«As embocaduras d'alguns pequenos rios que, durante a nossa descida, vimos que desaguavam no Lukuga,

\* Os meus cinco homens chegaram a Kuiuara em menos de quinze dias, mas, nunca voltaram a reunir-se á expedição, não sabendo qual o motivo; e quando abandonei Ujiji, sessenta dias depois da sua partida, tinha perdido completamente a esperanza de receber noticias do mundo civilisado.

estavam incontestavelmente em local opposto ao do lago, e as plantas fluctuantes seguiam todas esta mesma direcção. Para a parte inferior e nas margens a palmeira selvagem apparecia abundantemente.

Todos os apontamentos colhidos por mim em Ujiji estão em completa contradicção com o que se acaba de lèr. Para, o guia de Cameron, dizia que o branco não pudera vêr o rio correr na direcção de Rua, porque elle não corria n'esse sentido.

Ruango, o guia mais antigo, dizia que atravessara o rio cinco vezes, que era consideravel e desaguava no Tanganika, e que se eu o visse correr na direcção opposta entregaria todo o dinheiro que havia recebido.

Alguns indigenas das margens do Lukuga affiançaram-me que havia dois rios com este nome, um dirigindo-se para o Taryanika outro para o Rua.

Muini Kheri, governador de Ujiji, Mohammed bin Gharrib, Muini Hassan, Bana Makombé e Vuadi Safeni, asseveraram-me igualmente, da maneira mais positiva, que durante muito tempo atravessaram o Lukuga, já a vau, já em canôa, e que a embocadura era muito larga e parecia não ser mais do que um braço do lago; que, até á chegada do branco a Ujiji, ninguem ouvira ainda fallar d'um rio sahindo do lago, e não acreditavam que o Tanganika tivesse sahida.

A exactidão e invariabilidade destas informações, eram tão differentes das que colligira o tenente Cameron que me obrigaram a tomar a deliberação de explorar a costa cuidadosamente, afim de achar a solução do problema.

Eu mesmo não acreditava que o Tanganika tivesse actualmente desaguadouro e eis como eu fundamentava esta opinião: tres palmeiras que, em novembro de 1871, existiam na praça de mercado de Ujiji, estavam agora no lago, distantes uns cem pés da margem, e o areal onde, de manhã, eu passeava com Livingstone, estava coberto d'agua n'uma extensão de duzentos pés.



Perguntei a Muini Kheri e a Mohammed se a observação que eu fizera com respeito ás palmeiras era verdadeira; ambos responderam, sem hesitar, affirmativamente. E como prova em favor da invasão do lago Muini Kheri acrescentou que na occasião da chegada áquelle paiz, ha trinta annos, o canal que separava a ilha de Bangué da terra firme passava-se a vau; que n'este os arabes tinham arzoaes que hoje existem no lago a tres milhas da actual margem; que todos os annos, o Tanganika lhes conquista uma porção dos campos semeadas e todos os cinco são abrigados a recuarem as suas habitações. Um braço do lago, representado na minha photographia a pag. 210 está situado n'um local occupado em 1871 por uma pastagem e onde os pescadores enxugavam as suas redes.

Antes de partir para a minha viagem fui á ilha de Bangué, e medi a profundidade do canal que a separa da terra firme. Entre uma ponta pedregosa da ilha e a lingua de terra mais avançada da costa, fiz treze sondagens, e achei, no meio do canal, 18, 21, 23, 24, 22, 23, 20, 19 e 17 pés de profundidade.

Os Vuajiji, negociantes e pescadores contam duas interessantes legendas ácerca da origem do Tanganika. Ruango, aquelle que em 1872, nos mostrou, a Livingstone e a mim, a embocadura do rio Rusizi, contou da forma seguinte a primeira das legendas, confirmada por Para, e outro guia:

«Outr'ora, já ha muito tempo, no local onde vêdes o lago, achava-se uma immensa planicie, habitada por muitas nações que possuíam immensas manadas de vaccas e rebanhos de cabras, exactamente como vêdes presentemente em Uhha. N'esta planicie havia uma grande cidade defendida por uma forte palissada. Todas as casas d'esta cidade, como era então uso, estavam rodeadas de grandes cançados, que guardavam os rebanhos durante a noite, para os precaver do assalto dos ladrões e das feras.

N'uma casa d'estes arredores viviam um homem com sua mulher, proprietarios d'uma nascente profunda que alimentava um pequeno regato, onde vinham beber os animaes que pertenciam aos vizinhos. Esta nascente, caso raro, continha grande quantidade de peixes, de que o homem e a mulher formavam o seu sustento; mas, como a posse d'este thesouro dependia do mais absoluto segredo, nenhuma pessoa além dos da familia, tinha conhecimento d'elle. Uma tradição, transmittida de paes para filhos, affiançava que no dia em que a nascente fosse mostrada por uma pessoa de familia a qualquer estranho, esta familia seria completamente destruida e a casa deitada abaixo. Aconteceu, porém, que a mulher apaixonou-se, sem o marido saber, por um outro habitante da cidade, e augmentando gradualmente a sua paixão, um dia presenteou o seu namorado com alguns peixes da nascente maravilhosa. Eram tão bons e de gosto tão agradável, que o amante pediu-lhe para lhe dizer onde os havia arranjado. Durante algum tempo, receiando as terriveis consequencias da sua indiscrição, pôde a mulher resistir ás repetidas perguntas que lhe eram dirigidas. Comtudo, apesar do respeito pelo Muisimu (feitiço) da fonte, e o terror que lhe inspirava a colera de seu marido, prometteu desvendar o mysterio. Um dia o marido teve que fazer uma viagem a Uvinza; antes de partir recommendou com instancia á mulher que tomasse conta na casa e no que ella continha, e sobretudo que guardasse segredo ácerca da nascente, que não admittisse nenhuma pessoa estranha em casa, e que não fosse conversar com as vizinhas emquanto elle estivesse ausente. A mulher naturalmente prometteu fazer o que lhe pedia o marido; mas, apenas elle voltou costas, foi procurar o amante e disse-lhe: «O meu marido foi hoje para Uvinza onde deve demorar-se bastante tempo. Tu tens-me perguntado bastantes vezes onde ia eu buscar estes deliciosos peixes que temos



saboreado juntos. Se queres saber, vem commigo. O seu amante, inebriado d'alegria, seguiu-a. Entraram em casa onde, a mulher lhe offereceu zogga (vinho de palma), maramba (vinho de banana), ugali, farinha de milho, oleo de palma, temperado com pimenta, e uma porção de peixes. Apenas terminou a refeição, disse-lhe o amante:

«Já comemos e bebemos, e estamos satisfeitos. Agora mostra-me o local onde apanhas estes maravilhosos peixes que são tão brancos e mais saborosos que a carne de cordeiro, cabrito ou gallo.»

«Sim, respondeu ella, porque eu já o prometti e por que te amo ternamente. Mas isto é um grande segredo, e meu marido recommendou-me que não o dissesse a pessoa alguma que não pertencesse á nossa familia. Por isso, peço-te que o não divulgues a ninguém, e tu não has-de trahir-me, porque de contrario acontecia uma grande desgraça a nós todos.» «Não tenhas medo; a minha bocca não se abrirá, e a minha lingua será muda; não consentiria que a possuidora do meu coração soffresse cousa alguma por minha causa.» Levantaram-se, e ella conduziu-o para o local que estava cuidadosamente occulto por uma alta palissada. Pegando-lhe na mão, a mulher fez entrar o seu amante no recinto onde estava uma especie de tanque redondo, cheio d'agua limpida que subia aos borbotões das profundidades da terra. «Olha, disse-lhe ella; aqui está a nossa nascente maravilhosa. Não é bonita? Ali estão os peixes.»

«O homem nunca tinha visto tão deslumbrante espectáculo, porque não havia n'aquellas proximidades mais nenhum regato, a não ser o que procedia d'aquella nascente. A sua alegria era immensa; sentou-se ao pé da agua para contemplar os peixes que saltavam, perseguiam-se uns aos outros, mergulhavam, vinham á superficie mostrar as suas escamas brilhantes e de côres vivas, e desapareciam no fundo da nascente. Nunca havia elle experimentado tão grande prazer. Entretanto, ten-

do-se approximado demasiadamente d'elle um peixe mais atrevido que os outros, estendeu a mão para o apanhar.

«Foi este o tragico final de tão extranha scena.

«Muzimu, o espirito, encolerisava-se.

«O solo entreabriu-se; a planicie afundou-se e de tal modo que as nossas cordas mais compridas não chegavam ao fundo. A nascente trasbordou e preencheu o grande vacuo que se havia feito na terra. Agora o que vêdes em seu logar? O Tanganika! Todos os habitantes d'esta immensa planicie pereceram; as casas, os campos, os jardins, os bois, os carneiros, as cabras, tudo desapareceu. Aqui está o que os homens mais antigos nos teem contado ácerca do Tanganika. Será verdade? será falso? não posso dizel-o.

«E o marido, o que lhe aconteceu? perguntei eu.

«Quando terminou os seus negocios no Uvinza, voltou para a sua habitação. Repentinamente encontrou umas montanhas que nunca vira, e do cume d'uma d'ellas viu um grande lago no logar onde havia outr'ora planicies. Conheceu então que o segredo da nascente se havia divulgado, e que toda a gente morrera pela falta commettida por sua mulher.»

Outra tradição narrada pelos velhos de Ujiji, menciona que o Luuegeri — não se sabe ha quantos annos — vindo de éste para desaguar no lago proximo de Urimba, encontrou-se com o Lukuga, que vinha de leste; as aguas reunidas d'estes dois rios encheram o profundo valle occupado agora pelo Tanganika: eis a razão porque o Luuegeri se chama «pai do Lukuga».

Ainda outra tradição conta que o Luuegeri atravessava a planicie, em direcção Uguha, e ia juntar-se ao grande rio de Rua; mas que depois da formação da mesma planicie, caiu no profundo sorvedouro que resultou d'esta brusca escavação.

Os Vuaguha tambem teem a sua lenda que differe



um pouco da dos Vuajiji. Dizem elles que n'uma época remotissima, havia proximo de Urungu, uma pequena montanha cavada no seu interior e cuja concavidade era muito profunda e estava continuamente cheia d'agua. Um dia esta montanha abateu e a agua espalhou-se n'uma grande depressão que ao mesmo tempo se produzira e d'ahi proveio o lago que vemos hoje.

Deligencieei muitas vezes saber se os Vuajiji conheciam a origem do nome de «Tanganika». Todos os que eu interroguei para este fim responderam-me que não sabiam outra além da de ter grande extensão e as canôas poderem fazer ahi longas viagens. Aos lagos pequenos não lhes chamam Tanganika, mas Kitanga. O lago de Usukuma (Victoria) poderia chamar-se Tanganika, mas os pequenos lagos de Uhha (Musunya) chamar-se-hiam Kitanga. Elles não podem explicar a etymologia da palavra Nika, mas diziam-me que talvez se derivasse d'um peixe electrico assim chamado, que algumas vezes se pescava no lago.

Porém um dia, traduzindo para o seu idioma as palavras inglezas comprehendidas no quadro comparativo da linguagem africana annexo a estes volumes, cheguei á palavra «planicie» cujo equivalente é *nika* na linguagem Kijiji. Como os Africanos teem o costume de comparar os grandes lençóes d'agua ás planicies dizendo «estende-se como uma planicie» — penso que póde o nome de Tanganika explicar-se satisfactoriamente por esta definição «lago semelhante a uma planicie.»

Os habitantes de Marungu chamam ao lago, *Kimana* os de Urungu, *Iemba*, os Vuakauendi, Msaga, ou «o lago tempestuoso.»

A oeste do Ujiji o lago Tanganika tem de largura approximadamente trinta e cinco milhas, e confina n'este sitio com a elevada cordilheira das montanhas do Goma; e é seguindo com o olhar para o nordeste a linha indecisa d'estas montanhas que a pouco e pouco se tornam menos

perceptiveis, é então que se avalia a magnificencia de este mar interior. Na ilha pouco elevada de Bangué, lado oriental, termina a bahia de Ujiji, formando do lado do mercado um crescente, cuja curva se dirige para esta ilha.

Estando o dia claro, póde vêr-se a costa oriental, na direcção do sul, alcançar a embocadura do Liuché, formar em seguida uma curva até ás montanhas de Ulambola, e d'aqui voltar ligeiramente para este reapparecendo mais distante nas elevadissimas montanhas do Cabo Kabogo.

Muito agradaveis são as horas que se passam de tarde em Ujiji, na occasião em que descançando das fadigas do dia se observa ao sol posto as nuvens accumulando-se sobre as montanhas pardacentas do Goma, e o effeito produzido pelos raios purpureos no seu enovelado sombrio e illuminando as buliçosas vagas, tingindo com exquisitas côres a opulenta vegetação da margem oriental, bem como as elevadas montanhas que rodeiam o lago! Ouve-se ao mesmo tempo o murmurio das vagas, que, avançando do sudoeste em fileiras cerradas rolam sem cessar sobre a sonora praia.

É a esta hora, ultima do dia, que as canôas voltando de Ulombola com as provisões de lenha para queimar, tentam ganhar o porto á força de remos e com as velas soltas. As vaccas mugem pelos vitellos que as aguardam, e as cabras, procurando os seus filhos, passam correndo pela frente dos pastores. Os burros caminham ligeiros reconduzindo os seus donos de Kigoma ou Kasimbu, as saudações estrondosas dos indigenas annunciam que a refeição da tarde está preparada, e espiraes de fumo azulado elevam-se de numerosas chaminés, ao passo que a escuridão da noite augmenta e nós lançamos um derradeiro olhar ao dia que se extingue e nos intercepta as margens do Tanganika.



## CAPITULO VIII

O *Lady-Alice* é posto de novo a nado. — O seu companheiro e a sua equipagem. — Inquietações dos arabes a este respeito. — Em terra convertida. — Visita importuna: nas tocas dos Ruga-Ruga. A ultima retirada dos borigenes. — Carnificina. — Os ladrões do lago e o seu espirito tutelar. — Problema geologico: teremos outra vez dois lagos? — Cheia. — Morada dos genios. — Tempestade. — Florestas incendiadas. — Na embocadura do desaguadouro de Cameron. — O porto de Lukuga.

O ousado barquinho de construcção ingleza que esquadrihára todas as bahias e entradas do lago Victoria, que atravessára sobre os hombros de homens robustos as planicies e despenhadeiros de Unyoro, que se sustera na borda dos penhascos do golpho de Beatriz, que passára atravez dos papyros do Nilo Alexandra, que se portára perfeitamente nas lagôas escuras do Karagué, que transpozera as planicies inundadas do Usagusi e atravessára a ribeira de crocodilos de Uvinza, balouçava-se agora nas aguas azuladas do Tanganika.

O seu fim agora é explorar a barreira de montanhas que cercam o lago descobrindo-lhe o desaguadouro, ou o sitio por onde escapam as aguas dos ribeiros que, desde tempos remotos, se precipitam de todos os lados no lago.

Tem agora, porém, por companheiro uma canôa grande e pesada, muito solida, feita d'um tronco d'uma enorme arvore de teca cortada n'um dos desfiladeiros arborizados do Goma. A canôa chamava-se *Meofu*, e pertencia a Muini Kheri, governador de Ujiji, que promptamente a tinha

cedido, dizendo-me que por ser meu amigo, não me faria pagar este serviço. Mas conheciamo-nos desde longa data, elle e eu, e sabia que ao voltar, havia de presenteal-o com alguma cousa. Aqui, como no Oriente, as palavras remuneração, recompensa, compensação e presente são synonymos.

No dia 11 de julho de 1876, *Lady Alice* e o seu companheiro estavam preparados para partir. A equipagem do primeiro havia sido cuidadosamente escolhida. Eram jovens, vigorosos, ageis e fieis. Os seus nomes e edades eram os seguintes: Uledi, patrão, 25 annos; Sayua, seu primo, 17; Shumari, seu irmão, 18; Murabo, 20; Mpuapua, 22; Marzouk, 23; Akida, 20; Mambu, 20; Vuadi Baraka, 24; Zaidi Rufiji, 27; Matiko, 19. Havia mais dois supranumerarios que eram os meus portadores de espingardas, Billali e Mabruki, de 17 e 15 annos. Depois da experiencia de oito mezes havia-se conhecido que de todos os membros da expedição eram estes os mais dextros para os barcos, não sendo comtudo dos primeiros na marcha em terra. Todavia, transportando pequenos fardos, nunca haviam dado logar a censuras.

Depois de varios apertos de mão, despedidas e recommendações de prudencia, os dois bateis soltaram as velas, e a prôa começou a cortar as aguas em direcção ao sul.

Kasimbu, duas milhas distante de Ugoy, enviou-nos os seus habitantes a despedirem-se de nós, e meia hora depois estavam na embocadura do rio Liuché.

O motivo que tinha levado os Arabes, Vuajiji e Vanguana a mostrarem-se mais sentimentaes do que costumavam, era porque não acreditavam que o *Lady Alice*, um barquinho tão fragil, podesse resistir ao embate das ondas do Tanganika. Antes de partirmos, affirmaram que morreriamos todos, porém os meus Vanguana, rindo-se dos seus receios, narravam-lhes as brilhantes explorações que haviamos feito em redor d'um lago duas vezes maior que o Tanganika. Os arabes porém abana-



vam tristemente a cabeça e terminavam a discussão com as seguintes palavras:

«Bem, veremos isso!»

Durante quasi todo o dia seguinte, caminhámos ao longo das encostas arborizadas de Ulambola e das planícies amarelladas de Ukaranga até que chegámos á embocadura do rio Malagarazi. Ás tres horas da tarde subimos este rio, que tem, na sua embocadura, uma largura approximadamente de seiscentas jardas, sendo as suas aguas escuras e barrentas. Soprando continuamente o vento do sudoeste, as suas aguas tingem com a mesma côr as do lago até Ujiji.

Em seguida a largura do rio baixou a duzentas jardas, e cerca de cinco milhas mais acima, não era superior a cento e cincoenta jardas (136 metros). Em duas sondagens que fiz, obtive uma profundidade de cincoenta pés. A margem meridional é muito montanhosa, porém do outro lado estende-se uma planície até ao ponto em que, cinco milhas distante do lago, as cordilheiras destacadas do Ukaranga formam um massiço, que se dirige para este e orla o rio do lado do norte.

No dia 13, a nossa viagem continuou ao longo dos elevados penhascos de Kauendi, costa escarpada e rochosa, cujos pontos mais elevados estão cobertos de arvores enormes e que é cortada aqui e ali por bahias, cujas aguas parecem não se moverem.

Ao meio dia chegámos ao magestoso promontório de Kabogo, e lembrando-me que Livingstone me dissera não ter achado fundo a trezentas braças ao largo d'este cabo, deitei a sonda uma milha distante da praia e encontrei uma profundidade de cento e nove braças. Duas milhas mais distante a sonda não tocava no fundo com cento e quarenta braças de corda, e accrescentando-lhe mais sessenta ainda assim não consegui ainda o meu intento.

Cerca de quatro milhas ao sul do Kabogo, as nossas barcas encalharam n'um banco d'areia fóra do alcance

da ressaca, e eu trepei esta encosta de dois mil pés de altura, com a esperança de encontrar alguma caça, porém as ervas altas, os espessos canaviaes, e a subida difficilissima, contribuíram para o mau exito da empresa.

No dia seguinte costeámos um paiz com quem me havia familiarizado na minha viagem com Livingstone, e ás sete horas da tarde acampámos em Urimba, a uma milha ao sudoeste do rio Luuajeri, ou Luuageri.

Lembrando-me do bom resultado que em janeiro de 1872, aqui havia obtido, comecei, no dia seguinte, a caçar n'uma terra que eu respeitava. Tornei a vêr o local onde se erguera a nossa tendinha, de seis pés quadrados apenas, consagrados agora á memoria de relações nunca olvidadas. Reconheci a arvore onde havíamos erguido a nossa grande bandeira vermelha e branca, para servir de signal á caravana perdida; vi a planície onde matára a zebra, o local exacto onde caçára um bello pato gordo para o nosso almoço, o pico elevado de Kivanga, as montanhas de Tongué de aspecto phantastico, o caminho que seguira, — as minhas recordações são de tal modo exactas que me parece recommençar a vida d'outr'ora, — nada achava mudado.

Continuei a minha digressão. No fim de uma hora estava a duas milhas do acampamento e tendo na minha presença um bando de zebras. Billali receia que eu não consiga matar a caça. Como servo fiel e honesto que elle era, fazendo votos para que o seu senhor fosse bem succedido, deitou-se no chão e ficou completamente immovel. Dei alguns passos cautelosamente e colloquei-me atraz d'uma acacia rachitica, e poucos segundos depois duas zebras cahiam e as outras desapareceram por detraz d'uma collina, lastimando em sua linguagem a perda dos seus companheiros. Como tivéssemos bastante comida para varios dias não as persegui.

O dia passou-se em cortar a carne das zebras em longas tiras, e seccal-as em grelhas de madeira; ao mesmo



tempo os quarenta homens que me acompanhavam, convencidos da necessidade de prevenir as exigencias futuras do estomago, comeram pouco judiciosamente enormes quantidades de carne.

Estavamos gozando esta innocente distracção, quando de repente appareceram umas figuras de aspecto sinistro — os Ruga-Ruga! Tão mal vistos como podem ser os lobos, para o viajante que, só e sem armas atravessa uma planicie na Siberia, assim são os Ruga-Ruga para aquelle que atravessa as solidões africanas. Qualquer que seja o motivo que os conduza, a sua presença annuncia a possibilidade, a probabilidade mesmo, d'um conflicto serio. Bandidos sem lei nem fé, exclusivamente dedicados á pilhagem e ao assassinio, estão sempre promptos a manchar as mãos de sangue.

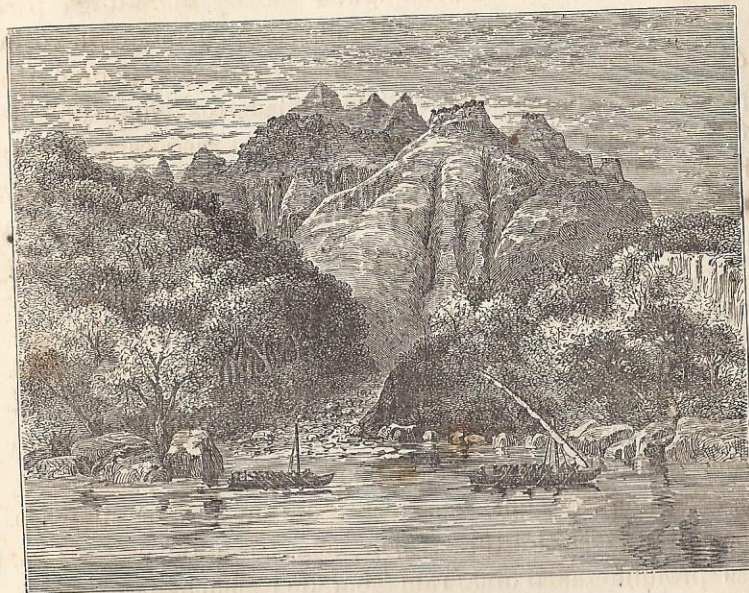
São estes os representantes d'aquella tribu que tem devastado e despovoado o magnifico Kauendi desde o rio Malagarazi até ao Rungua. Todos sem excepção, Arabes, Vuajiji, Vuangwana, Vuanyamuezi, ou os borigenes do norte, teem todos um debito, uma divida de vingança pelo sangue derramado por elles. Mas n'esta occasião o nosso fim não era effectuar este pagamento, e nem por uma palavra nem por um gesto, a antipathia que lhes tinhamos se revelou a estes miseraveis.

O tributo que exigiram foi-lhe concedido, o tabaco correu de mão em mão, e tendo apertado as mãos em signal de amisade, afastaram-se.

No dia 17 de junho continuámos a nossa viagem de Uzimba para o cabo de Kungué, uma das saliencias das montanhas do mesmo nome, e de tarde acampámos na ilha de Bongo, algumas milhas a sudoeste de Ndereh, aldeia dos Ruga-Ruga. De noite recebemos a visita de cerca de sessenta homens armados com espingardas. Ainda que a hora não fosse a mais conveniente e o momento o mais opportuno, comtudo, não quiz dar pretexto a qualquer rompimento. Com a distribuição d'al-

guns pedaços de fazenda e empregando modos cortezes conseguimos evitar algum conflicto com os sanguinarios habitantes de Ndereh, e antes que amanhecesse, abandonámos estes sitios sem darem por isso.

Os cumes de Kungué teem cerca de 2:500 a 3:000 pés de altura acima do nivel do lago. Não só se tornam interessantes pela sua apparencia singular mas tambem por constituirem o refugio dos ultimos bori-



MONTANHAS KUNGUÉ

(Desenho do auctor, feito na embocadura do Luvulungu)

genes do Kauendi. Nos cumes mais inacessiveis habitam os ultimos membros d'um povo outr'ora poderoso, que, n'uma epoca remota, segundo a tradição, invadiu o Uhha e o Uvinza e levou o terror ás habitações dos Vuakalaganza. Os refugiados cultivam os cumes das suas fortalezas e tiram ampla compensação do seu trabalho. As cordilheiras que separam as montanhas fornecem-lhes madeiras, e os rochedos projectis que, amontoados na



frente das casas, auxilia-os-hiam a repellir o invasor audacioso que se lembrasse de os atacar. Os mais velhos conservam a tradição da raça d'onde proveem, e são os guardas dos lares e penates do velho Kauendi-o-Muzimo. N'este ninho d'aguia passam uma vida muito precaria, quer para reproducção de nova população, quer a respeito d'uma exterminação completa.

A melhor vista d'este grupo de montanhas obtem-se da embocadura do Luvulungu.

A partir do sul do cabo Kungué até Ulambula, a costa é composta de elevadas montanhas, cortadas por angras profundas, despenhadeiros e desfiladeiros do mais pittoresco aspecto. E' no fundo d'estes rasgões, e n'um leito escarpado e rochoso, que se precipita o Luvulungu, sahindo dos desfiladeiros e dos espaços que os picos de Kangué cobrem com a sua sombra, e o Lubugué que lança as suas aguas n'uma angra encantadora que vae até ao centro da penedia. Esta muralha, que, com um angulo de 45,° se eleva a dois mil pés de altura, está coberta da base ao cume, d'um manto de verdura composto de canaviaes, ervas bravias e grandes arvores de troncos direitos e argenteos. Apparece em seguida a entrada do Kasuma; e aqui, em frente de nós, vê-se um rio precipitar-se das alturas, por uma serie de cataractas, nas profundezas d'uma ramagem de tamarindos, acacias e arvores de teca. Reina um silencio profundo n'estes desfiladeiros, silencio perturbado unicamente pelo monotonico ruido da cascata; as arvores estão immoveis parecendo adormecidas em consequencia d'esta cadencia continua; o braço do lago, d'um azulado transparenté, parece, socegado e tranquillo, esperar pelo momento em que ha-de receber o impetuoso rio originario da montanha, o qual, brilha com mais intensidade a cada salto, e na sua austeridade, as elevadas montanhas parecem dar a esta scena a sua approvação muda. Contornámos estes magnificos promontorios, cheios de arvores, lança-

mos um olhar para a alegre enseada de Numbi e acampámos, para passar a noite, proximo do magestoso cabo de Ulambula.

No dia 19, pouco depois de começarmos a nossa viagem, vimos uma ponta de terra, unida á costa por uma lingueta estreita, sob a qual ha dois arcos naturaes, que são atravessados por dois canaes. A partir do cabo a montanha affasta-se gradualmente da costa até que, proximo do rio Rufugu, de novo se approxima d'ella formando finalmente os promontorios de Buyramembé.

Um pouco ao sul do cabo, vê-se igualmente o cume d'uma ilha recentemente submergida. Ao meio dia, fiz observações para determinar a latitude; estavamos na extremidade septentrional de Kabogo, ilha parallela á costa, e afastada d'ella por um canal de trezentas a quinhentas jardas de largura. As margens, tanto d'esta ilha como da terra firme estão cobertas de palmeiras. Kabogo foi outr'ora muito povoada; porém os bandidos de Ndereh, o flagello de Kauendi, forçaram os indigenas a emigrar para outros districtos e de se collocarem sob a protecção de chefes mais poderosos do que os seus.

Pelas duas horas da tarde, avistámos Kiuesa, aldeia que do lago parecia ter uma grande extensão, Porém, ao approximar-m'o-nos d'ella, ficámos admirados pelo silencio que ahi reinava, e pela presença d'um bando de buffalos, que vimos proximo da aldeia.

Os guias declararam que havia cinco semanas que tinham estado n'este local para negociarem com Ponda, chefe d'este districto, e não comprehendiam como a apparição inesperada de dois barcos á vela não attrahira já todos os indigenas á praia.

Resolvemos investigar a causa d'isto. O silencio era profundo. Na margem e entre os canaviaes que orlavam a estrada, viam-se alguns utensilios de barro que haviam servido recentemente, tamboretas, bastões, vassouras e



cabaças. Tudo isto era de mau agouro. Temendo alguma traição voltámos precipitadamente para os nossos barcos, e mandei armar trinta homens. D'este modo, melhor preparados para qualquer surpresa, avançámos de novo muito cautelosamente em direcção á aldeia.

Alcançando o plató onde ella se elevava, vimos um espectáculo que nos fez gelar o sangue nas veias: o cadaver d'um velho, já em decomposição, com uma grande ferida nas costas feita com uma lança, e junto d'elle uma poça de sangue já coalhado. Havia talvez cinco ou seis dias que estava morto.

Um pouco mais distante jazia o corpo decapitado d'outro homem, e em séguida n'um fosso os cadáveres de tres homens e uma mulher, vendo-se n'um d'elles os ossos a descoberto.

Chegámos á aldeia. Tinham derrubado e queimado as palissadas. Cerca de cincoenta cabanas estavam ainda de pé, as outras tinham sido destruidas pelo fogo. Algumas bananeiras calcinadas pelo fogo testemunhavam a violencia do incendio, mas, apesar das ruinas e das cinzas que cobriam o solo, não se podia duvidar que os habitantes haviam fugido precipitadamente, porque todos os objectos que constituem os utensilios de qualquer familia indigena, como esteiras, lanças, escudos, objectos de todas as especies, bengalas, maças, cestos, pratos de madeira e pás, estavam dissimulados pelo chão, como se para alli houvessem transportado um museu africano. Signaes evidentes provavam que este destroço era recente: os restos das madeiras e das palissadas ainda fumegavam, os fogões ainda conservavam calor, e alguns cadaveres não estavam corrompidos. Um gato preto saltou do meio de uma das cabanas que estavam de pé, cousa inesperada, que n'este logar de morte e vingança, nos fez estremecer.

Ponda, o chefe d'esta aldeia, tinha sem duvida provocado o inimigo desconhecido. Segundo a opinião de

Para, o inimigo não podia ser outro senão os Ruga-Ruga de Ndereh, pelas provas que viamos da energia do ataque. A aldeia fôra construida de modo a evitar a sorte, que, geralmente, espera as pequenas povoações africanas situadas nas visinhanças de tribus ferozes e guerreiras. Era cercada por um largo fosso — em alguns sitios com 10 pés de profundidade — e uma forte palissada com contra-escarpa. A agua estava perto, o terreno era plano, e os logares destinados aos atiradores, especie de guaritas que eram mais altas do que a muralha, abrangiam uma vasta extensão de terreno. Cerca de trinta craneos embranquecidos e enfileirados em frente da habitação de Ponda, mostravam que este pelo seu lado tambem não deixava de imitar os seus inimigos a este respeito. Procede-se de identico modo em toda a Africa não conhecida.

Continuando a nossa jornada dirigimo-nos para a embocadura do rio Rugufu. A terra entre Kiuesa e o rio é relativamente baixa. As vagas teem de tal modo despedaçado e desfeito o grés vermelho, o porphyro, o granito e a argila ferruginosa da margem, que continuamente se estão dando desabamentos. Os destroços, acamados pela ressaca, acabaram por constituir na base dos rochedos uma praia estreita, onde as ondas veem desfazer-se estrondosamente.

A impressão que eu recebera em Ujiji em relação ao crescimento do Tanganika confirmava-se todas as vezes que nos approximavamos d'uma costa pouco elevada. No rio Rugufu a prova foi concludente. Para, o meu guia, quando entrámos n'elle, levantou-se e exclamou:

«Oh! minha mãe, minha mãe, agora é que eu vejo! Quando vim com o outro homem branco, acampámos n'um logar que está agora occupado pela agua! Na verdade, o Tanganika come a terra!»

O Rugufu nasce no centro d'uma plantação de papyrus e canaviaes, e corre no meio de margens escarpadas.



Abandonando o rio, caminhamos ao longo da vertente abrupta d'uma cordilheira de montanhas que segue na direcção su-sueste, até aos estabelecimentos de Ruhinga, Kafisya, Katavi e Kantamba.

Entre o Rugufu e a ponta de Buyramembé existe um strato de hornblenda laminar muito escura assente sobre o gneiss formando linhas onduladas, verticaes ou diagonaes. Mais longe, encontrámos uma rocha de quartzo estratificada e esverdeada. No cume d'esta parte da cordilheira sobre a saliencia que se adianta no lago existe uma floresta de arvores rachiticas. O terreno é pobre e está cheio de pedaços de schisto argiloso.

A embocadura do Gezeh é frequentada pelos bufalos que apparecem em manadas, e como forma ahi uma angra é tambem visitada pelas canôas que veem fazer commercio. Entre as historias que se contam d'estes sitios ha uma relatiya ao modo maravilhoso como um grupo de negociantes de Vuajiji escapou aos bandidos de Ndereh. Os ladrões penetraram no acampamento enquanto os Vuajiji dormiam, porém alguns dos bateleiros tendo acordado, conduziram os seus barcos para fóra do alcance dos Ruga-Ruga e foram despertar os seus camaradas, os quaes, atirando-se á agua, evitaram a morte que certamente os bandidos lhes reservavam.

Os estabelecimentos de Kafisya e outros que acima mencionámos, teem uma reputação tão pouco honrosa que acho desnecessario o viajante travar conhecimento com os seus habitantes, a não ser que vá com a idéa de fazer sacrificios inuteis de fazenda e homens.

Diz-se que quando elles vêem passar as canôas dos Vuajiji, supplicam ao Muzimu de Katavi para induzir o Msaga — mar tempestuoso — a fazel-as encalhar na praia. Segundo esta lenda, o Muzimu de Katavi é um dos mais poderosos espiritos das margens do lago Tanganika. Apesar de ser malfazejo, tem por vezes alguns caprichos caridosos, e d'este modo chega a matar os

bufalos ou a indicar aos indigenas o local onde se acham; diz-se tambem que elle teem, contra os bandidos de Ndereh, uma animosidade implacavel, e muitas vezes faz com que sejam desfeiteados. Em honra a este espirito, um pequeno cone que existe proximo é chamado o monte Katavi.

Em frente da embocadura do rio Mkombé existe uma ilha actualmente submergida, justamente a sudoeste de Katavi. Apenas se vê ao lume d'agua um pequeno numero de arvores de espinho e canaviaes.

Desde Gezeh até á entrada de Igangué tivemos durante todo o dia, que luctar com um vento muito forte de sudeste. A entrada onde chegámos penetra na montanha, na extensão de uma milha pouco mais ou menos. Apesar de ser esta a epocha em que as ervas seccam ou as folhas de algumas arvores perdem o brilho que possuem durante a estação das chuvas, contudo as das encostas conservavam ainda uma frescura e uma belleza, que juncta a esta extensa bahia socegada e unida como um espelho, formavam um conjuncto digno de vêr-se.

A jornada de um dia á força de remos na direcção su-sudoeste conduziu-nos á aldeia de Karema, que é governada por Massi-Kamba, sub-chefe de Kapufi, rei de Fipa. Está situada no angulo d'uma bahia que começa na ponta do Igangué, e termina no grupo do rochedos phantasticos do cabo Mpimbué.

Todo o massiço dos terrenos elevados que se estende de Igangué até pouca distancia de Karema está incluído no paiz de Kauendi, ou (como chamam algumas vezes a esta provincia) Tongué. Ao sul d'esta linha começa o Fipa.

Os arabes começam a estabelecer se em Karema para fazer negocio, pois que os Vua-fipa são mais susceptiveis de se conformarem do que as tribus dispersas de Tongué.

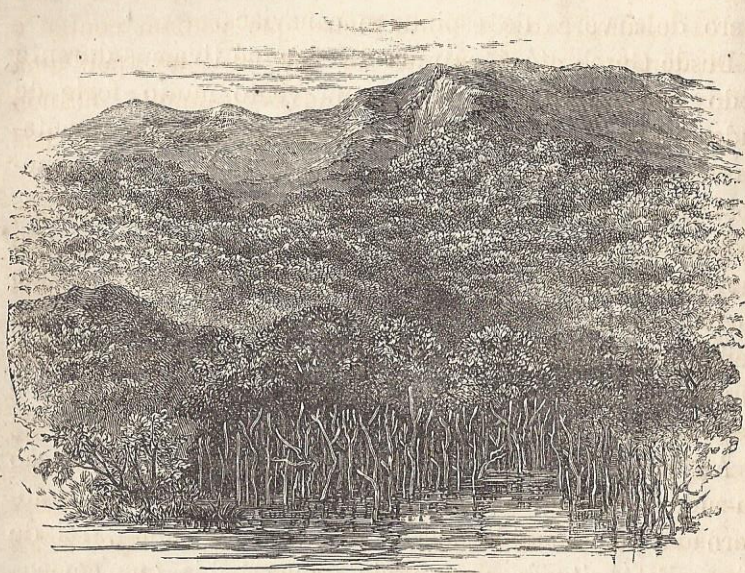
Entre Karema e o cabo Mpimbué existe um lindo paiz cortado por numerosas enseadas, e semeado de col-



linas de cume redondo ou quadrado. A caça é abundante e facil de adquirir.

Ali matei um bufalo e um pequeno antilope de côr avermelhada, que forneceram grande quantidade de carne aos tripulantes dos meus barcos.

Caminhando depois d'isto cerca de oito milhas para o sudoeste, chegámos a uma cordilheira estreita que tinha approximadamente seiscentos pés de altura, acima do nivel



Extremidade meridional do lago Tanganika

do lago. Esta praia é profundamente escavada, e a acção das ondas tem posto a descoberto enormes massas de granito. Do lado sudoeste d'esta bahia, ha uma pequena lingua de terra que une as montanhas de Mpimbué á terra firme; tem apenas oito a novecentos pés de largo, e só isto é que impede que Mpimbué seja uma ilha. Proximo da ponta de Kipendi, que fica a meio caminho entre os montes Mpimbué e Karema, ha no lago uma arvore que, segundo nos disseram, ainda não

ha muito tempo existia em terra firme. Agora, é cercada pela agua cuja altura é talvez de nove pés.

Encontra-se no cabo Mpimbué a mesma accumulção de rochas que na ilha Vuezzi, — da qual ha uma photographia n'um d'estes volumes, — porém com proporções mais gigantescas, e maior grandeza.

As rochas de Mpimbué apresentam os effeitos das ondas poderosas que outr'ora rolaram sobre ellas, lançando as suas aguas nas cavidades e fendas, levando até á ultima parcella os detricitos que podiam conter e continuando esta obra até ao dia em que, por uma convulsão terrestre, o lago baixou bruscamente, ficando estas massas descobertas a algumas centenas de pés acima do seu nivel.

Alguem que tivesse visto, na costa cheia de penedias, o assalto das ondas do mar contra o granito, basalto ou quartzo, reconhecerá em Mpimbué os effeitos da mesma lucta. Aqui, vêem-se empilhados pedaços de pedra pezando centenas de tonelladas, algumas n'uma posição de tal modo equilibrada que parece ser sufficiente o impulso do dedo d'uma creança para as precipitar no lago. Estes rochedos, todavia, não apresentam as mesmas corrosões e ranhuras que teem os que sem cessar são batidos pelas vagas do Oceano. Estão fracturados com nitidez, teem os angulos exteriores arredondados e polidos, o que, para mim, é signal evidente que n'uma epocha longiqua, estes rochedos fôram expostos á acção de ondas poderosissimas. Além d'isso, o estado dos rochedos na linha d'agua confirma esta theoriá.

Comtudo, parece estranho que o lago se tenha elevado d'uma maneira constante desde a mocidade de homens que ainda vivem; é extraordinario que elle cresça sempre á nossa vista, e que os rochedos de Mpimbue dêem testemunho do seu descaimento.

No dia 25 de junho, depois de ter caminhado ao longo da costa occidental d'esta cordilheira extraordinaria



e feito uma jornada de quinze ou dezeseis milhas, achámo-nos em frente da ilha Mkerengi, na bahia de Kirando; a grande ilha de Makokomo ficava distante de nós uma milha para o lado de oeste. Os indigenas d'este paiz são muito trataveis ainda que extremamente supersticiosos. No extremo noroeste de Makokomo, ha uma outra ilha recentemente submergida. Juncto do extremo sudoeste acha-se um grupo de ilhas habitadas, do qual as maiores e mais fertes tem os nomes de Funeh e Kankamba.

Kirando está situado no meio d'outras grandes aldeias, e parece ser uma planicie orlada, no lado de éste, pela continuação das cordilheiras de montanhas, que perderamos de vista ao abandonar a bahia de Karema. O cone truncado de Chakavola, onde termina a cordilheira de Mpimbué está situado a nordeste da ilha de Mkerengi.

Continuando a nossa viagem ao longo da costa e em direcção ao sul, passámos entre o archipelago de Kankamba e a borda do lago; em seguida, deixando atraz de nós, duas angras, que rasgam a terra até grande profundidade, chegámos ao cabo Muntuua. D'este cabo até á ilha de Msamba, onde estabelecemos o nosso acampamento, a costa é formada por series successivas de gigantescas escarpas rochosas e massas de granito; rochedos sobre rochedos, fragmentos sobre fragmentos. Aqui eleva-se uma massa collossal d'altura d'uma casa de dois andares, supportando uma massa de iguaes dimensões, talvez intacta, porém provavelmente fendida e com uma singular nitidez; além d'isso, apparece do meio d'este chaos que nos cerca, uma columna de pedra semelhante a uma mão fechada, cujo index parece estendido para o ceu; e por toda a parte a mesma desordem, as mesmas ruinas e as mesmas confusões.

Perto da costa, n'uma largura de algumas centenas de braças, alguns recifes que o movimento das ondas não deixava distinguir senão por instantes, e que che-

gavam quasi ao lume d'agua, obrigavam-nos a tomar as maiores precauções.

Vendo estas differentes variedades de terreno, lembrou-me que esta parte do Tanganika, desde o cabo Mpimbué até á sua extremidade sul, formou outr'ora um lago separado, que a cordilheira então ligava a algum ponto da costa occidental, provavelmente á parte meridional do Goma, limitada pelo norte; porque, desde a margem septentrional do Tanganika, até ao Mpimbué, nada vi que se assemelhasse a esta porção de costa. Cousa alguma, desde a extremidade norte da costa até ao cabo Mpimbué, nos tinha feito suppôr que o lago estivesse alguma vez mais elevado que n'esta occasião; mas desde Mpimbué até Msamba vi varios traços d'um nivel antigo, superior ao actual um grande numero de jardas. Todas estas ruinas de rochas fragmentadas e polidas pelas ondas foram outr'ora cobertas pelas aguas.

No dia 26 acampámos em Mtosi, onde Livingstone, que chama a esta localidade Motoshi, acampou em 23 d'outubro de 1872. O chefe d'esta parte do paiz chama-se Kokira. Uma bahia pequena mas muito linda dá ingresso á miseravel aldeia que elle habita.

Passámos na ilha de Msamba, a noité de 27. Os habitantes d'esta ilha disseram-nos que na nossa frente, na terra firme, havia uma gruta de sessenta pés de extensão, onde costumavam esconder-se em occasiões de perigo. Para a sua extensão, Msamba tem uma população numerosa e o terreno está perfeitamente aproveitado. Os habitantes d'esta ilha fabricam habilmente um tecido d'algodão grosseiro, mas muito forte, cuja materia prima é fornecida pelo Fipa, onde ella abunda. O rio Rukugu desagua na bahia de Msamba.

A cordilheira irregular que segue a costa entre a ilha de Msamba e Vuanpembé, nossa seguinte estação, distingue-se por um rochedo isolado em fórma de columna de cinquenta a oitenta pés d'altura e quasi a novecentas



jardas distante da ponta da Columna. Depois de dobrar a ponta de Kantentieh, vimos na nossa frente tres rochedos tambem em fórma de columnas, formando um grupo cujo pilar central se assemelha singularmente a um Memnonium mutilado. Estas columnas são visiveis a grande distancia tanto do norte como do sul.

Antes de ganhar Vuanpembé, Para, o meu guia, mostrou-me um fructo denominado *ouindi*, que elle havia apanhado d'uma arvore baixa e rachitica cuja apparencia não promettia um fructo de aroma tão agradável. O cheiro parecia-se com o da alfazema e era tão activo, que, no barco, todos os que estavam proximos do fructo da arvore ficaram impregnados do seu esquisito perfume.

N'uma enseada que chega até Vuanpembé, no lado norte da ponta onde está situada a aldeia, o nosso barco fluctuou pela parte superior d'uma palissada, separado d'ella apenas por tres pés d'agua.

N'esta aldeia obtivemos abundancia de provisões, porém um grupo de Vuatuta, que n'esta occasião ahi se achavam, tornou a nossa visita pouco agradável. Comtudo a paz conservou-se inalteravel.

Minza, aldeia visinha, tão consideravel como Vuanpembé possui uma estatada muito forte com fosso e contra escarpa.

Desde a nossa partida de Mpimbué, a costa occidental do Tanganika avistava-se distinctamente, e nas duas margens as montanhas conservavam a mesma altura. De vez em quando viamos alguns regatos lançarem-se no lago mas eram de pequena importancia com excepção de Zinga ou Mui-Zinga, como lhes chamam os Vuajiji, rio que separa Fipa do Urungu.

No dia 30 costeámos a base das montanhas d'esta ultima provincia, e, passando a ponta de Kalavera encontramos uma bahia em frente da qual havia duas ilhotas cobertas de erva. Na costa, quasi em frente d'estas ilhotas, acha-se estabelecida a aldeia de Kakungu. Esta

ponta é formada por uma rocha schistosa de côr escura, coberta d'um barro branco de que os Vuaujiji se servem para pintar a prôa das canôas na occasião de voltarem para o seu paiz. A scena é imponente. A ponta de Kirungué consiste em muralhas perpendiculares, de cincoenta a duzentos pés d'altura — acima do nivel do lago — tendo a apparencia d'uma linda pedra avermelhada. A' vista d'ella os meus barqueiros soltaram a seguinte exclamação que define o aspecto que ella tinha.

«Oh mãe, aquillo é uma fortaleza! Olhem, acolá estão as janellas e aqui fica uma das portas!»

O cabo de Kirungué parece ser a secção d'uma cordilheira cortada verticalmente até uma profundidade desconhecida, o que se pôde ver examinando a gravura intitulada «Vista do Mtombua Urungu, morada dos espiritos das rochas» no lado opposto do lago. Pôde-se suppôr que esta montanha era outr'ora o prolongamento do plateau de Marungu, por isso que as rochas são da mesma natureza e as duas margens do lago apresentam as mesmas provas d'um descimento subito das aguas sem alteração dos stratos.

Ao sul de Kirungué, ou ponta do Castello, está situada uma porção de terra que se podia perfeitamente chamar uma ilha. Os guias affirmam que ha poucos annos ainda estava ligada á costa; hoje, está quasi inteiramente separada. A aldeia de Ma-Zombé, que ainda ha pouco tempo estava situada na margem do lago, está a ponto de desaparecer, invadindo a agua já as casas.

De tarde, quando nos preparava-mos para levantar o acampamento, vimos passar quatro canôas de Ujiji cheias de homens e mulheres. Eram escravos e elevava-se o seu numero a sessenta e quatro e vinham do rio Rufuvu e da aldeia do chefe Muriro.

A bahia de Kaua, que atravessámos no dia seguinte é muito pittoresca sobretudo as encostas e as alturas que a cercam. Vêem-se em muitos sitios cabanas construidas



para accommodação dos Muzimus, ou espiritos, E' n'esta bahia que desagua o rio Kaua.

Durante os dias 2 e 3 de julho caminhámos muito proximo d'uma costa deserta, e na tarde do dia 3, chegámos á extremidade do lago, situada no districto de Ukituta, no 8° 47' de latitude sul. Um pequeno regato, chamado Kapata, desemboca mesmo ao fundo d'esta extremidade sul, passando atravez d'um bosque espesso e sombrio. As arvores seccas que precedem o bosque testemunham o effeito produzido pela acção destruidora das aguas crescentes.

Percorri o paiz á procura de caça, porém, ainda que as pegadas dos bufalos fossem numerosas, comtudo, não encontrei nem um. Safeni, patrão da canôa *Meofu*, que havia acompanhado Livingstone e que tambem agora me serviu de guia, mostrou-me alguns sitios que se tornavam interessantes pela lembrança do grande viajante, e que estavam agora proximos de nós.

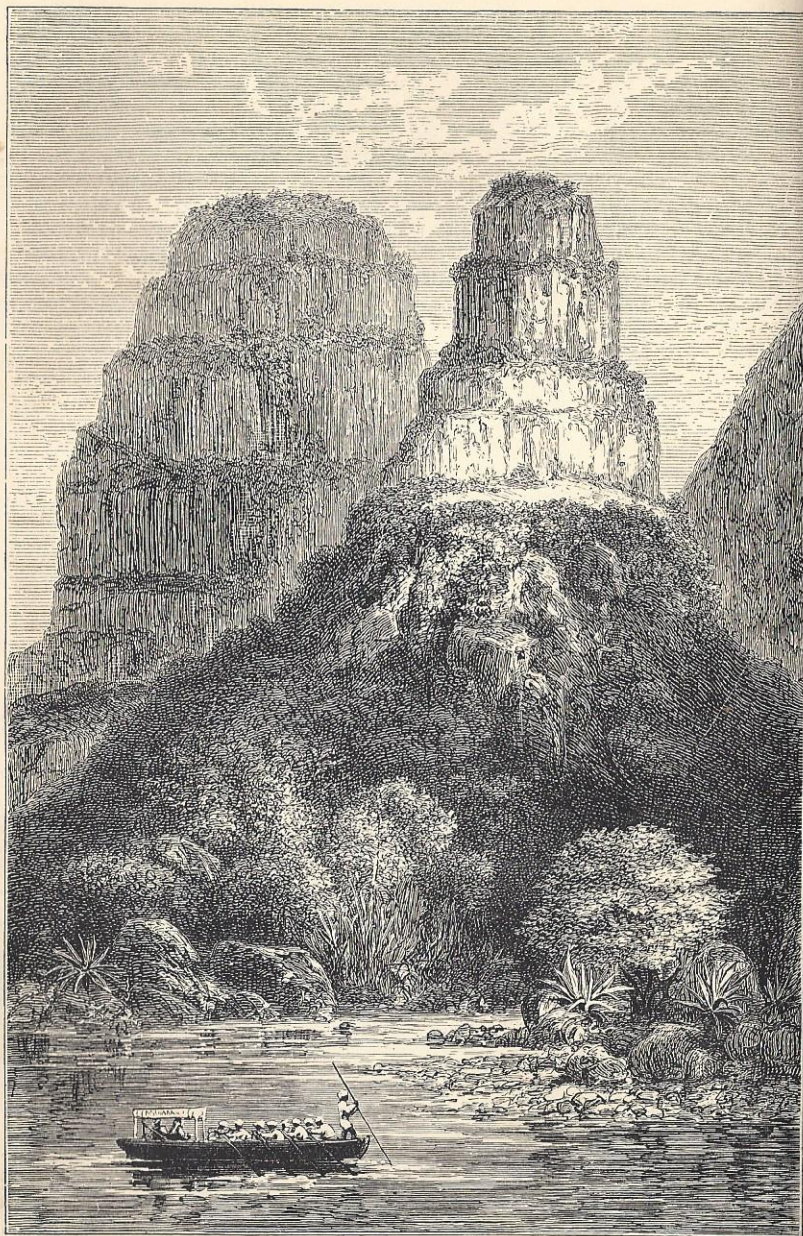
No dia 4 de julho, depois de dobrarmos um promontorio que, dirigindo-se para o norte, termina a tres milhas distante de Kapata, encaminhámo-nos para o oeste, entre a ilha de Ntondué e a costa, e passando proximo da ilha de Murikua, alcançámos em duas horas, a extremidade sul da margem occidental do Tanganika, n'uma bahia onde o Vuezí se precipita do planalto do Urungu.

A aldeia de Muangala, onde acampámos, esteve primeiramente encoberta pela linha espessa dos canaviaes, que defendiam as canôas dos pescadores contra as tempestades do lago. Um olhar que lancei para o recinto da aldeia fez-me ver que ali tambem havia provas do augmento das aguas.

Perguntei aos indigenas se não sabiam que o lago crescia continuamente.

«Não o vêdes? responderam-me elles. Mais umas chuvas e temos que desmanchar as nossas cabanas, construindo uma nova aldeia em outro lugar».





VISTA DO MTOMBUHA URUNGU: MORADA DOS ESPIRITOS DAS ROCHAS.

«Para onde se dirige a agua que sahe do lago? perguntei.

«Dirige-se para o norte, pois parece caminhar sobre nós com mais força do que nunca.

«Mas não havia aqui um rio que corria em direcção a oeste?

«Nunca ouvimos fallar n'esse rio.»

A parte da costa occidental que se estende desde Mbeté ou Mombeté, ao sul, até ao rio Rufuvu, é considerada tradicionalmente pelos indigenas como uma terra sagrada. A cada um dos seus escolhos, dos seus bosques, das suas montanhas rochosas, a cada um dos seus desfiladeiros está ligada a ideia da presença d'um espirito. Entes vagos, indiscriptiveis, produzidos pelo medo e por uma profunda superstição, governam estes logares. Tudo o que acontece proximo dos sanctuarios d'estes poderosos espiritos é cuidadosamente fixado na mente do povo, e augmenta cada vez mais a veneração e o temor que inspirão os Espiritos das Rochas.

Por isso tres montanhas em fórma de columnas, torres naturaes de aspecto estranho, chamadas Mtombua, e das quaes damos a gravura mais adiante, passa por ser a habitação d'espiritos poderosos.

A altura d'estas montanhas é cerca de mil e duzentos pés acima do nivel do lago.

Faziam outr'ora parte do planalto de Urungu, achando-se agora separadas pela mesma força que produziu o abysmo insondavel do Tanganika.

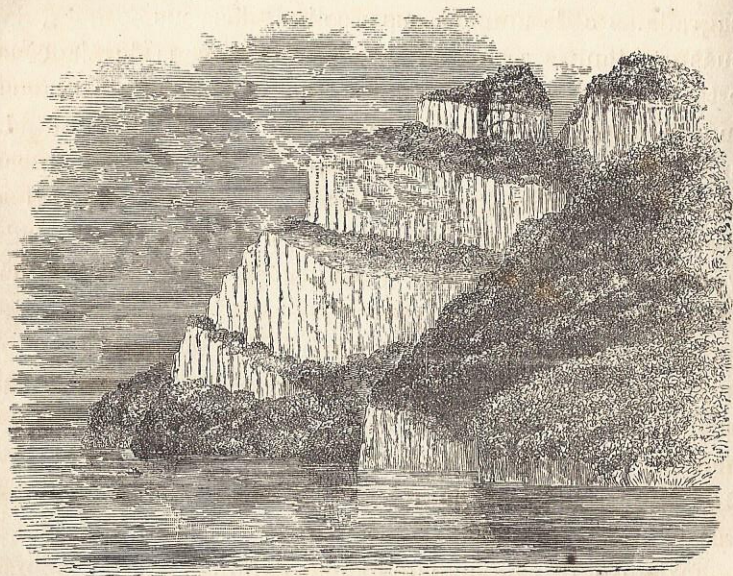
Estas montanhas quasi identicas estão isoladas e acham-se collocadas dentro d'um espaço de duas milhas. A primeira chama-se Mtombua, outra Kateye e a terceira Kapembua. Os espiritos que as habitam estão unidos pelos laços d'um estreito parentesco, todos elles dão ordens ás ondas e aos ventos e residem no cume das trez torres.

Kateye é, supponho, filho de Kapembua e Metombua, o Jupiter e o Juno da tradição do Tanganika.



Ao passar proximo da base d'estas montanhas, admiramos as suas elevadas encostas, sobrepondo-se umas ás outras em forma de terraço, sendo cada degrau marcado com uma linha d'arbustos. Para lá de Kateye a frente macissa e escura do Kapembua que domina os outros dois, mostra-se de uma grandeza extraordinaria.

De Kapembua ao cabo Polombué a planicie é co-rodada por uma penedia, eleva-se a mil e quinhentos pés de altura, alongando-se até uma vertente onde



Mtombua

existe grande numero de rochedos meio escondidos pelas arvores, matagaes e ervas. Comtudo os indigenas cultivam parte d'estes cumes abruptos, e vêem-se os seus campos aproveitados até um ponto muito elevado da escarpa.

No dia 6 deixámos as visinhanças de Polombué e depois de ter dobrado o cabo, entramos no rio Rufuvu.

Este rio tem proximamente quatrocentas jardas de largura, a tres milhas da embocadura, e corre com a ve-

locidade de um nó por hora no meio de montanhas muito elevadas e arborisadas. A tres milhas da costa alarga e fórma uma especie de lago de uma milha de largo. Na margem direita, meridional, estende-se uma planicie que sobe gradualmente e vae juntar-se á encosta de Kapembua. D'aqui até á aldeia de Liendé, onde acampámos, a nossa marcha foi em direcção de este-sudo-este.

Aqui, como nos outros sitios, a agua tem avançado e já inundou grande porção de terreno outr'ora cultivado. De todas as localidades por onde temos passado desde Ujiji, esta aldeia era a mais populosa.

Os habitantes acolheram-nos de maneira a mais cordeal possivel e fiquei satisfeitissimo por ter tomado conhecimento com creaturas tão amaveis.

Nunca uma palavra mais rispida nem um olhar insolente nos foi dirigido, por algum habitante d'esta aldeia que nos tratavam com a maxima confiança.

Obtivemos tão grande quantidade de viveres que nos chegaram perfeitamente para um mez sem termos necessidade de nos abastecermos.

O chefe Kiumeh ou Chiuma-Nanga, que habita na aldeia de Mkigusa, foi visitado por nós com todo o ceremonial do costume, e mostrou ser um velho muito delicado. Dei-lhe com o maior prazer presentes de viveres, e despedi-me d'elle declarando-lhe ser seu verdadeiro amigo.

Livingstone, que aqui esteve em maio de 1867, escreveu o seguinte ácerca d'esta planicie e do rio:

«Chegámos a uma aldeia situada proximamente a 2' a oeste do confluente; a aldeia tem uma campina com quatro milhas de largura pouco mais ou menos, na qual se caçam os buffalos; mas estes animaes são muito selvagens e occultam-se por entre as arvores gigantescas. O Lofu ou Lofubu (Rufuvu) é da largura d'um quarto de milha, e um pouco mais acima trezentas jardas.»

Desde maio de 1867 até 6 de julho de 1876, isto é n'um intervallo de nove annos, o Rufuvu invadiu



mais de mil jardas da campina de que falla Livingstone como se vê pela comparação dos algarismos!

Esta planície ou campina é, na verdade, muito baixa, e um augmento de dois pés mais de agua faria com que o rio alargasse mais uma milha. As provas do augmento incessante do nivel do lago são cada vez mais evidentes á medida que vamos caminhando. O terreno que era campina no tempo em que Livingstone tomou conhecimento com os indigenas de Liendé, está actual-mente transformado n'um lançol d'agua limpida, coberta em varios sitios de lodos d'uma côr azul desmaiada. No meio do canal a profundidade do rio é de vinte e um pés.

Calculo que a população da planície que se estende desde oeste do cabo Polombué até ao sitio em que o rio passa entre duas montanhas e se estreita, com a área de oito milhas quadradas, é de dois mil habitantes. Ouvi fallar d'alguns Vuanguava e Arabes acampados n'uma aldeia com o nome de Kungué, situada mais acima na margem esquerda do rio Rufuvu, mas, mas tendo necessidade de entrar em relações com elles, achei que era desnecessario visital-os.

No dia 7, apenas tinhamos sahido do rio Rufuvu, fomos assaltados pelo mais terrivel Ma'anda (vento sudoestê). Para e Ruango, nossos guias, não se lembravam de ter experimentado vento semelhante. O *Meofu* em breve ficou sem o leme o qual não se perdeu por ir atado ao barco por meio d'uma corda. O *Lady-Alice* nos segundos rizes caminhava como uma gaivota sobre as aguas revoltas. O vento zumbia-nos aos ouvidos, as vagas gemiam levantando em redor de nós as suas cristas de neve; a tempestade augmentava, e nenhum refugio havia antes de se dobrar o cabo Kasaua. Receiando irnos parar á costa, soltámos um dos rizes e sob este augmento de força, o barco caminhava com uma rapidez tal que fazia tremer de medo os nossos guias. As vagas vinham des-

fazer-se na praia com grande estrondo, a tempestade transformava-se em furacão, porém Kasaua aproximava-se e nós largando todo o panno no fim de quinze minutos chegámos sãos e salvos ás encostas escuras do promontorio no meio d'um ajuntamento de arvores fluctuantes, n'uma pequena corrente d'agua que servia de retiro aos hyppopotamos e crocodillos. Mandei uns poucos de homens por terra para saber o que havia acontecido ao *Meofu*. De tarde recebi a feliz nova de ter o barco, pouco tempo depois de ficar sem o governo, conseguindo chegar á terra e encalhar, sem novidade importante.

Entre os cabos Kasaua e Kipimpi existem duas bahias profundas, que eu tomei a liberdade de denominar bahias de Cameron.\* Em redor d'estas bahias existe uma região esteril e esbranquiçada, cujo aspecto avido é ainda augmentado pelo character gredoso d'alguns rochedos da costa.

Ao norte do rio Rufuvu estende-se o Uemba. Na linguagem da grande nação de Bisa, de que todos os brancos fallam, com pouca differença de dialecto, Uemba n'esta região significa lago.

Entre os cabos Kipimpi e Kalambué, o rei Muriro ou «Fogo», um emigrante de Unyamuezi, com o auxilio d'um grupo de homens turbulentos estabeleceu nas margens do lago uma aldeia poderosa chamada Akalunga. E' um logar onde se reúnem os negreiros porque Muriro tem sempre grande numero de escravos que troca promptamente por polvora e espingardas e os seus vassallos procuram constantemente o paiz para fazerem crescer a procissão de carne humana.

A partir do cabo Kalambué na direcção do norte, as

\* Chamei-lhe d'este modo em attenção a Verney Lovett Cemeron, commandante da marinha ingleza, por ser o primeiro que navegou na metade meridional do lago Tanganika.



montanhas são cada vez mais altas e escarpadas, a margem é profundamente chanfrada por numerosas enseadas estreitas, o que põe a descoberto os stractos verticaes de *diorite* vendo-se poucas arvores no solo movediço. Os canaes são numerosos e muito pouco profundos, d'onde resulta que o desaguamento faz-se rapidamente e em pequenos regatos.

Ao norte de Mapota a grandiosidade da scena torna-se mais deslumbrante: as montanhas são mais alterosas, os bosques com maior numero de arvores, com as suas côres variadas, os cumes ondulantes dando a esta paizagem o character pittoresco que o littoral de Urungu não possui e falta igualmente aos seus platós admiraveis do lado occidental, e aos costumes uniformes que apresenta a outra margem.

Juncto d'um regato situado ao norte do cabo Kálambué lugar onde tínhamos acampado, pozemos fogo ás ervas que estavam na nossa frente, para gozarmos maior perspectiva. No fim d'uma hora, o incendio havia escalado a encosta e fazia destroços no cume das montanhas. D'ahi a tres noites, podia ver-se para o norte, na distancia de quinze milhas do sitio onde havia começado o incendio, uma flammejante aureola brilhar no cume da montanha.

Este incendio, bem como muitos outros do mesmo genero, explica porque, nas elevadas planuras d'Africa no centro de espessas florestas, se encontram repentinamente pequenas clareiras; especie de linguas cobertas de herva. Sem duvida alguma, são estas resultado de grandes destroços causados por violentos incendios. Em todos os logares onde o solo conserva um excesso de humidade, e hervas, cuja haste é tão grossa como a dos canaviaes, attinge, durante os tres mezes da estação chuvosa, uma altura de oito, dez e mesmo quinze pés.

Em maio, estas hervas seccam; no mez de junho estão

como isca e basta a mais pequena faisca para as inflammarmos; o ruido do combate de duas brigadas de infantaria não excederia o que é produzido pelos estalos e pelas explosões produzidas pelo assalto do fogo que dilata o ar, que devora tudo o que encontra na sua frente não deixando apoz si mais do que um terreno calcinado, ennegrecido e gretado.

Muito embora as montanhas de Marungu sejam escarpadas, escabrosas e cheias de rochedos o districto é immensamente povoado. Atravessando os desfiladeiros, resultantes das oscillações que teem em certos sitios rasgado estas montanhas, vi cumes de outras montanhas, que se erguiam a dois mil e quinhentos pés acima do nivel do lago, occupados por aldeias, cujos habitantes não tinham escolhido estas posições inacessiveis senão para escapar aos roubos d'alguma poderosa tribu de oeste.

As vizinhanças do cabo Zougueh distinguem-se especialmente pela altura dos cones e pela grande massa de montanhas. Entre todas deve notar-se Murumbi, com dois mil pés de altura acima do nivel do lago, e que situada proximo do cabo Muri-Kiassi é um dos traços caracteristicos da costa de Marungu.

Os cumes arborizados, as densas florestas que enchem as faldas das cordilheiras servem para habitação do *Soko*, nome que os Vuanguana dão indistinctamente ao gorilha e ao chimpanzé. Já tinha ouvido as vozes de alguns d'estes macacos nas margens do rio Lunanguá mas estavam muito distantes de mim para eu perceber a differença que existe entre o ruido que elles produziam e o que poderia fazer um grupo de indigenas em violenta altercação.

O Rubuko, ou Lofuko, rio consideravel, separa Marungu do Tembue. Para o lado do sul do rio fica Mompara ou Para como se diz em abreviatura, localidade interessante, porque foi n'este sitio que Livingstone embarcou nas canoas, em fevereiro de 1869, para fazer a



sua primeira visita a Ujiji. Eis o que elle diz no livro *Ultimo Diario*, vol. 2.º

«14 Fevereiro 1869 — Chegada a Tanganika. Para é o nome do territorio situado na embocadura do Lofuku.»

O chefe da aldeia de Para é protegido por Jumah Merikani, e este confia-lhe a guarda das canoas durante o tempo que está ausente e enquanto vae a Rua buscar os escravos e o marfim, o que prova que aquelle chefe é digno de confiança. Anteriormente, o Sheikh Sayid bin Habib fazia-lhe a mesma honra.

No fim de quatro horas de viagem á véla chegámos aos promontorios arborisados de Tembué dos quaes o mais saliente, do lado do nascente, está á distancia de vinte cinco milhas approximadamente da ilha de Makakomo e de Kirando, na costa oriental.

Junto d'este ponto, a algumas milhas da praia, vê-se uma cordilheira elevada, cujos picos formam uma linha irregular. Dirigindo-se para o norte, esta cordilheira diminue de altura e apresenta uma apparencia mais arida. A sua elevação é então muito menor do que a das montanhas de Tongué, Fipa, Urungu, ou Marungu. Prolonga-se quasi constantemente com esta altura, dando aqui, e alli, passagem aos tributarios do lago, até ao norte da ilha de Kasengé, onde torna a tomar maior elevação até encontrar-se com as denominadas Goma, as mais elevadas serras que existem em redor do lago Tanganika.

Em Kankindua, aldeia situada n'uma pequena bahia proxima do cabo Tembué, um indigena disse-nos que o Lukuga sahia do lago e dirigia-se para Rua; outro contestou esta asserção dizendo que isto não era verdade; um terceiro disse tambem que o Lukuga sahia do lago e tomava a direcção de Rua, mas que, encontrando um outro rio que descia em direcção ao Tanganika, parava e os dois rios juntando-se formavam um lago.

Observando ao norte do cabo Tembué, a pouca elevação comparativa das montanhas de Uguha, comecei a

pensar que havia toda a probabilidade de que o escoadouro do Tanganika fosse n'este sitio. De todos os paizes que tinhamos em redor do lago, era este o que poderia dar sahida ao excesso das suas aguas. Recordava-me tambem alguns logares de Usukuma, no lago Victoria. Explorámos cinco embocaduras: a de Ruanda, Kasenga, Ruuye-ya, Rutuku, e Kahanda, cinco afluentes, e do cabo Mirembué partimos para Lukuga, o rio mas interessante que encontrámos n'esta exploração.

Na tarde de 16 de julho, fiz conhecimento com Kaue-Niangeh, o chefe do districto que forma a margem meridional do ancoradouro de Lukuga. Lembrava-se perfeitamente de Cameron e descreveu-me as suas feições e modo de trajar, accrescentando que os tinha acompanhado até aos canaviaes que, dizia elle, cobriam os sitios mais elevados da enseada.

«Quando elle me visitou, disse o chefe mostrando-me uma linha de escolhos que occupavam tres quartas partes da entrada, havia aqui duas linguas de areia, uma de cada lado, e sobre uma d'ellas havia uma aldeiasinha de pescadores.

Como a agua cobria agora os dois lados, elle suspeitava que Cameron se tivesse servido d'algun poderoso meio, para promover este desastre!

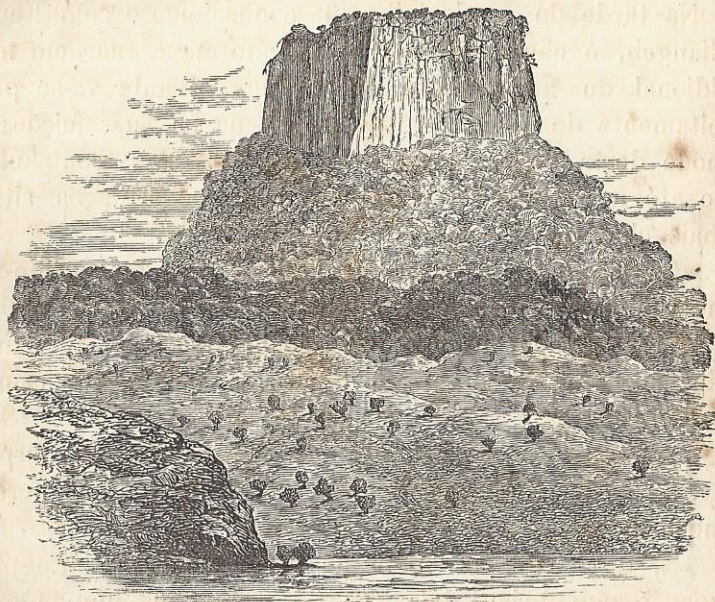
«E, disse elle, se um branco tinha causado tanto prejuizo o que fariam dois? Todo o paiz seria inundado, e não ficava outro refugio senão o cume das montanhas.

Comecei a rir, zombando dos seus receios, e consegui de tal modo dissuadi-lo que de bom grado se promptificou a servir-me de guia para explorar a enseada, e deu-me as seguintes informações, que escrevi n'aquella mesma tarde no meu jornal.

«Julho, 15. — As opiniões com respeito á embocadura do rio Lukuga são muito diversas, com respeito ao que deve denominar-se rio, enseada ou braço de lago. As informações que pude obter comparadas com as de Ca-



meron, são absolutamente incompreensíveis. Os velhos e os chefes dizem que outr'ora o Luuegeri encontrou o Lukuga e que a reunião d'estes dois rios formou o lago. D'este ajuntamento, do Lukuga, vindo de oeste, com o Luuegeri, vindo de éste, nasceu o Tanganika. A boa harmonia reinou sempre entre estes dois rios até uma época muito recente. Mas, desde então, o Lukuga, segundo dizem, tem caprichos, enfados, algumas vezes



Montanha Murumbi

corre para o lado de oeste, outros para éste. Por outras palavras, durante a estação das chuvas, o Lukuga desagua no lago, trazendo enorme quantidade de agua cheia de ervas, madeiras e objectos diversos; e durante o tempo secco, quando a monção prevalece de sudeste, o Lukuga encaminha-se para o occidente, atravessa os terrenos seccos e os terrenos lodosos, e dirige-se, sob o nome de Ruindi ou Luindi, para o Kalumbi. Até á pas-

sada estação das chuvas, isto é, até março de 1876, existia um banco de terra ou lodo, de muitas centenas de passos de extensão, entre o Luindi e o Lukuga; as chuvas porém d'este anno augmentaram a sua corrente e o Lukuga tendo atravessado o obstaculo dirigiu-se para Rua, pelo paiz de Miketo. O Kamalondo é um rio, e não um lago; o Lualaba tem outra denominação.

«Quando Cameron aqui esteve, em 1874, havia, na entrada do Lukuga um banco de areia secca, cheio de ervas e cannas, que se estendia pela margem meridional, e um outro banco semelhante, que partia da margem do norte. Um canal estreito separava as duas linguas arenosas, porém hoje são ambas batidas violentamente pelas ondas. O largo onde Cameron acampou já não está habitado, visto que n'esta estação é varrido pelas ondas em consequencia da forte monção do sudeste.

«Aprecie-se como se quizer este facto, este conflicto de opiniões entre as pessoas que deviam saber o que se entende por emissario ou desaguadouro d'um lago, porém muitos d'elles tinham visto o Luapula sair do lago Bemba, outros, viram o Lualaba sair do lago Mveru; esta diversidade de opiniões demonstra evidentemente, que, ou está em vespuras de se realizar uma crise da natureza, ou que já se realizou ou que não se realizará. D'estas tres hypotheses qual é a verdadeira? Não se póde saber senão explorando o Lukuga, exploração que eu começarei amanhã de manhã.»

Cameron diz o seguinte a este respeito:

«Vi uma entrada de mais de uma milha de largura, porém accessivel apenas por uma quarta parte da sua largura, estando os outras tres obstruidas por um *banco d'areia coberto de herva*; um canal, da largura de trezentas a quatrocentas jardas corta o banco d'areia, e *atravez d'elle ha uma entrada* onde, muitas vezes, a ressaca vem quebrar-se com força, muito embora não tenha mais d'uma braça d'agua mesmo nos pontos menos profundos.»



É muito natural suppor que, em razão do encontro d'estas duas forças contrarias, as aguas d'um affluente encontrando as vagas do Tanganika formassem uma ressaca ou uma praia arenosa. É a esta lucta que se deve attribuir a entrada, que, segundo Cameron, atravessava o canal.

No dia 16 subimos a enseada. A carta d'esta interessante localidade dá o numero das sondagens e da extensão d'uma a outra margem.

A embocadura do Lukuga, que tem proximamente uma largura de duas mil e quinhentas jardas, vae estreitando successivamente, tendo apenas a duas milhas de distancia uma largura de quatrocentas jardas e uma milha antes oitocentas. Depois de dobrar a ponta de terra na qual está construida a aldeia de Mkampemba, e onde ha uma consideravel extensão de terreno cultivado, observei que a agua mudava de côr e se tornava d'um vermelho escuro, o que era devido á conglomeração ferruginosa de que as margens são compostas. Isto confirmava-me de que n'este sitio não havia desaguadouro, pois um rio formado das limpidas aguas do Tanganika nunca poderia ter uma côr tão escura a duas milhas de distancia do lago.

Fallando a este respeito, o chefe pediu-me para parar um instante, e lançando ao rio um ramo, fez-me ver que não obstante o vento soprar do lago, o ramo e as bolhas d'agua se dirigiam para elle. O seu rosto ficou radiante, porque elle imaginava que me provara incontestavelmente parte das suas asserções da vespera, isto é, que o rio desaguava no lago. Agora faltava-lhe provar que o mesmo rio sahia novamente d'elle e se dirigia para oeste. Ao longo das margens e nas encostas que lhes ficavam proximas havia grande quantidade de canaviaes e papyrus, que cobriam as aguas tranquillias, porém, no meio do canal eram claras e corriam livremente n'um leito cuja largura variava entre noventa a quatrocentas e cincoenta jardas.

No fim d'uma hora chegámos á extremidade do rio, isto é, até ao local onde se podia ir em barcos, visto que a abundancia de papyrus tinha augmentado de tal modo que n'este sitio o rio não tinha mais do que quarenta jardas de largura. Cessando de remar, deixámos deslisar suavemente o barco até á barreira de papyrus, a qual semelhante a um viçoso campo de milho, fechava n'este ponto o rio completamente. Deitámos a sonda juncto d'este macisso de verdura, da largura de quarenta jardas, e obtivemos a medição de sete a onze pés de profundidade! Diligencieei, com um nivel portatil, saber se aqui havia corrente d'agua, e vi que não havia nenhuma. N'um pequeno canal completamente abrigado pelo barco, deitei um ou dois pedaços de madeira, que em cinco minutos tinham avançado um pé em direcção ás ervas. Diligencieei abrir caminho atravez dos papyrus, porém quando cheguei á distancia de vinte jardas tive que parar por não ser possivel passar além dos bancos de lodo, negros como pez e muito movediços. Voltando ao barco, chamei quatro dos barqueiros, colloquei-os em grupo e de costas uns para os outros, e subindo-lhes aos hombros diligencieei, com o auxilio do meu oculo, conhecer o aspecto geral da localidade. Vi uma depressão de terreno da largura de duzentas e cincoenta a trezentas jardas rodeada de papyrus e estendendo-se de este para oeste, entre duas margens de suave declive, e com algumas acacias rachiticas. Em varios sitios via-se a agua atravez da faxa de papyrus, e mais distante pareceu-me observar que as arvores cresciam do proprio leito do rio. Diligencieei fazer passar alguns dos meus barqueiros d'uma para outra margem, porém o lodo não era bastante firme para sustentar o peso d'um homem.

Em seguida cortei um pedaço de madeira do diametro d'um pé, fixando-lhe um prego cuja cabeça foi envolvida em algodão; atei-lhe uma corda do comprimento de cinco pés, na qual suspendi um vaso de



barro. Medi com uma corda mil pés de extensão ao longo dos papyrus e marquei esta extensão em ambas as extremidades, atando um pedaço de tecido d'algodão a duas hastes que se achavam mais proximas da marcação. Voltando em seguida á extremidade oriental da parte medida, a que se achava do lado do lago, mergulhei o vaso de barro, o qual depois de cheio foi ao fundo e sustentou o disco de madeira ao nivel d'agua. Eu olhava para o chronometro ao passo que o bote se afastava do local da experiencia. N'esta occasião o vento soprava com muita violencia do lado do lago.

O disco de madeira, afastando-se do lago, fluctuou em direcção aos papyrus e avançou n'uma hora e quarenta segundos oitocentos e vinte e dois pés.

Estava portanto provado d'uma maneira concludente que n'esta data (16 de julho de 1876) não havia corrente. Comtudo tinha curiosidade de ver a nascente d'este rio. No dia seguinte, portanto, acompanhado pelo chefe e quinze homens da expedição, segui, por terra e n'uma distancia de tres a quatra milhas, esta depressão cheia de lodo e canaviaes. A direcção dos diversos cursos d'agua que atravessámos era do nordeste para o sudoeste, isto é, para o lago. Na aldeia de Eluani encontrámos a estrada de Monyi, que é percorrida pelos indigenas quando vão ao Unguvua, Luuelezi ou Marungu, do outro lado do Lukuga. Dois habitantes da aldeia serviram-nos de guia para passar a vau o Lukuga. Ao chegar ao sopé da montanha, vimos em primeiro logar o leito secco do rio Kibamba. Na estação das chuvas este rio, que segue a direcção de sudoeste, recebe as aguas da vertente oriental da cordilheira de Kiyanja. Os troncos das arvores, deitados por terra pela força da corrente, tomam todos a direcção do lago.

Do leito secco do Kibamba ao leito obstruido de canaviaes do Lukuga apenas havia um passo. Durante as

chuvas o Kibamba trasborda evidentemente, e segue aavez dos papyrus do Lukuga.

Seguimos um caminho que conduzia a um leito de canaviaes e juncos deitados por terra, e continuámos até ao sitio em que o solo começava a humedecer-se. N'este local, de ambos os lados, os canaviaes elevam-se á altura de dez até doze pés, os seus troncos apertados e os ramos altos entrelaçados, formavam uma especie de tunnel estreito. O caminho que seguíamos tinha em varios sitios algumas depressões que estavam cheias d'agua estagnada tendo de profundidade desde nove pollegadas a tres pés e estando separadas entre si pelo lodo.

Finalmente, depois de ter caminhado ainda mais duzentos passos chegámos ao centro d'uma depressão cheia de canaviaes, á qual os indigenas davam o nome de Mituanzi. Aqui o chefe fez uma larga abertura nos canaviaes e, com ar triumphante, mostrou-me a agua que effectivamente corria em direcção a oeste!

Esta agua parecia ser muito fria, porém o thermometro indicou pouco mais de 20°, só quatro menos do que no Lukuga. Atravessei para a margem opposta, meridional, aos hombros de dois dos meus homens. O leito do rio era muito desigual, umas vezes a agua chegava-lhes á cintura, outras vezes não lhes passava dos tornozellos. As arvores que eu tinha visto quando estava no barco, erguiam-se n'uma ponta da terra, que se projectava na margem meridional atravessando o Mituanzi; porém estas arvores estavam seccas, e o terreno onde ellas tinham crescido, que anteriormente era secco, tinha-se tornado pantanoso. O rio conserva o nome de Lukuga até poucas milhas a oeste da residencia de Miketo; a partir d'este ponto, é conhecido sob o nome de Luindi, Ruindi ou Luimbi.

O Mituanzi é atravessado todos os dias sem difficuldade por grande numero de homens, mulheres e creanças.



Seguimol-o ainda durante tres milhas, e achámo-nos na extremidade sul da cordilheira de Ki-yanja, porque é pelo meio d'esta cordilheira e da de Kihunga, terminando na margem meridional, que o Lukuga passa para se dirigir ao occidente. Mesmo aqui o Lukuga tem pouca importancia, é um curso d'agua de fraca corrente deslisando atravez de canaviaes sombrios.

O caracter mais interessante d'esta região é a extremidade arredondada da cordilheira de Ki-yanja, que ahi acaba bruscamente com um angulo de 30.º Como a maior altitude é talvez de seiscentos a mil pés, foi necessário, para talhar esta brecha no conglomerado ferruginoso e argiloso da montanha, uma acção mais poderosa que a d'este curso d'agua inferior, interceptado pelos canaviaes, sem volume nem força.

Voltámos ao ancoradouro de Lumba, onde havíamos deixado os barcos, chegando ali a uma hora adiantada da tarde.

O dia seguinte foi empregado em fazer sondagens no ancoradouro, desde Mituanzi até ao canal exterior.

No outro dia de manhã, para levantar a planta, subi ao cume do cone que se acha situado pelo lado detraz do Mkampemba, aldeia de Kaue-Niangeh.

Sou de opinião, tomando em consideração tudo o que vi, que n'uma época remota as duas margens do lago estavam ligadas por uma cordilheira que ia desde o cabo Kongué, situado ao oriente, até ao cabo Kahangua, no occidente; que o Lukuga era o affluente do lago como o é agora, e que o nivel do lago n'aquelle tempo era mais elevado do que actualmente; que a metade septentrional do lago é posterior á outra; que em consequencia da depressão do terreno que lhe servia de limite ao norte e do desmoronamento da cordilheira transversal, as aguas do sul se precipitaram no abysmo que acabava de ser aberto, deixando em sêcco o leito do Lukuga, aproveitando-se d'elle os rios Kibamba e Lumba, seus affluen-

tes, para levarem ao lago o tributo da vertente oriental da cordilheira de Ki-yanja. Mas agora que a grande depressão produzida pelo tremor de terra, que rompeu a planicie onde nos achamos, d'um lado a Uhha, Urundi, do outro o Ubembé e o Goma, está proxima a ser preenchida, o Lukuga reassume as suas anteriores funcções de canal de descarga e conductor do excesso das aguas do Tanganika para o valle de Livingstone e d'aqui, fazendo uma curva magestosa, alcança o Oceano Atlantico.

Digo isto depois de ter perfeito conhecimento de todo o lago e examinado cuidadosamente toda a praia. As cavernas subterraneas não são mais do que mythos, fabelas que transmittem os indigenas uns aos outros e que repetem os Vuanguana. As montanhas que rodeiam o Tanganika teem uma elevação de seis centos a quatro mil pés acima do nivel do lago, e os rochedos que as compõem não são de tal natureza que possam admittir a theoria de passagens subterraneas. Mas se se investigasse o motivo porque um enorme lago d'agua doce não tinha emissario, eu apresentaria, como soluções racionais, a brecha feita por uma corrente d'agua no conglomerado das cordilheiras de Kihunga e Kiyanja, os rochedos e as massas irregulares do Mpembué, tudo isto do lado da costa oriental e depois até Urungu, os promontórios e as escarpas desnudadas de Kungué, e Karinzi, testemunhando todos a passagem de ondas poderosas. E' um facto innegavel, que, se a evaporação d'uma massa d'agua é superior á sua alimentação, esta agua deve necessariamente tornar-se salina em rasão das particulas d'esta materia que lhe trazem os seus affluentes. E' igualmente fóra de duvida que, se a alimentação d'uma massa d'agua é superior á sua evaporação, esta massa d'agua augmenta—seja lago, tanque ou mar—até que trasborda e escava uma sahida.

No Tanganika temos um lago d'agua doce que —



segundo o testemunho dos indigenas, dos arabes que aqui residem e a observação de diferentes viajantes — eleva o seu nivel d'uma maneira constante; e, no Lukuga vemos igualmente os primeiros symptomas do trasbordamento que necessariamente deve produzir-se. Actualmente o unico obstaculo que se interpõe entre as aguas do Tanganika e a sua sahida, são alguns bancos de lodo tendo apenas algumas pollegadas de espessura e uma fragil barreira de papyros, que gradualmente se approximam. Quando o lago tiver subido mais uma jarda não terá, na embocadura do Lukuga, elevação [alguma, nem banco do lodo, nem matagal, e as aguas accumuladas procedentes de mais de cem ribeiros, precipitando-se na antiga brecha com uma violencia espantosa, arrastarão todos os restos organicos que encerra hoje o Lukuga e levarão o seu poderoso tributo ao rio Livingstone.

No dia 21 de julho, abandonando a embocadura do Lukuga, futuro affluente, e passando o cabo Kahangua, encaminhámo-nos para o local escolhido pelos arabes para atravessar o rio, e que fica situado proximo da ilha de Kasengé.

Desde que partimos do cabo Tembué, temos costeado Vuaguha, cujos habitantes são extremamente delicados. São o primeiro specimen das nações cujos paizes teremos que atravessar na exploração que havemos de fazer nas regiões occidentaes. Tem um certo modo de se pentear e que é completamente desconhecido na parte oriental do Tanganika. Os penteados que uzam são muito vistosos tanto na parte posterior como no alto da cabeça, sustentados por alfinetes de ferro ou de madeira esculpida. Uma pequena trança descrevendo um semi-circulo em redor da fronte pintada de vermelho, a cabelleira levantada e puxada para a nuca, onde é sustentada por uma carcassa de ferro segura por duas toboasinhas em fórmula de cruz, constituem a maior elegancia. Para proteger este edificio contra a poeira cobrem-n'o

com um estofa muito fino feito de ervas, cuidadosamente atado com um cordel, objecto que faz lembrar o chapéu branco que usam as damas europeas. Finalmente para que o toucado não se desarranje em quanto dormem, teem um pequeno banquinho que conduzem preso á cintura e no qual apoiam a cabeça.

Como dissemos, os Vuaguha são extremamente delicados, o seu modo de cumprimentar é o seguinte: se é um individuo que passa pela frente de uma roda de pessoas assentadas, deve baixar-se, tomar com a mão



Toucados de Ubujué e Uguha

direita um punhado de terra ou de areia e deitar uma porção d'ella na mão esquerda; com esta ultima esfrega o cotovelo direito e o lado direito do peito, ao passo que com a mão direita deve fazer idéntica operação no lado esquerdo do corpo: ao mesmo tempo deve proferir a saudação.

Se o individuo que elles encontram é de cathogoria inferior á sua, apenas o recémchegado se limita a bater as mãos muitas vezes uma contra a outra e, em seguida



a cada pancada bater também ligeiramente sobre o coração.

A ilha de Kasengé é pequena; o centro é occupado por uma montanha conica cheia de matto. Frequentada ha muito tempo pelos arabes, que em consequencia das suas relações com as regiões do oeste, ahí construíram algumas habitações, é soffrivelmente cultivada e produz romãs, cidrão e limão doce.

Entre o antigo promontorio de Katenga, destacado da costa de Goma e que fórma hoje uma grande ilha, e



Toucados de Uguha

Mtous, extremidade meridional da bahia, vê-se um grupo de ilhotas, das quaes as maiores são Kirindi, Kivizi e Kavala.

Quando passámos a ponta septentrional da ilha de Katenga, vimos na nossa frente a cordilheira do Goma, sob o aspecto de uma serie não interrompida de elevadas montanhas, com os cumes abruptos e as encostas escarpadas; porém, caminhando para o norte, vi que, da ilha de Katenga, apenas tínhamos visto o perfil de enormes saliencias. Por detraz de quasi todos estes promontorios

ficam situadas algumas angras e bahias, dominadas pelas montanhas revestidas d'uma vegetação de côr escura, e onde nascem myriades de limpidos regatos. As cordilheiras profundas que sulcam a costa, são cobertas de arvoreds enormes das quaes são construídas as grandes canoas de Goma. As quebradas da cordilheira, dão passagem a varios regatos de agua limpida e fresca, os quaes ao cair fazem grande ruido, e atravez de todas as aber-



Mulher de Uguha

turas e gargantas vêem-se ainda destacar no horisonte as grandes montanhas.

Produz desagradavel impressão á vista o contraste que forma o azul puro e luminoso do horisonte com a côr escura das cordilheiras e do cume das mantanhas cheias d'arvoreds. As margens d'estas pacificas enseadas são cobertas de canaviaes d'uma côr verde muito linda, nas quaes centenas de passaros de pescoço amarello fazem os seus ninhos; estas industriosas aves reunidas em gran-



des grupos ou estão empoleiradas nos ramos que balougam com o vento, ou saltitam d'um lado para o outro, acompanhando este movimento com o seu canto favorito. Nos troncos que se estendem sobre a agua, está pousado o aninge, de plumagem brilhante e macia, sustentando no bico o peixe que acaba de apanhar, ao passo que na copa de um sycomoro ou d'uma gigantesca arvore de teca, vê-se a aguia pesqueira de pescoço branco e que a intervallos faz ouvir o seu chamamento fantastico, grito lamentoso ao qual, do cimo d'outra arvore distante e a igual altura, responde o mesmo grito estridente e lastimoso.



Toucado de Uhyeya

Desde Katenga até ao monte Bald, proximo de Mungolué, os cumes são de côr escura e desguarnecidos d'arvores. De Tanga ao cabo Mdanga, as brechas, cordilheiras, angras e bahias, semelhantes ás que descrevemos anteriormente, são numerosissimas. Entre o rio Kabogo e a montanha Missossi, ha uma bahia que não recebe menos de cinco regatos, precipitando-se de dois mil pés de altura em extensos fios argenteos. Toda a montanha parece querer desfazer-se em lagrimas, porque não ha

uma cordilheira, barranco, a mais pequena brecha ou fenda por onde não deslize o seu filete d'agua precipitando-se para o lago. Em todos os pontos da encosta onde é possivel suster-se em pé, vêem-se aldeias e campos cultivados, limitados pelo abysmo.

O mais alto cume da montanha Missossi tem proximamente trez mil pés acima do nivel do lago. Como este é muito largo entre Goma e Ujiji — talvez quarenta milhas — as ondas caminham rapidamente e veem em extensos alinhamentos desfazer-se contra a base massica da montanha; quando domina o vento do sudeste, a tempestade encontra na sua frente, partindo do promontorio de Kabogo, um lançol d'agua de sessenta milhas de extensão. Em quanto o vento sopra d'este lado a navegação em canôas é perigosissima.

Pelas sete horas da manhã abandonámos a enseada do rio Kabogo onde estavamos abrigados, e ás nove sob o impulso d'uma brisa forte, passávamos em frente da montanha Missossi, a quatrocentas ou quinhentas braças da costa. Para não sermos despedaçados d'encontro aos cachopos, que appareciam á superficie d'agua, governámos em direcção a este e manobrámos os dois barcos com o maior cuidado, para que não sossobrassem. Foi necessario remar durante duas horas com incrível energia para, vencendo o vento, conseguir avançar uma milha apenas. Soltando então a vella corremos para o norte dobrando os inaccessiveis escolhos do cabo Mdanga.

Como se observou, a natureza, na margem occidental do Tanganika, teve os mais excentricos caprichos; porém, no Goma, existe a mais frondosa vegetação. Onde as montanhas são mais altas e mais escarpadas, onde as torrentes teem cavado os barrancos mais profundos, a arvore de teca e o meofu attingem grandes alturas, crescem nos sitios mais altos e seguem em grandes grupos as correntes d'agua até á borda do lago. Debaxo da sua sombra, cresce um massiço d'arbustos e plantas



tropicaes, confundidas, misturadas, e com tanta variedade que para as classificar e descrever, um botanico experimentado passaria n'isso a vida inteira.

Os elevados cumes do Goma septentrional parecem estar cobertos de pastagens. Voltámo-nos para o sul, com a idéa de lançar um olhar de despedida a estes pontos de vista agradaveis que temos admirado, mas a distancia tinha-os transformado em extensa cordilheira envolvida n'uma nevoa azulada.

Durante todo o dia costeámos o Goma navegando muito proximo da praia. De tarde parámos em Kaganza, justamente ao norte da ponta de Kiringi.

No dia 25 de julho, abandonámos Kaganza, e do mesmo modo Goma, cuja fachada magestosa, n'este ponto despida d'arvores, termina, ao norte, pelas montanhas pouco elevadas e arredondadas de Kavunueh, e d'aqui, governando o barco para nordeste, caminhámos ao longo d'um terreno coberto de herba, do qual a mais elevada collina apenas tem duzentos pés acima do nivel do lago. Era outr'ora um isthmo que ligava os promontorios de Ubuari e Karamba com a terra firme. Este terreno tem sete milhas de extensão, entre o lago e o golpho que separa o promontorio de Ubuari de Ubembé e Usansi.

Burton descreve d'este modo Ubuari:

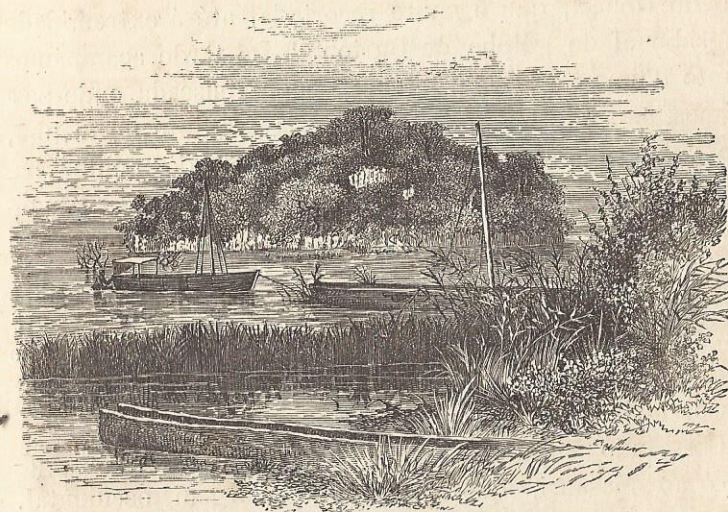
«É a unica ilha que se acha situada proxima do centro do Tanganika, formada por um grupo de rochedos, cuja extensão é de vinte a vinte e cinco milhas geographicas, por quatro ou cinco, na sua maxima largura.

Livingstone no seu *Ultimo Diario* chama Ubuari á ilha Mozima, e eu no livro *Como encontrei Livingstone* chamo-lhe a ilha Muzimu.

Na extremidade do isthmo, existem duas ou tres palmeiras que nos serviram de ponto de referencia durante a nossa viagem no golpho que está situado a oeste; o isthmo é tambem atravessado por duas ou tres bahias profundas.

Proximo do cabo Karamba, na latitude 4° 29', a cordilheira eleva-se até á altura de mil e quinhentos pés acima do nivel do lago, e segue para o norte, até terminar no cabo Panza, depois de percorrer vinte e sete milhas. Vêem-se aqui tres lindas perspectivas de montanhas, mas depois do que vimos em Goma, sem duvida estas são muito inferiores.

Estabelecemos o nosso acampamento n'uma linda praia



A ilha do Espirito (Muzimu)

arenosa, proximo d'uma ilha muito pequena e circular com o nome de Muzimu, ou Espirito. A gravura que se se refere a ella, e que damos aqui proximo, dispensa-nos de a descrever.

Os Vuabuari não se póde dizer que constituam uma bonita raça; o mesmo se póde dizer dos Vuavira, Vuagoma e Vuabembé (cannibae); porém estas tribus são muito industriosas e muito embora estejam sempre promptas a injuriarem-se, os Vuabuari são geralmente estimados de



todos. \*Cultivam a mandioca em grande escala; por occasião da nossa passagem, todos os rochedos livres estavam cobertos de raizes d'esta planta, cortadas em talhadas. Seccam egualmente o peixe que serve de isca aos pescadores do lago, e que é tambem outro genero de commercio, e fazem uma grande colheita de milho que trocam, com os Vuarundi, por manteiga e azeite de palma, e com os Vuajiji por fazendas e missanga.

No dia 27 de julho depois de ter com bastante trabalho dobrado o cabo Panza, seguimos a costa oriental do Ubuari, que é muito recortada, até á extremidade meridional do golpho de Burton. \* De tarde acampámos junto d'uma montanha, n'uma pequena enseada onde passámos uma noite agradável. No dia seguinte de manhã, do cume da montanha, levantei a planta do monte Missossi, do cabo Kiringi, do cabo Karamba; as palmeiras que existiam no isthmo e de que eu já aqui fallei serviram-me para orientar a posição. Obtivemos 4° 22' latitude meridional, e como a ponta de Panza, situada na extremidade norte do Ubuari, ficava a 4° 2' latitude sul, o golpho Burton tem vinte milhas de extensão por cinco de largura.

Costeando a extremidade meridional do golpho chegámos ao Masansi, que começa na margem occidental. Quando chegava perto de qualquer aldeia de alguma importancia, fazia caçar a vela para me informar do nome dos varios rios, cabos, povoações e paizes. Ao approximarmos-nos d'uma aldeia situada na margem occidental do rio Kasansagara, advertiram-nos que haviamos de ser mal recebidos. Avangámos, e com effeito os Vuabembé, que sentem pelos estrangeiros uma profunda aversão, intimaram-nos para nos afastarmos. Desejando certificar-me até que ponto levariam esta demonstração

\* Assim denominado por mim em honra de Ricardo Francisco Burton, commandante da expedição Burton e Speke que descobriu o lago Tanganika.

hostil continuei a approximar-me da praia. Vendo isto, passaram então dos gestos freneticos e desordenados a vias de facto, e continuando a agitar a agua e a bater no chão com as lanças, arremessaram-nos algumas pedras que, pela sua dimensão, podiam tornar-se perigosas. Mandeí içar a vela, e examinámos os indigenas ao mesmo tempo que com o olhar seguimos as parabolas descriptas pelos projectis e ouviamos o ruido da queda d'estes no lago, com tanto socego como se estivessemos assistindo a um divertimento organizado para nos distrair. Nem uma palavra, nem um gesto, nem um movimento da nossa parte; ficámos impassiveis até que os indigenas pozessem termo ás suas furiosas demonstrações. Para foi então encarregado de lhes dizer que não queriamos estabelecer relações algumas com gente tão selvagem que se enfurecia só com a presença de estrangeiros.

Continuámos o nosso caminho sem accrescentar mais uma palavra, e uma hora depois approximávamo-nos de Kiunyu, aldeia, cujo chefe se chamava Mahonga. Fallámos aos habitantes e elles zombaram de nós. Pedi-lhes, por intermedio do guia, se queriam vender-nos algum milho, responderam que não eram nossos escravos, e que não tinham semeado o grão para nol-o venderem. A' vista d'esta resposta affastámo-nos sem dizer mais uma palavra. Os indigenas começaram então a gritar que fugiamos, e tendo-se apoderado de uma duzia de canoas perseguiram-nos. Animados pelos que tinham ficado na praia, e pelo nosso aspecto pacifico, os nossos perseguidores excitaram-se a um subido grão, ameaçando-nos com as suas lanças e flechas. Vendo o estado d'este povo perigoso, tive que procurar abrigo no meio dos papyros e canaviaes do delta do rio Mtambara, onde, apesar dos mosquitos, dormimos tranquillamente sem ser inquietados pela insensata ferocidade dos Vuabembé, que são cannibae.

No dia 28 caminhámos ao longo do terreno pouco



elevado que fica juncto das montanhas do lado occidental e, proximo do meio dia, chegámos a uma enseada da costa de Masansi, juncto d'um rio chamado Rubumba ou Luvumba, bahia onde Livingstone e eu terminámos as nossas explorações da parte septentrional do lago Tanganika em 1871.

D'este modo, em 1871, tinha eu seguido os contornos do Tanganika subindo a costa oriental desde Ujiji, costeando a extremidade norte e descendo a costa occidental até ao rio Rubumba; em junho e julho de 1876, parti igualmente de Ujiji e, tomando a direcção do sul, segui a costa até á extremidade meridional do lago, visitei todas as embocaduras, todas as configurações da praia, subi a costa occidental até á ponta de Panza e fiz a circumnavegação do golpho de Burton até ao rio de Rubumba. A extremidade septentrional do lago foi fixada por Livingstone no  $3^{\circ}18'$  latitude meridional; eu encontrei na extremidade sul  $8^{\circ}47'$  o que dá ao Tanganika uma extensão de trezentas e vinte nove milhas geographicas (609 kilometros). A largura varia entre dez a quarenta e cinco milhas, vinte oito termo medio, e cobre uma área de nove mil duzentas e quarenta milhas quadradas.

No dia 29 deixando a enseada da costa oriental de Ubuari, proximo da ilha Muzimu, atravessámos o lago e dirigimo-nos para Kioga, em Urundi, onde recebemos magnifico acolhimento do chefe, o nosso velho amigo Kinoza.

No meio do lago deitei a sonda com tres arrateis e meio de ferro, e deixando correr o fio até mil duzentos e oitenta pés de extensão não achei fundo. Dediquei uma hora a este trabalho, e fazendo em seguida segunda sondagem uma milha mais distante, do lado de Urundi, tive o mesmo resultado, não encontrei fundo. A tão grande profundidade a corda soffria enorme pressão, mas não quebrou.

No dia 31, chegámos a Ujiji, depois de uma ausencia de cincoenta e um dias, durante os quaes effectuámos, sem nenhum accidente e com a maior felicidade, a navegação de uma distancia superior a oitocentas e dez milhas.

A costa do lago Tanganika tem uma extensão total de novecentas e trinta milhas aproximadamente.



## CAPITULO IX

Regresso ao acampamento — Epidemia de bexigas — Panico e deserção — Deslealdade de Kalulu — Paciencia de Livingstone — Terrores imaginarios — Toucados *ad absurdum* — Opinião de Ruan-ga a respeito dos brancos — Esboço d'uma aldeia — Aldeões de Uhombo — *In puris naturalibus* — Os Mayemas; seus costumes e seus usos. — Vestígios de Livingstone — Encanto das plumas — Espanto dos indigenas quando viram o nosso burro — Guer-ras inoffensivas — Sobrenomes — Uma tribu sem mulheres — Os confluentes do Luama e do Livingstone.

O céu apresentava-se d'um azul purissimo, e o lago adormecido reflectia esta suavissima côr; nem um sopro de vento agitava a superficie da agua. Saindo do canal de Bangué entrámos na bahia de Ujiji. Á direita e á esquerda viam-se bosques de palmeiras verdejantes, diante de nós, uma linha de immensos canaviaes eram domi-nados pelos tectos planos dos tembés de Ugoy e pelas ca-banas conicas de Kauélé.

A apparencia alegre do porto deu novo vigor aos braços dos remadores. Um enthusiastico canto maritimo, cujas vozes se repercutiam pela praia, annunciou a volta d'uma equipagem firme e feliz. Alguns bois de enormes armas mitigavam a sêde á borda do rio; burros galo-pavam por um e outro lado, zurrando com força; cabras, carneiros e cães vagueiavam pela praça do mercado; numerosas felicitações nos eram enviadas, á medida que nos approximavamos da praia.

Os Vuanguana vieram até á margem do rio para nos receberem. Seguiram-se os cumprimentos do costume,



apertos de mão, demonstrações de alegria. Frank, todavia, estava pallido e abatido, tinha uma manta em redor do pescoço e vestia um casaco forte. Que diferença fazia do homem robusto e activo, que eu, á partida, deixára encarregado de dirigir o acampamento! Narrou-me em poucas palavras, que padecia da febre do paiz.

«Felicito-me pelo vosso regresso, senhór, disse-me elle; já começava a desanimar. Varios accessos violentos d'esta horrivel febre teem-me enfraquecido bastante; hontem levantei-me pela primeira vez, depois de sete dias de doença; morre-se aqui tão rapidamente, que eu estive a ponto de julgar que em breve seguiria os outros. Agora voltastes, e as minhas forças em breve serão recuperadas.»

Estas noticias, quando as ouvi mais detalhadamente, eram aterradoras. Cinco dos meus Vuanguana haviam morrido de bexigas; seis estavam perigosamente enfermos da mesma doença, que havia feito numerosas victimas entre os escravos dos Arabes, dos quaes nenhum era vaccinado.

Em Rosako, a nossa segunda paragem depois de Bagamoyo, eu tinha previsto este caso e vaccinára os meus homens. Julguei que não tinha havido excepções; porém, agora soube que muitos d'elles, não lhe agradando a vaccina, não tinham respondido á chamada. D'esses, já haviam morrido cinco, outros cinco estavam gravemente doentes; dos vaccinados só um estava doente. Tendo examinado a minha botica, encontrei os tubos da vaccina despedaçados e esta em estado de não se poder empregar.

Os arabes estavam consternados pelos destroços que a epidemia fizera nas suas familias, e nos escravos. Todas as casas estavam de luto. Já não havia visitas nem conversações; cada um conservava-se em sua casa, com o fim de evitar o contagio. Khamis e Baluch tinham



REUNIAO EM CONSELHO NO PATRÃO DO NOSSO TEMBE EM UDJUDJI.  
(Segundo uma photographia do Auctor.)



morrido, as suas casas estavam fechadas, e os seus amigos choravam a sua perda. Mohammed bin Gharib perdera dois filhos; Muini Kheri tres. A mortalidade crescia de dia para dia, e quotidianamente morriam de cincoenta a setenta e cinco pessoas, n'uma população de tres mil habitantes. Lastimavam-se da estação ser muito quente, do ar abrazador que se respirava, e faziam ardentés votos para que chovesse!

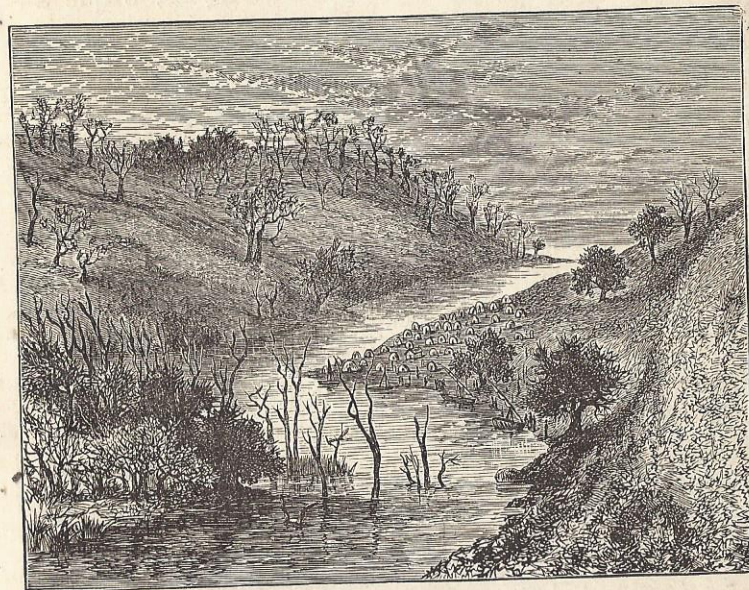
Franck tinha tratado assiduamente dos nossos amigos até á occasião em que a doença tambem o prostrára. A benevolencia e a dedicação de que havia dado provas fizeram com que todos lhe tomassem certa affeição; os Vuanguana professavam por elle uma admiração sincera e todos os chefes o estimavam. Emquanto ignoravam a lingua uns dos outros, estavam separados; agora tratavam-se sem reserva.

Os homens que eu enviára a Unyanyembé buscar as cartas ainda não tinham voltado, porém, para escapar aos terríveis effeitos da epidemia, era preciso continuar a nossa viagem o mais depressa que fosse possível. Ordenei aos Vuanguana que se preparassem, e escrevi as minhas ultimas cartas. Esperava levantar o acampamento no dia 17 de agosto, porém fui atacado d'uma violenta febre que fez demorar a nossa partida até ao dia 25 do mesmo mez.

Quando, na manhã de 25, o tambor e o clarim annunciaram que ia começar a marcha, tive occasião de me felicitar por ter previsto o caso de numerosas deserções e de me preparar para ellas de certo modo, isto é, desembaraçando-me de muitas superfluidades. Mas nunca esperei que me desaparecessem trinta e oito homens. Trinta e oito homens em cento e setenta era uma redução muito séria. Disseram-me tambem que os chefes da expedição, a quem o medo tinha feito perder a cabeça, nos abandonariam ao dirigirmo-nos para Kabogo, visto que o medo de serem devorados pelos cannibae

de Manyema tinha desmoralizado todos os carregadores. Como nem eu nem Franck tinhamos tenção de voltar a Zanzibar sem visitar o Lualaba, reuni toda a minha gente, todos os que responderam á chamada, e d'estes, escolhi trinta e dois dos que me inspiravam menos confiança e mandei-os fechar nas cabanas.

Prepararam-se em seguida as canôas e todos os meus homens que não tinham boa reputação de firmeza e leal-



Acampamento na embocadura do rio M'sehazy

dade foram conduzidos, sob uma boa escolta, até ás canôas de transporte. Os que me eram dedicados, e aquelles com quem eu podia contar, iriam commigo, por terra, em direcção ao cabo Kabogo, ou ancoradouro de M'sehazy, para d'ahi atravessarmos o Tanganika. De cento e trinta e dois homens que n'essa occasião se compunha a expedição, só trinta é que conservaram as suas espingardas, porque eu tinha perdido toda a confiança na lealdade dos Vuanguana, apesar dos seus protestos em contrario. Eu



estava resolvido a perder homens fracos, temerosos, sem valor, mas não uma unica arma de fogo. Muito embora a expedição apresentasse um aspecto respeitavel, infelizmente estava convencido que de todos estes homens apenas quarenta estavam nos casos de me auxiliarem n'um momento de crise ou de perigo; os outros apenas serviam para transportar os fardos.

Quando, d'ahi a dois dias, partimos de Ukaranga, soube que tinham havido mais tres deserções, o que augmentava o numero d'estas a quarenta e uma, e reduzia a nossa força a cento e vinte nove homens. Em seguida á travessia do Tanganika e depois de estarmos em Uguha, desapareceram mais dois homens: um d'elles era o joven Kalulu, que me havia acompanhado em 1870, e que trouxera commigo pela Inglaterra e Estados Unidos, tendo-o feito frequentar durante dezoito mezes uma escola em Inglaterra.

Na esperanza de tornar a causa da expedição mais sympathica aos Vuanguana, comprára ao sultão Bin Kassin por um preço exorbitante, cerca de trezentas e cincoenta libras, seis fardos de fazendas, que eu havia distribuido gratuitamente por todos elles. Esta generosidade teve como recompensa uma deserção em massa, no momento em que mais precisava do serviço de todos! A deserção e a ingratitude de Kalulu não augmentaram como se póde imaginar, a minha confiança na fidelidade dos meus homens, porém fez com que eu tomasse a resolução de procurar apoderar-me d'alguns dos fugitivos. Francisco Pocock e o sempre fiel e corajoso Rachéché, acompanhados d'alguns dos seus companheiros, foram enviados a Ujiji com instrucções da forma como deviam proceder. Uma tarde Kachéché conseguiu apoderar-se de seis dos fugitivos, os quaes, depois de uma lucta energica e prolongada, foram conduzidos á minha presença. Voltando de Uguha encontrou tambem e por acaso Kalulu na ilha Kasengé.

Estes sete, bem como outros agarrados na occasião

em que se evadiam, receberam o castigo que mereciam, e este exemplo pôz termo aos projectos de fuga e impediu a dissolução da expedição.

Não se deve suppôr que eu fôsse, a este respeito, mais infeliz do que os outros viajantes; é á infidelidade das pessoas da escolta que se devem attribuir os longos rodeios que Livingstone teve que fazer na sua ultima viagem. Cameron perdeu igualmente um grande numero de homens, primeiramente no Unyanyembé e depois no Ujiji. Eu sabia já, por experiencia, que os Vuanguana aproveitariam todas as occasiões para desertarem, especialmente nas proximidades dos depositos Arabes. Foi para diminuir o numero d'estas occasiões que eu abandonára a estrada de Unyanyembé, para tomar a de Ituru e Iramba, e muito embora a pobreza, doença e ferocidade dos indigenas me fizessem perder muita gente, seriam essas perdas muito maiores se tivesse passado pelo Unyanyembé. Affastando-me d'esta localidade, apesar dos desastres que soffrera durante um certo periodo, havia poupado tempo, e descoberto novos paizes até esta occasião inexplorados.

Havia igualmente posto termo ás deserções passando pelo Uganda em direcção ao lago Victoria, em vez de tomar a estrada do interior, e, pela mesma occasião, havia evitado alguns conflictos com Ruoma e o rei de Usui. Mas depois da nossa desfeita em Muta Nzigé, foi necessario voltar a Ujiji, e a occasião de desertar, ha tanto tempo esperada, apresentou-se então magnifica aos homens que não eram nossos afeiçoados, ou áquelles que unicamente se haviam contractado recebendo a paga no começo da viagem. Entre estes achava-se Msenna, o terror de Zanzibar, e da costa. Era considerado como um bandido, quando o tomei para o meu serviço. Este homem fez parte dos que desertaram no Ujiji.

Se o viajante que percorre a Africa não se esforçar por manter intacto o effectivo da sua força, não deve



esperar conseguir cousa alguma. Se por um momento diminua a sua vigilancia é essa falta logo aproveitada pelos indolentes e tímidos. Livingstone perdeu seis annos e finalmente a vida por ter deixado desertar os seus homens. Se algum procurava deixar o seu serviço, pedia-lhe elle proprio para ficar habitando a aldeia onde elle vivia, sem procurar fazel-os voltar para o serviço, para que cada um tinha sido contractado.

A consequencia d'esta fraqueza foi ficar com sete homens apenas, quando no principio tinha setenta. O seu nobre character que na Europa tinha merecido a affeição e estima de todos, não fizera impressão alguma nos africanos. Entretanto, o viajante deve igualmente lembrar-se que com esta gente, uma grande severidade não é menos prejudicial que a brandura. Precisa-se unicamente que haja justiça e uma igualdade vigorosa e simples de homem para homem.

A infidelidade e a inconstancia dos Vuanguana, provem em grande parte da fraqueza de espirito e da facilidade com que se apodera d'estes o terror de perigos imaginarios. D'este modo os homens Johanna, abandonaram Livingstone quando souberam que haviam de encontrar os terriveis Mafitté; e foi o receio de serem devorados pelos Manyema que fez desertar os meus homens.

Os escravos de Sungoro, e o negociante de Kagehyi, disseram aos meus homens que o lago Victoria chegava até ao mar, que era illimitado e que as populações das margens preferiam a carne humana á das cabras. Estas informações absurdas tornaram-me muito difficil o recrutamento da tripulação para o *Lady-Alice*, pois mais de cem homens de Zanzibar juraram por Allah que não sabiam cousa alguma de manobra de remos.

A mesma scena teve logar quando apprehendi a circumnavegação do lago Tanganika, porque os escravos Arabes haviam contado tanta cousa a respeito de

Muzimus, feiticeiros, metéoros inflammados, espiritos terriveis taes como os do Kabogo, Katavi, Kateyé e Vuanpembé, que o terror fazia tremer o queixo aos Vuanyamuezi e Vuanguana. Porém, nada lhes produziu mais terror do que as narrações de feitos dos cannibae de Manyema, que eram escutados com a maxima avidéz e credulidade.

O caminho seguido pelos negociantes e as suas caravanas em direcção a Manyema, começa em Mtoua, Uguha, e continua durante algumas milhas na direcção do sul, atravessa o cume d'uma serie de collinas, desce em seguida á planicie do rio Rugumba situado a meio caminho entre Lukuga e o sitio onde os negociantes atravessam o lago.

Os primeiros indigenas que encontrámos agradaram-nos pela sua conducta; venderam-nos de boa vontade os seus cereaes, e mostraram-se muito benevolos, apesar dos seus chefes, que conservavam contra os brancos certos rancores, tivessem recusado vêr-nos ou ouvir-nos fallar. Este facto explica-se pela narração que a esse respeito nos fez um mancebo arabe que nos estimava.

Kassanga, chefe de Ruanda, tinha-lhe dito a nosso respeito:

«Como póde ser que estes homens que não negoceiam, a quem não se vêem os pés e que são cobertos de fato desde a cabeça aos pés, sejam bons? Nunca direis que elles venham como amigos. Ha n'estes homens alguma cousa de mysterioso, talvez de máo. São provavelmente magicos. Em todo o caso, é melhor não os vêr e conservarmos nos fechados até que se vão embora.»

De Ruanda onde apenas nos demorámos um dia, caminhamos com rapidez em direcção a Manyema, felizes por termos atravessado o Tanganika sem accidente e de nos affastarmos d'elle sem que a expedição soffresse novas perdas.

No terceiro dia, depois de termos ido gradualmente ele-



vando-nos a uma altura de oitocentos pés acima do nível do lago (243 metros) atravessando uma série de colinas e valles pouco arborizados onde abundam os bufalos, alcançámos o cume d'uma encosta que divide os tributarios do Lualaba dos do lago Tanganika. Esta cordilheira separa tambem Uguha de Ubujué, paiz que fica situado ao noroeste de Uguha. A parte occidental d'esta ultima provincia e o sudoeste do Ubujué são notaveis pelas suas florestas d'arvores fructíferas, que dão em abundancia varias qualidades de fructos como masuku, mbembu (ou maçã silvestre) singué, fructo que se assemelha á ameixa, matonga (noz vomica) momo, etc. Um exercito viviria aqui durante algumas semanas, susten-



Indigenas de Ubujué

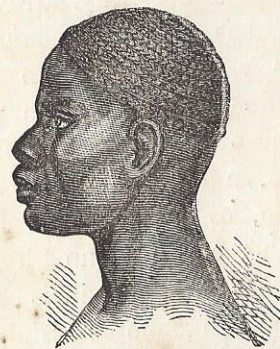
tado pelos fructos saborosos que n'este sitio se encontram. Os meus homens saciaram-se com elles, e com o mel que tambem aqui abunda, e com a carne de bufalo que eu consegui obter-lhes.

As nossas relações com os Vuabujué começaram em Lambo, residencia de Mulolua situada na confluencia do Rugumba com o Rubumba. Estes indigenas deram-nos o primeiro exemplo da amavel e doce innocencia que é raro encontrar-se n'esta parte da Africa central, e o seu comportamento era exactamente o contrario da selvageria, ferocidade e cannibalismo que os arabes nos tinham descripto.

Depois do que eu vi nos indigenas de Rua, Uguha,

e Ubujué estes parecem constituir a respeito de toucados, a elite\* dos elegantes africanos. Na realidade, em toda esta região, a arte de pentear é levada a tal perfeição que chega a ser pasmosa. Entre os diferentes modelos que eu vi, alguns eram d'um gosto e acabamento extraordinarios, e quasi surprehendentes pelo cuidado que tinham tomado estes selvagens para se decorarem tão bem.

A affeição pela esculptura é igualmente um dos traços característicos que distinguem os Vuaguha dos Vuabujué. As suas aldeias são ornadas de estatuas de madeira.



Indigena de Ubyeya

Muitas portas das suas habitações teem ornamentos de esculptura semelhante restos humanos e as arvores das florestas que separam os dois paizes apresentam frequentemente specimens da pericia dos habitantes como esculptores. Vimos alguns indigenas com medalhas de madeira, onde se achava reproduzida a caricatura das feições d'um homem; e, em todas as aldeias de Ubujué vendem-se uns copos e vasos feitos d'uma madeira ligeirissima, do genero da Rubiaceae; são pintados de vermelho e bem feitos.

(\*) Em francez no original.



Entre as aldeias de Kuaniua, Lambo, e Kundi, encontramos um regatod'agua quente, que saia d'uma nascente que estava coberta por um macisso de verdura e papyrus de pequena altura. No sitio onde o atravessámos, a temperatura da agua era de 41° centigrados; vinte jardas mais acima era de 46°. As aguas de Bath, em Inglaterra, teem ente 47° e 49°, e as de Ursprung, no granducado de Baden, teem 62°. Estas nascentes de agua quente do paiz de Kuaniua continham muito ferro em dissolução a julgar pelo lodo ferruginoso que depositam e pela côr d'ocre que tingem as plantas e hervas.

Para alem de Kundi a estrada atravessa algumas cordilheiras de montanhas, de fórma conica ou redonda, que cercam numerosos valles. Embora o rio Rugumba, ou Rubumba, venha do noroeste, passe pelo lado de este de Kundi para ligar o Luama a Kizambala, nós atrevessámos todos os dias, e quasi a todas as horas, quer a vau, quer em barco, os affluentes do Luama.

Ao sair de Ubujué, entramos no Uhyeya, cuja população está decididamente n'um gráo mais baixo da escala humana do que os seus engenhosos vizinhos. O pouco merito que elles possuem parece vir do contacto e das relações que teem com os Vuabujué. Os Vuahyeya tem tambem muita predilecção pelo ocre e pela tinta amarella fazem, com esta tinta em massa, um disco da dimensão d'um prato, que ligam á parte posterior da cabeça.

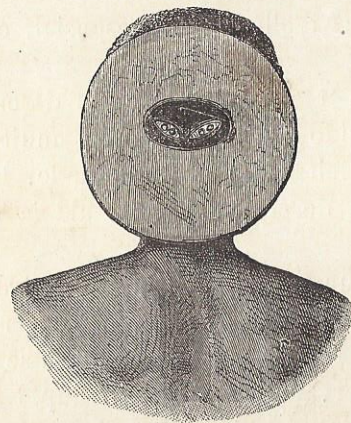
Os dentes da maxilla superior são limados dando-lhe a fórma ponteaguda, «mas porque é costume, dizem elles, e não por gosto pela carne humana».

Quando lhes perguntei se costumavam comer os inimigos mortos no combate, não só responderam com uma formal negativa, mas ainda affirmavam a repugnancia que lhes causava tal qualidade de comida, muito embora comessem a carne de todos os animaes, excepto a dos cães.

Embora muito fracos de espirito estes pobres homens

não se tornavam menos admiraveis pela presteza com que satisfaziam a todos os nossos pedidos, e por se offerecerem na qualidade de guias para nos acompanhar a Uvinza, paiz que em seguida havíamos de atravessar.

Actualmente, o nome de Uvinzo parece não designar mais do que um pequeno districto que occupa uma depressão de terreno de algumas milhas quadradas. Em epocha anterior era um paiz muito populoso, e provam-n'o as ruinas de numerosas aldeias que encontramos no nosso caminho. Os negociantes de escravos todas as vezes que encontravam



Um Vuahyeya de Uhombo (Visto por detraz)

fraca resistencia, deixavam tristes recordações da sua passagem.

Partindo de Kagongué, no Uvinza, uma longa jornada conduziu-nos á encantadora bacia de Uhombo muito notavel pela sua fertilidade, pelas florestas de palmeiras e aspecto pittoresco. Tem apenas uma extensão de seis milhas quadradas, mas n'ella não se encontram dois ares de terreno liso. Não se vêem senão valles e collinas, cumes e depressões, cordilheiras e picos da mais estravagante diversidade. Uma quantidade infinita de regatos fres-



cos e lípidos atravessam esta depressão e precipitam-se para o Lubangi, magnífico rio que corre em direcção de outro paiz até se ligar ao Luama. Este sitio é o mais delicioso que encontrei na minha viagem. Os habitantes, de caracter amavel, occupam-se em negociar, e tivemos abundancia de manteiga de palma, cannas d'assucar, cabras, frangos, batatas, feijões, e ervilhas, mandioca, bananas maduras, vinho de palma e de banana para nos alegrar e agua fresca, doce e lípida para nos matar a sede.

Aconteceram-me durante a minha viagem, incidentes interessantes e da mesma natureza; mas o seguinte merece que se faça d'elle menção especial, e detalhada descripção.

Os viajantes tem muitas vezes descripto as aldeias africanas; duvido entretanto que muitos leitores tenham feito perfeita ideia da realidade. E' por isso que eu vou fazer a descripção d'uma aldeia do districto de Uhombo:

Um certo numero de cabanas, construidas de hervas e de fórma cónica, estão collocadas em redor d'um circulo commum. No meio d'este, elevam-se tres ou quatro figueiras, conservadas ali com o duplo fim de proporcionar a sombra aos habitantes das cabanas e fornecer ao chefe a casca para os fatos. As portas das cabanas são muito baixas, tem apenas trinta pollegadas de altura. O solo do largo ou praça que é fechado pelas cabanas, mostra a cor de ocre e é tão calcado que não cresce n'elle uma herva.

A minha chegada a esta aldeia fez sahir das suas habitações todos os moradores, e achei-me logo no meio d'uma multidão composta de homens mulheres e creanças, todos nus. Muito embora a minha unica intenção fosse estudar os habitantes e concluir, com o chefe um tratado de amizade, todas as pessoas que ali estavam pareciam acreditar que me apresentava simplesmente para

mostrar a minha pessoa, como se fôra algum phenomeno.

Vi á roda de mim centenaes de creaturas de typo o menos respeitavel que é possível imaginar-se. Sabia perfeitamente que ha alguns milhares d'annos, a minha propria raça, os meus antepassados tinham o mesmo aspecto; porém o mais vivo desejo de acreditar o contrario apoderava-se de mim n'este momento, e de boa vontade offereceria uma pequena importancia áquelle que me ajudasse a contradizer este facto desagradavel.

Todavia o simples bom senso me dizia que não devia eu ligar grande importancia á immundicie e nudez que via, e julgando apreciar o logar que estes indigenas occupavam entre os homens depois do estudo dos seus jardins e campos; depois d'isto fui forçado a admitir que estas amostras degradantes da raça humana, semeiam e cultivam exactamente os mesmos cereaes e os mesmos legumes que eu semearia e cultivaria n'aquelles lugares se fosse necessario prover a minha subsistencia. E vi, ainda mais, que as suas cabanas, feitas de ramos, eram construidas tão perfeitamente quanto o permittia a natureza dos materiaes; eu proprio já tinha dormido em peiores cabanas. Fallai com elles, no seu proprio idioma, e vereis logo que comprehendem com bastante intelligencia. Os musculos, os tecidos, as fibras dos seus corpos, os orgãos da vista, dos ouvidos, do olfato, ou os braços e as pernas são, disse eu já, tão desenvolvidos n'elles como em nós. E é apenas com relação a gosto e apreciação, á faculdade de exprimir as ideias da moralidade, que somos superiores, e esta superioridade provem d'uma maior experiencia e mais cultivada intelligencia.

Fiz toda a deligencia para que os meus irmãs e irmãos se interessassem por mim, a despeito da sua rudeza e falta absoluta de dotes physicos. Quasi a estalar de riso pela ideia absurda que me occorreu ao espirito, dirigi-me



a um homem cuja idade parecia impôr algum fesseito.

«Meu irmão, assentae-vos ao meu lado n'esta esteira, e conversemos.»

Ao dizer estas palavras deitei-lhe na mão, muito aberta, vinte buzios, moeda corrente n'aquelle paiz. O olhar rapido que lancei a esta mão estendida fez-me pensar que não me seria difficil cortar uma de melhor aspecto n'um pedaço de pelle de rhinoceronte.

Ao mesmo tempo que fallava, olhava-lhe para o semblante; fazia-me lembrar uma d'essas extravagantes mascaras, muito mal fabricadas, d'uma materia estranha e grosseira, e d'uma côr escura.

Os labios mostram a espessura da pelle, e em consequencia da sua obstinação em não se quererem reunir, tornam a bocca ainda mais disforme, que apesar de muito grande era guarneçada de todos os seus dentes, perfeitamente conservados.

O nariz era tão chato que eu perguntei ingenuamente ao meu interlocutor d'onde tinha resultado uma tal deformação.

«Ah! respondeu-me elle, sorrindo maliciosamente, a culpa foi de minha mãe, porque quando eu era pequeno apertava-me muito quando me trazia ás costas».

O seu cabello, penteado á moda do paiz, apresentava longos sulcos e cristas dominados por outros penteados de maior altura que se erguiam no meio da cabeça, apresentando tudo isto a configuração do paiz em redor de Uhombo. Concluí, portanto, que a arte consistia em ver quem apresentava com maior exactidão o modelo do seu paiz.

Depois de examinar o rosto, que apesar das feições grosseiras, espaçosas e apenas esboçadas, revelam um espirito malicioso e character franco, observei-lhe o corpo.

Atravez da camada de ocre, destinguí os caprichos da tatuagem; circulos, quadrados, cruces, e descubrí com admiração as numerosas rugas e as cicatrizes causadas pela idade, intemperies, feridas e pancadas.

Os pés, d'uma grandeza disconforme tinham a planta tão dura tomo uma pedra, e as suas pernas eram revestidas até aos joelhos de camadas successivas de toda a immundicie. O bocado de panno que lhê cobria os rins, repugnante á vista, não se póde descrever: o mendigo mais esfarrapado de Londres ou os lazzaroni napolitanos andam sumptuosamente vestidos em comparação com este rei de Uhombo.

Se o velho chefe era tão pouco attrahente, como poderei eu descrever sem inconveniente os irmãos de posição mais humilde que me rodeiavam? Percorrendo com o olhar todos estes semblantes, apenas podia dizer feio, mais feio, superlativamente feio. Ao observar estes corpos cobertos de immundicie, os peitos enormes das mulheres, esta indecente nudez — horroroso, disse eu, e esta exclamação resumiu tudo o que poderia dizer; pareceu-me sufficientemente discriptiva.

E o que hei de eu dizer dos accessorios, a um tempo disformes e extravagantes que elles trazem á cintura, taes como tiras de pelle de macaco e ossos de gorilla, chifres de cabras, conchas, e um sem numero de esquisitos ornamentos? Que direi dos objectos que elles trazem em redor do pescoço: cabeças de ratos, pelles de serpentes, «linguas bifurcadas de vibora, dardos do licranço?» E ó cheiro que exhalam estas creaturas anthropomorphos que me cercam e me observam! Todavia não estão silenciosos; pelo contrario, commentam com grande ruido a presença do branco; perguntam-me, dando grandes berros, d'onde venho, para onde vou e qual é o meu commercio? Estas perguntas apenas formuladas são logo respondidas pelos mesmos que as fazem e seguidas de prolongadas exclamações: «Vua-a-a-antu! (homens) «Eha-a (são homens)!

Imaginem isto! Emquanto nós, os brancos, estamos indecisos em affirmar que estas creaturas que vimos na nossa frente pertencem á raça humana, as mes-



mas creaturas duvidam igualmente que nós sejamos homens!

Depois d'um momento de silencio as mulheres que de bocca muito aberta nos contemplavam exclamaram de novo: «Vua-a-a-a-antu!» (Homens.)

Que escancarada bocca, disse eu; na verdade, as maxillas inferiores desciam de tal modo que quando ellas punham a mão no queixo como querendo reflectir, faziam-n'o unicamente para reconduzir o queixo inferior ao seu lugar. E, n'esta attitude, pensavam ácerca d'este facto extranho: haver n'este mundo homens completamente brancos!

As boccas completamente abertas deram-nos occasião de examinar o seu estado completamente são; a côr avermelhada da lingua, das gengives, do ceu da bocca, e sobre tudo o brilho e a alvura dos dentes admiravelmente infleirados.

«Das pequenas cousas nascem os grandes acontecimentos; diz o rifão, e é verdade». Emquanto eu calculava o numero de kubabas (peso approximadamente de dois arrateis) de milho que eram necessarios para encher estas enormes boccas, e quantos cauris seriam precisos para pagar tão grande quantidade de cereaes, emquanto eu fazia este calculo ao mesmo tempo que observava as pantomimas dos garotos, que demonstravam o seu immenso contentamento saltando com um só pé, tapando a bocca com o dedo pollegar da mão direita para abafar o grito prestes a escapar, e batendo na parte posterior das coxas, para dar mais força á silenciosa expressão da sua surpresa, aconteceu que um d'estes innocentes rapazes, mais turbulentos que os outros, foi de encontro a um pedaço de madeira, comprido e pesado, que estava com pouca segurança encostado a uma arvore. O pedaço de madeira caiu sobre um dos meus homens, fazendo-lhe um grave ferimento na cabeça. No mesmo instante da bocca de todas as mulheres partiu

uma exclamação de sincera piedade. A affectuosa sympathia pelo ferido era tão visivel nos seus semblantes, que o meu coração, mais penetrante que os olhos, viu sob a immundicie, a pintura e nudez, palpitar o coração humanó pelo soffrimento d'outrem; e reconheci e saudei estas pobres mulheres silenciosas como se fossem minhas irmãs.

Sob a impressão da nova luz que illuminava o meu espirito, reflecti que havia injuriado na descripção estes pobres negros, que poderia descrevel-os com menos rudeza dominando o meu orgulho, e apresental-os ao mundo d'um modo menos desdenhoso.

Antes de abandonar a aldeia, ainda mais me confirmaram a injustiça da minha primeira apreciação, porque o chefe e outros habitantes carregaram os meus homens de bananas, galos, milho e *malafu* (vinho de palma), escoltaram-nos respeitosamente até além dos limites da sua aldeia e dos seus campos, e ao separar-mo-nos, deram-me a certeza de que se por acaso voltasse ao seu paiz, fariam todo o possivel para que a minha segunda visita me fosse muito mais agradavel do que a primeira.

No dia 5 de outubro partimos de Uhombó em direcção a Riba-Riba, a aldeia que fica fronteira de Manyema. Esta aldeia apenas tem de notavel ser o ponto de transição para um outro genero de architectura. Aqui, as cabanas conicas são substituidas por cabanas quadrangulares, cujo tecto tem maior inclinação. Estas habitações são feitas de ramos entrelaçados, revestidos de argila, sobretudo no Manyema. Aqui, do mesmo modo, as cabras de pouco corpo e compridas pernas, que até então havíamos encontrado, são substituidas por uma especie com maior corpo, e pernas curtas; e as tetas muito grandes. Finalmente o papagaio cinzento de cauda vermelha começou a apparecer frequentemente, e ouvimos pela primeira vez o bramido rouco do feroz soko (gorilla?).



Desde o dia em que transpozemos o local onde os afluentes do Tanganika se separam das nascentes do Luama, vi que o esplendor da natureza augmentava gradualmente. À medida que caminhámos para oeste, desenrola-se aos nossos olhos mais belleza, mais riqueza, mais prodigalidades naturaes. Nas florestas de Miketo e nos cumes occidentaes da cordilheira do Goma, encontra-se grande variedade de fructos e as margens das correntes revestidas d'uma profusa vegetação. Esta fertilidade augmenta continuamente.

Affastando-nos do Tanganika, vimos o terreno disposto em graciosas rectas e curvas; algumas rampas separam os valles que se succedem uns aos outros, as collinas elevam-se no centro dos valles, cordilheiras de montanhas largamente espaçadas limitam o horisonte e tornam as cordilheiras intermediarias, muito embora de proporções importantes, apenas pontos agradaveis pela sua diversidade.

Tudo isto está revestido de verdura de côres variadas, qual d'ellas a mais viva. De todas as elevações nascem regatos; as collinas são florescentes, os vales perfumados; as rochas, os troncos de arvores são revestidos de trepadeiras e lycopodios, e por toda a parte a terra é d'uma fecundidade espantosa. Não é uma Inglaterra no centro d'Africa; a natureza é n'este sitio poderosa de mais para produzir essa vegetação suave e aveludada. As ervas que dá, são rudes, cortantes como laminas, e picantes como agulhas; os canaviaes parecem-se com os bambús, por terem a fórma e resistencia d'estes; as trepadeiras, os convolvulos tem a extensão e a espessura d'uma corda, os espinhos das arvores são ganchos de aço, e as arvores elevam os seus cumes a cem pés de altura. Não ha nenhum prazer em apanhar as flôres, e a caça não pôde ser perseguida; é muito difficil mover-se a gente n'este macisso espesso, inflexivel e despedaçador, que, fóra da estrada, se fecha completamente por cima das nossas cabeças.

Em Manyema, a belleza da natureza torna-se d'uma feição severa e enche-nos d'um terror respeitoso. A linguagem de Suahili tem palavras para exprimir todas as suas manifestações; a ingleza, por muito abundante de termos que seja, é insufficiente. Se precisamos designar uma floresta pouco importante, na linguagem Suahili tem a palavra *pori*; porém para as florestas de Manyema, tem quatro nomes differentes: *Mohuro*, *Muitu*, *Mtambani* e *Msitu*. Póde-se traduzir *Muhuro* por «floresta cheia de canaviaes,» e *Muitu*, por «floresta compacta,» para *Muitu* e *Mtambani* não temos equivalentes; não poderemos exprimir o sentido d'essas palavras senão por uma serie de epithetos acabando por «jungle emaranhado, ou caminho impenetravel no meio d'uma floresta espessa,» porque tal é o caracter d'uma *Msitu* de Manyema.

Esta região, segundo o meu modo de vêr, deve a sua fertilidade ás montanhas que existem na parte occidental do Tanganika, montanhas, que pela sua altura, resfriam subitamente e condensam os vapores accumulados nos seus cumes pelo impulso da monção de sudeste; porque, ao passo que o Uguha occidental tem um manto de verdura, parte d'esta provincia que fórma a costa do lago, é ennegrecida pela cinza das ervas queimadas.

Despedindo-me do velho chefe de Riba-Riba, da sua numerosa progenie e dos seus subditos acampados na montanha que habitam, tomámos um caminho que, depois de nos ter feito atravessar uma floresta de arvores enormes, seguindo atravez de cumes arborisados transpondo profundos valles escuros e depois de termos novamente a claridade do dia, chegámos em frente d'um grupo de montanhas em amphitheatro, e de florestas magestosas, alcançando em seguida Ka-Bambarré.

Este lugar seria attrahente pelo seu caracter de innocente selvageria, se eu não tivesse d'elle algumas recordações desagradaveis; mas ligado como elle está aos soffrimentos de Livingstone e aos sacrificios que soffreu



este grande viajante, não precisei mais do que ouvir dizer a Muana Ngoy filho de Muana Kusu: (\*)

«Foi aqui que o velho branco se demorou durante muito tempo, para me decidir a fazer alto.

«Ah! foi aqui que elle esteve?

«Sim.»

Os habitantes da aldeia vendo o seu chefe conversar commigo, um branco desconhecido, rodearam a palmeira debaixo da qual nós estávamos e trouxeram algumas esteiras que serviram para nos assentarmos.

«Conhecies o velho! Era vosso pae?

«Não era meu pae; mas conhecia o muito bem.

«Ah! ouvem? perguntou elle aos seus vassallos. Diz que o conhecia. Não era bom?

«Sim, era muito bom.

«Dizeis muito bem. Era bom homem, salvou muitas vezes os Arabes. Os Arabes são máos, e elle mettia-se de permeio quando os Arabes nos queriam fazer mal. Elle era bom, e meus filhos estimavam-n'o muito. Ouvi dizer que morreu, é verdade isto?

«É verdade morreu.

«Para onde foi elle então?

«Lá para cima, meu amigo, disse eu, apontando para o ceu.

«Ah! disse elle com uma voz cava; e levantando os olhos, accrescentou:

«E ha de vir de cima?

«Não, porque os homens bons como elle, vão para o ceu quando morrem.»

Tivemos muitas conversações a respeito de Livingstone. Os filhos do chefe mostraram-me a casa que elle havia habitado durante muito tempo, quando as feridas que elle tinha nos pés o impediam de continuar o seu caminho. N'esta aldeia a sua memoria é muito venerada, e sel-o-ha sempre.

(\*) Muana quer dizer *senhor* e Kusu, *papagaio*.

Os traços da physionomia dos indigenas tinham melhorado. Os indigenas de Uhombo apresentavam-nos o typo negro em toda a sua deformidade; aqui encontramos individuos do typo ethiopico, dignos de serem classificados em seguida aos mais delicados Vuaganda. O proprio Muana Ngoy não tinha nada de notavel. A idade tinha-lhe feito perder as vantagens physicas, mas na sua aldeia havia mulheres extremamente bonitas, que encantavam pelas suas maneiras.



Indigena de Manyema: de pouca idade

Não creio que exista um homem mais vaidoso do que Muana Ngoy. Parece-me estar ainda a vel-o andar d'um lado para o outro na sua aldeia, com o bastão de commando na mão, e pavoneando-se com um pedaço de estofado indigena, feito d'ervas, que tinha exactamente vinte quatro jardas de extensão por uma de largo; e que, dobrado ao meio e atado á roda do corpo, em grandes pregas, estava coberto de tiras de pelle, borlas e franjas, pintado de côres diversas, bronze, preto, branco, e amarello, e a cabeça ornada d'uma corôa de pennas.

Que encanto não teem as pennas! Desde a mais nobre fidalga britannica até Muana Ngoy de Ka-Bambarré,



toda a gente cede á fascinação d'este ornamento, que provém do abestruz ou d'um simples passaro.

As pennas que Muana Mgoy trazia era o tributo dos gallos da aldeia, e estava tão arrogante com as suas pennas, que deitava a cabeça para traz e a tal distancia que ficava muito fóra da perpendicular.

Em 10 de outubro chegámos a Kizambala, cujo chefe igualmente chamado Muana Ngoy, é parente de Kabambarré.

Até esta data havíamos visitado mais de vinte aldeias e visto seguramente mais de quatro mil indigenas de Manyema. Por conseguinte, posso fazer algumas observações ácerca dos habitantes d'este paiz.

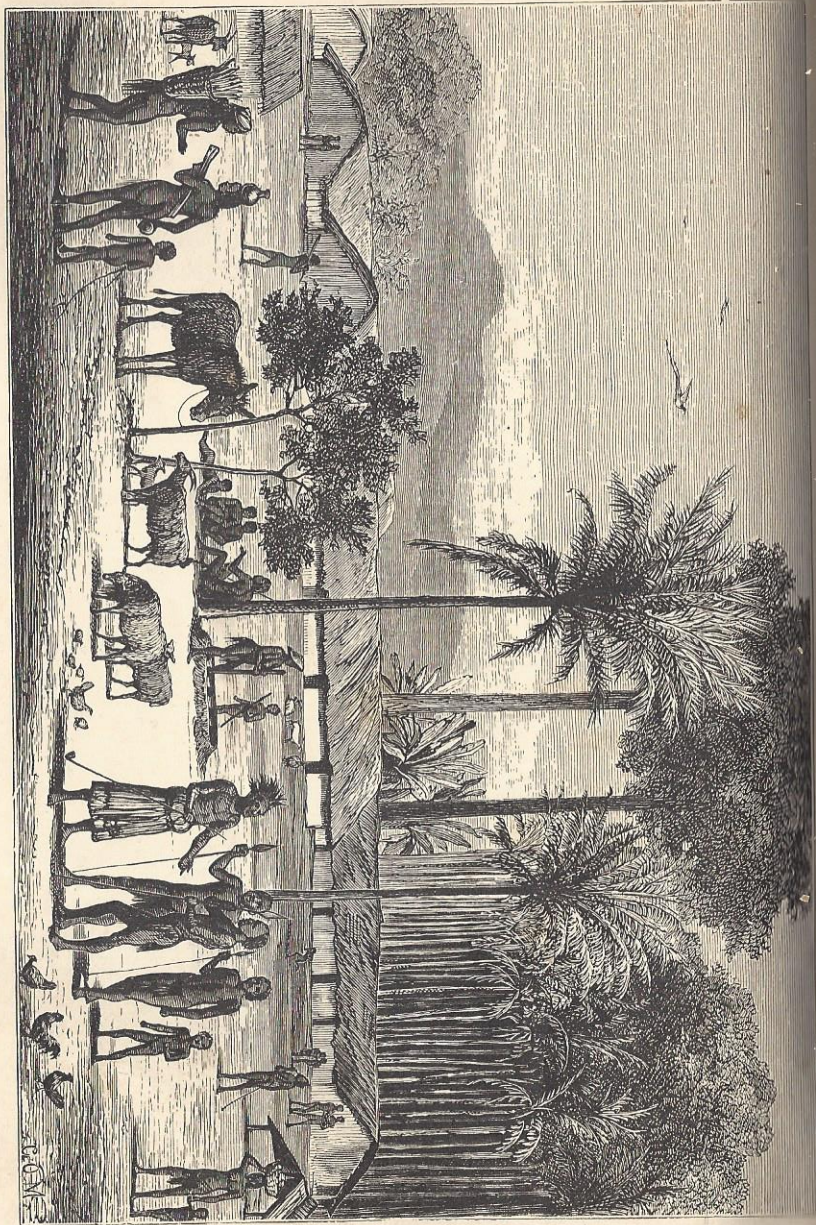
Os Manyema apresentam diversas particularidades dignas de menção. As suas armas compõem-se d'um sabre curto, com bainha de madeira guarnecida de pedaços de ferro e cobre, d'uma lança leve, perfeitamente equilibrada, approximando-se das de Uganda, as mais perfeitas que existem no mundo. Os seus escudos são verdadeiras portas de madeira. O vestuario consiste em um pequeno avental de pelle de antilope, ou d'um tecido de hervas muito bem feito. Algumas conchas, pedras e placas de argila ornam-lhe o rosto e os cabellos. O velho Muana Ngoy tinha a barba resguardada n'uma bola de lodo negro. Os seus filhos traziam os cabellos entrançados, guarnecidos de pedaços de barro, e o homem que tocava o tambor tinha na cabeça uma placa da mesma materia em fórma de crescente. Vimos em Kizambala, alguns indigenas com pedaços de barro de varios feitios no alto da cabeça. Outros cobriam totalmente a cabeça com uma pasta feita de lodo.

As mulheres, que teem grande abundancia de cabellos, arranjam uma parte d'elles, que susteem por meio de delgados pedaços de canna, de fórma que representam um chapéu; os cabellos de traz, soltos, caem até ás costas em grandes anneis. Parece que ellas desempe-



nham todos os serviços domesticos, porque vêem-se a toda a hora, com os grandes cestos ás costas, ir para o rio, e para as lagoas pescar, ou voltar para as habitações com a alcofa cheia de madeira para queimar, sustida por uma correia que seguram na cabeça.

As aldeias de Manyema são formadas de uma ou varias ruas espaçosas, de cem a cento e cincoenta pés de largura, guarnecidas de um e outro lado de cabanas baixas e rectangulares, bem alinhadas e em geral col-



ALDEIA DO MANYEMA SUL-ORIENTAL.



Indigena de Manyema : adulto

locadas n'uma elevação do terreno, afim de promover a rapida saída das aguas. Na extremidade d'uma d'estas ruas, e podendo observar tudo o que na mesma se passa, fica a casa commum onde se reúne o conselho, ou onde se reúnem os indigenas para conversar. No centro da grande estrada, vê-se uma plataforma d'argila muito dura onde está enterrado um enorme tronco d'arvore, no qual escavam certo numero de cavidades, de fórmula que varias mulheres possam, ao mesmo tempo, ali triturar o grão. Este tronco d'arvore substitue o moinho das nossas aldeias.



As casas são divididas em dois ou tres compartimentos, e a natureza compacta da argila, de que é formada a area batida a maço, faz com que se conservem sempre limpas. O vigamento que sustenta o tecto, enegrecido pelo fumo e coberto de fuligem, parece estar coberto d'uma camada de coaltar (alcatrão). Alguns cestos servem para guardar a comida, e varios vasos de barro, um sortimento de pratos fabricados de vimes constituem a mobilia. Do lado de fóra ficam os escudos de



Rapariga de Manyema

familia, as lanças, as facas, os sabres e os utensilios de pesca.

Os indigenas comprehendem o dever da hospitalidade e concedem aos estrangeiros o livre uso das suas habitações. As suas bananeiras são muito viçosas, e elais fornece-lhe ao mesmo tempo o azeite e o vinho; as florestas dão-lhes combustivel, os rios o peixe e os campos a mandioca, o amendoim e o milho.

Os chefes estabelecem leis muito rigorosas; e, muito embora a sua riqueza seja modesta e os seus subditos em pequeno numero, exigem de todos o mais profundo respeito, teem uma etiqueta rigorosa e nunca saem sem serem acompanhados d'um tambor, que é tocado pelo

portador com pasmosa habilidade devida certamente a uma pratica continuada.

Em 11 de outubro atravessámos o rio Luama, — que n'este lugar tinha duzentas jardas de largura e oito pés de profundidade no meio da corrente; é este mesmo rio, que em Ubujué, se chama Rugumba. Depois de se unir ao Rubumba, dirige-se para o norte, faz um grande rodeio para contornar as montanhas septentrionaes do grupo chamado Ka-Bambarré, e aqui, juntando-se a um regato vindo do nordeste, encaminha-se para o oriente, atravez do Manyema, que fica dividido em duas partes. Desde o sitio onde o passámos a vau, até Lualaba, tem uma velocidade de tres a seis nós por hora, cerca de cinco pés de agua e corre n'um leito de schisto argiloso.

Quando chegámos á margem occidental do Luama, as mulheres fugiram immediatamente, prova certa de que haviam soffrido com a presença dos Arabes, e temiam as caravanas.

No dia 12 de outubro, seguindo o curso do rio Luama, chegámos a Vusumbiri. Os meus predecessores, Livingstone e Cameron, tinham, depois de atravessar o rio, tomado a direcção d'oeste, porém eu preferi seguir o Luama até á sua junção com o Lualaba, e alcançar em seguida Nyangué.

O valle de Luama tem talvez vinte milhas de largura e é sulcado por numerosos regatos. O solo, onde abunda o quartzo amarello sobre schisto argiloso e macio, é pouco fertil. As encostas são formadas de enormes massas de granito, que surgem por vezes do meio da folhagem.

Os habitantes parecem ser muito temidos, porém a maneira como nos tractaram não deixou nada a desejar. Mais de cincoenta nos acompanharam quando nos retirámos e ajudaram-nos a transportar os fardos. Tres offerceram-se de boa vontade para nos acompanharem, até



qualquer sitio onde tencionassemos dirigir-nos. Récusei o offerecimento.

Os nossos burros eram os primeiros que se viam em Manyema, e partilhavam immenso das demonstrações que provocava a nossa passagem; causavam talvez mesmo mais admiração que os dois europeus. Em todas as aldeias, centenas d'indigenas se reuniam para contemplar os estranhos animaes de orelhas compridas, e seguiam-nos até distancias enormes, afim de observar os movimentos d'estes curiosos animaes.

Um dos burros, chamado Muscati, animal arabe, de grande vigor, tinha um modo de zurrar que parecia exactamente o rugido do leão. O burro parecia que lhe dava prazer o effeito produzido pela sua voz, porque repetidas vezes zurrava aos ouvidos dos seus admiradores indigenas, e gostava de os ver fugir cada um para seu lado. Durante o dia grande numero de individuos nos perguntavam o nome do animal, e, quando o sabiam não deixavam de fallar no «Mpunda.»

Não se deve sem fundamento lançar sobre os Arabes e sobre os Vua-Suahili, da costa de Zanzibar, toda a responsabilidade pelos excessos commettidos por elles no Manyema, porque os indigenas teem tambem a sua parte nas culpas. Do mesmo modo que os Saxonios e os Dinamarquezes, chamados pelos Bretões, fizeram d'estes seus escravos, assim os Arabes, convidados pelos Manyema para os auxiliarem a combater os seus inimigos, tornaram-se em tyrannos dos indigenas.

Tres vezes os chefes Manyema sollicitaram a nossa aliança contra os seus visinhos, com os quaes tinham laços de parentescos muito proximos e relações quotidianas. Offereceram-nos marfim e escravos em troca do nosso auxilio. A resposta que lhe demos recusando, pareceu surprehendel-os, e deram a entender que os brancos valiam menos do que os arabes. Reconheciam que não lhes levamos nem as suas mulheres, nem os seus filhos, que

não faziamos dos seus filhos nossos escravos, e que não lhes roubavamos a mais pequena cousa, porém os Arabes no nosso caso ajudal-os-hiam a combater os seus visinhos. Um dos meus homens que conhecia os Manyema ha muito tempo, dizia-me a este respeito:

«Estes indigenas teem sempre uma pequena guerra em vista, e não esperam senão a chegada dos Arabes para a pôr em execução. A questão é sempre com os seus mais proximos parentes, dos quaes são amigos. Todavia, em razão dos laços de familia, nunca se esquecem de os prevenir. Eu acompanhava Mohammed bin Gharib, (um amigo de Livingstone), quando se bateu com uma tribu por pedido de Muana Ngoy de Kizambala no Luama. Durante dez horas descarregámos successivamente as espingardas tão depressa quanto nos foi possivel, e não houve um unico ferido, nem d'um lado nem do outro! É preciso advertir-vos que Muana Ngoy tinha prevenido o seu amigo, contra quem nos batiamos, da hora em que Mohammed devia começar o combate, e o seu amigo tinha feito o obsequio de nos deixar o campo livre. Alguns mais atrevidos divertiram-se em mostrar-nos as cabeças, de fórma que nos fizessem vêr que lá estavam; certifico-vos porém que nem um só foi alcançado. Nos ultimos annos tornou-se o negocio mais sério, os Arabes descobriram o logro que lhes faziam. Agora, quando se põem em campo, nunca dizem ao seu alliado quando tencionam começar o combate, porque elles não gostam de queimar polvora inutilmente. N'esta occasião são apanhados muitos escravos, e ha muitas mortes. Depois de tal acontecimento, os individuos de ambos os partidos, aquelles que foram batidos e os que ficaram victoriosos, lamentam-se e amaldiçoam os Arabes, choram em altos gritos os seus mortos, mas nunca pensam em se accusar.»

Taes foram as palavras de Vuadi Safeni patrão do *Lady-Alice* no lago Victoria.



Não se sabe finalmente se os Manyema são mais dignos de piedade do que de desprezo. Muitos são tão amáveis que merecem ser tratados com doçura e benevolencia, mas outros ha que nem são dignos do nome de homens. Á approximação dos estrangeiros, fogem para os bosques, abandonando os seus celleiros, (\*) elevados como os guarda-fogos atravez das ruas ou proximo das aldeias—vista tentadora para as pessoas esfomeadas. Se os estrangeiros seguem os fugitivos na floresta para os obrigarem a voltar e a vender-lhes os viveres, não os illudem ácerca das suas intenções e são combatidos por detraz das oliveiras e das grandes arvores. Os indigenas das florestas de Manyema são humildes e liberaes com os Arabes sufficientemente armados, ferozes e sanguinarios para com os fracos; cannibae, vorazes, cada homem morto lhes parece um banquete. Não obstante a extrema docilidade de Livingstone, tentaram contra a sua vida quatro vezes. A paciencia afinal faltou-lhe e disse aos seus homens:

«Fogo sobre elles, já que não são bons.»

Todavia, os Arabes de bom coração confessam que o presente estado de cousas é, de certa maneira, devido aos excessos e á arrogante conducta de Muini Dugumbi, o qual impellido pela avidez que tinha de marfim e escravos, fez a sua entrada no paiz começando por fuzillar todos os homens que encontrava nas aldeias.

Sabendo da má reputação que os Arabes tinham no Manyema, recusei ser acompanhado por qualquer dos negociantes de Ujiji, apesar de alguns d'entre elles me

(\*) Estes celleiros consistem em grandes fileiras de estacas, semelhantes a postos telegraphicos, collocados na distancia de dez pés uns dos outros e contendo talvez uma duzia de hastes de lianes dispostas desde a parte superior até ao chão. É n'estas especies de cordões que se suspendem as massarocas de milho voltadas para baixo. O aspecto d'estes celleiros é muito parecido com o de um enorme guarda-fogo.

supplicarem que os ouvisse. Até Nyangué todos os membros da expedição tiveram que se felicitar d'esta resolução, porque não fomos atormentados nem molestados pela minima cousa.

Não ha nada mais divertido do que uma guerra intestina no Manyema. O velho Riba-Riba, um patriarcha tendo approximadamente oitenta annos, que, com as suas aldeias situadas na montanha, guarda a fronteira do lado de Uhombo, o velho Riba-Riba, disse-me que estava em guerra com Muana Buttu o chefe de Nyembu. A causa d'isto era por terem os homens de Muana Buttu, assassinado um mancebo, vassallo de Riba-Riba.

Logo que este acontecimento se tornou conhecido, houve grande agitação entre os compatriotas da victima; muitas palavras e gritos de colera, o ferro das lanças foi aguçado, as zagaias de madeira foram endurecidas ao fogo, e prepararam-se outros *materiaes* de guerra não menos terriveis. Quando tudo estava prompto, os de Riba-Riba pozeram-se em marcha com todo o vigor para combater os de Muana Buttu, não deixando, comtudo, antecipadamente de fazer publicar pelos arautos que a declaração de guerra era firme e formal e pondo o inimigo ao facto das suas intenções.

Mas Muana Buttu tem um character mais sério do que é costume em Manyema. Com grande surpresa de Riba-Riba, em logar do seu inimigo se occultar nos bosques, enfileirou tranquillamente os seus guerreiros á borda d'um rio, afim de se aproveitar da confusão do inimigo que não deixaria de ter logar, durante a passagem.

Os guerreiros de Riba-Riba, emergindo das profundidades da floresta, viram immediatamente os seus adversarios, entrincheirados atraz dos seus immensos escudos, e collocaram-se immediatamente na mesma posição, permanecendo na praia onde acabavam de chegar. D'aqui principiaram por dirigir aos guerreiros de Buttu, toda a especie de injurias, durando isto algumas horas até



que os dois adversarios, fatigados d'este combate de palavras e enrouquecidos pelos gritos que haviam soltado, consentiram, de commum accordo, em adiar o combate para o dia seguinte.

No outro dia, logo ao amanhecer os adversarios, mais animados do que nunca, depois do repouso da noite, collocaram-se na mesma posição do dia anterior, e tornaram a começar a troca de palavras acompanhadas de gestos freneticos e do chocar das armas. Isto durou até de tarde, não se decidindo cousa alguma nem d'um lado nem do outro.

No terceiro dia, nova troca de palavras. Finalmente, as duas tribus, cansadas d'este innocente conflicto, resolveram que no combate fossem empregadas as lanças, porém adiaram-n'o para mais tarde, não tendo ainda sido, na occasião da nossa passagem, fixada a epocha. Entretanto não se visitaram mais. Este incidente só terminaria pela chegada d'algum arabe interesseiro, que por cinco ou seis dentes de elephante, encarregar-se-hia, com o auxilio d'um pequeno numero d'explosões d'essa terrivel composição chamada polvora, de obrigar a fugir Muana Buttu, e d'este modo vingar Riba-Riba.

No dia 13 de outubro, depois d'uma jornada de treze milhas na direcção de oeste-sudoeste, por um caminho muito tortuoso, chegámos a Kabungué. Vimos aqui pela primeira vez, lanças de madeira, com a ponta muita aguda e endurecida pelo fogo, e tendo de comprimento de oito a dez pés. Como cada guerreiro possui um feixe d'estas lanças, além d'um enorme escudo, igualmente de madeira, está perfeitamente armado contra um inimigo indigena, e se fossem mais audaciosos, talvez se tornassem perigosissimos para os Arabes.

A moeda corrente, em todo o Manyema, são os bu-sios. Seis constituem o preço da ração diaria d'um Vuanguana; um gallo custa trez; com dois compram-se dez espigas de milho; um, paga os serviços d'um indi-

gena empregado a triturar o milho; dois, são o salario quotidiano d'um carregador; de fórma que, os meus homens, Vuanguana e Vuanyamuesi, tiveram durante a travessia do Manyema, viveres em abundancia e algum descanso.

Em Kabungué admirei-me do cheiro de que estava empregnado o ar em redor de nós; tanto no interior das cabanas como fóra, a atmospheria estava carregada d'um desagradavel cheiro. Perguntei aos indigenas se havia algum cadaver em decomposição ali proximo, mostraram-me, porém, a madeira que estávamos queimando, e que era uma arvore parecida com o loureiro. Depois de me certificar, reconheci que effectivamente o máo cheiro era devido a esta madeira estranha que, todavia, não tem cheiro senão sob a acção do fogo.

Entre Kabungué e Mtuyu, a nossa seguinte paragem, o paiz é extremamente populoso. Se todas as aldeias que temos atravessado fossem habitadas por homens corajosos, uma força consideravel de Europeus só poderia atravessar o paiz usando de grandes precauções. Contudo, os indigenas que vinham em grandes grupos contemplar-nos, a nós e aos nossos burros, não nos fizeram mal algum.

Os indigenas tem grande predilecção pelas alcunhas e adoptam-n'as immediatamente. Em diferentes lugares, os Arabes são designados pela denominação de Muana Ngombé, *senhores das vaccas*, em outros Vuasambyé, ou os *não circumcidados*, em rasão dos Vuanyamuezi do seu sequito, e esta alcunha tem-se estendido n'uma immensa área.

Majuara, criado de Frank Pocock, tendo recebido de Mtesa o presente de uma esposa em consideração á sua qualidade de filho de Namujurilua, o heroe de Uganda, deu-lhe o nome de Tuma-leo, que quer dizer *enviada hoje*.

Sarmeen, que fez parte da minha primeira expedi-



ção recebeu dos seus companheiros, attendendo ás suas qualidades de explorador, o sobrenome de Kachéché, que significa *dóninha*.

Lukoma, que me acompanhou ao Muta Nzigé, dava a si mesmo o nome de Mkanga, isto é, *aquelle que olha para traz*.

Sambuzi, tinha a alcunha de Nta-uza ou o *expoliador* e um dos seus subordinados chamava-se Kisuga, ou *Pé ligeiro*.

Kalulu era outr'ora cognominado Ndugu Mali, *amigo de dinheiro*.

Vuadi Safeni tinha, na Expedição, um parente muito novo ao qual chamavam Akili Mali, ou *aquelle que dá bom emprego ao dinheiro*.

Mgongo-Tembo, significa *costas de elephante*, Mambu, é equivalente a *ruido*; Khamis, quer dizer *quinta feira*; Juma, *sexta feira*; Muini Kheri, *senhor da fortuna*; Muini Pembé, *senhor do marfim*; e muitos outros de que aqui não faço menção.

Do mesmo modo os paizes recebem denominações conforme as particularidades que os distinguem, como por exemplo:

Unya-Nyembé, paiz das enxadas.

U-Yofu, paiz dos elephantes.

Unya-Mbeua, paiz das cabras.

Unya-Nkondo, paiz dos carneiros.

Unya-Ngoma, paiz dos tambores.

U-Konongo, paiz dos viajantes.

Unya-Ngurué, paiz dos porcos.

U-Nguru, paiz das montanhas.

U-Kusu, paiz dos papagaios.

U-Ganda, paiz dos tambores.

U-Lungu ou U-Rungu, paiz plano.

Ma-Rungu, paiz dos platós.

U-Kutu, paiz das orelhas (orelhas compridas)?

U-Karanga, paiz do amendoim.

U-Lua, ou U-Rua, paiz dos lagos.

U-Emba, paiz lacustre.

U-Buari, paiz do alimento.

Os lagos teem do mesmo modo nomes significativos, exprimindo certas ideias locaes, como por exemplo; Tanganika, *o lago semelhante a uma planicie*; Niyanja Muta Nzigé, ou *o lago de gafanhotos mortos*, nome que vem, sem duvida, das nuvens de gafanhotos que os ventos muito fortes para ahi impellem de Aukori, de Unyoro, da parte occidental de Uganda e das salinas de Usongora; Niyanja, ou Nianja Ukereué, *o grande lago que cerca Ukereué*.

Mtuyu é o estabelecimento mais oriental de Uzura. Ao chegar ahi notei que todas as mulheres estavam ausentes; e perguntando naturalmente o que era feito d'ellas, responderam-me com uma voz bastante dolorosa: «Oh, morreram todas, não ficou nem uma. Foram as bexigas!»

Fiquei attonito ao ouvir a narração de tão grande desgraça e tentei dar a conhecer quanto isso me commovia. Porém um dos meus homens, de genio emprehendedor, indo á procura de quem lhe trocasse os seus busios, descobriu grande numero de mulheres escondidas n'um barranco.

Contornando a cordilheira de montanhas que limita, ao norte, o valle de Luama, dirigimo-nos para Mpungu, que fica situado quinze milhas a oeste de Mtuyu. O

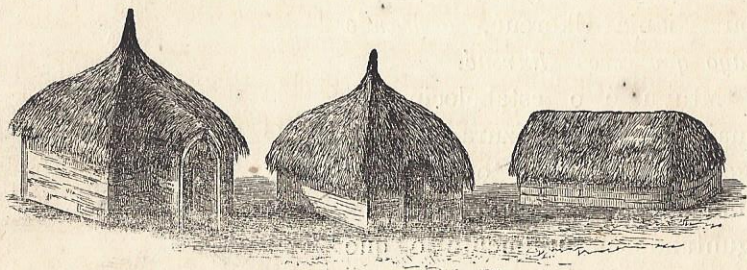


Kiteté, rei de Mpungu



chefe d'esta aldeia, chamado Kitété distinguia-se por uma grande pera entrançada, de vinte pollegadas de comprimento e tendo na extremidade uma certa quantidade de contas azues. Os cabellos penteados para cima e atados na nuca, formavam um rolo feito com muito cuidado. O irmão d'elle possuía uma barba de seis pollegadas de comprimento, e n'alguns outros indigenas, talvez meia duzia, o comprimento da barba era de tres a quatro pollegadas (oito a 10 centímetros).

A insignia real de Kitété era uma maça endurecida ao lume. A aldeia tem boa apparencia e a architectura das casas é d'um gosto particular.



Habitação dos indigenas na aldeia de Mpungu

O valle de Luama, em Uzura, n'esta epocha do anno apresenta uma extensão ondulada; uma serie de dunas cheias de herva. Do cume do mais elevado d'estes montes de terra, descobre-se uma porção de terreno na extensão de trinta a quarenta milhas de oeste e do sul.

Partindo de Mpungu atravessámos um paiz interessante. Tinhamos percorrido a distancia de quatro milhas, quando, do alto d'um monte pouco elevado, nos appareceu repentinamente na frente o ponto de junção do rio Luama com o magestoso Lualaba. O primeiro parecia ter na sua embocadura, quatrocentas jardas de largura, o segundo mil e quatrocentas.

A presença d'este magnifico rio, de uma côr azul desvanecida, que deslisava lentamente, vindo do sul  $\frac{1}{4}$  sudéste, foi saudada com gritos de alegria, e parámos para o contemplar. Na outra margem, na extremidade d'uma planicie coberta de herva muito secca, e estendendo-se para o su-sudéste, eleva-se o monte Kijima; para o su-sudoeste, mil pés acima do valle, corre a cordilheira Luhye-ya; a partir da base d'esta cordilheira, a planicie inclina-se para o veloz Luama. No leito d'este grande rio, ha duas ou tres ilhas pouco extensas, cobertas d'arvores. N'este mesmo sitio, antes do Missouri o augmentar com as suas aguas escuras e impetuosas eu comparei o Lualaba ao Mississippi.

Uma immensa alegria se apoderou de mim, enquanto contemplava este magestoso rio. O mysterio que a natureza vendava ha tantos seculos, e que preocupava o mundo scientifico, esperava que o desvendassem. Segueira durante duzentas e vinte milhas uma das nascentes do Livingstone até á sua embocadura, e agora tinha na minha frente o proprio rio. Só me restava descel-o até ao Oceano.



## CAPITULO X

Marcha rapida — Tippu-Tib, o negociante arabe — Noticias de Cameron; difficuldades que lhe atrazaram a marcha—O rio que corre sempre para o norte — No paiz dos anãos — Condições de Tippu-Tib — Em conselho — Cruzes ou cunhos — Singular accidente acontecido a Kalulu em Nyangué — Os habitantes e o mercado de Nyangué — Revista da Expedição.

Começou de novo a marcha e um stentor de Unyamuezi exprimia a sua alegria n'um canto descriptivo, cujo verso final era repetido por todos os que compunham a expedição, homens, mulheres e creanças.

Como nós caminhavamos! Que agilidade, que *verve* (\*) em todos os movimentos!

«Mais depressa, meus amigos, mais depressa afim de que os arabes de Nyangué saibam a especie de soldados que vós sois.»

Não tinha dado ordem alguma para se apressarem, porém os nossos guias pareciam comprehender o meu desejo; os proprios rapazes que levavam as espingardas, desafiavam quem quizesse andar mais rapidamente.

Por montes e valles atravessámos Uzura, e, proximo do meio dia, chegámos á aldeia de Mkuanga, situada oito milhas ao nor-noroeste da confluencia do Luama e do Lualaba.

Em Mkuanga encontrámos dois Vuanguana que nos informaram que os arabes estabelecidos em Muana Mamba

(\*) Em francez no original.

haviam chegado ha pouco d'uma expedição á floresta de Manyema para vingar a morte d'um dos seus, chamado Mohammed bin Soud. Este Arabe e os dez homens que o acompanhavam foram assassinados por Muana Mpunda e a sua gente.

No dia seguinte atravessámos o Lulindi, regato que se passou a váu e que tinha trinta e dois metros de largura; depois d'uma jornada de desoito milhas, para o noroeste, chegámos a Tubanda, aldeia de Muana Mamba. Contra o uzo estabelecido, eu havia prohibido rigorosamente os tiros de espingarda que costumam anunciar a chegada de caravanas, julgando que o som do tambor e da trombeta fosse menos ruidoso, e que só isso bastaria. D'esta vez tendo caminhado rapidamente, e entrando na aldeia sem sermos presentidos, apresentámo-nos aos Arabes estupefactos antes que elles tivessem noticia da nossa aproximação.

Immediatamente Sayid Mezrui, Mohammed bin Sayid, Muini Hassan e alguns outros caminharam para nós e acompanharam-nos até á grande varanda do tembé de Mezrui, enquanto preparavam os nossos alojamentos.

Appareceu em seguida o celebre Hamed bin Mohammed, ou Tippu-Tib, ou ainda como é pronunciado invariavelmente pelos indigenas Topo-Tib ou Tibbu-Tib. Era um homem de grande estatura, joven, com a barba negra, de movimentos ageis e rapidos, um typo de força e energia. A pelle estava ennegrecida, porem a phisionomia denotava pessoa intelligente; era sympathico e os olhos tinham um certo estremecimento nervoso; os dentes muito perfeitos e parecendo feitos de neve. Acompanhava-o um sequito numeroso de jovens arabes que o respeitavam como seu chefe, e uns vinte Vuanguana e Vuanyamuezi, que teem com elle atravessado a Africa na distancia de milhares de milhas.

Com os gestos e os modos d'um Arabe bem educado, quasi os de um cortezão, agradeceu a minha visita á



à aldeia de Muana Mamba, e assentou-se na minha frente em cima da esteira e da almofada que os seus escravos haviam trazido. Um murmúrio de admiração provocado pela sua elegancia e nobreza saiu dos labios dos assistentes. Depois de o examinar durante alguns minutos, cheguei á conclusão de que tinha na minha frente um homem notavel, o mais notavel de todos os que tinha até agora encontrado na Africa. Os seus fatos eram d'uma alvura irreprehensivel, um fez completamente novo, um rico doulé (\*) em redor da cintura e uma adaga ornada de filigrana de prata.

A pessoa que acabo de descrever era o Arabe que escoltára Cameron desde Lualaba até Utotera, na latitude de 5.º sul e longitude este de 25º54'. Por conseguinte em Nyangué não tinha pessoa mais habilitada para me indicar o caminho seguido pelo meu predecessor, do que Tippu-Tib. As informações que elle me deu, confirmadas alem d'isso por Sayid Mezrui e outros Arabes provavam sufficientemente que o grande problema ainda não estava resolvido, além do ponto em que o havia deixado Livingstone, quando, na impossibilidade de continuar a sua viagem, o illustre explorador abandonára Nyangué para nunca mais ahi voltar.

Isto foi de grande importancia para a expedição. Tinha chegado ao ponto critico da nossa viagem; o nosso destino dependia agora da decisão que eu tomasse. Primeiramente, porém, era necessario saber o que fizera alterar ao meu predecessor a direcção que tencionára seguir. Segundo a opinião de Sayid Mezrui, se Cameron renunciára percorrer o curso do rio Lualaba era porque não conseguira achar canôas, e porque os indigenas da floresta de Mitamba, teem extrema aversão pelos estrangeiros. Tippu-Tib disse-me alem d'isso que os homens de Cameron se recusaram decididamente a percorrer o rio,

(\*) Estofado de seda de Surate, guarnecido de ouro e com uma franja.

não sabendo pessoa alguma para onde elle se encaminhára.

«Foi por este mesmo motivo, continuou elle, que o velho Daoud Liviston, — David Livingstone — não poudo continuar a viagem. O velho insistiu durante muito tempo com os arabes para obter d'elles as cousas de que precisava; porém Muini Dugumbi recusou-se a isso, com o pretexto de que morreria se tal fizesse. Cameron, pela sua parte, pediu as canôas e offereceu por ellas bom preço; Dugumbi recusou-se do mesmo modo, não querendo ser responsavel para com o consul britannico em Zanzibar por qualquer accidente que lhe acontecesse. Bombay, consentiu em partir, porém Bilal estava firme na sua opposição á viagem pelo rio, e todas as noites instigava os Arabes a que impedissem o seu senhor de fazer aquella viagem. Quando Cameron chegou a Imbarri, na aldeia de Kasongo, propuz-lhe, mediante uma somma de dinheiro, conduzil-o até ao rio que se chama Sankuru, com a condição de que me havia de dar um papel declarando que eu o havia conduzido a instancias suas, e livrando-me de toda a responsabilidade no caso d'algum conflicto com os indigenas. Recusou-se a partir. Mais tarde eu, por pedido d'elle, concedi-lhe alguns guias para o acompanharem á presença de Juma Merikani, na aldeia de Kasongo, em Rua, onde costumam parar alguns negociantes portuguezes. Juma Marikani participou-me que Cameron, depois de permanecer alguns mezes na sua aldeia, se tinha posto a caminho, em direcção ao mar occidental, escoltado por grande número de negociantes portuguezes. E' unicamente isto o que sei a respeito de Cameron.»

Por esta franca explicação concluí que a falta de canôas e a hostilidade dos selvagens, aproveitada pelos arabes para confirmar a sua opinião de que era perigoso percorrer o rio, junctas á «cobardia dos seus companheiros» haviam sido as causas que impediram o viajante de fazer o que tinha projectado.



Eu achava-me nas mesmas dificuldades; como sair d'ellas? O que havia de fazer para dar coragem aos meus homens, obter o auxilio dos arabes e obter as canôas? Se fosse só partir?! Era porém preciso fazel-o em boas condições, conduzir os meus homens, e leval-os tão longe sem lhes fazer perder a esperança de voltarem!

«Supponho Tippu-Tib, disse eu, que tendes offerecido os vossos serviços a outro viajante branco, creio que não m'os recusareis a mim, dando-vos a mesma importancia?»

«Não sei, respondeu elle sorrindo. Tenho commigo pouca gente. Muitos estão em Imbarri, outros foram ao Manyema».

«Quantos homens tendes agora disponiveis?»

«Trezentos — ou melhor será dizer duzentos e cinquenta.

«Isso era uma magnifica escolta; iria em perfeita segurança».

«Sim, unidos aos vossos guerreiros, formariam uma consideravel força. Mas o que succederá quando eu ficar só? Ao verem a minha diminuta escolta os indigenas dirão: Esta gente acaba de ter uma guerra; perderam metade das forças porque não trazem marfim comsigo. Certifico-vos que é isto o que elles hão de pensar porque os conheço muito bem.

«Mas, meu amigo, deveis pensar no que me póde acontecer, tendo que percorrer o continente, acompanhado d'uma pequena escolta para me proteger».

«E' verdade! Mas, se é agradavel aos Vuasungu (brancos) comprometterem a sua existencia, não é razão para que os Arabes façam o mesmo. Nós viajamos lentamente, avançando pouco a pouco, procurando marfim e escravos, e n'este serviço levamos annos. Ha nove annos que sahi de Zanzibar. Porém vós, os brancos, occupaes-vos unicamente de rios, lagos, montanhas, e passaes a vida sem fazer cousa alguma util. Vêde esse velho que

morreu no Bisa! O que fez elle até que a velhice o impossibilitasse de viajar? Não era rico porque nunca nos fez presentes. Não comprava marfim nem escravos, no entanto foi mais longe do que nenhum de nós: e porque?

«Comprehendo, respondi eu, que não tenho o direito de expôr a vossa vida por minha causa; desejo sómente que me acompanheis durante sessenta dias; depois d'elles podeis abandonar-me. Se entendeis que sessenta dias de marcha vos levarão a grande distancia, contentar-me-hei com metade. A unica cousa que me inquieta, são os meus guias. Sabeis que os Vuanguana deixam dominar-se facilmente pelo medo; mas se os que me acompanham souberem que Tippu-Tib se juncta a mim e me acompanha, basta isso para lhes dar uma bravura de leão.

«Pois bem, pensarei n'isso; consultarei os meus parentes e os meus principaes chefes, e amanhã de tarde voltaremos a fallar d'este assumpto.

No dia seguinte de tarde, pelas oito horas, Tippu-Tib ou Hamed bin Mohammed, acompanhado do seu primo Mohammed bin Sayid e de muitos outros chefes, veio conferenciar ácerca da importante negociação entablada na vespera. Em seguida ás saudações e cumprimentos do estylo, convidou-me a que de novo formulasse o meu pedido.

«Quereria, respondi eu, descer o rio em canôas até ao sitio em que elle volta definitivamente, quer seja para o occidente quer para o oriente.

«Sabeis quantos dias de marcha são precisos para chegar a esse ponto, perguntou Tippu-Tib.

«Não sei, e vós sabeis?

«Tambem o ignoro. Nunca viajei n'aquella direcção; mas está aqui presente um homem que tem ido mais longe que todos nós.

«Onde está?

«Falla, Abed, filho de Jumah, e diz-nos tudo o que tu sabes a respeito do rio.



Interpellado d'este modo pelo seu chefe, o filho de Jumah tomou a palavra e disse:

«E' verdade, sei tudo o que diz respeito a este rio, *El hamd ul illah!* (Graças a Deus).

«Em que direcção corre? perguntei eu.

«Para o norte.

«E em seguida?

«Para o norte.

«E depois?

«Sempre para o norte.

«Vamos, meu amigo, fallae; para onde se dirige depois de ter corrido para o norte?

«Mas, replicou elle com um sorriso de espanto, provocado pela minha falta de intelligencia, não vos disse já, senhor, que corria para o norte, norte e sempre para o norte? Penso que desagua no mar, pelo menos é o que me tem dito os meus amigos.

«Bem, n'esse caso em que direcção fica o mar?

«*Allah yallim!* (Só Deus o sabe!)

«Supponho que deveis saber tudo o que tem relação com este rio.

«Sei que se dirige para o norte, disse o Arabe, com uma voz aguda e rapida.

«Como sabeis isso?

«Porque acompanhei Mtagamoyo até Usongora Meno, e, depois de atravessar o Ugaroua, (\*) proximo de Urindi, fui com elle até Lumani e ao paiz dos anãos.

«Quantos dias são precisos para ir d'aqui ao paiz dos anãos.

«Cerca de nove mezes.

«Este paiz fica proximo de Ugaroua?

«Não, fica muito longe d'elle.

«Podeis designar-me a direcção em que fica Ugaroua, proximo do paiz dos anãos?

(\*) O rio Ugaroua é a corrupção arabe da palavra Lu-aloua, a que Livingstone chamou Lualaba.

«Posso, fica ali, disse elle indicando o norte  $\frac{1}{4}$  noroeste magnetico.

«Que especie de gente são os anãos?. Contae-me a viagem que fizestes com Mtagamoyo.»

Depois de tossir repetidas vezes e ter arranjado as dobras da tunica branca, começou n'estes termos a narração das suas peregrinações nos paizes desconhecidos do norte:

«Mtagamoyo é um homem que não tem medo de cousa alguma: — Vuallahi! é valente como um leão. Quando participou aos Arabes e aos Vuanguana de Nyangué que ia partir e que iria tão longe quanto lhe fosse possível, ficámos todos convencidos que se podesse haver um homem que nos conduzisse a novos mercados de marfim, este homem seria Mtagamoyo. Muitos dos mais jovens Arabes prepararam-se para o acompanhar, e reunindo os nossos escravos seguimol-o. Primeiramente alcançámos Uregga, paiz selvagem, onde não se vêem senão bosques, bosques, bosques, durante dias, semanas e mezes: não teem fim os bosques e os habitantes vivem no meio d'elles. Até á occasião em que nós ali chegámos, aquelles indigenas poucos estrangeiros tinham visto, e tivemos com elles shauris sobre shauris. Passaram-se socegadamente alguns dias, mas no fim de certo tempo pertubaram-se os animos e nós dirigimo-nos para Ugaroua. No fim de um mez de jornada chegámos a Usongora Meno, onde era preciso combater todos os dias. Estes indigenas são terriveis e possuem uma coragem desesperada. Todos os dias nos matavam homens, que em seguida comiam. Escondiam-se por detraz de troncos de tal grossura que nós não os podiamos ver, e as suas flechas eram envenenadas. Então os Arabes formaram conselho. Muitos foram d'opinião de que era necessario voltar para traz, porque já tinham perdido muita gente; porém Mtagamoyo não quiz attender a cousa alguma. Nunca, disse elle, ninguem o fazia recuar. O resultado do shauri foi



atravessarmos o Ugaroua e entrarmos no Ukusu. Vualahi! os Vuakusu eram peiores do que os Usongora Meno, porém Mtagamoyo ouviu fallar d'um paiz chamado Unkengeri, cujos indigenas eram melhores. Continuámos a marcha e chegámos á aldeia de Kima-Kima.

«Quando entrámos n'esta aldeia tinhamos duzentas e noventa espingardas, durante o caminho perderamos vinte e grande numero de escravos. Kima-Kima, cuja aldeia fica superior ao Lumami fallou-nos no paiz dos homens pequenos, onde o marfim era tão abundante que cada dentadura custava apenas um buzio. Sabeis, senhor, que os Arabes em ouvindo fallar d'um lugar onde ha abundancia de marfim, nada os sustem. Oh! partimos immediatamente, atravessámos o Lumami, e chegámos ao paiz dos Vuakuna. N'este paiz, cujos habitantes são de grande estatura, vimos seis ou sete anãos, as creaturas mais extraordinarias do mundo, tendo barbas compridas e a cabeça enorme. Dirigiram-nos um sem numero de perguntas; d'onde vinhamos, para onde iamos, o que desejavamos. Apesar de não poder deixar de rir ao vel-os, pareciam ser uns diabinhos corajosos. Disseram-nos que no seu paiz havia tanto marfim que para conduzir o que comprassemos não chegavam os homens que nos acompanhavam, e estavam com curiosidade de saber o que tencionavamos fazer d'elle. «Comem-n'o?» «Não». «Então o que fazeis d'elle?» «Vendemol-o a outros homens para fazerem talismans.» «E o que nos dareis se vos mostrarmos o marfim?» «Busios e contas». «Muito bem, vinde connosco».

«Depois de seis dias de marcha, chegámos á primeira aldeia do seu paiz. Não consentiram que caminhassemos mais, sem obterem o consentimento do seu rei, porém disseram-nos que podiamos negociar nos arredores. No fim de dois dias tinhamos comprado mais marfim do que nos poderiam fornecer os outros paizes no espaço de dois mezes. No fim de tres dias, os anões voltaram;

disseram-nos que podiamos caminhar para a aldeia do rei e habitar-mos n'ella. Esta aldeia não era mais do que uma simples rua muito comprida, com habitações de ambos os lados. Deram-nos parte d'esta rua para fazermos as nossas habitações. O rei era benevolo, pelo menos pareceu sel-o durante o primeiro dia. No dia seguinte, mostrou-se mais rispido, porém vendeu-nos grande porção de dentes. A venda não cessava, os anãos appareciam de todos os lados. Oh! é um grande paiz este! Toda a gente nos trazia marfim, e em tão grande quantidade que dentro em pouco possuimos mais de quatrocentos dentes, grandes e pequenos: era unicamente o que podiamos transportar. Pagamol-os com cobre, contas e busios e nada em fazenda; os anãos andavam completamente nós, bem como o rei e os seus subditos. Disseram-nos que para o lado do sudoeste, a onze dias de jornada, havia um outro paiz, onde havia ainda mais marfim do que alli, e que para diante d'esse paiz, na distancia de quatro dias de viagem, se estendia um grande lago onde navegavam alguns navios. Este lago ficava proximo do paiz d'um rei chamado Ngombé. Nos dez primeiros dias não morremos de fome na aldeia real, havia bananas do tamanho de braços e tanchagens tão grandes como os habitantes do paiz. Um só chegava para nos sustentar durante um dia. Tendo juntado sufficiente porção de marfim para carregar os nossos homens, deliberámos partir e informámos o rei da nossa resolução. Com grande surpresa nossa, o rei, — que era do comprimento d'uma das minhas pernas — disse-nos que não consentia na nossa partida. Perguntámos-lhe porque.

«Porque este paiz pertence-me, e não o deixareis sem o meu consentimento.

«Mas os nossos negocios estão concluidos: já temos muito marfim e não desejamos mais por agora.

«E' preciso comprar todo o que eu tenho, quero ter bastantes busios.



«E ao mesmo tempo aguçava os dentes parecendo um macaco encolerizado. Mtagamoyo começou a rir porque realmente este reinho era muito divertidô.

«Somos esperados por muitos amigos, disse-lhes elle; e é isso o que faz com que tenhamos pressa de partir.

«Não vos deixarei ir, replicou o rei.

«Houve um shauri. Reconhecemos todos que se nos demorassemos aqui mais tempo poderia isso crear-nos graves difficuldades, fazer-nos perder o nossô marfim e que por conseguinte era necessario partir no dia seguinte. Os resultados, porém, que nós temíamos não se fizeram esperar. Antes de terminar o schauri, ouviram-se grandes gritos, saímos das cabanas e vimos varios Vuanguana que vinham a correr trazendo nos braços uma mulher a quem uma flecha traspassára o peito.

«O que aconteceu? perguntámos.

«Os anãos atiraram a esta mulher enquanto tirava agua, responderam-nos; chegam em grandes grupos de todas as aldeias. É uma guerra, prepara-e-vos.

«Já não era muito cedo. Apenas tinhamos posto os nossos cinturões e pegado nas espingardas, quando estes miseraveis chegaram, arremessando-nos uma nuvem de flechas de cana, gritando e hululando exactamente como os macacos.

Muitos dos nossos alcançados pelas flechas, — que eram envenenadas — morreram immediatamente, antes que tivéssemos podido pôr-nos em ordem e abrir o fogo. E o corajoso Mtagamoyo! apparecia em toda a parte brandindo a espada com as duas mãos e despedaçando os homensinhos como nós cortamos as bananas. A sua tunica já estava em varios lugares atravessada pelas flechas. Houve alguns valentes como Mtagamoyo e que se bateram corajosamente, porém, affianço-vos, sem resultado algum. Os anãos arremessavam as flechas do alto das arvores, escondidos debaixo do matto, e faziam a pontaria ás nossas cabeças. Vendo que o negocio se ia

tornando muito sério Mtagamoyo gritou «Boma! boma! boma! (palissada), e immediatamente com dos nossos homens começaram a deitar abaixo grande porção de bananeiras, a apanhar as portas e a derrubar cabanas; dentro em pouco se construiu um *boma* em cada uma das extremidades da rua. A nossa posição tornou-se então melhor porque, em lugar de descarregarmos rapidamente as espingardas e fazermos fogo ao acaso, podiamos assim atirar com mais socego, e com melhor pontaria. No fim d'algumas horas tinhamos repellido os nossos adversarios. Mas acreditaes que elles nos deixaram socegados? De modo algum; d'ahi a pouco apresentou-se uma nova força de anãos que ainda não tinham tomado parte no combate e este recomeçou. Estes guerreiros eram tão pequenos que custavam immenso a distinguir. Se fossem de mediana estatura, teriamos morto centenas. Estavamos cansados d'este serviço e era impossivel, sem um pequeno repouso, continuarmos a combater; Mtagamoyo, pois, dividiu-nos em dois grupos: um dormia enquanto o outro guardava o *boma*. Toda a noite ouvimos passar as flechas por cima das nossas cabeças sibilando ou baterem o alto da palissada.

«O combate durou toda a noite, todo o dia seguinte e toda a noite seguinte. Era impossivel arranjar agua, porém o nosso chefe reuniu cem homens, cincoenta armados de espingardas e cincoenta sobraçando enormes jarros, e ordenou-lhes que o seguissem. Mtagamoyo era um leão; cobriu-se com o escudo, olhou em redor de si, e, correndo para o sitio onde a multidão era mais espessa, apoderou-se de dois anãos. Nós que o seguíamos, apoderámo-nos de mais alguns, porque só fugiram quando tiveram conhecimento das nossas intenções, e depois d'isto não nos impediram que nos approximássemos da agua. Os jarros encheram-se e entrámos no acampamento com os nossos *diabinhos*. Só no acampamento é que descobrimos que tinhamos agarrado o



rei. Estavamos dispostos a cortar-lhe a cabeça, quando Mtagamoyo se oppoz a isso, gritando: Matem os outros». No mesmo instante os outros prisioneiros fôram decapitados, e as cabeças arremessadas para o lado exterior da palissada. No rei não se tocou. N'esta occasião os anãos, depozeram as armas, e caminharam para nós gritando: *Sennené! Sennené!* (paz, paz). Fizemos as pazes com elles, e disseram-nos que se consentissemos em lhe entregar o rei, nos deixariam partir sem o menor embaraço. Consentimos depois de um demorado *shauri*. Mas a guerra tornou-se peor do que no começo. Fomos atacados por milhares d'estes homens. Não fazíamos senão descarregar as espingardas sobre elles, com a maior rapidez possivel. O combate durára todo o dia e toda a noite, quando reconhecemos que a polvora estava quasi gasta: apenas nos restavam dois barris.

«N'esta occasião os nossos chefes, tendo-nos reunido, disseram-nos que o unico recurso era fazer uma nova sortida, cahir sobre os anãos e matal-os á espadeirada, como tinha feito Mtagamoyo. Depois de fazermos os nossos preparativos, sahimos da palissada, de cabeça baixa, correndo em direcção a elles. Que grande destroço. Quando nos viram cair sobre elles, armados das nossas grandes espadas, cujas laminas brilham como espelho, fugiram; porém seguimol-os como lobos, mais de duas horas. Matámos um numero enorme d'elles; porque não podiam correr tão rapidamente como nós.

«Voltámos para o nosso acampamento e fizemos rapidamente os fardos, não levando senão metade do marfim, e puzemo-nos a caminho para a floresta. Não parámos senão de tarde, para descansar. Quando estavamos proximos da madrugada conhecemos que os anãos estavam novamente conosco! As flechas sibillavam em todas as direcções, e em cada minuto caia algum dos nossos.

A polvora ia-se acabando. Finalmente, conseguimos

salvar-nos, deixando-lhes tudo, excepto as espingardas e os sabres. De vez em quando ouviamos a trombeta de Mtagamoyo e seguimol-o. Porém quasi todos estavamos enfraquecidos pela fome e sede e aquelles que para as attenuar corriam demasiadamente morreram de cansaço; outros, que estavam dormindo, foram mais tarde apanhados pelos *diabinhos* e mortos por elles. Do grande numero de pessoas que haviam sahido de Nyangué: arabes, Vuanguana e escravos, apenas voltaram trinta, e eu fui um d'estes.

«Como vos chamaes, meu amigo? perguntei-lhe eu.

«Buana Abedi.

«E actualmente quem acompanhaes, Tippu-Tib ou Mtagamoyo?

«Acompanho Tippu-Tib respondeu-me elle.

«Perfeitamente. Vistes mais alguma cousa de notavel durante a viagem?

«Vi. Ha n'uma floresta de Uregga, serpentes de tal grandeza, que, suspensas pela cauda aos ramos das arvores, aguardam a passagem d'alguns viajantes ou dos antilopes. E' necessario tambem, n'esta floresta, tomar muito cuidado com as formigas. Não se póde passar por aquelles sitios a salvo e a mordedura d'ellas é semelhante á da vespa. Os leopardos são em tão grande quantidade que apparecem a cada passo. Quasi todos os indigenas trazem um bonet feito da pelle d'este animal. Os Sokos (gorilhas) habitam estes bosques, e infeliz do homem ou mulher que elles encontram isoladamente; agarram-lhe as mãos e com os dentes cortam-lhe os dedos, deitando-os fóra á medida que os arrancam. Os Vuasongora Meno e os Vuaregga são canibaes e não deixam passar estrangeiro algum salvo quando tem força sufficiente para os repellir. Na povoação d'elles os combates são constantes. Ha dois annos, uma caravana armada com trezentas espingardas poz-se a caminho para ir ao norte do paiz de Usongora Meno, mas voltaram



com sessenta espingardas unicamente e sem trazer marfim. É perigoso também viajar pelo rio, porque se encontram bastantes cataractas. Uma força de trinta homens, desceu o rio, em tres canoas, quando vinham de Nyangué e durante a permanencia aqui do velho branco. Morreram todos, e foi este o motivo porque elle não partiu. Se tomasse o caminho do rio o que lhe aconteceria? O mesmo que succedeu aos outros. Ah, senhor, o paiz é mau, e os Arabes renunciaram habitar Uregga. Nunca mais tentaram passar por ahi, porque já tres vezes quizeram fazel-o, não o conseguindo e perdendo quasi quinhentos homens.

«A sua narração é interessante, disse eu ao Arabe. Julgo que tudo isso é verdade, porque o branco me contára a mesma cousa, quando, ha quatro annos o encontrei em Ujiji. Comtudo eu desejava ouvir Tippu-Tib.»

Os Arabes haviam escutado Abedi com a maior attenção, porém, quando mostrei o desejo de ouvir Tippu-Tib, este mandou sair todos ficando unicamente o seu primo Mohammed bin Sayid.

Quando ficámos sós, Tippu-Tib tomou a palavra:

«Já consultei, disse elle, os meus parentes, amigos e os principaes chefes, — e todos são de opinião que não é vantajoso para mim aventurar-me n'uma jornada tão perigosa. Entretanto, como não quero impedir os vossos projectos, acompanhar-vos-hei durante sessenta marchas tendo cada uma a duração de quatro horas, mediante o pagamento de cinco mil dollars, e com as seguintes condições:

«1.º Partiremos de Nyangué seguindo a direcção que quizerdes e no dia que designardes.

«2.º A viagem não durará mais de tres mezes, a contar do dia da partida.

«3.º Haverá duas marchas por cada descanso: a marcha terá a duração de quatro horas por dia.

«4.º Se eu vos tiver acompanhado sempre, quando

chegarmos ao fim da viagem acompanhar-me-heis outra vez a Nyangué, a menos que não encontremos uma caravana da costa occidental. N'este caso, podereis juntarvos aos negociantes, porém dois terços da vossa escolta voltarão commigo para Nyangué.

«5.º Além dos cinco mil dollars, pagareis, durante a duração da viagem, ida e volta, as rações de cento e quarenta dos meus homens.

«6.º Se, depois de conhecerdes o paiz e os indigenas virdes que é impossivel a viagem, ou se, por qualquer outro motivo, vos decidirdes a voltar antes de se completarem as sessenta marchas, eu não serei responsavel por isso, e os meus cinco mil dollars ser-me-hão pagos, sem desconto algum.»

Todas estas condições me pareciam aceitaveis excepto a quarta. Comtudo, tentei em vão fazel-a modificar, e obter a liberdade de continuar a minha viagem, se eu julgasse conveniente fazel-o. Tippu-Tib disse-me que ainda que eu lhe desse cincoenta mil dollars para voltar só, não o faria, porque tinha a certeza de não poder aproveitar-se d'elles. Preferia então, continuava elle, acompanhar-me até ao mar, por dois mil dollars mais, a regressar só para Muana Mamba por qualquer quantia que fosse. A meu pedido, todavia, accitou o accrescentamento de um setimo artigo, pelo qual, elle, Tippu-Tib, perderia totalmente os cinco mil dollars e a escolta para voltar, dado o caso que renunciasse á viagem por cobardia.

«Nada nos apressa, disse-lhe eu. Podemos annullar tudo isto. Dou-vos ainda vinte e quatro horas para reflectir e amanhã de tarde, ou será assignado o contracto, ou participar-vos-hei que não accito as vossas condições.»

O facto era que nem um dos que me acompanhavam sabia ainda d'estas negociações e eu queria ao menos ter a opinião de Frank antes de dar a decisão a Tippu-Tib.



Às seis horas da tarde, como era costume, dois copos cheios de azeite de palma, nos quaes mergulhavam duas torcidas de algodão, illuminavam o nossó aposento.

Era depois do jantar, á hora do café e do cachimbo, para que eu sempre convidava Frank. Quando chegou, o café estava a ferver e o pequeno Mabruki esperava Frank para o servir. A tabaqueira contendo o mais fino producto d'África, o de Masansi, proximo de Uvira, estava aberta. Mabruki serviu o café e saiu deixando-nos sós.

«Agora, meu amigo, disse eu a Frank, sentai-vos. Temos que fallar de assumptos graves. A vossa vida, a minha, a de todos que nos acompanham, depende da resolução que tomarmos hoje.

Fallei-lhe então dos amigos que elle tinha deixado em Inglaterra e dos perigos que o aguardavam; do pesar que causaria a sua morte e da honra que lhe adviria pela sua perseverança; da facilidade que teriamos de voltar para Zanzibar e dos obstaculos e perigos que encontrariamos se continuassemos a viagem — alternando cuidadosamente os *pros* e os *contras* de forma que não lhe revelasse a minha opinião. Lembrei-lhe as repugnantes scenas de que tinhamos sido testemunhas, scenas nas quaes tinhamos sido conyidados a tomar parte e disse-lhe que, sem duvida alguma, estavamos agora juncto de tribus não menos crueis; fiz-lhe notar tambem que a nossa paciencia e a firmeza das nossas deliberações tinham contribuido sempre para sairmos a salvo das traições e das ciladas dos selvagens, e que o direito de castigar aquelles que nos ameaçavam ainda prevalecia. E terminei pelas seguintes palavras:

«De certo que ha alguma verdade nas narrações que os Arabes nos teem feito ácerca da ferocidade dos indigenas com quem iremos dentro em breve tomar conhecimento. Livingstone, depois de percorrer quinze mil milhas e de passar entre os Africanos vinte cinco annos

da sua existencia, não renunciaria á lucta, sem ter graves motivos para isso. Cameron não abandonaria um tão glorioso campo de batalha, se não estivesse convencido de que as suas quarenta e cinco sniders eram insufficientes para resistir aos ataques persistentes de milhares de selvagens. Admittindo pois que haja alguma verdade nas narrações dos Arabes, é preciso contar com o que a ignorancia e superstição teem exagerado a respeito do que viram. Temos tido varias vezes a prova da sua illusão, e comtudo as suas narrações teem já impressionado bastante o espirito dos Vuan-guana e Vuanyamuezi. Tremem com a ideia de que vão partir para o paiz que habitam os canibae para o norte ou oeste. No dia em que resolvermos recomeçar a viagem não temos ninguem que nos acompanhe.

«Além d'isso, tenho a certeza de que, se eu conseguir levar commigo todos os que me acompanham e conduzil-os até uma consideravel distancia de Nyangué, se hão de portar perfeitamente. Elles são docéis e de boas qualidades; porém é preciso subtrahil-os á influencia dos arabes, que não tardarão em desmoralisal-os. É para este fim que eu estou em negociações com Tippu-Tib. Se chegarmos a um accordo, e conseguirmos abandonar Nyangué não soffreremos os grandes prejuizos que experimentámos em Ujiji, estou certo que inspirarei aos meus homens a coragem necessaria para affrontar todos os perigos.

«As difficuldades do transporte, devo dizel-o, são enormes. Não obteremos canôas em Nyangué; Livingstone não conseguiu obtel-as, Cameron muito menos. Eu nem mesmo farei a diligencia para as alcançar. Porém nós podemos comprar todos os machados que encontrarmos d'aqui até Nyangué, e seguindo por terra, esta margem de Lualaba, talvez conseguissemos, antes de terminar o contracto com Tippu-Tib, encontrar quem nos cedesse algumas canôas. Temos provisões para muito



tempo, e comprarei mais. Se os indigenas não quizerem ceder-me os seus barcos, construil-os-hemos nós mesmos, se tivermos machados sufficientes para todos trabalharem.

«Agora, Frank, desejo ouvir a vossa opinião ácerca do que devemos fazer.

«Ir para diante, replicou elle sem hesitar.

«Pensae bem, meu amigo, não vos apresseis; é uma questão de vida ou de morte. Não poderemos nós explorar o paiz que fica ao nascente do caminho percorrido por Caméron?

«Não ha cousa alguma semelhante a este grande rio, senhor.

«O que pensaes a respeito do lago Lincoln, do Kamolondo, do Bemba, e de todo o paiz que vae até ao Zambeze?

«Ah, é um lindo campo de exploração, e talvez os indigenas não sejam tão ferozes. Não é assim?

«É, mas ainda ha pouco dissestes, não haver cousa alguma que se assemelhe a este grande rio que, desde muitos seculos, caminha para o norte, atravez de centenas e póde-se dizer, milhares de milhas, e do qual ainda ninguem ouviu fallar!

«N'esse caso, devemos seguir o rio.

«Muito bem, meu amigo, mas attendei ainda a outra cousa. Pensae em todos estes companheiros fieis, cuja vida depende do que nós vamos dizer; pensae que sois joven, forte e activo. Para que havemos de sacrificar-os e sacrificar-nos a uma esteril honra, e, em caso de bons resultados, ver duvidar das nossas palavras, censurar os nossos actos, interpretar erradamente as nossas deliberações por espiritos maliciosos, que falseiam os factos para se conspirarem contra nós?

«É verdade, senhor. Eu fui um d'aquelles que duvidei que tivesseis encontrado Livingstone. Não tenho receio de vol-o confessar hoje; emquanto não cheguei a Zanzibar e não vi os vossos homens, duvidava sempre,

e em Rochester ha centenas de pessoas que partilhavam da minha opinião.

«E pensaes, Frank, que estaes actualmente no Man-yema?

«Tenho razões para não duvidar d'isso, senhor.

«Quando voltardes a Inglaterra, e ouvirdes, como não póde deixar de acontecer, diversas pessoas affiançar que nunca estivestes em Africa, não acabareis por persuadir-vos que nunca ahi estivestes?

«Oh, não, senhor, respondeu elle. Não posso esquecer Ituru, a morte de meu irmão e de tantos Vuanguana, n'este paiz selvagem. Não posso esquecer o grande lago, o Uganda, a nossa viagem até Muta Nzigé, Rumanika, a minha permanencia no Ujiji, o Tançanika e a jornada que nos conduziu ao local onde actualmente estamos.

«Mas que vos parece, Frank. Seria conveniente explorar o nordeste d'esta região até Muta Nzigé e depois de contornarmos o lago voltar para Zanzibar por Kagehyi?

«Seria uma linda viagem, senhor.

«Comtudo, Frank, pensae n'uma cousa. Este grande rio que Livingstone foi o primeiro a examinar e que teve de abandonar, com bastante pezar, sem lhe prescrutar o mysterio, este rio não é um vasto ponto de exploração? Imaginae, por exemplo, que depois de ter comprado ou construido as canôas, nós desciamos até á embocadura do rio, e que nos conduzia ou ao Nilo, ou ao grande lago do Norte, ao Congo ou ao Oceano?! Que beneficio não seria este para a Africa! Vapores navegando pelo Congo até ao lago e subindo todos os grandes rios que desaguam n'elle!

«Vamos á sorte, senhor, cruces ou cunhos; ganhando ambos, á terceira decide-se.

«Vamos a isso. Aqui está uma rupia.

«A cara pelo nortê, o outro lado pelo sul e Katanga.

Frank estava em pé, com o sorriso nos labios, atirou com a moeda ao ar.



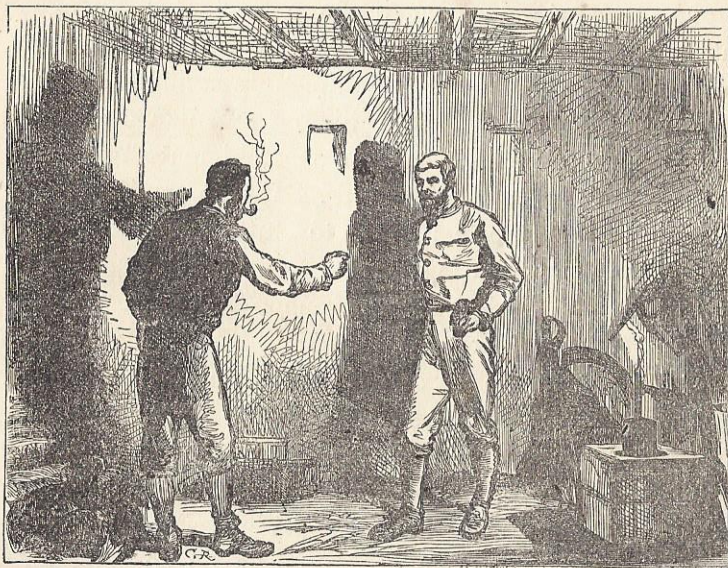
Quando ella cahiu perguntei: O que é?

«Cruzes, respondeu Frank com um ar desapontado.

«Continuemos!»

O mesmo resultado: seis vezes seguidas a mesma cousa. Fizemos outra experiencia e o resultado foi identico. Sempre para o sul, o Katanga e o Zambeze.

«E' inutil continuar, Frank; seguiremos o nosso destino, apesar da sorte. Com o vosso auxilio, meu amigo, conto descer o rio.



«A cara pelo norte, o outro lado pelo sul e Katanga».

«Podeis contar commigo, sr. Stanley. Não vos abandonarei. As ultimas palavras que nos disse o nosso velho pae foram estas: «Que nada vos separe do vosso mestre.» E aqui tendes a minha mão, senhor, nunca te-reis que duvidar de mim.

«Muito bem, irei para diante. Vou dar a decisão a Tippu-Tib; porque, vendo-o acompanhar-me, os Vuan-guana talvez estejam dispostos a seguir-me; poderemos, além d'isso recrutarei mais alguns em Nyangué. Depois

se os indigenas nos deixarem atravessar pacificamente o seu paiz tanto melhor será; de contrario, faremos o nosso dever, que é caminhar para a frente.»

No dia seguinte de tarde, Tippu-Tib voltou com os seus amigos. O contracto foi redigido e assignado por nós e pelas nossas testemunhas. Chamei então os meus Vuangwana e anunciei-lhes que Tippu-Tib acompanhado de cento e quarenta espingardas e setenta Vuanyamuezi armados de lanças, escoltar-nos-hiam durante sessenta marchas; que depois d'isto se nós encontrassemos algumas tribus hostis e que não houvesse esperança de nos juntarmos a alguma caravana de negociantes da costa, regressariamos com Tippu-Tib para Nyangué. Se encontrassemos negociantes portuguezes ou arabes, uma parte da nossa escolta continuaria a viajar com elles e a outra acompanharia Tippu-Tib. Esta declaração foi acolhida com alegria por todos os meus chefes; e accrescentaram que, com a presença de Tippu-Tib, nenhum arabe de Nyangué ousaria dar asylo a qualquer desertor da expedição.

N'essa mesma tarde entreguei a Tippu-Tib a quantia em buzios e contas necessaria para pagamento das rações de dez dias, a contar do dia da partida de Muana Mamba.

Na manhã seguinte, 24 de outubro, a expedição abandonou Muana Mamba cheia de coragem e alegria. O bom effeito produzido pelo contrato com Tippu-Tib já nos havia trazido alguns recrutas, porque, durante a marcha, vi na escolta algumas caras desconhecidas.

Ao chegar a Mamba, estes individuos apresentaram-se em frente da minha cabana sollicitando a permissão de nos seguirem. Receberam um adiantamento em fazenda e foram inscriptos na lista da expedição com o mesmo soldo que os Vuangwana e Vuanyamuezi.

Depois de percorrer treze milhas atravez d'um paiz ondulado, porém despovoado e vendo-se a cada milha as ruinas d'uma aldeia, chegámos a Benângongo, e no dia 25, depois d'uma jornada de doze milhas, durante



a qual atravessámos o rio Mshama, parámos em Kankumba.

Do acampamento onde estávamos, mostraram-nos Nyangué; como este paiz fica a cinco milhas de distancia, alguns affirmavam que o viam. Cerca de uma milha distante do nosso acampamento achava-se o valle paludoso do Kunda, outro tributario do Lualaba que corre em Uzimba; para o este-nordeste, na distancia de oito milhas talvez, elevavam-se as montanhas conicas, cumes da cordilheira do Manyema. Para o oriente uma planicie arborizada e ondulada estendia-se até ao Lualaba.

Como todos os productos d'este territorio fecundo, no Manyema o milho painço é de proporções gigantescas e a plantação é muito mais espessa do que o mais bello campo de trigo.

As hastes tem regularmente oito pés de altura e uma pollegada de diametro.

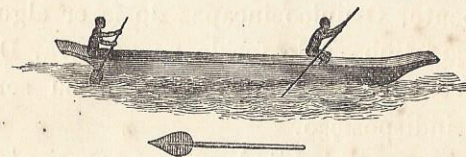
E por isso a planicie que eu acabo de qualificar como herbosa, tinha antes a apparencia d'um terreno plantado de bambus.

Em Kankumba, aconteceu um accidente sério e grave ao joven Kalulu, que, desde a sua prisão na margem do Tanganika em seguida á sua deserção, portava-se exemplarmente e de novo se tornára muito estimado. Um chefe, o velho Mabruki, tinha deixado, contra as ordens que eu havia dado, um cartuxo na sua carabina, e encostou-a negligentemente a um monte de fardos. Um Mguana, indo a correr, fez cair a espingarda que se disparou. Kalulu, que estava deitado perto do lume, em cima d'uma esteira, foi alcançado pelo tiro, ferindo-o em oito partes differentes; a bala atravessando a parte exterior da perna esquerda, e a parte superior da coxa, resvallou pelas costellas do lado direito e penetrou nos musculos do braço esquerdo. Ainda que ferido em diversos pontos o seu estado não era comtudo perigoso, e, com uma applicação de arnica, fios e liga-

duras conseguimos pôr o doente em disposições animadoras.

Na manhã do dia 27, sahiamos do acampamento de Kankumba e descemos até ás margens do Kunda, rio que tem proximamente quarenta jardas de largo, e dez pés de profundidade, no sitio onde o atravessámos. Servimo-nos para isto das canôas dos Vuagenya ou Vuenya,

Uma rapida marcha de quatro milhas levou-nos até ás margens do Nyangué, onde fomos recebidos por Abed bin Salim, um velho de sessenta e cinco annos de idade; Mohammed bin Sayid, joven Arabe notavel pelo seu grande nariz e olhos pequenos; pelos caçadores de elephantes de Sheikh Abed e varios Vuanguana todos enver-



Canôa dos pescadores Vuenya ou Vuagenya

gando tunicas brancas sem uma mancha sequer, trazendo na cabeça o fez escarlata e calçando sandalias.

O Sheikh Abed com a amavel intenção de comprar as mercadorias que eu levava, offereceu-me uma habitação nas proximidades da sua aldeia.

Segundo o que eu ouvi depois, o modo como entrámos em Nyangué admirou o Sheikh Abed que, desde que alli residia, assistira á partida e á chegada de grande numero de caravanas. A nossa entrada, contra o que era usual, não foi feita ao som de descargas, de gritos de alegria ou gestos freneticos. A ordem e firmeza da escolta, a regularidade das filas em que cada individuo sabia, n'esta occasião, sujeitar-se ás leis da disciplina, fizeram profunda impressão no espirito do velho Arabe. Nunca



desde a morte de Kaif Halleck em Ituru, os nossos feridos eram deixados para traz sem auxilio nem protecção.

Os nossos burros — que n'esta occasião eram quatro — e alguns homens, destacados para este serviço, ajudavam os retardatarios a seguir a columna. Os que iam ligeiramente indispostos, formavam uma secção á parte, sob a vigilancia de Frank e seis chefes.

Outro motivo de surpresa para o arabe foi a rapidez com que viemos das bordas do Tanganika, trezentas e trinta e oito milhas (544 kilometros) em quarenta e tres dias, comprehendendo as demoras. Disse-nos que ordinariamente os arabes empregavam tres a quatro mezes para fazerem esta mesma viagem. E comtudo todos os membros da expedição gozavam excellenté saude. Nunca a haviam gozado melhor, e n'esta occasião não tinhamos um unico doente. O unico incapaz de fazer alguma cousa era Kalulu que tinha sido ferido na vespera. Depois que partimos do Tanganika nem Frank nem eu sentiamos a mais ligeira indisposição.

Nyangué é o paiz habitado pelos negociantes arabes, que fica mais ao occidente. Está situado, no 26° 10' longitude sul e 4° 15' de latitude na margem oriental (direita) do rio Lualaba. E' construida n'uma ribanceira avermelhada que se eleva a quarenta pés de altura acima do rio e que limita um paiz inculto que se estende para o norte, até uma distancia de tres milhas, para éste, occupando um espaço de dez milhas, e para o sul, até á junção do Luama com o Luababa, o que lhe dá d'este lado uma extensão de setenta milhas (mais de 112 kilometros). A cidade chamada Nyangué divide-se em duas secções. A do norte tem como centro os estabelecimentos de Muini Dugumbi, o primeiro arabe que aqui chegou, em 1868; em redor d'este estabelecimento são construidas as commodas casas dos seus amigos, de suas familias e escravos, fazendo um total, talvez, de trezentas habitações. A secção do sul é separada da do norte

por um fosso profundo onde os arabes cultivam o arroz. Quando o Lualaba attinge a sua maior altura, este fosso fica inundado. A principal habitação da parte meridional, o grande *banda* do Sheik Abed bin Salim, é muito espaçosa, feita de taipa e muito bem construida. Nas proximidades acham-se as casas e cabanas dos arabes Vuanguana, que preferem a companhia de Abed bin Salim á de Muini Dugumbi. Abed mostrou-me alegremente o seu harem, onde conserva cerca de trezentas mulheres de grandes olhos. Possuia tambem duas gallinhas que tinham vindo da India, alguns frangãos de diferentes raças, duas duzias de pombos e algumas gallinhas de Angola. Por occasião da nossa visita, os seus armazens continham sessenta a setenta dentes de elephante de todas as dimensões.

Existe entre os dois chefes arabes de Nyangué uma certa rivalidade e inveja. Cada um d'elles diligenciaia fazer acreditar aos indigenas que é o mais poderoso. Dugumbi, negociante da costa oriental e mestiço de Sa'adani, é um homem vulgar, de espirito pouco culto e que tem talvez setenta annos de idade, tudo isto juncto a um nariz muito negro e a uma intelligencia tambem muito negra. Scheik Abed é um velho alto, delgado, de barba branca e tendo um aspecto patriarchal. Possui um espirito limitadissimo, o character um pouco triste, julga-se offendido por qualquer cousa e tem uma fé sem limites na feiticaria. Não deixa porém de ser muito piedoso.

Ha alguns annos, o amigo mais intimo de Abed é o joven arabe Mohammed bin Sayid, immensamente superstitioso, pedinte obstinado, sagaz e velhaco, dotado d'uma extrema pericia em negocios commerciaes, porém ingenuo como uma creança com respeito a tudo o que não tem relação com os negocios. Offereceu-se, mediante uma certa somma e com a condição de que o ensinaria a ler o alcorão, para me conduzir a qualquer sitio da Africa onde eu quizesse, no espaço d'um dia. Foi por



estas mentiras que elle adquiriu uma consideravel influencia no espirito de Scheik Abed. Este considera-o como um homem extraordinario e confessou-me que o temia. Perguntei ao velho indigena se elle nunca lhe havia emprestado qualquer porção de marfim. Respondeu-me que não mas acrescentou que Mohammed não cessava de lhe pedir por emprestimo dez Frasilah (350 arrateis) d'aquella mercadoria, promettendo dar-lhe quinze (ou 525 arrateis) d'ahi a seis mezes.

No proprio dia da minha chegada, enviou-me Mohammed um dos seus escravos favoritos, pedindo-me para lhe dar algumas folhas de papel para cartas, algumas agulhas e fio; duas horas mais tarde, pediu pimenta miuda e sabão; de tarde, um arratel ou dois de assucar, chá, e se isso me não incomodasse, um pouco de café. No dia seguinte, novas sollicitações, feitas com toda a delicadeza, — porque Mohammed é um assiduo leitor do alcorão — pedindo primeiramente medicamentos, depois duas jardas de panno vermelho, em seguida algumas de algodão branco, etc., etc. Muito embora Mohammed não fosse amavel nem sympathico começava a interessar-me por elle. Quando estava assentado na minha frente, mascando o betel ou tabaco e piscando os seus olhinhos cheios de malicia, eu não podia, enquanto conversava com elle, deixar de examinar o seu olhar scintillante de astucia e esperteza. Não creio que Mohammed tivesse por mim grande sympathia, comtudo eu tenho por elle grande admiração.

Um dia ouvi-o dizer a Sheik Abed: «*La il Allah — il Allah*, o velho David nunca dava grande cousa, este branco não dá nada.» Com certeza que não, Mohammed; a minha admiração por ti é grande, mas mentes de tal fórma que me desgostas, e a tua phisionomia é ao mesmo tempo tão agradável e repellente, que eu de boa vontade te batia.

Na manhã do dia seguinte apresentou-se na minha

habitação seguido da sua comitiva, Muini ou senhor Dugumbi. A sua comitiva era composta de fibusteiros (ou ladrões), entre os quaes se apresentava em primeiro lugar o terrivel Mtagamoyo, o assassino de mulheres e de crianças. Algumas semanas antes tendo eu perguntado a Tippu-Tib a opinião que formava de Mtagamoyo, respondera-me:

«É um homem valente, não ha duvida, porém o coração não é mais grosso do que a extremidade do dedo mínimo. É um homem sem piedade, mata um indigena, de qualquer sexo, como mataria uma serpente.»

Este homem tinha cerca de quarenta e quatro annos de idade, era de meia estatura, trigueiro, a face redonda, a barba escura e os labios delgados. Disse-me algumas palavras n'um tom pouco cortez. Quem o vê, não diz que é um homem terrivel, porque a apparencia não o indica; os Arabes de Nyangué consideram-n'o como o melhor dos seus combatentes.

Dugumbi, o patriarcha, ou como lhe chamam os indigenas, Molemba-Lemba, tem o olhar satisfeito d'um homem contente com a sua fortuna e com o effeito que produz. No espirito não passa d'um homem grosseiro; é vaidoso e frivolo, ignorando tudo, excepto a arte de apanhar o marfim, tendo para este fim um grupo de mestiços muito orgulhosos, d'uma ferocidade sem nome e immensamente avidos.

Quando os Arabes de Nyangué souberam da chegada de Tippu-Tib a Imbarri, vindo do sul, mostraram desejos de o ter como habitante da sua cidade. Mas Tippu-Tib não ambicionava tornar-se o primeiro cidadão de uma cidade onde havia por notabilidades o vaidoso Dugumbi, o cruel Mtagamoyo e o ingenuo Sheik Abed. Por consequencia, foi morar para a habitação de Muana Mamba, onde encontrou melhor convivencia com Mohammed bin Sayid, Sayid bin Sultan, Msé Ani e Sayid bin Mohammed o Mezrui. Na figura, Sayid bin Sultan é a imagem grosseira de Addul Aziz, o ultimo sultão.



Uma das principaes instituições de Niangué é o Kituka, ou mercado. Foi em 1871, no Ujiji e Urundi, que eu vi pela primeira vez, em Africa, estas reuniões commerciaes. No primeiro dia o mercado é estabelecido na praça que está defronte da habitação de Sheik Abed; no dia seguinte é na secção de Dugumbi, oitocentos passos distante da casa de Abed; no terceiro dia na confluencia do Kunda com o Lualaba, recomeçando de novo no lado do primeiro dia.

N'este mercado tudo é vendavel e tudo se póde comprar, desde um vaso de barro até uma rapariga de Samba, de Marera ou Ukusu. É regularmente frequentado por dois ou tres mil indigenas, homens, mulheres e crianças, que vem da margem opposta do Lualaba, das margens do Kunda, das ilhas situadas acima de Nyangué, e da floresta Mitamba. Quasi todos andam vestidos com as fazendas fabricadas em Manyema, feitas das fibras das arvores, muito duraveis e de côres vivissimas. Os artigos que se vendem n'este mercado e que são trocados por buzios, contas, arame de ferro e latão, lambas ou quadrados de tecido das fibras de palmeira \* representam a industria de Manyema. N'uma volta que dei em redor do mercado notei os varios productos que constam da seguinte lista:

Batatas doces.  
 Ignames.  
 Milho.  
 Sesamo.  
 Milho miudo.  
 Feijões.  
 Pepinos.  
 Melões.  
 Raizes de mandioca.  
 Amendoim.

Arame de ferro.  
 Manteiga de palmeira.  
 Noz moscada.  
 Ananaz.  
 Mel.  
 Peixe fresco.  
 Caracões seccos.  
 Sal.  
 Formigas brancas.  
 Gafanhotos.

\* Da fibra da palmeira *Raphia vinifera*.

Bananas.	Tabaco (folhas seccas).
Canna de assucar.	Cachimbos.
Bagos de pimenta.	Isclas para pescar.
Legumes.	Cestos.
Ovos.	Farinha de pau.
Aves.	Braceletes de cobre.
Porcos pretos.	Barras de ferro.
Cabras.	Enxadas.
Carneiros.	Lanças.
Papagaios.	Arcos e flechas.
Malafu, (vinho de palmeira).	Machadinhos.
Pombé, (cerveja).	Cannas.
Mexilhão e ostras do rio.	Louça vidrada.
Fructos selvagens.	Tamborettes.
Peixe secco.	Tecido feito de fibras das arvores
Madeira para queimar.	Esteiras.
Marfim.	Escravos.

Por isto se vê que o mercado de Nyangué é sufficientemente fornecido. E como este é semelhante aos nossos, em virtude do tumulto e ruido de vozes! A mesma concorrência, a mesma animação para vender as mercadorias, a mesma vivacidade, os mesmos gestos, a mesma expressão de desprezo, de triumpho, de anciedade e de alegria. Notei tambem a surprehendente coincidência dos indigenas de Manyema terem, a respeito dos objectos que vendem, absolutamente as mesmas expressões que os logistas de Londres, Paris e New-York. Talvez os Manyema sejam menos falladores, mas compensam este defeito de linguagem fazendo uma pantomima de inexplicavel eloquencia.

É em outubro, epocha da nossa passagem em Nyangué, que o rio está mais baixo. O *Lady-Alice* tinha sido quasi inteiramente reconstruido; foi lançado ao rio e munido d'um sextante e d'uma sonda, entrei para bordo d'elle ás 11 horas da manhã e dirigi-me para uma ilha situada em frente de Nyangué, a uma distancia approximadamente de quatrocentas braças.

Durante a viagem, fiz numerosas sondagens. Os se-



guintes numeros indicam a profundidade que achei, desde a distancia de vinte e sete metros da margem, até á ilha baixa e coberta de matto onde fomos portar:

Jardas :	18	23	24	15
»	19	24	24 1/2	15
»	18	25	22	15 1/2
»	18 1/2	24 1/2	23	14
»	20	25	22	13
»	20 1/2	26	21	12
»	19	27	19	9
»	21	27 1/2	17	9 1/2
»	—	—	16	8

o que dá uma média de 18 pés e nove pollegadas.

A ilha mais oriental situada no meio do rio tem proximamente cem jardas de largura; fica distante d'outra ilha cerca de duzentas e cincoenta a trezentas jardas. D'esta ilha á que está na margem opposta a Nyangué ha uma distancia de duzentas e cincoenta jardas, e n'estes sitios a corrente é mais rapida que na parte superior do rio. A profundidade media do canal do centro mede 12 pés e meio; a do mais occidental, onze pés e e a largura total do rio é de mil e trezentas jardas approximadamente. Durante os mezes de abril, maio, junho e os primeiros dias de julho, o Lualaba attinge a sua maior altura e inunda as terras baixas do oeste até quasi uma extensão de milha e meia. Póde dizer-se que a sua largura em frente de Nyangué é n'este tempo de quatro a cinco mil jardas.

Em todos os pontos da Africa onde se estabelecem, deligenceiam os Arabes introduzir os fructos e legumes que vegetam na ilha de Zanzibar, a sua ilha predilecta. Por isso, no Unyanyembé, teem plantado ambapayeiras, limoeiros, mangueiras, paltos, \* larangeiras,

(\*) Arvore da familia das lausineas conhecida no Brazil pelo nome de abacateira.

romanzeiras, e cultivam trigo e arroz em abundancia. Em Ujiji, teem tambem ambapayeiras, limoeiros, romanzeiras, trigo, arroz e cebolas. Em Nyangué ha tambem ananaz, ambapayeiras e romãs. Tanto aqui, como em Kasongo e Muana Mamba, teem tirado grande resultado das plantações d'arroz. O mau resultado que teem tirado da cultura das cebolas dizem elles ser devido a um bicho que destroe a planta. A banana (*Musa paradisaica*) e a tanchagem (*Musa sapientum*) são indigenas.

Os Vuagenya, como os Arabes lhe chamam, ou Vuenya— como elles proprios se denominam, formam uma notavel tribu de pescadores, que habita as margens do Lualaba, á esquerda desde a embocadura do Kamalondo até á sexta cataracta das Quedas de Stanley; á direita, desde a embocadura do Luama, até Ubuiré ou Usongora Meno.

Os Vuenya occupavam Nyangué quando appareceu o primeiro grupo de salteadores commandado por Muini Dugumbi, precusores da ruina e desolação para os habitantes de setecentas milhas quadradas do Manyema. Se se considerar que a fertil região, situada entre Luama e Nyangué, era extremamente populosa, como o attestam as ruinas de tantas aldeias, póde calcular-se em sessenta por metro quadrado o numero de habitantes que então tinha, d'onde se concluiria que a margem do rio desde a embocadura do Luama até Nyangué tinha uma população de quarenta e dois mil habitantes, dos quaes restam hoje talvez uns vinte mil. Os outros ou foram levados em captiveiro, assassinados, fugiram para as ilhas ou emigraram tomando o caminho do rio.

Os Arabes e os Vuanguana tambem corromperam a palavra Lualaba ou Lualoua. Em vez de Ugaloua, deramnos o nome de Ugaroua, que no meu entender não se deve usar, porque eu nunca ouvi a nenhum indigena do oeste do Tanganika fazer uso d'elle.

É, sem duvida, devido a algum nativo de Uhiyau, ou Nyassa, Bisa, Unyamuezi ou d'outros sitios. Se o nome



fosse ouvido pronunciar por algum Arabe intelligente, teriamos com certeza alguma palavra mais correcta.

O Manyema chama-se indistinctamente Many-yema, Manu-ema, Mani-uema; o primeiro d'estes nomes é com-tudo mais usado.

Quanto á orthographia da palavra Manyanika, ainda affirmo que esta é a mais usada, e um africano mais correcto do que Tanga-ny-ika.

Nenhum Arabe, Mguana ou indigena do interior pronuncia a palavra d'este modo. É pronunciado do mesmo modo que Amerika, Afrika, Angel-ica, Freder-ica.

Apenas em Africa ouvi um nome semelhante a Tanga-ny-ika; era o nome do rei de Gambaragara, que se pronuncia Nye-ika.

Tippu-Tib chegou a Nyangué no dia 2 de novembro com uma escolta muito mais consideravel do que eu imaginava, porque o acompanhavam approximadamente setecentos homens. Elle disse-me porém que tinha de mandar trezentos para um paiz chamado Tata, situado a este de Usongora Meno.

No dia 4 de novembro passei revista á força que compunha a expedição, e vi que eram em numero de cento quarenta e seis (\*) possuindo as seguintes armas: vinte nove carabinas Snider, trinta e duas espingardas de percussão; duas de Winchester; duas de dois canos; dez rewolvers, e sessenta e oito machados. Das sessenta e cinco espingardas, sómente quarenta é que estavam em mãos de homens com que se podia contar; os restantes eram meros pagazis, que preferiam ser escravos a combater para alcançarem a liberdade e salvarem a vida. Porém, como carregadores, eram magnificos; faziam bem o

(\*) Em consequencia de ter contractado seis vigorosos mancebos em Nyangué, este numero elevou-se á totalidade de cento cincoenta e quatro, homens, mulheres e creanças; estas, filhas dos meus Vanguana de Zanzibar.

seu dever e eram fieis aos seus contractos, quando a influencia dos estranhos os não induzia á deserção. A enorme força que Tippu-Tib trouxe de Nyangué dissipou os ultimos terrores da minha gente; e quando lhes perguntei se estavam dispostos a sustentar as promessas que me haviam feito em Zanzibar e no Muta Nzigé, responderam todos affirmativamente.

«Nesse caso, esta tarde, meus amigos, lhes disse eu, empacotae tudo o que vos pertence, e amanhã ao romper do dia, estejam formados em frente da minha habitação, promptos para partir.»



CAPITULO XI

O cerco de Tippu-Tib — Um deserto d'arvores — Mobilis primitiva — Os meus soffrimentos na floresta — Renuncia de Tippu-Tib — Uma forja de aldeia — Craneos de soko — Opinião do professor Huxley a respeito d'elles — *O Livingstone* — Um roubo de dia — O caminho do Oceano — Conselhos timidos — «Os Vuasambyé» — «Ooh-hu! ooh-hu!» grito de guerra — Successos diplomaticos.

Quando no dia seguinte, 5 de novembro de 1876, deixámos o Nyangué, e subimos uma encosta abrupta cheia de herva, vimos na nossa frente a sombria muralha d'uma floresta que, partindo da margem do rio, descrevia uma curva para o sueste, onde se juntava ás montanhas, perdendo-se em seguida de vista no horisonte.

Voltei-me para ver mais uma vez Nyangué, d'onde acabavamos de sair. Como era risonha a apparencia das suas habitações, coroando um d'estes cumes arborisados que dominam, na margem direita, as aguas escuras do Livingstone! Como era calida e brilhante a praia, inundada de sol! As proprias cordilheiras de Uzura e do Manyema occidental enfileiradas entre a floresta e a planicie azulada, pareciam ter uma apparencia alegre comparados com esta floresta negra e espessa, para a qual caminhávamos.

Com que horrivel aspecto se mostrava o mysterioso desconhecido! Eu ignorava a qualidade do paiz que via na minha frente. Os poucos nomes que eu tinha ouvido pronunciar aos arabes não apresentavam para mim o

minimo sentido. Que significação tinham para mim os nomes Tata, Meginna, Uregga, Usongora Meno e outros? Não representavam ao meu espirito idéa alguma, não significavam nenhum objecto; simples denominações de paizes, aldeias e tribus rodeadas de mysterio, designando apenas selvageria, ignorancia e fabulas.

Comtudo o nosso destino era caminhar sempre, fosse qual fosse a direcção que tomasse esse caminho que serpenteiava atravez dos elevados plannaltos, descia barrancos, era cortado pelos rios, e penetrar com elle n'este frio e sombrio horisonte. O nosso destino era caminhar até onde nos levassem as duzentas e quarenta horas durante as quaes Tippu-Tib promettera acompanhar-me.

O fim d'esta viagem desesperada era traçar um rasto luminoso atravez da metade occidental do continente negro. Porque desde o lado oriental de Nyangué, no quarto paralelo de latitude sul, ha mais de oitocentas milhas geographicas descobertas, exploradas e medidas, ao passo que no lado occidental do mesmo ponto e no mesmo paralelo até ao Oceano Atlantico ha novecentas milhas geographicas que são absolutamente desconhecidas. Entretanto, em logar de caminhar directamente para oeste, dirigimo-nos para o norte, seguindo a margem direita do rio, afim de que a curva que este podesse descrever para o oriente em direcção a Muta-Nzigé ou ao Nilo, não deixasse de ser examinada, e reconhecer quaes os afluentes que elle recebe do oriente, apreciar a sua dimensão e volume, e a extensão dos paizes que lhe fornecem as aguas, bem como a posição das suas nascentes.

Milhares de difficuldades impediam a nossa marcha: a fome, a doença, a hostilidade dos indigenas; os obstaculos podiam talvez ser mais fortes do que nós, porém a nossa esperanza era grande e o nosso fim elevado. Caminhamos pois, na esperanza que Deus nos auxiliará; a nossa sorte estava nas suas mãos, e podia dispôr d'ella á sua vontade.



Depois de uma jornada na distancia de nove milhas e meia em direcção ao nordeste, e por uma planicie ondulada e revestida de arbustos, chegámos ás aldeias de Nakasimbi; Tippu-Tib com os setecentos homens da sua escolta occupou duas das aldeias, a nossa expedição estabeleceu-se n'outra, que dominava uma depressão banhada por um affluente pacifico do rio Kunda.

Tippu-Tib fez-se acompanhar por uma duzia talvez de Arabes, uns jovens, outros de meia idade, que seguiam na esperança de serem recompensados por elle ou por mim, no fim d'uma viagem feliz. Já conheci os demasiadamente o Sheik Hamed bin Mohammed, o Tippu-Tib ou Mtipula. Agora era todo amavel, cortez, entusiasta. Não duvidava do bom exito da nossa viagem. O mais importante d'aquelles que o rodeiavam era o Sheik Abdallah, ou Muini Kibuana, (nome este adoptado unicamente por Manyema) um arabe de barba comprida, feições delicadas e trigueiro. Era muito ignorante, não sabia ler nem escrever, e tinha um profundo respeito por aquelles que investigavam o segredo das letras, como Tippu-Tib. Andava armado d'uma espingarda Birmingham, de pederneira, á qual dedicava grande afeição, porque, dizia elle, lhe tem salvo muitas vezes a vida: «nunca engana». Seguia-se Muini Ibrahim, um Mrima (homem do littoral) de origem arabe, apesar de rude e degenerado. Os Americanos não queriam ter negocios com elle, porque possuia signaes tão evidentes da raça africana, que poderia ser classificado por elles como um negro legitimo. Comtudo fallava perfeitamente o Arabe, e era um fervoroso musulmano, conservando comtudo as superstições d'um verdadeiro Africano. Os sentimentos religiosos de que elle dava provas impunham-lhe um certo respeito pela vida humana, pelo que eu o louvo muito sinceramente. Tambem andava armado d'uma espingarda. Elle e Abdallah eram amigos inseparaveis; possuiam cada um cinco ou seis escravos do sexo femenino e trinta ou quarenta do

sexo masculino, egualmente armados de espingardas de pederneira.

Os Arabes da comitiva de Tippu-Tib que comiam dos mesmos pratos que Abdallah e Ibrahim, ambos independentes, eram Muini Jumah (senhor sexta-feira) um mancebo alto, delgado e vigoroso; Chéché (doninha) um homem baixo tendo approximadamente vinte cinco annos; Buana Abed bin Jumah, o narrador da expedição ao paiz dos anões, e que quizera servir-nos de guia; Muini Hamadi, mestiço disforme e de apparencia resoluta, e finalmente outros seis ou sete, sem character individual, e que não tinham outra importancia senão fazer parte da comitiva de Tippu-Tib.

As setecentas pessoas que nos acompanhavam estavam n'este tempo divididas em duas secções; uma, composta de trezentos homens, mulheres e creanças e commandada por Buana Shokka (senhor do machado) o confidente de Tippu-Tib. Era um homem de grande robustez, extrema magreza e de estatura elevada; viajante experiente, de um sangue frio a toda a prova e de muito tacto, fallava pausadamente e sabia com uma rara habilidade conciliar os indigenas rebeldes, fazendo-os seus amigos. Devia dentro em poucos dias abandonar-nos e tomar a direcção do nordeste, chegando no fim de uma duzia de jornadas ao limite do caminho percorrido pelos Arabes. A secção que nos acompanhava consistia em 250 homens — Arabes, mestiços, Vuanguana, cem Vuanyamuezi, Rugaruga — a maior parte d'elles armados de lanças, arcos e flechas, outros de espingardas. Cem escravos eram originarios de Barua, Manyema, Bakusu, Ba-Samba e Utotera; o maior numero estava armado de espingardas de pederneira, os outros traziam lanças enormes e escudos. Iam tambem cincoenta rapazes, de dez a dezoito annos, educados por Tippu-Tib, e que lhe serviam de portadores de espingardas, criados, exploradores, cosinheiros, carpinteiros, pedreiros, serralheiros, e chefes de carava-



nas. Estes rapazes eram-lhe utilísimos e mais dedicados que os adultos. Consideravam-n'os como seu pae e sabiam que, se o deixassem, seriam infallivelmente capturados por algum homem menos humanitario. O resto da secção compunha-se de mulheres escravas, vinte das quaes pertenciam a Tippu-Tip. Outras trinta eram propriedade dos mestiços arabes e dos Vuanguana dependendo comtudo de Tippu. Todas estas mulheres tinham sido compradas com marfim, fazendas e espingardas.

Tinha-me comprometido a fornecer a duzentos e dez d'estes homens, até ao seu regresso a Nyangué, as mesmas rações que dava aos meus, isto é, a dar-lhes a somma quotidiana em moeda corrente.

No dia 6 de novembro parámos proximo de Mitamba, a sinistra floresta que viamos consecutivamente na nossa frente desde a partida de Nyangué; e despedindo-nos do sol, entranhámo-nos n'este medonho bosque escuro.

Levantámo-nos n'este dia mais tarde, o que nos foi muito prejudicial. A columna hecterogenia de Tippu-Tib, composta de individuos de todas as idades, compacta e sem ordem, tomára a dianteira, resultando d'isto para nós uma serie de contrariedades.

Costumados a marchar rapidamente, tínhamos que fazer repetidas paragens para poder andar algumas jardas. E durante este tempo as arvores deixavam cahir sobre nós o rócio accumulado nas folhas; e de todos os troncos, de todas as vergontas, de todas as plantas, a agua cahia sobre nós em grandes gotas. Por cima das nossas cabeças os ramos entrelaçados interceptavam-nos a luz. Não sabíamos se o dia estava claro ou sombrio, de sol ou nubloso; caminhavamos com uma claridade diminuta, egual á dos climas temperados uma hora depois do pôr do sol. Dentro em pouco o terreno argiloso que percorriamos se tornou da côr do lodo, d'onde a cada passo, a agua de que estava impregnado era arremessada ás pernas do visinho.

À direita e á esquerda, os arbustos do matto, esta classe pouco importante do mundo vegetal, elevavam-se até á altura de vinte pés. O solo, d'uma côr sombria, coberto pela accumulção das folhas durante uns poucos de seculos, e incessantemente humedecido, tinha um certo calor que lhe dava uma espantosa força prolifica. A humidade vivificadora que a argila retém á superficie, é absorvida por myriades de raizes dos arbustos e das ervas.

Todas estas plantas, de tão singular diversidade, que crescem com tanto vigor n'esta obscuridade tranquilla e humida, podiam seccar com o menor vento. Mas que borrasca poderia visitar estas impenetraveis sombras? A tempestade só se faz sentir do lado de fóra, nas profundezas d'este oceano de verdura reina sempre o maior socego. Basta puchar por um arbusto qualquer para se conhecer que o terreno movediço não tem poder retentivo e que as astes dos arbustos não teem penetrado na argilla; mesmo as das arvores mais antigas e mais elevadas estão muito á superficie e meio descobertas, parecendo conservarem-se em pé em razão da largura da sua base e não pela consistencia do solo.

A cada instante atravessavamos valas onde correm os regatos que vão engrossar o rio Kunda, e que saem de macissos de folhagem compostos de tamareiras, amomeas, carpodinae, e phrynias. Em seguida era preciso trepar a encosta da margem opposta das valas atravez das amomeas, bananeiras e figueiras, cheias de troncos altos e rasteiros, novo genero de marcha que sem duvida não era o melhor.

O rócio continuou a cahir até ás dez horas, inundando-nos sem cessar com as suas grandes gotas. Os nossos fatos estavam inundados; o meu capacete parecia que estava cheio de chumbo. Como não precisava d'elle n'estas espessas trevas, dei-o a um dos meus portadores de espingardas. O fato, as polainas e as botas onde a



agua se accumulava em quantidade consideravel já me faziam bastante peso. Á humidade interior juntava-se a transpiração que nos exsudava de todos os poros, porque a atmospherá abafava. O vapor do solo via-se perfeitamente subir e formava uma nuvem pardacenta acima das nossas cabeças. De manhã, este nevoeiro fôra tão espesso, que apenas podiamos distinguir a folhagem das arvores que nos rodeavam.

Ás tres horas da tarde alcançámos Mpotira, no districto de Uzimba, Manyema, vinte uma milhas e meia distante de Lualaba, Nyangué.

Os portadores do *Lady-Alice* só chegaram de tarde, porque as pezadas secções do barco tinham que passar, o que era difficil de conseguir, atravez da espessura da folhagem. Os homens queixavam-se amargamente da fadiga e para que elles pudessem descançar ficámos em Mpotira.

Pelo extracto que em seguida dou do meu jornal se avaliará o que soffremos atravez da floresta durante os dois dias seguintes:

«Novembro 8, 1876 — N  $\frac{1}{2}$  W, nove milhas de marcha no districto de Karindi ou Kionga, Uregga.

«Temos tido um pessimo tempo n'estes bosques e Buana Shokka, que já visitou esta região, affiança-me que isto é apenas uma amostra do que teremos a soffrer durante algumas semanas. Semanas inteiras a arrastarmo-nos, a treparmos e a descermos d'este modo n'estas paragens humidas, enterrados n'este bosque de tão grande altura!

Do cimo d'uma arvore, situada no cume d'uma collina, comsigo ver obliquamente a floresta que, para o lado esquerdo, desce, fazendo varias ondulações até ao valle de Lualaba. Além do rio, na margem occidental, analyso avidamente uma cousa que me parece ser uma planicie herbosa. Que contraste entre ella e o bosque que nos rodeia! Que paisagens tão estranhas, que eu obtinha do cume d'estas arvores, cuja folhagem se desenvolve infinitamente. No interior a obscuridade é tão profunda que

nem mesmo vejo o que escrevo ao tomar as notas na minha carteira. Acampámos ás tres horas e meia, fatigados da lucta com o emmaranhado bosque e suffocados por esta atmospherá. Oh! quanto desejavamos gosar o sopro vivificante da brisa do monte!

«Novembro 9, 1876 — N  $\frac{1}{2}$  W, marcha de dez milhas e meia até Kiussi, Uregga.



Casa em Uregga

«Mais outro dia de trabalho na floresta. A expedição já não é a columna compacta de cujo aspecto me orgulhava; caminha sem ordem. Cada um de nós arrasta-se como póde atravez d'este bosque. O caminho que seguimos, muito argiloso, é tão escorregadio, que nos vemos na necessidade de empregar todas as forças para caminhar. Os dedos dos pés agarram o terreno e pren-



Tamborete de Uregga



Colheres de Uregga

dem-se-lhe, os fardos são conduzidos á cabeça, as mãos despedaçam o matto, e os cotovellos desviam os troncos.

«Hontem, os portadores do barco lastimaram-se de tal modo, que me vi na necessidade de organizar um grupo de homens armados de machados, para lhes abrirem passagem. Não podiamos, deve suppôr-se, fazer uma estrada



muito larga. Um grande numero de arvores derrubadas, troncos gigantescos cobertos por montes de ramos e hastes, obrigavam-nos a fazer uma nova estrada a grande distancia para os rodear. Os carregadores do barco já não podiam mais.»

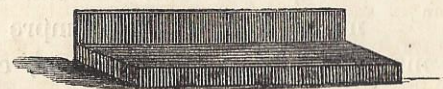
No dia 10 não fizemos marcha alguma, reservando-o para descansar, o que nos era bem necessario. Estavamos então em Uregga, ou paiz da floresta. Cercados pelos seus bosques impenetraveis, os Vuaregga teem até agora vivido n'uma reclusão tão completa como a dos chimpanzos nas suas florestas. As suas aldeias consistem em extensas fileiras de casas rectangulares ligadas entre si por uma cobertura de cincoenta a trezentas jardas de extensão. As portas d'estas habitações teem apenas dois pés quadrados, e são abertas dezoito pollegadas acima do solo. Interiormente a habitação é dividida em varios quartos occupados por outras tantas familias. Do mesmo modo que no Manyema veem-se em todas estas casas diversas prateleiras ou mesas destinadas á madeira que serve para o aquecimento, e cordas onde suspendem os utensilios da cosinha. No madeiramento do tecto, acham-se collocados os objetos miudos, como por exemplo; o cachimbo, as folhas de tabaco, caracoos seccos enfiados em haste flexivel, drogas mysteriosas, ervas moidas, raizes, etc., tudo isto cuidadosamente envolvido em folhas. Além d'isso tambem se vê n'este quarto o thesouro da familia, onde se notam pelles de cabra, de doninha, de macaco, de gato bravo; conchas de grandes molluscos terrestres com interessantes desenhos, colares de *Achatina monetaria*, uma provisão de madeira vermelha, bocados de pau esculpidos d'uma fôrma curiosa, sem duvida alguns talismans. Por cima da porta, ha em geral chifres de cabra e antilope dos bosques, e n'um lugar mais visivel o brilhante toucado de guerra feito das penas da cauda do papagaio cinzento, o tambor e algumas lanças pesadas, de lamina larga e cabo de ferro.

Apesar do seu isolamento, estes primitivos africanos não são menos superiores, sob certo ponto de vista, nas artes e sciencias do mundo selvagem, a muitas tribus situadas mais favoravelmente. Por exemplo, até ao momento em que cheguei á aldeia de Kiussi, nunca tinha visto assentos para mais d'uma pessoa. Pois nas profundidades d'esta floresta de Uregga, cada familia possui um Canapé cuidadosamente feito de canna e onde se podem sentar á vontade tres pessoas.



Lança de Uregga

Além d'isso vi tambem um banco de quatro a cinco pés de extensão, talhado n'um unico pedaço de pau e feito da madeira macia e branca d'uma arvore da familia das rubiaceas, movel significativo de espirito mais sociavel do que o que geralmente parece animar os outros indigenas d'Africa oriental, onde a regra é: cada um na sua cadeira!»



Canapé

Uma outra peça de mobilia é formada d'um tronco d'arvore, cortado no sitio onde os ramos começam a ramificação. As hastes d'este tronco, cuidadosamente descascadas e enfeitadas, em numero de tres ou quatro e da mesma extensão, são collocadas no chão e servem de sustentaculo ao tronco que, collocado atraz do banco, ou tamborete, serve de encosto.

Os Vuaregga do sul que habitam o paiz fronteiro a Uzimba e Manyema dizem que vieram do norte, ha cinco ou seis gerações e que n'esta epocha, a floresta era



ocupada pelos Vuavinza e Vuazimba a quem desapossaram do terreno. Sabem o nome dos seus antepassados da sexta até á decima geração. Sheikh-Abdallah interrogou na minha presença, ácerca dos seus pais, o chefe de Kiussi que deu successivamente dez nomes diferentes em resposta a perguntas formuladas do seguinte modo:

«Como se chama?» Quem era o vosso pae? De quem era filho? «Como se chamava o vosso pae?»

Os adultos usam uns barretes feitos de pelle de cabra ou macaco; só os chefes e os velhos é que pódem usar a pelle aristocratica do leopardo, com que cobrem a cabeça e cuja cauda, caindo para traz, fórma uma especie de borla.



Fez africano feito de pelle de cabra

As mulheres andam carregadas de aneis de ferro macissos e brilhantes. Uma d'ellas, sem duvida de mais distincção, tinha pelo menos doze arrateis de ferro e cinco de cobre nos braços e nas pernas, e no pescoço uma duzia de enfiadas da *achatinas monetarias*, especie de conchas indigenas.

Depois de uma marcha de quatorze milhas desde Kiussi, sempre pela floresta, e sob a mesma atmosphaera suffocante, chegámos a Mirimo. Durante esta marcha atravessámos quatro regatos, correndo todos para o Lualaba, em direcção ao occidente, e cujos principaes se denominam Rugunsi e Rumuna. Mirimo é uma aldeia populosa e os seus habitantes são de boa indole.

Os carregadores do barco tiveram taes obstaculos durante esta marcha, que só no dia seguinte é que chegaram ao nosso acampamento. Vinham completamente desanimados por este atraso que os privára do descanso e das rações.

No dia 13 encaminhámo-nos para Vuane-kamankua, atravessando durante a marcha o rio Kariba e dois regatos.

Na jornada seguinte chegámos a Vuane-Mbeza, em Uregga, a oito milhas para o noroeste do nosso primeiro acampamento. Atravessámos o Kipembué, rio de corrente rapida e profunda, tendo de largura quarenta jardas e tomando a direcção do occidente.

Segundo parece, o Uregga occupa uma grande extensão de terreno, para o nordeste e sudoeste. Os seus habitantes desconhecem as povoações que lhes ficam proximas; a maior parte d'elles nunca viram o Lualaba, do que apenas distam umas vinte milhas. Ha cinco ou seis gerações que não saem da sua floresta impenetravel; as difficuldades da jornada, os perigos a que estão sujeitos não viajando em grandes grupos, são as causas da sua absoluta ignorancia do mundo exterior e impedem a este que os veja.

N'este ponto, os Vuanguana começaram a murmurar em voz alta, e os portadores do *Lady-Alice* muito embora auxiliados por uma duzia dos seus companheiros e precedidos de dez sapadores, estavam furiosos. E comtudo não tinham motivo sufficiente para estarem descontentes. Lastimava-os de todo o coração, porem não lhe queria mostrar muita sollicitude receiando que se aproveitassem d'isso para me pedirem que voltasse para Nyan-gué ou queimasse o barco.

Tippu-Tib, que eu observava attentamente, porque era n'elle que eu fundava toda a minha esperança, o corajoso Tippu-Tib, tambem não estava satisfeito. Sheikh-Abdallah fazia ouvir os seus lamentos significativos e Buana Ibrahim era de uma particular severidade nas suas observações ácerca «da floresta dos pagãos». A insalubridade da atmosphaera produzia bastantes doenças entre os Arabes; todos os da expedição, comtudo, conservavam a sua saude.

Foi em Vuana-Mbeza que nos separámos de Buana Shokka e dos seus tresentos companheiros, que deviam fazer oito ou dez marchas para o nordeste, em direcção ao paiz de Tata. Suspeito que a palavra «Tata» não é



nome proprio, mas que significa simplesmente «para o interior.»

No dia 15 tendo caminhado seis milhas e meia, chegámos a Vuane-Kirumbu. D'esta aldeia, que era construida como as precedentes, no cume d'uma collina, tive occasião de gosar o mais amplo panorama da floresta desde que nos embrenharamos n'ella. Para o norte e nordeste não se via mais do que um conjuncto de collinas arborizadas, separando valles estreitos e profundos cheios de arvores. O panorama era comtudo sinistro e desanimador.

Esta marcha, apesar da sua pouca duração, tinha sido fertil em incidentes. A constante lama que pisávamos, resultado da agua que cahia das arvores, tinha estragado as minhas botas de fórma que tive de ir descalço metade do caminho. Foi necessário tirar da caixa outro par de sapatos que era o ultimo. Frank já trazia em uso o ultimo par e nós estávamos ainda no meio da nossa viagem. O que havemos de fazer quando este par se inutilisar? era a pergunta que fazíamos um ao outro repetidas vezes.

N'esta occasião as phisionomias dos Arabes, Vutanguana, Vuanyamuezi e dos que compunham a escolta, davam lugar a um curioso estudo. A coragem ia-os abandonando á medida que nos entranhávamos n'esta medonha floresta. Vimos uma python (serpente de dez pés de extensão), uma vibora verde, um grupo de macacos pretos com colleiras brancas, macacos mais pequenos e pardos e grandes bugíós gritadores. Ouvimos a voz do soko ou chimpanzé, e vimos o ninho d'um d'estes grandes macacos, collocado na bifurcação dos ramos d'um bom-bace muito alto. Tambem encontrámos um lemur, e os gritos rudes e penetrantes d'este animal echoam toda a noite.

No chão vimos alguns myriapodes, pretos e cinzentos de seis pollegadas de extensão, grande numero de es-

caravelhos, e legiões da formiga escura, chamadas *agua fervente*, obrigavam-nos a examinar com attenção o local por onde passávamos.

Para se avaliarem as difficuldades da viagem em semelhante local, basta dizer que os vinte e quatro homens portadores das secções do barco levaram um dia inteiro para fazer esta viagem de seis milhas, e ficaram de tal modo exhaustos, que foi necessario dar-lhes um dia de descanso em Vuane Kirumbu.

A densa arborisação que, á sombra dos gigantes da floresta, preenchia todo o espaço, era um milagre de vegetação. Compunha-se de fetos, arbustos cortantes, canaviaes, orchideas misturadas com cipós, *ficus elastica* da grossura d'uma corda, acacias, tamareiras, parras, palmeiras de diferentes especies: *raphia vinifera*, elais, e outras diferentes especies: emmaranhado recinto, onde todas as plantas disputam entre si cada pollegada de terreno e onde crescem com um vigor que sómente pôde produzir esta prodigiosa estufa. Temos, é verdade, visto algumas florestas no decurso da nossa viagem, esta porém ha de ficar memoravel durante a nossa vida — pelos trabalhos que n'ella passámos. Tudo fazia augmentar as nossas desventuras, a escuridão que nos cercava, a penetrante humidade, a insalubridade da atmosphaera, a monotonia d'estes logares; sempre os ramos entrelaçados, os macissos de folhagem, sempre os altos cumes das arvores, crescendo pelo meio d'uns canaviaes eternos, precisando, para atravessar, servirmo-nos das mãos e dos joelhos.

Cerca das nove horas da manhã chegaram Tippu-Tib e os Arabes ao meu acampamento de Vuane-Kirumbu. Em seguida a um extenso priambulo, em que foram descriptos os perigos da viagem, Tippu-Tib mostrou desejos de que o nosso contracto fosse annullado.

Imaginei que o momento critico chegara. A viagem terminaria aqui? Fiz-lhe ver, com os argumentos mais fortes, a obrigação de substituir os expedicionarios que



faltavam, deliberação tomada depois de madura reflexão.

«Ter duas palavras, replicou Tippu-Tib, não serve de cousa alguma; é preciso fallar francamente. Tomai as cousas no sentido que quizerdes, porém, da maneira porque caminhamos, nem d'aqui a um anno teremos concluído as sessenta marchas, sendo preciso igual tempo para regressar. Nunca vi esta floresta e nunca imaginei que ella existisse no mundo. A atmospherá que aqui se respira mata os meus homens. Matará os vossos, se continuardes assim; os seus murmurios crescem de dia para dia. Estes bosques não se fizeram senão para os pagãos, macacos e animaes ferozes. Não posso continuar a viagem.»

«D'este modo quer então Tippu-Tib voltar para traz, faltar á sua palavra, a uma promessa sagrada? O que dirão os Arabes de Nyangué, Muana Mamba e Kasongo quando souberem que Tippu-Tib, o primeiro Arabe que penetrou em Rua, abandonou o seu amigo no fim d'alguns dias, tendo-lhe promettido que o acompanharia durante trez mezes?»

«Dai-me uma outra qualquer obrigação, que eu a farei.

«Pois bem, attentae no que vou dizer, Tippu-Tib. Na margem occidental do rio, o paiz não é tão arborizado, e o caminho que tomou Mtagamoyo para chegar á margem do Lumami foi o d'este lado. Comtudo, se a floresta é n'um sitio menos espesso, em compensação, segundo o que ouvi dizer, os habitantes são peiores do que os d'aqui. Porém, nós não somos Mtagamoyo e é possível que elles se mostrem mais benevolos para conosco. Experimentemos a outra margem.

«Agora, Tippu-Tib, vou fazer-vos duas propostas; uma d'ellas é acompanhar-me até ao rio, esperar que toda a minha gente o atravesse, recebendo por isto quinhentos dollars, ou fazer commigo vinte marchas pela margem esquerda, dando-vos dois mil e seiscentos dollars.

Depois d'isto, se virdes que o caminho é bom, farei um novo contracto comvosco, que durará até ao dia em que fôr demonstrado que não se póde ir mais para diante. Os vossos homens receberão viveres para toda a viagem até regressarem a Nyangué.»

Durante duas horas estive eu mostrando-lhe a conveniencia da sua annuencia. Finalmente, quando eu, falto já de forças, ia renunciar a convencer Tippu-Tib, disse-me este que acceitava a segunda proposta, acompanhando-me durante vinte marchas a partir do acampamento onde estavamos. Isto foi para mim uma felicidade; porque se Tippu-Tib voltasse para Nyangué, estando ainda tão proximo d'este logar e no estado de desmoralisação em que estavam os meus homens, seria isto infallivelmente causa da destruição de todas as minhas esperanças.

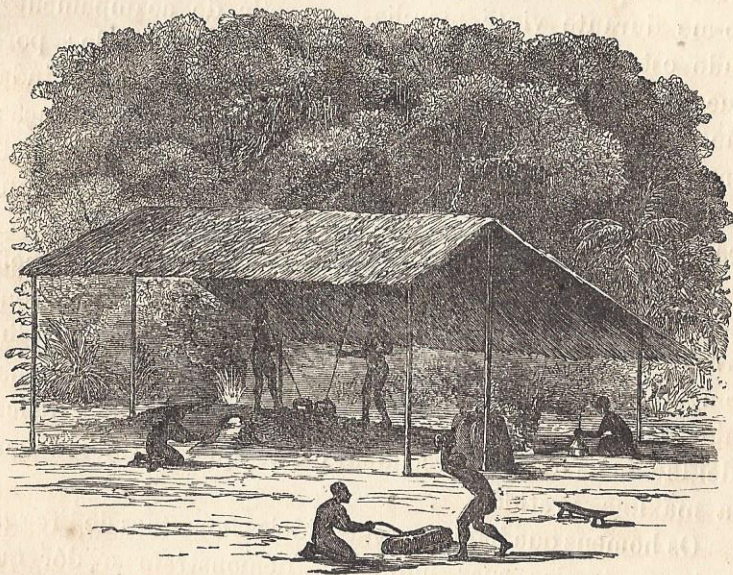
Os habitantes de Uregga não são generosos. O chefe de Vuane-Kirumbu foi o primeiro que me presenteou. Trouxe-me um frangão e algumas bananas, e offereci-lhe em troca, cinco busios que elle acceitou sem dizer cousa alguma. Admirado d'esta moderação, tão rara em Africa, dei-lhe mais dez, offerecimento este que agradeceu com a maxima gratidão.

Os homens que habitam estas aldeias florestaes de Uregga, pela morte das suas mulheres, demonstram a dôr que os opprime por esta perda, collocando na cara uma espessa camada de massa feita com carvão em pó, e que conservam durante cinco annos do seu *calendario* equivalendo a dois e meio dos nossos. As viuvas usam do mesmo systema para o luto dos seus maridos, accrescentando ainda o cobrirem a cabeça com uma porção de folhas seccas de bananeira. Nos districtos de Uzimba e Manyema, situados ao norte do Luama, o luto dura apenas dois annos do paiz, isto é, um dos nossos.

Em Vuane-Kirumbu vimos uma forja indigena, onde trabalhavam cerca de uma duzia de homens. O ferro que



se empregava era muito puro e com elle se fabricavam os grandes ferros para as lanças de Uregga meridional, facas de todas as dimensões, desde a pequena faca de uma pollegada e meia de extensão, até ao pesado cutello em forma de gladio romano. Os folles, em numero de quatro e com dois cabos, são manobrados cada um por um homem o qual, fazendo movimentos rapidos para baixo e para cima, produz uma corrente de ar que se



Uma forja de Vuana Kirumbu, Uregga

faz ouvir á distancia de oitocentas jardas. A fornalha onde o minerio é fundido, consiste n'um pedaço de argila de quatro pés de altura, onde se abre uma cavidade de dois pés de diametro. Na base do pedaço d'argila, ha uma grande abertura que communica para a parte superior: é ahi que deitam o metal. Fazem tambem quatro buracos na base do monticulo de argila e é ahi que adoptam os tubos de barro em fórma de funil, aos quaes applicam os folles. Ao lado da forja

estão empilhados alguns saccos de carvão e dois rapazes conservam o fogo em perfeita actividade. Proximo da undição, está outra forja mais pequena, onde o metal é adaptado para objectos mais pequenos: martellos, machados, ferros de lanças, facas, sabres, arame, ballas ponteagudas, aneis para os braços e pernas, aneis mais pequenos para collares, etc.

A arte de ferreiro é muito apreciada n'estas florestas onde, em consequencia do seu isolamento, as aldeias são obrigadas a fazerem tudo. Cada geração aprende por sua vez os processos tradicionaes, que são numerosos e mostram que o proprio homem das solidões, é um animal progressivo e perfectivel.

No dia 17 de novembro atravessámos varias cordilheiras e collinas que separavam alguns despenhadeiros terriveis os quaes, affastando-se dos regatos de agua limpada, se dirigem para oeste, e em seguida a uma jornada de onze milhas, sempre sob as arvores que faziam cahir sobre nós grandes gottas d'agua, chegámos a Kampunzu, no districto de Uvinza, onde habitam os verdadeiros indigenas da floresta.

Esta aldeia é formada por uma grande rua de quinhentas jardas de extensão por trinta de largo, orlada d'uma fileira de casas baixas, symetricas e juntas, de tecto ponteagudo. Varias aldeias d'aquellas proximidades são construidas da mesma forma.

A cousa mais singular que aqui vi, foram duas fileiras de craneos, collocados a dez pés uns dos outros em todo o comprimento da aldeia. São de côr clara e acham-se espetados no solo de fórma que mostram o «hemispherio cerebral» e o seu numero elevava-se a cento oitenta e seis. Metade pelo menos tinham signaes de golpes de machado. Muitos d'elles tinham os lobulos posteriores muito salientes, outros os ossos da fronte e os parietaes muito baixos e reintrantes; comtudo as suturas e o aspecto da maior parte d'elles fizeram-me suppor que pertencessem á



raça humana e por isso perguntei com uma certa indiferença aos Arabes e aos meus chefes de quem eram aquelles craneos.

«Cabeças de sokos (chimpanzés), responderam-me.

«Da floresta?

«Sem duvida.

«Vão-me buscar immediatamente o chefe de Kampunzu, exclamei eu».

A resposta dos Arabes interessava-me immenso, em rasão dos factos extraordinarios que me haviam narrado Livingstone e os indigenas de Manyema, a respeito do soko.

O chefe, homem de estatura elevada, robusto e tendo approximadamente trinta e cinco annos, apresentou-se e perguntei-lhe:

«Meu amigo, dissei-me que objetos são estes que ornaram a rua da vossa aldeia?

«Nyama, (carne), respondeu elle.

«Nyama! E d'onde veio?

«Da floresta.

«Da floresta? E de que especie é esta nyama da floresta?

«O animal é da estatura d'este rapaz, e apontava para o que me conduzia a espingarda, e que tinha quatro pés e dez pollegadas d'altura (1<sup>m</sup>,46). Parece um homem a andar e apoia-se n'um pau, com o qual bate nas arvores da floresta e faz um ruido horrivel. O nyama come as nossas bananas e por isso caçamol-o, matamol-o e comemol-o.

«Tem bom gosto? perguntei eu.

«Muito bom, respondeu elle sorrindo-se.

«E comel-o-hieis agora, se tivesses algum?

«Com certeza, poderá alguém recusar-se a comer carne?

«Muito bem! aqui estão vinte enfiadas de contas. Reuna a sua gente e se me trouxer um nyama morto

ou vivo dar-vos-hei os cem busios; além d'isso podereis comer a carne d'elle, que eu unicamente quero a pelle e a cabeça.»

O chefe de Kampunzu antes de partir para a caça trouxe-me um pedaço d'um d'estes grandes macacos, provavelmente do lado das costas. O pello, da extensão d'uma pollegada, era cinzento em parte esbranquiçado. Uma linha mais escura indicava a espinha dorsal. O chefe affiançou-me que isto era uma porção de pelle d'um soko. Mostrou-me tambem um bonet feito da mesma pelle, o qual lhe comprei.

De tarde voltou o chefe sem ter conseguido cousa alguma. Pediu-me para me demorar alguns dias afim de lhe dar tempo para armar os laços, porque os sokos durante a noite nunca deixam de vir ás bananas. Não podendo esperar tanto tempo, limitei-me a comprar-lhe dois craneos, um d'um macho, outro d'uma femea. (\*)

Em Kampunzu encontrei os bancos feitos d'um só pedaço da rubiaceæ de que já aqui fallei; vi tambem

(\*) Depois de regressar a Inglaterra foram apresentados ao professor Huxley, ácerca dos quaes deu a seguinte opinião:

«Os dois craneos submettidos ao meu exame, um pertencia a um homem, que teria approximadamente trinta annos; o segundo pertencia a uma mulher com mais de cincoenta annos.

«O craneo do homem apresenta todos os caracteres peculiares ao typo negro, comprehendendo um grão de prognatismo muito distincto, mas não anormal. O da mulher apenas apresenta de particular o ter a fossa nasal anterior de uma largura pouco commum, em proporção com a altura d'ella, o que indicaria uma deslocação das narinas e um achatamento do nariz um pouco mais pronunciado que de ordinario.

«Nos dois craneos o indice cephalico é de 75. N'elles nada faz suppor que o homem e a mulher a quem pertenceram, differissem sensivelmente do typo africano ordinario.»

Por conseguinte o professor Huxley provou-me que os habitantes de Kampunzu eram cannibaes, porque, pelo menos, metade dos craneos que eu vira na sua aldeia, tinham o signal d'uma machadada, vibrada quando a victima ainda estava viva.

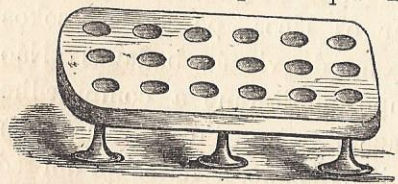


alguns taboleiros de gamão, e tamboretas admiravelmente esculpidos, com as bordas enfeitadas com botões de cobre e dentes de soko.

O cobre abundava no paiz dos Vuavinza.

Estes guarnecem com elle os cabos das lanças, das facas e as bengalas, fazem com o mesmo metal braceletes, anneis para as pernas, collares e pequenas bollas que atam nos cabellos.

Além das lanças curtas e de laminas muito largas, os Vuavinza usam arcos de pequenas dimensões, porém muito solidos, cujas cordas são formadas de correias de canna. As flechas feitas de canna, tem apenas um pé de extensão, e a ponta que nunca é de ferro, está em-  
pregnada d'um veneno vegetal. O manejo d'estas armas demanda uma certa pericia, os archeiros vuanyamuezi não con-  
seguem arremessar-as a



O jogo do gamão

maior distancia do que cincoenta ou sessenta jardas; um homem da aldeia, zombando da sua pouca destreza, arremessou uma á distancia de duzentas jardas (182 metros). Os indigenas pretendem que a menor picada feita com uma d'estas flechas é o bastante para matar mesmo um elephante, e que é por este meio que elles fornecem o marfim a Molembalemba (Degumbi de Nyangué).

A troca de sangue era considerada como uma garantia de paz, e por isso Frank Pocock e o chefe procederam a esta prova de amizade.

Um caminho que partia d'esta aldeia conduziu-nos a Meginnia e Miango, proximo do rio Urindi, no lado do sul do qual, dizem os Arabes, ha abundancia de carvão, negro e brilhante. Outra estrada levou-me em direcção ao nordeste até Kirari e Makongo; a primeira d'estas aldeias fica a quatro horas de marcha e a segunda a sete horas de Kampunzu. Os indigenas tambem nos

disseram que a dois mezes de marcha, em direcção a um sitio que elles designavam para éste-nordeste (magnético) ficava um paiz descoberto, riquissimo em gado grosso.

As mulheres de Uregga tem por vestuario apenas um avental de cortiça ou feito das fibras das arvores, de quatro pollegadas quadradas, atado por pedaços de ramos de palmeira. Os homens trazem na frente e por detraz pelles de gato ou de macaco, com a cauda suspensa. É possivel que fosse por effeito d'um rapido olhar lançado a um d'estes indigenas na occasião de desaparecer no centro dos bosques, que os viajantes indigenas da região dos lagos suppozessem, que tinham visto «homens com cauda.»

As figueiras de que os indigenas de Uganda, Unyamuezi, Ukonongo, Goma e Uregga tiram as fibras para tecer os fatos, indicam a antiguidade dos estabelecimentos onde se acham, e podem considerar-se como monumentos historicos das tribus que as plantaram. Se uma figueira produz fazenda com o diametro de dois pés póde considerar-se como um antigo monumento. A que tem o diametro de dez pollegadas deve-se calcular que nasceu ha um seculo; uma de seis pollegadas tem mais de quarenta annos. A arvore mais antiga d'esta especie que vi em Uregga meridional não teria mais de oitenta annos.

No dia 19 de novembro, depois de uma marcha de cinco milhas atravez da floresta do lado occidental de Kampunzu chegámos a Lualaba, na latitude sul de 3.º35', e distante de Nyangué justamente quarenta e uma milhas geographicas. Uma observação feita cerca do meio dia mostrou uma longitude de 25º49' a éste do meridiano de Greenwich. A denominação de Lualaba termina aqui. D'ora avante darei ao rio o nome de Livingstone.

Conforme já disse, encontrámos, estando apenas a vinte milhas do rio, muitos indigenas que nunca o tinham visto, mas ouvido fallar n'elle sob o nome de



Lu-al-ou-ua. Se Livingstone não tivesse dado ao rio que passa em frente de Nyangué o nome de Lualaba eu nunca lh'o teria dado senão para dizer que é uma corrupção feita pelos Vuaguha da palavra Vuénya Lu-al-ou-ua; porém como o rio muda de nome em seguida a cada affluente que recebe, seria inutil deligenciar reter na memoria tantos nomes.

Em frente de Kampunzu o Livingstone tinha, d'uma a outra margem, uma largura de mil e duzentas jardas. Como não havia nenhuma aldeia a menos distancia que uma milha da margem direita, occupámo-nos em construir o nosso acampamento. A minha cabana foi construida n'um terreno relevoso distante dez passos do rio, Tippu-Tib e os seus Arabes estabeleceram-se no matto, enquanto que os quinhentos homens da caravana preparavam o local para as suas habitações, desembaraçando o terreno em redor do desembarcadouro.

Emquanto estavam occupados na conclusão da minha cabana, mandei collocar uma esteira, proximo da margem, n'um sitio coberto de relva baixa, tão suave como a relva ingleza, para cortar algumas cannas que me interceptavam a vista do rio.

Por detraz do acampamento, Frank os seus companheiros, e o chefe dos Vuanguana, preparavam o *Lady-Alice*. Emquanto isto se passava, reflectia e fazia a mim mesmo uma infinidade de perguntas. Como se havia de fazer para se atravessar para o outro lado uma quantidade de gente tão numerosa? Que occasião deveria escolher para executar esta passagem? Como havíamos nós estabelecer relações com as tribus guerreiros da margem esquerda? Que futuro nos estaria reservado? No caso de resistencia, o que deveríamos fazer?

Na margem opposta, delineava-se a linha sombria de uma floresta semelhante á que acabamos de atravessar. Atravez d'estas duas linhas escuras, o Livingstone largo e profundo, deslisava com indiscriptivel magestade

as suas silenciosas aguas em direcção a um ponto desconhecido, objecto de todas as minhas aspirações.

«Descendo para o desconhecido! para o paiz envolvido em nuvens, para o paiz das fabulas e do mysterio, talvez as suas aguas escuras nos conduzam ao paiz dos anthropoides, dos pygmeus ou dos homens de que fallava Rumanika e que se cobriam com as orelhas. Talvez que, nas centenas de leguas que elle atravessa, este rio banhe terras povoadas por numerosas tribus, absolutamente ignorados dos outros continentes. Talvez que o temivel Macoco, citado por Bartholomeu Dias, Cada-Mosto e Dapper tenha um herdeiro do seu antigo reino, rodeado d'uma barbara magnificencia! Sem duvida, pensava eu, alguma cousa de extraordinario existe na vasta extensão que separa Nyangué do limite extremo de Tuckey, e que existe em branco nos nossos mappas!

«Procurei uma estrada para poder conhecer estes pontos. Tinhamos luctado energicamente contra a terrivel floresta, luctado tenazmente na sombra. A coragem dos que me acompanhavam ia-se extinguindo. Diligenciei encontrar um caminho. Mas, porque não será este grande rio, via luminosa que atravessa o desconhecido, a estrada que eu procuro? Em redor de nós havia material sufficiente para construir milhares de canoas. Porque razão não as construirei eu?»

Levantei-me repentinamente e mandei rufar o tambor. Toda a gente se apresentou á chamada, sendo Frank e os chefes os primeiros, e seguindo-se-lhe os Arabes e a sua escolta. Fiquei rodeado d'uma massa compacta de semblantes attentos. Voltando-me para a multidão exclamei:

«Arabes, filhos de Unyamuezi e de Zanzibar, escutai as minhas palavras! Atravessámos já o Mitamba de Uregga. Experimentámos os trabalhos d'esta viagem e ficámos anniquilados. Pedis-me um caminho por onde a viagem seja facil, eu procuro uma estrada que nos con-



duza ao mar. Pois bem, já encontrei uma e outra cousa.

«Ah! Ah! murmúrios de satisfação e olhares interrogadores.

«Sim! *El hamd ul Illah*. Encontrei-o! Olhai para este immenso rio. Desde o começo do mundo que elle corre da forma porque o vedes hoje, no silencio e na sombra. Para onde se dirige? Para o mar salgado, onde se dirigem todos os rios! Para o mar onde navegam os grandes navios que são tripulados pelos meus amigos e pelos vossos. Será verdade isto?

«Sim, sim, gritaram todos.

«Comtudo, meus amigos, este rio tão grande, tão largo e tão profundo nunca foi percorrido por pessoa alguma, desde o logar onde estamos até á costa onde habitam os brancos. E porque? Porque nos estava reservado fazel-o.

«Não, não, não, exclamaram, movendo a cabeça desanimados.

«Sim, repliquei eu elevando a voz; será este o nosso destino. Será este o nosso trabalho. Deus escreveu: este rio será conhecido este anno em toda a sua extensão! Não haverá mais florestas, nem soffrimentos, nem marchas difficeis, nem trevas; hoje ponho a nado o meu barco, e não abandonarei o rio sem que a minha obra esteja completa, eu vol-o affianço.

«Agora, Vuanguana, vós que me acompanhastes no Turu, e que tomastes parte na circumnavegação dos grandes lagos; vós que me tendes seguido atravez do Unyoro até Ujiji, como os filhos seguem os paes, e depois até aqui, abandonar-me-heis agora? Deixar-me-heis partir só com o meu irmão? Ireis dizer aos meus amigos de Zanzibar que me deixastes n'esta terra selvagem encaminhando-me para uma morte certa? Ou então todos vós para quem eu tenho sido bom, que vos tenho amado como o pae ama os seus filhos, amarrar-me-heis para levar á força?

«Arabes, fallae. Dizei-me onde estão os meus homens, os valentes com o coração de leão! Fallae Vuanguana, mostrai-me os que desejam seguir-me!

Uledi, o patrão da canôa, lançou-se de repente a meus pés e abraçando-me os joelhos, disse:

«Senhor, olhae para mim, eu sou um d'aquelles, seguir-vos-hei até á morte.

«E eu tambem, exclamou Kachéché, e com elle todos os que compunham a tripulação do barco.

«Muito bem. Eu sabia perfeitamente que tinha amigos. Os que desejam acompanhar-me passem todos para um lado, a fim de que eu possa contal-os.

Passaram trinta e oito! Noventa e cinco não fizeram movimento algum.

«Tenho bastantes, disse eu, mesmo comvosco, meus amigos, alcançarei o mar. Resta-nos algum tempo para pensar n'isto. Ainda não fizemos as canôas, nem nos separámos dos Arabes, falta para a conclusa do contracto fazer uma extensa marcha. É possível que nós encontraremos no caminho alguém que nos venda algumas canôas. E quando nos prepararmos para descer o rio, tenho a certeza de que os noventa e cinco homens que hoje temem a viagem, não deixarão os seus amigos, o seu senhor e o seu irmão percorrer só o rio. Entretanto, dou-vos os meus agradecimentos e não me esquecerei dos vossos nomes.

A reunião dispersou-se e cada um continuou o seu trabalho. Tippu-Tib, Sheik Abdallah e Muini Ibrahim vieram sentar-se ao pé de mim e entabolaram conversação com o fim de me persuadir a ser menos temerario e fazer-me renunciar ao projecto de descer o rio. Pela minha parte pedi-lhes que não fallassem como crianças e sobretudo, quaesquer que fossem as suas ideias, que não demonstrassem os seus receios aos Vuanguana; pedi-lhes, pelo contrario, que os animassem a cumprir os seus contractos e a partilhar comigo dos perigos da jornada, por-



que a responsabilidade era só minha, bem como a maior parte do perigo. Accrescentei que conhecia todos os deveres d'um chefe de expedição, e que não esqueceria nenhuma das precauções que podessem garantir a segurança da minha gente e a minha.

Em resposta, fallaram-me de cataractas, cannibae e tribus guerreiras, e, depreciando os Vuanguana, aos quaes não reconheciam coragem, fidelidade, nem gratidão, vaticinaram que o final seria a morte de todos.

«Nem mais uma palavra, disse eu a Tippu-Tib. Vós que não tendes viajado senão com escravos não tivestes ainda occasião de saber que ha alguma cousa de apreciavel no coração de cada creatura humana. Nem todos os homens são tão máus como dizeis. Deus é bom e fez o homem á sua imagem. Tenho estudado os que me acompanham e conheço o seu character e as suas aptidões. Deligenciarei fazel-os melhores, e o unico meio de o conseguir é mostrar-me benevolo para com elles, porque o bem produz o bem. Se sois meu amigo e se esperaes receber de mim alguma somma de dinheiro, não falleis mais n'isto. Não pronuncieis uma só palavra que possa assustar a minha gente, e, no momento da nossa separação, não tereis que vos arrepender d'isso. Para vós, para todos aquelles que se mostrarem meus amigos, ficarei sendo o branco de mão aberta, de contrario, serei *Kipara-moto* (aquelle que não dá nada).

Emquanto eu fallava, uma pequena canôa tripulada por dois homens, approximou-se vindo da margem opposta. Mandeí chamar nm dos interpretes e disse-lhe que pedisse, com bons modos, a estes homens que nos trouxessem algumas canôas para atravessar o rio.

«Ndugu O ndugu (irmão, ó irmão) exclamou o interprete, somos amigos e desejamos atravessar o rio. Trazei-nos as vossas canôas e passai-nos para a outra margem, porque dar-vos-hemos muitas contas e busios.

«Quem sois vós?

«Somos Vuarunguana (Vuanguana).

«D'onde vindes?

«De Nyangué.

«Ah! sois Vuasambye! (incircumcisos).

«Não; temos por chefe um branco, que é muito bom.

«Se elle encher a minha canôa de buzios, irei dizer aos Vuenya que desejaes passar o rio.

«Não podemos dar tanto; tereis seis buzios para cada homem.

«Queremos mil para cada homem, sem isso não vos deixaremos passar.

«Ah! Ndugu, isso é na verdade muito; vamos, dar-vos-hemos vinte buzios a cada um.

«Nem mesmo por dez mil. Não queremos que atravessassem o rio. Ide-vos Vuasambye, sois maus. São todos maus. Ide-vos, a agua é profunda e não tendes azas. Ide-vos Vuasambye, ide-vos!

E depois de proferirem estas palavras entoaram do outro lado o canto mais selvagem, a nota mais estranha que temos ouvido desde que aqui estou: Ooh-hu, ooh-hu-hu-hu! repetida por centenaes de vozes.

«É o grito de guerra, Buana, disse o interprete.

«Estaes louco! Que motivo de guerra ha?

«Estes indigenas não teem necessidade de motivo, são verdadeiros animaes selvagens.

«Antes de duas horas, provar-vos-hei que vos tendes enganado.»

N'esta occasião acabára de almoçar e a appareição do *Lady Alice* na agua, foi motivo para ruidosas acclamações.

A tripulação, tendo Uledi por patrão, estava a postos; Tippu-Tib Cheik, Abdallah o nosso guia Buana Abed, Muini Ibrahim e Muini Jumah dois interpretes e eu entrámos para o barco. Percorremos o rio durante meia hora, o que fez com que conseguissemos chegar a uma ilha situada no meio da corrente. Auxiliado pelo meu



oculo, examinei a margem opposta que, vista do nosso acampamento, parecia coberta d'uma espessa floresta. Vi então que havia ali cerca de trinta canôas amarradas, e distingui varias casas por entre as arvores.

A margem estava apinhada de grande numero de habitantes que observavam todos os nossos movimentos.

Tornámos a entrar no barço e depois de tomarmos a direcção da margem esquerda, deixámo-nos ir á mercê da corrente, emquanto dava aos interpretes as convenientes instrucções.

Assim que chegámos ao alcance da voz, um d'elles, dirigindo a palavra aos indigenas disse-lhes que examinassem o branco que vinha visital-os, que este homem desejava ser seu amigo, que lhes daria muitos buzios e que não se apoderaria d'uma banana, d'uma folha ou d'uma haste qualquer sem que primeiro pagasse.

Os indigenas olharam para mim com curiosidade e consultaram-se; em seguida responderam que não seriam hostis para conosco se consentissemos na troca de sangue, e que para este fim o chefe branco acompanhado de dez homens devia apresentar-se no dia seguinte na ilha onde se lhe reuniria o chefe dos Vuenya acompanhado de dez dos seus subditos e que depois da cerimonia todas as canôas iriam buscar a minha gente para a transportar á margem opposta.

Depois de lhes agradecermos voltámos para o acampamento, satisfeitos pelo excellente resultado. Comtudo, ás quatro horas da manhã, o *Lady Alice* conduziu para a ilha Kachéché acompanhado de vinte homens, com ordem de se occultar atraz dos arbustos, e voltando para o acampamento ás sete horas mandei para a ilha, Frank acompanhado de dez homens. Era com este que se devia fazer a troca de sangue. Depois de regressar o barco, metti-me n'elle e fiz-me conduzir a um logar proximo da ilha, afim de que, em caso de traição, pudesse apparecer promptamente.

Proximo das nove horas seis canôas cheias de indigenas dirigiram-se para o logar ajustado. Auxiliado pelo meu ocular espiava todos os seus movimentos com uma anciedade facil de comprehender. Ao ver que outras canôas partiam da margem em direcção á ilha, pensei comigo que era uma felicidade Frank ter ali proximo uma reserva que em caso de perigo o poderia auxiliar.

Poucos minutos depois das canôas terem chegado á ilha, notei, na sua aldeia, grande agitação e no mesmo instante o grito estranho da vespera fez-se ouvir. Aos gritos, juntavam-se os gestos de grande animação. Mandei remar para a ilha; os indigenas ao verem-nos approximar, correram para os barcos e alcançaram immediatamente a margem.

«O que aconteceu Frank? perguntei-lhe eu.

«Ah! senhor, nunca na minha vida vi homens tão vís. Ao principio portaram-se perfeitamente, porém, quando as ultimas canôas chegaram, mudaram completamente. Cercaram-nos e metade d'elles ficaram nos barcos; os que estavam na ilha começaram a injuriar-nos ao mesmo tempo que brandiam as lanças de tal modo que se não tivéssemos ao alcance as nossas espingardas, seríamos massacrados emquanto esperavamos tranquillamente que a cerimonia começasse. Porem Kachéché vendo os gestos que faziam e a attitude que tomavam, saiu do matto com os seus homens, o que sendo observado pelos indigenas, viram-se obrigados a refugiarem-se nas canôas e estavam preparando-se para nos arremessarem as lanças quando chegasteis.»

«Bem, não está nada perdido. Ficai aqui, emquanto vou conduzir Kachéché á margem esquerda, para ahi construirmos um acampamento, se não passarmos hoje o rio, amanhã de manhã metade da nossa gente morrerá de fome.»

Depois de Kachéché ter entrado para o barco, encaminhámo-nos para um logar da floresta acima da aldeia



dos indigenas, e acompanhados de trinta homens armados, procedemos á construcção d'um pequeno acampamento que podia servir-nos de ponto d'apoio, até ao momento em que podessemos transportar a expedição.

Em seguida fomos collocar-nos em frente da aldeia e auxiliados pelo interprete dissemos aos indigenas que, visto termos já desembarcado trinta homens no seu paiz, era melhor auxiliar-nos a passar os restantes, serviço que lhe seria bem remunerado. Ao mesmo tempo atirei-lhe com um pequeno sacco contendo contas. Alguns momentos depois, meia duzia de canôas tripuladas cada uma por dois homens, acompanhavam-nos ao acampamento. N'estas seis canôas e no *Lady Alice* foram immediatamente transportados para a margem opposta oitenta dos nossos. Animados por este exemplo, apresentaram-se outras canôas, e, de tarde, toda a expedição acampava alegremente nas aldeias dos Vuenya.

## CAPITULO XII

«Mama, os Vuasambyé — Combate no Ruiki — Perdidos e achados — Perigosa desobediencia — No ponto fixo — Um prisioneiro — Encantos da musica — Nas solidões da natureza — Uma cidade composta de uma só rua — Aldeias abandonadas — Organização d'um hospital — Uma ilha devastada pelo raio — «Indigenas com os dentes limados» — Fabricação primitiva do sal — Captura de refens — Situação critica — Chuveiro de flechas — «Bo-bo, bo-bo, bo-bo-o-o-oh» — Combate desesperado e reforço opportuno — Canôas fóra do rumo — Tippu-Tib abandona-me — Appello aos filhos do mar — O natal no meio dos cannibaes — «Victoria ou morte».

Tencionavamos passar o dia seguinte na troca dos presentes com os indigenas e a vencer a sua selvageria por meio de grandes liberalidades. Porém, quando na manhã seguinte fomos procurar os habitantes de Vuenya, tinham desaparecido todos!

Havia n'aquellas arredores numerosas aldeias occultas no meio da grande variedade de arvores que nos cercavam, estavam porém todas desertas! Todas as ruas d'estas aldeias tinham de cada lado as competentes fileiras de craneos esbranquiçados pertencentes a pessoas mortas e comidas por elles, e havia uma especie de decoração semelhante a rochedos tirada da mesma procedencia.

As canôas estavam amarradas no caes, as bananas pendiam das arvores respectivas, os fructos vermelhos das élais balouçavam-se por cima das nossas cabeças;



porém os nossos homens tinham ordem de não tocar em cousa alguma; sob pena do mais severo castigo.

Era indispensavel que as nossas primeiras relações com a tribu de Vuenya fossem o mais cordiaes possível. Por consequencia parámos aqui, e mandei alguns homens com buzios dar uma volta pelos arredores para nos comprarem provisões. Unicamente Kachéché e Murabo, um dos remadores do *Lady Alice*, descobriram uma aldeia habitada, porém apenas foram vistos, fugiram a toda a pressa para o acampamento.

Sem tocar em cousa alguma, abandonámos esta primeira aldeia de Vuenya. O bote desceu o rio com trinta e tres pessoas a bordo, e conforme se havia combinado, Frank, Tippu-Tib e toda a expedição seguiam pela margem. Não devíamos parar senão ao chegar a qualquer sitio onde podessemos comprar viveres.

Da maior parte das aldeias pela frente das quaes passavamos, partia o estranho grito de guerra «Ooh-hu-hu-Ooh-hu-hu!» e os habitantes fugiam para os bosques, deixando todas as cousas que possuíam, nos seus logares, com o fim de nos tentar; qualquer dos nossos que se lembrasse de levar uma cabra ou um dos seus porcos pretos, seria o bastante para todos se arremessarem immediatamente contra nós. Comtudo não caímos no laço que nos armaram, e continuámos tranquillamente a descer a margem.

Atravessámos primeiramente uma floresta deshabitada, do comprimento talvez de tres milhas, em seguida vimos na nossa frente uma plantação de bananeiras. Os tectos das casas — ponteagudos — viam-se perfeitamente; porém o nosso barco não foi visto senão na occasião em que estava distante cem jardas de uma grande aldeia. N'esta occasião um rapaz, que descia a margem para ir buscar agua, levantando a cabeça e vendo-nos proximo de terra, começou a gritar: «Mama, os Vuasambye! os Vusambye que chegam!»

Ouvindo este terrivel nome — sem duvida por causa de Mtagamoyo e dos seus Vuanymuezi — os habitantes que, segundo parecia, estavam n'um mercado, tomaram a fuga gritando as mulheres: «Vuasambye! Vuasambye!» e desapareceram no matto, onde os arbustos agitados violentamente, como por um bando de bufalos perseguidos pelas moscas, testemunharam o panico que se havia apoderado da multidão.

Passámos proximo de outras quatro aldeias, porém, a todas as nossas propostas os habitantes apenas mostravam a cabeça gritando: Ooh-hu-hu! Ooh-hu-hu!

As tres horas chegámos ao rio Ruiki, que, na sua embocadura, tem talvez cem jardas de largo, e uma corrente d'agua escura e preguiçosa, com um leito de doze pés de profundidade, termo medio. Como a expedição não podia passar este rio sem o auxilio da canôa parámos n'um local situado entre a margem direita do Ruiki e a margem esquerda do Livingstone, na longitude 25°33' este e 3°26' latitude meridional.

Aguardando a chegada dos que vinham por terra empregámos o dia 23 de novembro a construir um boma (campo fortificado). Emquanto trabalhavamos vimos muitas pessoas na aldeia do chefe Kasongo, do outro lado do rio; mas não se dignaram responder-nos, não obstante os esforços que os nossos interpretes fizeram para os obrigar a entabolar conversação. Eramos trinta e seis, contando comigo, e não possuímos senão algumas bananas compradas em Kampunzu. Antes de obter alguma cousa dos indigenas era necessario entrar em convivencia com elles de qualquer modo. Porém elles, por um motivo ou por outro, persistiam na mais plena desconfiança.

No dia 24 de manhã não tendo ainda noticias da caravana, metti-me n'um barco com a tripulação e subimos o Ruiki na distancia de algumas milhas, esperando encontrar-os acampados na margem, á nossa espera. O curso



do rio, ainda que muito tortuoso, era do sudoeste para o nordeste. Algumas milhas acima da embocadura estava á superficie coberto d'árvores, tornando-se mais sinuoso, estreito e rapido, e tomando uma côr escura devida a uma arvore particular, cujos ramos mergulham em espessos molhos na corrente.

Proximo das duas horas, começámos a descer o rio e depois de hora e meia de trabalho, aproximámo-nos do acampamento, quando n'esta occasião ouvimos algumas detonações muito seguidas. A não ser para se defenderem, os nossos homens não podiam ter razão alguma para descarregarem as espingardas. Remámos com maior presteza e no mesmo instante com grande surpresa nossa, vimos a embocadura do rio bloqueada por um grande numero de canôas cheias de selvagens, que arremessavam lanças e flechas.

Precipitámo-nos para elles dando grandes gritos, e os indigenas fugiram proferindo ao mesmo tempo em admiravel côro o seu melodioso grito de guerra.

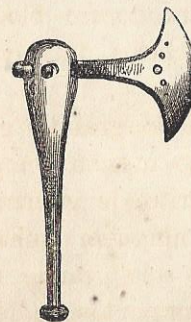
Depois de me certificar que ninguem tinha ficado ferido muito embora houvesse no solo grande numero de flechas de madeira, e outras com pontas de ferro, informei-me do que havia dado motivo ao ataque. Soube então, com espanto, que os habitantes de Kasongo tinham declarado nas aldeias dos arredores que o «Nuema» (chefe branco) tinha partido, e que os tinha encarregado de lhe arranjar provisões durante a sua ausencia. Ao ouvirem isto, os selvagens, reunidos em grande numero e tripulando trinta canôas, tinham entrado no Ruiki, e sem fazerem caso das advertencias que se lhes fazia, teimavam em dirigir-se para o acampamento. Quando chegámos, havia apenas cinco minutos que o combate começára.

Billali, o mancebo encarregado de transportar a minha espingarda, aquelle que me acompanhava em todas as caçadas, matára um homem, cujo corpo jazia na

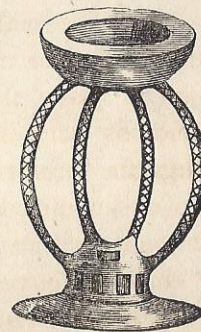
margem do rio. Quando lhe perguntei porque razão tinha ousado servir-se das minhas armas para commetter um crime, respondeu-me commovido: «Não pude obstar a isso, senhor, elle apontava-me a lança e estava tão proximo de mim que não vi outro recurso para me salvar.»

O sol desapareceu e da caravana não havia noticias. Toda a noite estivemos á escuta esperando ouvir de repente os tiros, que deviam annunciar-nos a chegada d'ella, porém nada se ouviu.

Ao amanhecer mandei Uledi, o patrão do barco, acompanhado de cinco homens, explorar o bosque, recom-



Machado de Ukusu



Tamborete de Ukusu

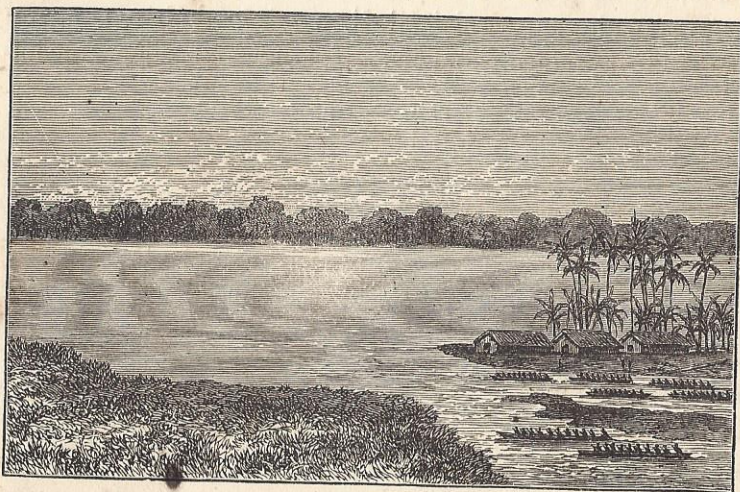
mendando-lhe que não se approximasse das aldeias e que não arriscasse, sob qualquer pretexto, um combate com os indigenas, em que a vantagem não seria a favor d'elle, tendo a certeza de que os espiavam do matto como fazem aos leopardos. Uledi disse-me com um modo tranquillo, que escusava de ter receio, porque não tardaria muito em regressar acompanhado da caravana; e partiu, deixando-nos entregues aos nossos tristes pensamentos.

Cerca das quatro horas da tarde, ouvimos um tiro na direcção da floresta. No mesmo instante appareceu Uledi, muito alegre.



«Senhor, elles ahi veem!» disse elle.

Com effeito, d'ahi a pouco appareceu a guarda avançada e logo em seguida o resto da caravana, todos muito fatigados, doentes, abatidos. Haviam-se perdido; o caminho que tomaram conduzira-os a uma povoação onde foram recebidos com uma chuva de flechas, perdendo n'esta occasião tres homens. Tinham-se defendido e capturado um dos indigenas. Perguntando-lhe a que tribu pertencia:



Vista da confluencia do rio Ruiki com o Nakanpemba

«Aos Bakusu, respondera, e o grande rio fica muito longe para o lado de oéste.»

Obrigaram-n'o a servir-lhes de guia e no fim de quinze horas de marcha, encontraram Uledi e os seus homens, os quaes haviam seguido.

Quatro horas depois o barco havia transportado toda a caravana para a margem esquerda do Ruiki. Os expedicionarios soffriam de tal modo as torturas da fome, que eu vi-me na necessidade de derogar a ordem que havia estabelecido de apanhar os viveres sem os pagar.

No dia 26, descemos o rio até Nakanpemba. A expe-

dição, n'este dia, seguiu a borda do rio e muito embora a margem estivesse em varios sitios coberta por espesso matto, comtudo de vez em quando communicavamos com os que caminhavam por terra, servindo-nos do tambor.

O rio havia gradualmente attingido a largura de setecentas jardas (1:550 metros), era a miudo cortado por grandes ilhas, e nas duas margens viam-se densas florestas com espesso matto.

Nas aldeias que iamso encontrando não se via pessoa alguma. De vez em quando ouviamos gritar «Vuasambye! Vuasambye!» e algumas vezes ouviamos o nome de Buana Muhala, ou Mtagamoyo, o famoso pirata assassino de creanças. Nakanpemba tambem tem as suas horrendas reliquias, collocadas em fileiras ao longo das ruas, — restos de numerosos festins de carne humana, segundo o que indicava a nota do professor Huxley.

A marcha atravez dos bosques e mattos, as privações, fadigas e os soffrimentos que d'aqui resultavam, tinham por consequencia a doença. As bexigas e a desenteria atacavam os que caminhavam por terra, os espinhos feriam-lhes os pés e as pernas de forma tal que chegavam a formar grandes feridas, impossibilitando por isto alguns de continuarem o caminho. Em dois dias encontrámos seis canoas abandonadas, e tendo-as concertado e ligado umas ás outras formavam assim uma ambulancia fluctuante, onde iam os doentes

Quatro milhas abaixo de Nakanpemba enquanto navegavamos tranquillamente nó e meio por hora, ouviu-se o ruido abafado d'uma cataracta. No mesmo instante, oito canoas partiram da margem opposta e desappareceram pela agua abaixo da maneira mais mysteriosa possivel. Não havendo necessidade de travar conhecimento com pessoas que pareciam fugir-nos, não tentámos encontrar-nos com elles, e alcançando a margem esquerda, approximámo-nos com precaução das cataractas



de Ukassa. Eram produzidas por uma saliência de schisto de côr verde, misturado com ferro carbonatado e rocha coberta de seixos, projectada pelas montanhas de Ukassa, situadas na margem direita.

Ordenei que a ambulancia fosse encalhada na praia e que a caravana acampasse em frente das cataractas. Em seguida, reforçando a tripulação com dez homens fortes, fui explorar a margem, depois de ter finalmente recommendado a Frank e a Muana Sera que não consentissem que pessoa alguma, sob qualquer pretexto, se afastasse antes de eu regressar.

As cataractas eram separadas por duas grandes ilhas rochosas que se estendiam a pouca distancia uma da outra e separadas da margem esquerda por um estreito canal; o rio, n'este ponto depois de se precipitar de dez pés d'altura, tornava a ligar-se, d'ahi a meia milha, com a parte que corria sem obstaculo. Porém na margem direita, o rio tinha uma largura de oitocentas jardas e corria em turbilhões durante milha e meia, em seguida ligava-se de novo á margem esquerda ou occidental, que corria brandamente.

Continuei a minha exploração até á distancia de duas milhas. Aqui livramo-nos, de cair n'uma embuscada.

N'uma pequena enseada, escondida por uma ribanceira inclinada e coberta de espesso matto, achavam-se cerca de cinquenta canôas pequenas, cujos tripulantes assentados e no mais absoluto silencio espiavam o rio. Retirei-me sem fazer ruido e regresssei ao acampamento apressadamente.

Quando aqui cheguei, fiquei horrorizado por saber que Frank havia consentido a Muana Sera e a cinco homens que desencalhassem dois barcos pertencentes á ambulancia e descessem as cataractas. Isto era nada menos do que um suicidio, e senti gelar-se-me o sangue nas veias; n'esta occasião lembrando-me da embuscada, reuni cinquenta homens, e dirigimo-nos para a enseada onde os vira.

Chegando proximo do esconderijo dos indigenas, vimos que tinham desaparecido. Offereeí então uma grande recompensa ao primeiro dos meus homens que descobrisse os Vuanguana. Uledi e Shumari, seu irmão, dando grandes gritos selvagens, embrenharam-se na floresta como antilopes, seguidos de perto por Sayua (seu primo) e Murabo. Ouviram-se na floresta varios tiros de espingarda. Corremos immediatamente na direcção d'onde viera o ruido. Em breve chegámos á margem do rio, sendo cada vez mais distincto o som dos tiros. No meio da corrente permaneciam os meus cinco Vuanguana, empoleirados nas quilhas dos barcos voltados, sendo perseguidos por uma duzia de canôas indigenas, Uledi e seu irmão haviam rompido o fogo sem hesitar, salvando-lhes a vida esta resolução. Em poucos minutos tivemos a satisfação de os vermos junto a nós, ficando porém cinco espingardas inutilizadas. Depois de serem arrastados pelo turbilhão, os cinco homens foram precipitados e lançados á distancia de alguns pés, rio abaixo. A desobediencia ás ordens que eu dera, e que fizeram com que perdesse quatro espingardas, na occasião em que estavamos tão fracamente armados, e expozera os culpadas a tão grande perigo, provocando além d'isso um encontro com os indigenas foi castigada com algumas reprehensões bem merecidas e de tal modo que Manua Sera retirou-se para o acampamento de Tippu-Tib declarando-me que não queria servir mais ás minhas ordens. Eu respondi, sorrindo, que tinha a convicção de que acontecia o contrario. Pelo que toca a Frank mostrei-lhe a gravidade da sua fraqueza, porque a vida de todos nós dependia da fiel execução das minhas ordens.

Tippu-Tib e os arabes sollicitaram permissão para fazer um shauri. Queria saber, agora que as difficuldades se succediam d'um momento para o outro, se, em face das cataractas, das bexigas, cujos doentes iam gradualmente augmentando, da deserção, de Muana Sera e



do abatimento em que se achavam, persistia na mesma ideia.

«Não ha em perspectiva senão o terror, o mau successo e a morte, diziam elles. Voltemos para traz emquanto ha remedio.»

Pedi-lhes para esperarem até ao seguinte dia de manhã, e em seguida a esta resposta voltaram para o seu acampamento, que ficava proximamente oitocentas jardas distante das cataractas.

No dia seguinte de manhã cedo, foi o barco retirado do rio pelos Vuanguana que o levaram ás costas até á distancia de uma hora da cataracta e posto de novo a nado. Mandei então dizer a Safeni que impellisse os quatro barcos pelo rio abaixo e em menos d'uma hora tinhamos transposto as cataractas do Ukassa. Respondera d'este modo aos arabes. Como tinha ainda muito tempo disponível — não eram mais de tres horas da tarde — e estando desejoso por saber se havia outras cataractas para baixo das ilhas rochosas, fiz-me acompanhar de quatro canôas tripuladas por vinte homens e naveguei rio abaixo. Uma hora depois chegavamos a uma corrente bastante rapida com redemoinhos e turbilhões, mas sem cataracta. Tendo-me certificado de que a navegação não offerecia obstaculo immediato, regressei ao acampamento onde cheguei ao anoitecer.

No dia 29, depois de uma navegação de quatro milhas pelo rio abaixo chegámos a Mburri, que fica na margem esquerda em frente de um grupo de aldeias de Vuenya que se acham situadas na margem direita e que se chamam Vinarunga. Tendo feito n'esta paragem alguns calculos com a bossula, concluí que os montes Ukassa ou Ussi ficavam situados a su-sudoeste magnetico e igualmente na margem direita do rio.

Quando nos iamos a retirar para descansar, uma canôa desceu o rio e approximou-se cautelosamente do *Lady-Alice*. Shumari, que estava áleria, esperou que a

canôa se approximasse e apoderou-se do homem que a tripulava chamando em seu auxilio as pessoas da tripulação, sempre promptas a prestal-o. Quando me trouxeram uma luz, vi que era um velho quasi dobrado ao meio pela força da idade. Tinha o semblante mais repelente de todos quantos tinha visto. Dei-lhe uma duzia de buzios, dos quaes se apoderou com a mesma avidéz com que um cão impaciente se arremessa sobre um pedaço de carne que um estranho lhe lança. Era um verdadeiro selvagem tornado rude pela vida que levára e velho de mais para aprender alguma cousa. Pozeram-n'o outra vez na canôa, e deixaram que elle conforme pudesse regressasse para a sua aldeia.

Uma hora depois, um outro indigena foi encontrado no acampamento. Agarraram-n'o e trouxeram-n'o á minha presença. Era um rapaz de dezeseis a dezeseite annos e a reproducção em miniatura do velho selvagem que ha pouco havíamos visto. Fallei-lhe brandamente, dei-lhe um collar de contas vermelhas e enchendo-lhe as mãos de buzios, fiz-lhe algumas perguntas. Respondeu ás cinco primeiras e não quiz falar mais, allegando que estava fatigado. Passou a noite no acampamento e de manhã mandei-o embora. Não sabia a maneira de me tornar agradável a este selvagem.

Preparavamo-nos para levantar o acampamento quando da outra margem, do lado de Ukassa, se destacaram tres canôas em direcção ao logar onde estavamos. Por intermedio dos nossos interpretes fallámos-lhe com bons modos e pedimos-lhes que nos dissessem que falta havíamos commettido, que mal lhes tinhamos feito para lhes inspirar um tal odio. Não quereis fazer comnosco pacto de amizade? Temos contas, fazendas, cobre, ferro para pagar as vossas cabras, bananas e os cereaes que quizerem vender-nos.

Escutaram as nossas palavras attentamente e fizeram com a cabeça um signal de approvação. Em seguida



disseram-nos que mandássemos rufar o tambor para os divertirmos. Mandei chamar Kadu, um dos pagens de Mtesa, que era muito agil n'este serviço, e ordenei-lhe que deliciasse os ouvidos dos nossos hospedes com os mais lindos rufos de Kiganda. Kadu agarrou no tambor, empunhou as vaquetas, e depois de um simples rufo preliminar, executou outros com uma prodigiosa agilidade, que necessariamente haviam de ser muito agradáveis aos centenaes de selvagens occultos nos bosques.

«Ah, exclamaram os nossos tres pobrissimos hospedes — completamente nós e com grande abundancia de cabelo — é delicioso! Bateram as palmas muito alegremente, metteram-se nos barcos e dirigiram-se rapidamente para a margem opposta.

No dia 30 de novembro puzemo-nos de novo em marcha. O rio formava varios angulos agudos, com numerosos redemoinhos cheios de espuma; tinha uma largura apenas de oitocentas jardas, durante tres milhas e meia, tomando em seguida e repentinamente a largura de mil e setecentas jardas. Duas lindissimas ilhas arborizadas occupavam o meio da corrente. Acampámos na margem juncto d'um pequeno tributario do rio, no mercado de Usako Ngongo, ficando as montanhas de Ukassa ao su-sudoeste e a este  $\frac{1}{4}$  nordeste a extremidade meridional de Nionga, a maior das duas ilhas de que ha pouco fallei.

Estes mercados, situados á borda do rio, em intervallos de tres a quatro milhas, são terrenos neutros, não sujeitos a direito algum e não podendo ninguem apoderar-se d'elles, para seu uso pessoal, nem mesmo o chefe. A maior parte d'elles são grandes largos cheios de enormes arvores que produzem muita sombra, e forneceriam a um artista magnificas perspectivas para reproduzir em quadro. Ao fundo, a floresta densa e parecendo impenetravel, aqui e ali uma grande arvore isolada dominando o terreno que a cerca, ou as folhagens

suspensas e graciosas do elais. Nos troncos das arvores abandonadas veem-se a aguia que se sustenta de peixes e o ibis chilreador. No primeiro plano, fica o rio extenso e escuro.

Nos dias de mercado, logo pela manhã, o largo é invadido pela multidão.

Dos reconditos da floresta e das suas clareiras, das ilhas e do paiz dos Bakusu, paiz de planicies, os indigenas concorrem a elle com cestos de farinha de páu, esteiras feitas de palmeira ou da fibra da raphia, cabaças cheias de vinho de palmeira, feijões e milho, cannas de assucar, milho miudo, loiça de barro, objectos de cobre, de madeira e de ferro, legumes, bananas verdes e maduras, pau vermelho (pau santo), tabaco, cachimbos, iscas para pescas, redes, cestos e uma infinidade de objectos que elles fabricam conforme o gosto ou necessidade que d'elles ha. Até ao meio dia reina a maior animação; de repente a praça fica deserta e o falcão, o ibis, o papagaio de pennas escuras e o macaco podem ahi voar, gritar e saltar sem que pessoa alguma os inquiete.

No dia 1 de dezembro descemos até ao mercado de Ukongeh, situado em frente da ilha de Mitandeh, no 3.º 6' de latitude meridional.

Achámo-nos n'este dia, na vizinhança d'uma localidade de que Livingstone ouvira fallar vagamente, no dia 10 de março de 1871, quando em Nyangué tomava note das informações colhidas a respeito dos Vuanguana e dos indigenas.

O mercado de Ukongeh é frequentado pelos Vuahika, cujo chefe Luapanya, foi morto pelos companheiros de Mohammed-bin-Gharib. Na parte posterior das aldeias de Vuahika, a uma distancia talvez de dez milhas, encontra-se um paiz descoberto e rico em palmeiras que é habitado pelos Bakusu, tribu guerreira e cannibal.

Os Arabes teem diligenciado penetrar n'este paiz, po-

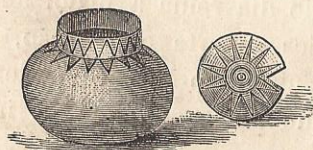


rém teem tido sempre grandes perdas. Na margem direita, em frente da ilha de Matandeh, fica o territorio dos Vuaziri.

Depois de termos passado juncto de grande numero de ilhas nas quaes cresciam quasi todas as arvores dos tropicos, chegámos ao mercado de Mivari, situado em frente da extremidade norte da ilha de Mitangi. A aldeia de Uvitera acha-se a uma milha para o sul, e em frente d'esta o estabelecimento de Chabogué.

N'este ponto, o rio divide-se em dois grandes braços, tendo cada um a largura de mil jardas e que dão logar a uma serie de ilhas notaveis pela sua fertilidade. Quando as ilhas são grandes a margem do rio é pouco povoada, ainda que para o interior e na distancia de duas milhas, a população seja numerosissima. No mercado, onde

veem permutar os seus diferentes productos os habitantes das ilhas e os do interior, reina sempre a maior igualdade.



Panella que usam os Vuahika

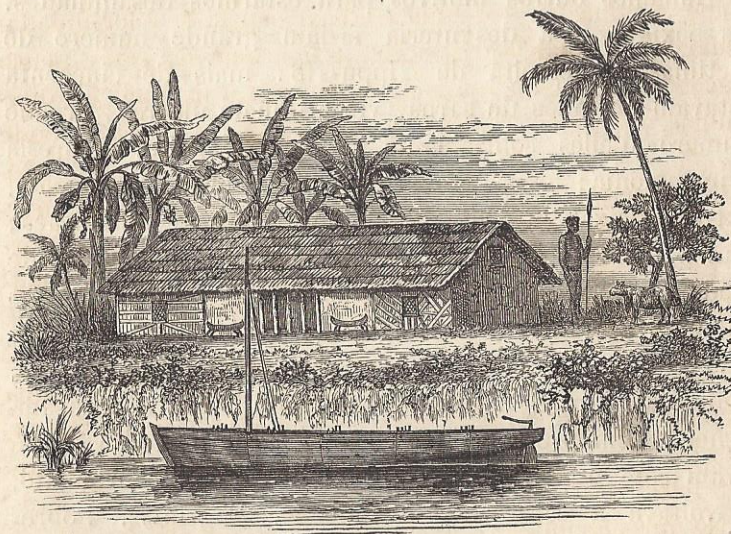
No dia 4 de dezembro, fizemos alto em consequencia d'uma violenta tempestade, e com o fim tambem de procurar viveres, o que effectuamos e conseguimos em parte; felizmente não houve o minimo conflicto.

No dia seguinte, o rio tomava ligeiramente a direcção do nordeste. N'este dia encontrámos na margem norte da enseada de Muriua uma aldeia extensissima ou, por outras palavras, uma serie de aldeias, separadas umas das outras por intervallos de cincoenta a cem jardas, e formando uma rua uniforme de trinta pés de largura e duas milhas de extensão! Por detraz das aldeias viam se os campos de bananeiras e palmeiras, que forneciam aos habitantes d'esta região fructas, azeite e vinho.

Esta notavel cidade chamada Ikundu, estava situada no 2.º 53' de latitude sul. As cabanas de que se compõe

parecem simplesmente duplas gaiolas, e são elegantemente construidas com palha de milho. Cada uma d'ellas tem sete pés de extensão, cinco de largura e seis de alto, e são duas a duas ligadas entre si pelo tecto, tendo no centro uma casa cõmmum, onde as duas familias se reu-nem, trabalham e recebem os seus amigos.

Estas casinhas são tão commodas, tão impermeaveis como os beliches dos navios; tivemos a prova d'isso durante as fortes chuvas que, n'esta epocha do anno, se repetem de dois em dois dias.



Uma casa em Ikundu

No centro de cada aldeia acha-se o cemiterio, ou melhor dizendo a cova que encerra os restos mortaes dos antigos reis; estas sepulturas são cobertas com as folhas do *Phrynium ramosissimum*, arvore que, sob diversos aspectos, parece ser tão util aos indigenas como a bananeira aos Vuanguana.

Ikundu estava absolutamente deserta, mas havia n'ella abundancia de viveres. Os vasos que recebiam o liquido de que se faz o vinho estavam adaptados ás palmeiras,



as bananas pendiam das arvores em grandes cachos, os jardins continham magnificos melões, luxuriantes plantações de mandioca, immensos campos de amendoim e canna de assucar.

Não estavamos por isto menos desanimados. O abandono das aldeias, sem tentarem estabelecer relações comosco, denotava nos indigenas um despreendimento pelas cousas mundanas que tocava o sublime. Para onde poderia fugir uma população tão numerosa? porque sem duvida esta população tinha mais de dois mil habitantes.

Tinhamos outros motivos para estarmos desanimados. As bexigas e a desynteria faziam grande numero de victimas na escolta de Tippu-Tib: mais de cinquenta estavam atacados de sarna, vinte tinham ulceras; grande numero d'elles soffriam de doenças de peito, pleuresia e pneumonia; havia um ou dois casos de febre typhoide; outros queixavam-se de dores intestinaes e umbilicaes; n'uma palavra, havia serviço para mais d'uma duzia de medicos. Todos os dias lançavamos dois ou tres mortos na agua profunda do Livingstone. Frank e eu faziamos toda a diligencia para suavisar estas desgraças; e, quando de tarde, a extensa caravana chegava ao acampamento, em presença d'estes desgraçados que se arrastavam com o passo vacillante curvados pelo soffrimento, eu voltava a cara para esconder as lagrimas. Pobres creaturas, que vida! caminhando, caminhando sempre, em busca d'um tumulo.

Em Ikondú, vimos na praia uma grande canôa, trazida para ali por alguma grande inundação, e que a agua, ao retirar-se, havia deixado ficar em secco. A quilha estava arrombada em varios sitios, a prôa e a pôpa estavam despedaçadas; comtudo, esta canôa era sufficientemente grande para transportar sessenta doentes e ligando-a com algumas cordas ao *Lady-Alice*, este facilmente a arrastaria. Por consequencia chamei os meus carpinteiros, Uledi, Sayua seu primo, e Salaam Allah;

offereci 12 jardas de fazenda a cada um se conseguissem concertar o barco em dois dias. Requisitaram dez homens e os respectivos machados. Concedidos os homens metteram mãos á obra, trabalhando dia e noite, derrubando arvores, cortando taboas, que eram collocadas pelos carpinteiros, fixadas com cavilhas de madeira e calafetadas com a polpa das bananas e casca d'arvores. Os Vuanguana lançaram o monstro á agua, e tivemos a satisfação de o ver fluctuar. É verdade que mettia alguma agua, porém alguns doentes menos atacados e menos fracos do que outros podiam perfeitamente estancar-a, impedindo d'este modo que se afundasse. O bom resultado d'esta reparação provou-me que tinhamos meio de construir uma flotilha bastante numerosa para transportar todos os meus homens; resolvi, pois, dado o caso que Tippu-Tib continuasse a recusar-se a acompanhar-nos, tentar decidil-o a ficar comosco até que tivessemos construido os barcos sufficientes para continuar a minha viagem.

No dia 5, cerca do meio dia, enquanto se trabalhava na reparação da canôa, descobriram um indigena no matto proximo da aldeia, armado d'um arco muito pequeno e com uma aljava cheia de flechas pequenissimas. Tornando-se suspeito por esta circumstancia, foi agarrado e trazido á minha presença. Era uma curiosa amostra de guerreiro, o indigena, que a tremer se me apresentou. Medido com toda a exactidão deu quatro pés e seis pollegadas e meia d'altura, trinta pollegadas em redor do corpo e vinte quatro pollegadas dos hombros até á cintura. A cabeça era grande, a face ornada de suissas, formando uma franja desigual e tinha uma côr escura mesclada de branco. Como as pernas eram muito delgadas e excessivamente arqueadas tomei-o por um aborto repellido de qualquer tribu, e condemnado a divagar na floresta. Pareceu-me ouvil-o pronunciar o nome «Vuatua». Lembrando-me que os Vuatuas eram muito co-



nhecidos por serem anãos, perguntei ao guia, Buana Abed, se este homem se assemelhava aos Vuatua com os quaes Mtagamoyo havia combatido. Respondeu-me que os anãos que elle vira não tinham a cabeça mais pequena que este, mas, comtudo, podia pertencer a alguma tribu relacionada com os que elle vira! Abed accrescentou que a côr da pelle era a mesma que a dos Vuatua, entretanto os anãos que habitavam o lado oeste de Ukuna, na parte occidental de Lumami, tinham a barba muita comprida e as suissas muito espessas. As armas eram iguaes; um arco muito curto e flechas pequenissimas de canna, d'um pé de extensão, tendo a ponta empregnada d'uma substancia escura, cujo cheiro lembrava o da cantharida. Ao examinarem as flechas, pareciam ter todos grande cuidado em não lhes tocar na ponta; muitas estavam envolvidas em folhas e suppuz que o dono d'ellas tinha algum motivo para tomar esta precaução. Com o fim de me certificar se a minha desconfiança era justa, peguei n'uma das flechas, e, agarrando o selvagem pelo braço, manifestei a intenção de o ferir com a ponta. Os seus gritos de *mabi, mabi*, (mau, mau) que soltava, acompanhados de gestos d'uma eloquencia persuasiva provaram-me que as flechas estavam realmente envenenadas.

Este homem tinha magnifica pronuncia; pela primeira vez ouvi proferir distinctamente e sem hesitação, o nome indigena de Livingstone o que empregam os habitantes de Manyema: Ru-a'r-ou-a, carregando fortemente na penultima syllaba. Pedi a varios Vuanguana, Vuanyamesi e Arabes para pronunciarem o mesmo nome. Os principaes Arabes só foram capazes de articular distinctamente «Rua'roua», os pretos transformavam-no immediatamente em «Lualua».

Entre outras informações, esta horrenda creatura disse nos que exactamente abaixo de Ikundu, havia uma ilha chamada Maturu cuja população os «Kirembo-rembo» (brancos) haviam completamente destruido.

«Quem enviou os Kirembo-rembo, meu amigo? perguntei-lhe.

«Ah! quem é que o sabe? Talvez Firi-Niambi (a divindade).

«E morreram todos os habitantes?

«Todos! — homens, mulheres, crianças, cabras, bananas, tudo ficou destruido.»

Disse-nos tambem que o chefe de Ikundu acompanhado dos seus subditos tinha passado para a outra margem, e que, desde os promontorios arborisados que ficam em frente do rio Urindi, se estende o territorio da poderosa tribu dos Vuabuiré, ou Vuasongora Meno (selvagens com os dentes limados).

No dia 8 de dezembro descemos o rio até Unya-N'singé, outra aldeia grande, d'uma milha de extensão, situada na margem norte d'uma enseada da largura de trinta jardas. Na margem meridional, no cume de uma penedia de cento e vinte cinco pés d'altura, achava-se uma cidade semelhante, chamada Kisui-cha-Uriko.

Quatro milhas acima de Unya-N'singé, o rio Lira lança-se no Livingstone.

Este rio na sua embocadura tem trezentas jardas de largo, e trinta pés de profundidade. Duas milhas mais acima, a agua é profunda e muita clara, e tem a largura de duzentas e cincoenta jardas. As demonstrações hostis dos indigenas que habitavam as margens d'este rio, obrigaram-nos a renunciar á ideia de ir mais longe e a voltar apressadamente para o nosso acampamento em Unya-N'singé.

Havia pouco tempo que tinhamos regressado, quando pelas quatro horas vimos dirigirem-se para onde estavam, subindo o rio, quatorze canoas grandes; oito costeavam as ilhas, seis navegavam proximo da margem esquerda. Ao chegarem á distancia de cem jardas do nosso acampamento, formaram em linha de batalha, juncto d'uma ilha bastante arborisada, e convidaram-nos



a combater no meio do rio. Por indicação minha os interpretes disseram-lhes que não tínhamos senão um barco e cinco canôas carregadas de doentes, e que não tínhamos vindo ali com a intenção de nos batermos, e que não nos bateríamos.

Esta declaração foi acolhida com sorrisos d'escarneo, e, um momento depois, as quatorze canôas dirigiram-se para nós, ao som de grandes gritos. Formei a minha gente na praia e esperei. Quando as canôas estavam distantes da margem talvez trinta jardas, metade dos indígenas que as tripulavam começaram a arremessar-nos flexas envenenadas, ao passo que os outros faziam esforços para approximar as canôas. No momento em que iam abordar mandei começar o fogo com trinta espingardas, e os selvagens immediatamente se afastaram até uma distancia de cento e cincoenta jardas, d'onde continuaram a arremessar as flechas. Recommendando aos meus homens que não cessassem o fogo, entrei no bote acompanhado d'uma tripulação escolhida levando Tippu-Tib e Buana Abdallah, e dirigi-me para o meio da corrente. Ao verem chegar o barco os selvagens ficaram muito satisfeitos, porém a alegria não durou muito tempo, porque estávamos distantes d'elles apenas vinte braças, e as nossas ballas faziam-lhe um mal terrível. No fim d'um minuto o combate estava concluido, porque o inimigo retirava-se descendo o rio. Voltámos então para o acampamento, satisfeitos por termos terminado tão rapidamente a nossa primeira escaramuça com os Vuasongora Meno. Tres dos meus homens haviam sido feridos pelas flechas, comtudo, a prompta applicação do cauterio neutralizou os efeitos do veneno, e, além d'uma inchação dolorosa, estas feridas não tiveram outro efeito de gravidade.

Unya-N'singé está situada no 2.º 49' de latitude meridional. Quasi em frente acha-se Urangi, outra serie de pequeninas aldeias. Na margem septentrional da embo-

cadura do rio Lira, fica a aldeia de Uranja, e na frente d'esta, a de Kisui Kachamba. A cidade de Meginna está situada, dizem, talvez vinte milhas para o lado sudoeste magnetico de Unya-N'singé. Todo este territorio tem sido alvo das correrias e destroços de Muini Muhala.

Nos dias 9 e 10 não fizemos jornada alguma, aguardando a chegada de Frank, que caminhava ao longo do rio com a sua gente. Na manhã de 11 vendo que não appareciam, subi o rio no barco e, quatro milhas acima de Unya-N'singé, encontrámos um pequeno affluente de quarenta jardas de largo, e vi os meus homens que estavam na margem deligenciando passar d'um lado para o outro. O bote foi recebido com immensos signaes de alegria, e d'ahi a algumas horas toda a caravana passava para a margem opposta. Segundo parece, haviam-se perdido outra vez, e tinham penetrado no Ukusu, onde foram obrigados a combater. Perderam um homem e quatro tinham ficado gravemente feridos. Além d'isso, depois que partiram de Ikundu, tres dos Vuanyamuezi tinham morrido de bexigas.

O affluente onde n'esta occasião estávamos, era, como todos os que havia por aquelles arredores, coberto de *pistia stratiotes*, que os indígenas apanham e guardam cuidadosamente, e isto é devido á quantidade consideravel de sal que lhes fornece esta planta, parecida com es-pargo. Depois de apanhada, collocam-n'a ao sol a sec-car, queimando-a depois de bem secca. As cinzas são guardadas em vasos tendo alguns orificios no fundo; estes vasos enchem-se depois d'agua collocando-se sobre um prato chato para onde a esgotam. Em seguida evapora-se este liquido, aquecendo-o ao lume, e fica um sedimento escuro de gosto nitroso, o qual, submettido a nova lavagem, produz o sal.

Os homens que compunham a caravana disseram-me que no começo d'este rio havia uma nascente d'agua quente, eu, porém, não a vi. Nas penedias que formam



a margem, vêem-se rubiaceas, bombaces, bauhinias e diversas especies de palmeiras e outras arvores. O leito do rio n'este ponto é composto de schisto. Á distancia de vinte jardas da margem encontrei-lhe doze pés de profundidade, e vinte tres a cem jardas da praia. A penedia, ao lume d'agua, apresenta varios stratos horisontaes de schisto esverdeado; no ponto mais alto, o rochedo é de côr esbranquiçada pelo effeito do tempo, da chuva e do sol.

N'este ponto, soltámos o anão, enviando-o para a sua aldeia, tendo-o presenteado com um punhado de buzios e quatro enfiadas de contas, e agradecendo-lhe as informações geographicas, muito completas e comprehensíveis e a sua pronuncia civilisada. Custava-lhe a comprehender como nós não o tivéssemos devorado; e, muito embora eu lhe tivesse apertado a mão sorrindo e batido amigavelmente nas costas, estou certo que elle só se julgou perfeitamente a salvo depois de ter desaparecido á nossa vista, na floresta natal.

Tippu-Tib resolveu juntar-se aos que iam por terra, Frank e Sheikh Abdallah foram commigo no barco. Mais oito doentes atacados de bexigas, foram recolhidos na canôa-ambulancia; entre estes, achavam-se tres raparigas do harem de Tippu-Tib e suas favoritas. Para sua-visar um pouco os soffrimentos d'estes desgraçados, construímos um toldo que cobria a canôa. Antes de partir de Unya-N'singé, o Livingstone havia tragado oito cadaveres.

No dia 14 de dezembro, deixando-nos ir á mercê da corrente sem tocar nos remos, chegámos a Kisui Kachiambi, outra cidade muito grande, tendo uma milha de extensão, situada na margem esquerda do rio, no 2° 35' de latitude meridional, e composta de, pouco mais ou menos, trezentas grandes casas. Em frente de Mutako, os indigenas fizeram contra nós um brilhante e bem planeado ataque na occasião em que saiam d'uma pe-

quena enseada. Este ataque poderia ter-nos feito muito mal, porém apenas um homem foi ligeiramente ferido com a ponta d'uma flecha. A applicação immediata, á ferida, d'uma doze de nitrato de prata neutralizou porém os effeitos do veneno. Durante a nossa paragem em Kisui Kachiambi duas das favoritas de Tippu-Tib e tres rapazes succumbiram das bexigas. A caravana que caminhava pela margem tambem perdeu um doente.

No dia 18, tendo navegado durante duas milhas, achámo-nos n'um largo canal que separava a ilha populosa de Mpika da margem esquerda. Na frente das habitações havia a praça do mercado, com o solo coberto de relva; parámos aqui e almoçámos á sombra das grandes arvores que havia n'este sitio. Os habitantes de Mpika apenas viram isto reuniram-se, chamaram os seus guerreiros ao som de trombetas e formando uma multidão enorme, entraram para os barcos dispostos a atacar-nos. Para prevenir alguma surpresa do lado da floresta, em quanto se tratava dos nossos doentes, tinha eu mandado collocar alguns exploradores a duzentos passos do acampamento, de ambos os lados das estradas que desembocavam no mercado.

Emquanto os tambores rufavam e as trompas soavam na ilha, onde todos se dispunham para o combate, aconteceu que dez indigenas (entre os quaes tres lindas mulheres), voltando d'uma digressão a uma aldeia do interior, esperavam na praia que os viessem buscar para atravessarem o rio. Á nossa chegada fugiram, porém os exploradores agarraram-n'os e trouxeram-n'os outra vez para a praça do mercado. Os interpretes, encarregados de dissipar os seus receios, fizeram-lhes comprehender que eramos simplesmente viajantes que desciamos o rio, e não tínhamos intenção de fazer mal a pessoa alguma. Conservando-os em nosso poder, conseguimos, com o seu auxilio, suspender as demonstrações bellicas dos indigenas. Afinal consentiram em fazer comnosco a troca de



sangue, e depois d'isto convidei os habitantes de Mpika a expedir algumas canôas para transportar os seus compatriotas. Vendo a sua hesitação, fiz entrar os nossos prisioneiros para bordo do meu barco e reconduzi-os á sua habitação.

Em breve se espalhou por toda a ilha a noticia de que eramos amigos, e quando continuámos a nossa viagem, a multidão que enchia a praia, exclamava, dirigindo-se a nós: «Muendé Kivuké-vuké,» (Ide em paz!) O cume da ilha situado á altura de oitenta pés acima do nível do rio, era uma maravilha de vegetação, formada principalmente por bananeiras e tanchagens. Á esquerda a margem apresentava as mesmas elevações arborizadas, que em varios sitios terminavam nos regatos e continuavam depois d'estes apresentando á vista varios montículos, os cumes dos quaes, não obstante o seu escarpamento, estavam cobertos d'um verdadeiro macisso de plantas e arbustos.

Depois de descermos dez milhas, pelo canal que existe entre a ilha de Mpika e a praia, vimos que o rio tinha uma largura de duas mil jardas. Continuámos a descer costeando a margem esquerda, quando de repente ouvimos um grito que partia da ambulancia, e soltado por um dos guardas da canôa que acabava de receber uma flecha em pleno peito. Ao mesmo tempo olhando para a margem, vi um grande numero de fórmias humanas esconderem-se no matto, e ao mesmo tempo passarem proximo da minha cabeça e a uma altura bastante pequena, grande numero de flechas.

Caminhámos mais depressa, e, fazendo força de remos, conseguimos chegar a uma praça de mercado, n'essa occasião deserta. Encalhámos as canôas na praia e tendo enviado dez exploradores ao matto reuni os meus homens validos, em numero talvez de trinta e começámos a construcção d'um *boma* com a actividade que nos dava a certeza da nossa fraqueza e do nosso isolamento.

Repentinamente ouviu-se o grito d'um dos cortadores de lenha, grito de dôr seguido do estrondo das espingardas ao qual respondeu um concerto infernal de trompas e uivos, acompanhado tudo isto com o silvo das flechas que partiam de todas as direcções. Enviei vinte homens a socorrer os que estavam em perigo, enquanto nos apressavamos em cercar o acampamento d'uma muralha de matto espesso e alto, onde havia abrigos para os atiradores.

No fim d'uma hora de trabalho excessivo, o acampamento estava perfeitamente em estado de servir e mandei dar o signal de reunir. Já os meus homens vinham a correr a toda a brida exclamando:

«Preparae-vos, ahi vem elles!»

Tinha feito desembaraçar o terreno em redor do acampamento, na extensão de cincoenta jardas; depois da retirada dos exploradores que haviam conservado o inimigo em distancia, este espaço foi invadido por centenas de selvagens, que, nos cercaram, imaginando que nós fugiamos com medo. Enganaram-se, porque, estando reduzidos ao ultimo extremo, estavamos decididos a não nos deixarmos matar sem combater. Por isso, a lucta travada em tão pequeno espaço, devia ser terrivel. Centenas de selvagens arremessaram-se de encontro á nossa palissada, lançando-nos ao mesmo tempo as lanças com uma força terrivel. Repellidos, voltavam á carga com tal raiva, que os canos das espingardas quasi que lhes tocavam nos peitos. Os gritos, os uivos, as exclamações, os toques de trompa, as descargas das espingardas, as provocações dos combatentes, os gemidos das mulheres, dos rapazes e dos feridos — produzia tudo um côro tão horrivel, que nunca mais me esquecerá. O combate ainda durou mais duas horas, até que o sol se escondeu. Na fórma do costume, varios Vuanguana quizeram abandonar a lucta e alcançar as canôas; porém Ulidi e Franck reconduziram-nos para o acampamento, impellindo-os com



as coronhas das suas espingardas. Ao anoitecer o inimigo affastou-se; porém o ruído produzido pelas trompas de marfim e augmentado pelos echos da floresta, ouvia-se sempre; de vez em quando uma flecha envenenada passava silvando, e, ou vinha espetar-se no solo a nossos pés, ou passava por cima das nossas cabeças, indo perder-se no rio.

Em taes casos, dormir era impossivel. Havia comtudo alguns espiritos fracos e abatidos, a quem mesmo o temor de serem devorados pelo inimigo não lhes inspirava um sentimento viril ou a comprehensão da necessidade de resistencia. Não ignorando isto, confiei a Sheik Abdallah a Frank Pocock e a Vuadi Rehani o cuidado de conservar todos acordados, com ordem de lançar agua fria na cabeça d'aquelle que quizesse dormir.

Pelas onze horas da noite, uma fórma obscura saiu do matto e encaminhou-se de rastos para o nosso acampamento. Dirigi-me a Uledi que estava de guarda e disse-lhe ao ouvido que procurasse dois homens e acompanhado d'elles diligenciasse apoderar-se do desconhecido. Tendo feito uma estreita abertura na parede que cercava o acampamento passou para fóra. Não abandonava com a vista a fórma indecisa do inimigo que se aproximava. Os movimentos d'aquelle homem pareciam-se com os d'um corcodillo que eu vira n'um rochedo proximo a Kisorya, em Ukereué, no momento em que procurava approximar-se d'um indigena.

De repente Uledi deu um salto indo cair sobre o corpo do selvagem, ao mesmo tempo que chamava os seus companheiros. Os dois homens que o seguiam correram para elle; porém um ruído no matto deu a conhecer que do outro lado, vinham socorrer o indigena. Uledi apoderou-se das lanças do prisioneiro e voltou para o acampamento com os seus dois companheiros, ao passo que as nossas carabinas dispertavam os echos dos bosques, e faziam levantar a nossa gente para um combate nocturno, tão activo como duradouro.

Vezt, vezt! faziam as flechas indo espetar-se na pallissada, trespassando as folhas, escavacando os troncos e os ramos, ao passo que nós, deitados no chão, varriamos o espaço com balas e pedaços de ferro. O silencio restabeleceu-se; todavia, as flechas continuavam a silvar no ar; vinham, porém, de longe, e nós estavamos abrigados pela nossa pallissada, por detraz da qual estavamos acocorados, e, muito embora o sibillar d'ellas nos conservasse acordados e nos annunciasse que o inimigo estava presente, estas armas envenenadas tornavam-se inoffensivas.

Ao romper do dia os cozinheiros fizeram varias fogueiras ao abrigo do nosso grande tapume e prepararam o almoço de que já estavamos anciosos, em seguida a tão extenso jejum. Frank e eu, contentamo-nos apenas com dez bananas assadas e algumas chavenas de café sem assucar. Em seguida a isto, recommendando a Frank e a Sheikh Abdallah que não deixassem de estar vigilantes, metti-me no bote e mandei remar para a outra margem que distava d'esta cêrca de quinhentas jardaas. Alli, detendo-me para examinar as margens do rio, vi, surprehendido, na distancia de um quarto de milha acima do acampamento, uma grande cidade, composta como as anteriores, d'uma serie de aldeias formando na margem direita uma linha uniforme. Magnificas plantações de palmeiras e bananeiras, de grande extensão, provavam a prosperidade d'este populoso districto. Lembrei-me então de que o anão me havia fallado d'um chefe poderoso, cujo districto se denominava Vinya-Njara, e que dispunha de tão consideravel numero de guerreiros que era absolutamente impossivel aos estrangeiros atravessarem as suas aldeias.

O meu plano foi immediatamente concebido. Era preciso occupar a aldeia mais meridional, afim de abrigar os nossos doentes, procurar viveres e manter as nossas communicações com o resto da expedição, que não tar-



daria a chegar. Ao voltar para o acampamento vimos, entre este e a primeira aldeia, milhares de cabeças de indigenas occultas no bosque e que nos espiavam os movimentos.

Cousa alguma faltava ao barco, nem ás canôas da ambulancia, unicamente, os defensores da palissada haviam embarcado, em um segundo, e tomado immediatamente os seus logares. Dirigimo-nos a toda a pressa para a primeira aldeia, não sem servir de alvo a um certo numero de flechas, que não receberam resposta.

Quando chegámos ao ancoradouro, deixei dez homens no *Lady-Alice*, dois em cada barco, e seguido dos outros, trepei pela encosta da praia. A aldeia estava deserta, e mandei deitar abaixo algumas arvores e com ellas fiz uma barricada em cada uma das extremidades da rua.

Não estivemos muito tempo socegados. Os indigenas, passado o seu espanto, atacaram-nos raivosos, esforçando-se por nos desalojar. Porém de cada extremidade da rua, que tinha cêrca de trezentas jardas de extensão, as nossas espingardas não cessavam o fogo.

Além d'isso, tinha mandado collocar tres ou quatro bons atiradores em cima d'algumas arvores da margem, de cujos pontos dominavam o matto, bem como as proximidades da aldeia. Durante aquelle tempo, e pela primeira vez em vinte e quatro horas, tive uma occasião favoravel para poder installar os setenta e dois doentes nas cabanas. Destinei-lhes a quarta parte das habitações da aldeia. Mais da metade d'estes desgraçados estavam atacados de bexigas; d'estes já haviam morrido tres nas canôas, durante a noite antecedente. Durando o combate até ao meio dia, fiz uma sortida com vinte cinco homens e desembarcei, para o resto do dia, os arredores da aldeia. Uledi agarrou um dos indigenas por um pé, e trouxe-o para a nossa fortaleza, onde foi collocado em lugar seguro. Por seu intermedio, se a occasião se proporcionasse, esperava convencer os seus compatriotas.

Finalmente, protegidos por uma fileira de bons atiradores, collocados em forma de crescente, desde a extremidade da aldeia até á floresta, os meus homens cortaram os canaviaes eervas na distancia de uma centena de jardas. Este trabalho levou tres horas, no fim das quaes mandei recolher todos, descansando meia hora, para tomar uma outra refeição que consistiu em bananas. Reanimados d'este modo, depois de arduo trabalho, construimos uma barricada de quinze pés d'altura em cada extremidade da aldeia; estas posições foram occupadas cada uma por dez atiradores, que observavam todos os arredores. Para auxiliar os nossos trabalhos encontrámos na aldeia bocados de madeira já preparados e grande abundancia de cordas feitas de canna e cortiça; e não admira porque os habitantes de Vinya-Njara entre outras occupações, dedicavam-se á pesca e á extracção do sal da Pistia.

De tarde os nossos trabalhos estavam quasi concluidos. Durante a noite, fomos despertados pelo choque das flechas nos tectos das cabanas e nas folhas annunciando-nos que o inimigo estava sempre presente; entretanto, deixamol-os tranquillos. Pela manhã, saíram do matto e tentaram um assalto, mas a vista das nossas fortificações pareceu surprehendel-os, e retiraram-se para as profundidades do bosque onde continuava incessantemente, a soar a trompa e a ouvir-se o terrivel grito de guerra: «bo-bo-boing.»

Tinhamos, segundo parece — o que ainda não tive tempo de verificar — passado o limite das tribus cujo grito de guerra é: «Ooh-hu-hu, ooh-hu, ooh-hu-hu» porque desde a nossa chegada a Vinya-Njara não ouvimos senão um notavel grito: «Bo bo, bo-bo, bo bo-o-o-oh», modulado d'uma forma tão singular que causava admiração aos proprios Africanos que me acompanhavam.

Cerca do meio dia, uma consideravel flotilha de canôas subiu o rio ao longo da margem esquerda; trazia grande



numero de indigenas e dizendo que elle se elevava a oitocentos, talvez não erre muito. Seguimos os seus movimentos com extrema attenção. Depois de subirem o rio para cima d'onde estavamos na distancia de quatrocentas braças, voltaram e, aproveitando-se da corrente, lançaram-se em direcção ao local que occupavamos ao som de grande ruido feito pelos tambores e trompas. Ao mesmo tempo e como se fosse um plano combinado d'ante-mão, as trompas tambem se ouviram do lado da floresta e apenas eu acabara de dizer á minha gente que se acautelasse, um diluvio de flexas, partido do matto, veiu cair proximo da nossa fortaleza. Porém os vinte homens que estavam nas barricadas, sob as ordens de Frank e Scheikh Abdallah bastaram para repellir o ataque que vinha do bosque; em quanto eu, com vinte homens, escondidos no matto que orlava a margem, defendia o lado do rio.

N'este momento viamos que era necessario combater se não queriamos que a cabeça, arrancada do corpo, fosse lançada ao rio. A vantagem que sempre alcançavamos nos combates, já numerosos, começava a dar aos mais timidos do meu grupo um certo amor proprio que produz a superioridade, e ao mesmo tempo a confiança que resulta do bom resultado obtido em frequentes luctas. Via finalmente os meus homens tornarem-se superiores, aos que geralmente nunca teem passado por qualquer privação, nem adquirido a minima experiencia. Entre os homens intelligentes de raça branca, estas qualidades adquirem-se por serem facilitadas pelo natural bom senso, e alguns mezes de serviço mais activo seriam sufficientes para dar o sangue frio e a firmeza necessaria aos outros nos momentos criticos. Mas, nos homens da qualidade dos meus, que — com poucas excepções — durante muito tempo haviam mostrado uma completa inaptidão, o tirocinio havia durado dois annos. Estes ultimos dias de lucta haviam completado a sua educação, e feito d'elles

um bando compacto admiravelmente preparado para os maiores perigos que se pudessem esperar.

Por isso, assim que o som das trómpas de guerra se tornou mais forte e o inimigo numeroso e pertinaz, evidentemente costumado á victoria, appareceu, não vi um só dos meus homens que não desejasse passar além dos outros em coragem, até o proprio Uledi. A batalha começára havia meia hora, com uma inergia cada vez maior, e a nossa posição ia tornando-se critica. As munições não nos faltavam e os nossos tiros eram bem empregados, porém, não sei o que nos succederia se a guarda avançada de Tippu-Tib e a nossa caravana que vinha por terra não chegasse n'esta occasião, produzindo nos selvagens da floresta um grande panico que communicaram aos que estavam nas canôas e que se preparavam para desembarcar. A este signal, dado pelas trompas, os guerreiros da flotilha, afastaram-se, dizendo-nos comtudo que se oppunham á nossa fuga, tanto para um lado, como para outro. Mostraram-nos o seu desprezo arremessando agua com os remos na nossa direcção; e em seguida desapareceram mysteriosamente detraz d'uma ilha, situada em frente do nosso acampamento na distancia de mil e seiscentas jardas.

Foi para nós grande alegria tornarmos a ver a caravana, apesar de todos os que a compunham virem em estado deploravel. Durante tres dias de marcha na floresta não tinham encontrado alimento sufficiente e o que acharam era pessimo. Perdidos de novo, tinham caminhado para um lado e para o outro, procurando as florestas menos espessas. Tudo isto tinha-lhes de tal modo enfraquecido as forças, que bastava olhar para elles para vêr que lhes era impossivel continuarem a jornada sem alguns dias de descanso.

Depois de estarem todos no acampamento, reuni os quarenta defensores das barricadas e depois de lhes distribuir fazendas, disse-lhes que tendo o inimigo conduzido



as suas canôas para traz da ilha que ficava em frente de nós, era provavelmente com a intenção de recommençar o combate e que era do nosso dever impedil-o, se isso fosse possível, indo, de noite, cortar as amarras das canôas que lhes pertenciam e lançal-as á mercê das vagas, d'este modo impedir-se-hia aos indigenas que nos atacassem e poderíamos continuar tranquillamente a nossa marcha. Ordenei pois a Frank que escolhesse vinte homens e armasse as quatro canôas pequenas, e alcançando a extremidade meridional da ilha, fosse collocar-se em linha com os seus homens á entrada do canal entre a ilha e a margem direita do rio. Pela minha parte, dirigir-me-hia, com o meu bote para o lado septentrional da ilha e em seguida, descendo o canal iria procurar as canôas inimigas ás quaes cortaria as amarras.

A noite estava escura e chuvosa; ás dez horas partimos, era o momento do somno mais profundo. Os nossos remos, envolvidos em pano, não faziam ruido ao bater n'agua. Frank tomou a posição que se combinara. No *Lady-Alice*, subi ao longo da margem esquerda até á altura da ponta inferior da ilha de Mpika; atravessando em seguida a corrente, dirigi-me para a margem direita, e, cessando de remar, lancei um golpe de vista por todo o matto; uma fogueira que tinham accendido na margem, mostrou-me oito grandes canôas cada uma presa a um cabo que amarrava n'uma estaca muito enterrado no chão. Uledi, Buana Hamadi e eu, cortámos immediatamente os cabos e impellimos ás canôas vigorosamente; depois de terem tomado um certo avanço, seguimol-as. Cem jardas mais abaixo fôram do mesmo modo desamarradas mais quatro. Ao entrar no canal, as fogueiras brilhantes e numerosas que vimos annunciaram-nos que a maior parte dos indigenas acampavam na ilha; as suas canôas, portanto, deviam estar amarradas proximo dos acampamentos. Ouviamos distinctamente o murmurio das vozes, bem como a tosse dos que estavam

constipados ou a dos fumadores de canhamo. Caminhando auxiliado á sombra das margens elevadas e escarpadas e das grandes arvores que as coroavam, passámos despercebidos e as canôas com os remos e pás que lhes pertenciam, fôram impellidas uma apoz outra na direcção em que se achavam Frank e os seus homens. Trinta e oito canôas, algumas de grandes dimensões, fôram d'este modo lançadas á mercê da corrente. Não achando mais, descemos a corrente sem fazer ruido algum, até encontrarmos as canôas de Frank, as quaes iam sem governo, arrastadas pelo peso das outras. Amarrei doze, e içando a vela voltei para o acampamento levando-as a reboque. Entreguei as canôas aos Vuanguana e voltando



Pás.

de novo em auxilio de Frank, encarreguei-me do reboque de mais oito. Com as restantes dezoito, Frank pode seguir-nos e, ás cinco horas da manhã, estávamos já em lugar seguro. A nossa empreza fôra coroada de feliz successo.

Cerca das nove horas metti-me no *Lady-Alice* e encaminhei-me para o local dos nossos trabalhos nocturnos. A ilha estava deserta. Apenas n'ella encontrei algumas pessoas ás quaes os nossos interpretes disseram que nós occupariamos Vinya-Njara e reteriamos as canôas em nosso poder até ao momento em que desejassem fazer a paz; que tinhamos em nosso poder um prisioneiro que seria entregue n'essa occasião; que estes combates davam prejuizo a nós todos; que a guerra era uma desgraça que os homens intelligentes deviam evitar; que se quizessem enviar-nos duas canôas com os chefes, duas das nossas,



conduzindo também os nossos chefes, iriam encontrar-se com elles ao meio do rio para fraternisar e fazer troca de sangue; n'estas condições eu restituiria algumas canôas que tinha em meu poder, e as outras ficaria com ellas, pagando-as.

Responderam que as nossas propostas eram rasoaveis, porém, achando-se os seus chefes muito distantes, no interior dos bosques, pediam o tempo necessario para os avisarem, e que, no dia seguinte, dar-nos-hiam a decisão do que houvesse a este respeito. Deixámol-os, não sem lhes ter atirado com alguns pacotes de busios, como prova do desejo que tinhamos de fazer as pazes com elles; d'ahi a pouco tempo estavamos de volta a Vinya-Njara.

Em roda do acampamento, n'uma circumferencia de dez milhas, a floresta estava livre de inimigos. Os benevolentes indigenas da ilha de Mpika vieram procurar-nos para negociarmos a paz, nós e os impertinentes chefes que se haviam retirado para o interior dos bosques.

No dia 22 de dezembro, a cerimonia da troca de sangue foi effectuada no meio do rio, com todas as formalidades requeridas, entre Safeni e o chefe de Vinya-Njara. O prisioneiro que tinhamos em nosso poder foi entregue, eu restituí quinze canôas e fiquei com vinte e tres mediante um preço satisfatorio, e d'este modo terminou a guerra. Perderamos n'ella quatro mortos e ficaram treze feridos. De tarde, Tippu-Tib, Sheikh Abdallah e Muini Ibrahim declararam-me que estavam resolvidos a voltar para Nyangué seguindo um outro caminho, e isto foi dito d'um modo tão decisivo que julgei inutil tentar dissuadil-os a mudar de resolução. Com effeito, a horrivel situação dos feridos, o numero dos mortos que augmentava todos os dias, os ataques que nos eram dirigidos em cada uma das jornadas, e finalmente, o ultimo combate com os Vinya-Njara, haviam desanimado a tal ponto os que compunham a escolta,

que de certo não haveria somma alguma de dinheiro que os decidisse a continuar a viagem.

Ainda faltavam oito marchas para completar o numero das que eu tinha contractado, isto é, vinte desde Vuané-Kirumbu, em Uregga; sentia, porém, que a coragem os abandonava. Concordei portanto em rescindir o contracto com Tippu-Tib com a condição porém de que empregaria toda a sua influencia juncto dos meus homens para os convencer a não me abandonarem. Prometteu-me que o faria, e, em consideração do serviço que me havia feito, acompanhando-me de tão longe bem como em compensação de que os seus homens haviam soffrido, dei-lhes:

A Tippu-Tib, uma ordem de 2:600 dollars, um burro de sella, uma mala, uma corrente de ouro, trinta córtes de fazenda muito linda, cento e cincoenta arrateis de contas, dezeseis mil e trezentos buzios, um revolver, duzentos cartuxos, e cincoenta arrateis de arame de latão.

A Sheikh Abdallah, vinte córtes de fazenda.

A Muini Ibrahim, dez.

A Buana Hamadi, cinco.

A Buana Chéché cinco.

A Buana Khamis, cinco.

Aos cincoenta homens principaes, dois córtes a cada um.

A noventa homens da escolta que o acompanhava, um cóрте a cada um.

A cada um dos meus chefes, dois córtes e meio.

A cada um dos Vuanyamuezi e Vuanguana da expedição, um cóрте e meio.

A cada mulher e a cada rapaz, um cóрте.

Depois de feita esta distribuição annunciei que o meu dever me compellia a fazer toda a diligencia para seguir o grande rio até ao mar, e estando os chefes bem como os principaes membros da expedição decididos a acompanhar-me até onde eu os conduzir, o acampamento se-



ria levantado d'ahi a cinco minutos, fazendo nós outro separado do dos Arabes, e que no sexto dia, pôr-nos-hiamos a caminho, embarcando, e continuaríamos a descer o rio até ao oceano, ou até á morte.

«Qualquer que seja, lhes disse eu, o mar onde desagua este grande rio, iremos até elle. Sois testemunha de que vos tenho salvo bastantes vezes, ainda mesmo que tudo seja contra nós. Os cuidados que nunca deixei de ter a respeito da vossa segurança, conserval-os-hei até que, regresseis sãos e salvos ao vosso paiz. Tudo o que eu vos peço é a plena confiança nas minhas palavras. A minha vida depende da vossa; arriscando a vossa vida, arrisco ao mesmo tempo a minha. Do mesmo modo que um pai vela pelos seus filhos, assim eu velarei por vós. Actualmente não somos tão numerosos é verdade, como quando os Vuanyaturu nos atacaram, ou como quando atravessámos o Unyoro; mas somos sempre os mesmos homens, e a coragem continua inalteravel. Muitos dos nossos já morreram; mas a morte é o fim de tudo. Se elles morreram antes de nós é porque Deus assim o quiz, e quem ousará mostrar-se rebelde á sua vontade? É possivel que encontremos centenas de tribus selvagens que nos ataquem para nos matar, mas não seremos nós que as havemos de atacar. Se nos combaterem, acceitaremos a lucta, como acceitamos os males que não podemos evitar. Trazemos connosco dinheiro ou cousa que o representa, e portanto, não somos pobres. Continuaremos a empregar todos os esforços para nos tornarmos amigos dos indigenas que formos encontrando; o rio é largo, permittir-nos-ha que passemos longe das margens; se nos batermos alguma vez, será unicamente para nos defendermos. É possivel que sofframos fome, que encontremos muitas outras cataractas, ou que desemboquemos n'algum grande lago de ondas furiosas, e que não o possamos atravessar; nós, porém, não somos creanças, temos cabeças e braços e

estamos sob a protecção de Deus, que fará de nós o que julgar mais conveniente. Portanto, meus amigos, tomai a vossa resolução como eu já tomei a minha, pensai que estamos hoje mesmo no centro do continente, e que é tão custoso voltar para traz como continuar a viagem. Continuemos pois a viagem e, sem procurar outro caminho, alcancemos o mar salgado percorrendo este rio.» (\*)

Esta conclusão foi acolhida com bastantes applausos; em seguida Manua Sera tomando a palavra disse em termos espirituosos que pertencia aos Vuanguana mostrarem aos Vuanyamuezi de que estofos eram feitos os filhos do mar, e em seguida, voltando-se para os Arabes, disse-lhes que os negros iam executar o que elles proprios não ousavam empregar. Uledi, em nome dos barqueiros de que elle era o patrão, disse que eu era seu pae, e muito embora todos se recusassem a ir mais longe, não era preciso mais do que Frank e eu mettermo-nos na canôa, que no mesmo instante elle e os seus partiriam connosco para a grande viagem.

Nós, porém, tínhamos muito que fazer antes de começar aquella viagem aventureira. Era preciso primeiro procurar viveres pelo menos para vinte dias, preparal-os, concertar varias canôas e atal-as todas a duas e duas, afim de que não se virassem; tomar muitas precauções para o transporte dos burros, que resolvemos levar connosco, para o caso de caminharmos por terra, porque nos podiam ser muito uteis.

Passámos alegremente a festa do Natal, como homens destinados a gosar a vida até ao fim. De manhã, reuni os Vuanguana e mostrei-lhes as canôas que lhes pertenciam. No meio de grandes risadas, os Zanzibaristas de-

\* Um dos nossos amigos, ao ouvir ler este discurso, asseverou-me que em uma das passagens de Tennyson, Ulysses, dirigindo-se aos seus companheiros, exprimiu a mesma ideia. Simples coincidência, porque eu não conhecia a obra do poeta inglez.



ram a estas canôas os nomes dos navios crusadores inglezes que eram mais conhecidos na costa oriental. Não me importei com isso, reservando comtudo meia duzia de canôas que deviam ter nomes escolhidos por nós. Eis o nome dos vinte e tres barcos que compunham a nossa flotilha :

- |  |                                  |
|--|----------------------------------|
| 1. — <i>Lady-Alice</i> , barco explorador. | deira commandada por Manua Sera. |
| 2. — <i>Oceano</i> , commandado por Frank. | 13. — <i>Cidade de Londres</i> . |
| 3. — <i>Livingstone</i> .                  | 14. — <i>America</i> .           |
| 4. — <i>Stanley</i> .                      | 15. — <i>Veado</i> .             |
| 5. — <i>Telegrapho</i> .                   | 16. — <i>Daphne</i> .            |
| 6. — <i>Herald</i> .                       | 17. — <i>Lynce</i> .             |
| 7. — <i>Jason</i> .                        | 18. — <i>Nympha</i> .            |
| 8. — <i>Argus</i> .                        | 19. — <i>Abutre</i> .            |
| 9. — <i>Penguin</i> .                      | 20. — <i>Tubarão</i> .           |
| 10. — <i>Wolverine</i> .                   | 21. — <i>Arabe</i> .             |
| 11. — <i>Fason</i> .                       | 22. — <i>Mirambo</i> .           |
| 12. — <i>Glasgow</i> , canôa da ban-       | 23. — <i>Mtesa</i> .             |

Houve em seguida regatas pelo rio para as quaes foram convidadas todas as tripulações, recebendo os vencedores os premios em fazendas. Depois do meio dia tiveram lugar as corridas a pé, tomando também parte n'ellas os Arabes, com grande contentamento de todos e o principal acontecimento do dia foi a lucta entre o celebre Tippu-Tib e Frank Pocock. O Arabe entrou na lucta decidido a ganhar o premio, que, na verdade, era de certa importancia; consistia n'um copo e salva de prata lavrada com muita perfeição, e era um dos presentes que me haviam feito na occasião da minha partida de Inglaterra. A distancia a percorrer era de trezentas jardas, toda a extensão da rua da aldeia. Não obstante os seus esforços, levados ao ultimo limite, Franck ficou vencido; o Arabe de musculos nervosos chegou primeiro com um avanço de quinze passos. Os rapazes da Expedição correram ao desafio com os da escolta; finalmente, dez

raparigas também se desafiaram para correr. Este espectáculo novo fez estalar de riso as centenas de pessoas reunidas para o gosarem. Algumas, muito gordas, e pesadas, tinham movimentos desiguaes, especialmente Mascati, mulher de Safeni; outras, porém, mostraram-se muito graciosas e ageis e corriam com a velocidade de Atalanta. O primeiro foi ganho pela joven Khamisi de Zanzibar.

Uma dança executada, ao som dos tambores e das notas melodiosas das trombetas de marfim, por uma centena de Vuanyamuezi em trajo de guerra e cabeça muito enfeitada, terminou esta festa excepcional.

No dia 26 Tippu-Tib offereceu á Expedição um banquete feito de arroz e carneiro assado; o malafu ou vinho de palmeira da ilha de Mpika auxiliou os espiritos a conservarem a alegria e a confiança no futuro que nos tinham inspirado os divertimentos da vespera.

No dia seguinte ao amanhecer mandei embarcar toda a gente, homens, mulheres e creanças, ao todo 149 pessoas, e em seguida os tres burros; depois de dizer a Tippu-Tib que voltariamos no dia seguinte para nos despedirmos d'elle, impellimos as nossas canôas para a margem direita, onde fomos construir um acampamento volante só para alli passar aquella noite. Quando me certifiquei, depois de desembarcar, que não faltava nenhum membro da Expedição, apoderou-se de mim um sentimento de alegria tal como eu nunca sentira desde a minha saida de Zanzibar. De noite quando todos estavam dormindo, excepto as sentinellas encarregadas da guarda dos barcos, tive com Frank uma conferencia muito seria.

Frank nutria como eu a esperanza de que sairíamos do continente por um ponto qualquer; mas a persistencia do rio na direcção do norte causava-lhe uma certa desconfiança que me exprimiu por estas palavras:

«Senhor, disse-me elle, tendes realmente a certeza de



que seremos bem succedidos? Se pergunto isto é em razão dos obstaculos que ha contra nós e não porque eu, tendo chegado até aqui, pense de fórma alguma que é melhor voltar para traz.

«Se eu imagino que seremos bem succedidos? Sim; estou certo que havemos de enfim sair do paiz das trevas. É verdade que hoje o futuro é tão sombrio como a noite que nos envolve; o proprio Mississippi não apresentou a De Soto tantos obstaculos como nós devemos necessariamente encontrar. É possivel que as ilhas e florestas do rio americano tivessem quasi o mesmo aspecto que as do rio Livingstone, porém aqui achamo-nos a uma altura de mil seiscentos e cincoenta pés acima do nivel do mar. O que podemos concluir d'aqui? Ou que o rio penetra em grande distancia pelo norte do Equador e, descrevendo uma curva enorme, desce até ao Congo, o que, entre parenthesis, faz com que as cataractas sejam menos numerosas do que poderia temer; ou então que nas proximidades do Equador, vel-o-hiamos correr directamente para oeste e precipitar-se, como o nosso Colorado, atravez d'uma garganta profunda ou formar grandes cataractas; ou finalmente que é o Niger ou o Nilo. Em resumo, creio que este rio é o Congo, e sendo assim, deve ter numerosas cataractas. Tenho esperança que o obstaculo será vencido.

«Mas seja elle Congo, Niger ou Nilo estou preparado para tudo; se não fosse assim estaria menos socegado. Ainda que eu queira tanto á minha vida como vós, contudo não me arreceio em ir arriscal-a n'este supremo esforço. Para não a comprometter loucamente imaginei numerosos expedientes com os quaes abrandarei a ferocidade dos homens, a selvageria da natureza, e o terror do desconhecido. Ha enormes perigos a passar, mas conheceis sem duvida o proverbio:

«Quem não se arriscou, não perdeu nem ganhou.»

«Agora, olhae para esta costa, a ultima que os Eu-

ropeus fizeram da Africa central. A região que temos de percorrer está em branco, perfeitamente em branco. Tracemos duas curvas para lhe explicar o meu pensamento. Uma mostra o rio chegando ao equador, fazendo um rodeio pelo occidente. Se não encontrarmos cataractaratas, devemos chegar ao extremo de Tuckey no meiado de fevereiro; se pelo contrario, o rio fizer uma grande curva como aqui, a partir do 2º de latitude norte, este caminho será mais extenso, contudo podemos ainda esperar alcançar o limite d'elle nas proximidades de 15 de março. Accrescentemos a isto um mez para a passagem das cataractas e rapidos, podemos, pois, calcular que veremos o Oceano, no meiado ou no fim d'abril de 1877.

«Affianço-vos Frank, que este enorme espaço em branco está prestes a ser preenchido. Exerce no meu espirito estranha fascinação. Nunca nenhum papel branco produziu em mim uma tal impressão; já, mentalmente, o tenho povoado, enchido de aldeias, cidades, rios, paizes e tribus de aspecto magestoso; e estou ancioso por ver se fallo verdade ou não. Creio que sim!... Mas toda esta parte do continente descobrir-se-ha. A este respeito não tenho a menor duvida. Boa noite, rapaz! Boa noite! Estimarei que o vosso somno seja acompanhado de agradaveis sonhos; por exemplo, que sonheis com o mar, com os navios, com o bom resultado da nossa viagem. Amanhã, meu amigo, será o diá em que exclamaremos:

«A victoria ou a morte!»

FIM DO SEGUNDO VOLUME



# INDICE

---

	PAG.
CAPITULO I — O tambor de guerra deu signal — As feiticeiras entram em serviço — Narração de guerra — Balas contra lanças — Retirada dos Vuavuma — Furor de Mtesa — Victoria ou derrota — Rude combate — O chefe captivo — Lucta entre pagão e christão — Um mysterio — Conclusão da guerra — Incendio do acampamento — As chammas obrigam-nos a fugir.....	5
CAPITULO II — A lenda do Padre irreprehensivel — Os heroes de Uganda — Chua Kimera, o gigante — Nakivingi — Kibaga, o guerreiro voador — Ma'anda — Vuakinguru, o campeão — Kamanya, o conquistador dos Vuakedi — Suna, o cruel — Matança dos Vuasoga — Namujurilua, o Achilles d'Uganda — Setuba e os seus leões — Kasindula, o heroe, camponio e primeiro ministro — Mtesa, d'olhar meigo.....	24
CAPITULO III — Vida e costumes de Uganda. — O camponez. — O chefe. — O Imperador. — O paiz.....	63
CAPITULO IV — VIAGEM A MUTA NZIGÉ E VOLTA A UGANDA. — As damas da familia de Mtesa. — Sambuzi é nomeado para me acompanhar a Muta Nzigé. — A ultima tarde que passei em companhia de Mtesa. — A caminho para Muta Nzigé. — Sambuzi, o general. — Deligenciamos entender-nos. — População branca de Gambaragara. — Musica de guerra. — Atravez do paiz deserto. — Presagios sinistros. — Um conse-	



	PAG.
lho de guerra. — Panico no acampamento — Sambuzi abandona-me. — Volta. — O espoliador despojado. — Mtesa intenta persuadir-me que devo voltar. — Em Kafurro,.....	101
CAPITULO V. — Kafurro e seus magnates. — O lago Vuindermere. — Rumanika, o bom rei do Karagué. — Seu paiz. — O Ingezi. — No meio dos mosquitos. — Ilha de Ihéma. — O triplice cone do Ufumbiro. — Um rhinoceronte bicorneo. — As nascentes quentes de Mtagata. — A sociedade geographica de Karagué. — O thesouro de Rumanika. — Novas particularidades do elephante e do rhinoceronte. — Uhimba — Vista d'olhos retrospectiva.....	142
CAPITULO VI. — Os rios gemeos. — Mankorongo é frustrado no seu roubo. — Pobre Bull! Fiel até á morte. — Novas desfeitas de Msenna. — O terror d'África apparece em scena. — Marte faz a paz. — «Arrancae as batatas.» — Mirambo, o chefe dos bandidos, visita-me e faço com elle a troca de de sangue. — Reis pequenos tendo a «cabeça grande.» — Conversão pratica do chefe de Ubagué. — Os Vuatuta, Ismaelictas d'África. — Sua historia. — Nomenclatura africana. — De Msené, atravessando o Malagarazi, até Ujiji. — Tristes recordações.....	179
CAPITULO VII. — Ujiji, seu aspecto, habitantes, seus mercados e arredores. — A rivalidade dos arabes. — A circumnavegação do Tanganika. — O commandante Cameron e o curso do Lukunga. — Invasão das aguas. — Lenda do lago. Á tarde.....	210
CAPITULO VIII. — O <i>Lady-Alice</i> é posto de novo a nado. — O seu companheiro e a sua equipagem. — Inquietações dos arabes a este respeito. — Em terra convertida. — Visita importuna; nas tocas dos Ruga-Ruga. — A ultima retirada dos borigenes. — Carnificina. — Os ladrões do lago e o seu espirito tutelar. — Problema geologico: teremos outra vez dois lagos? — Cheia. — Morada dos genios. — Tempestade. — Florestas incendiadas. — Na embocadura do desaguadouro de Cameron. — O porto de Lukuga.....	228
CAPITULO IX. — Regresso ao acampamento. — Epidemia de hexas. — Panico e deserção. — Deslealdade de Kalulu. —	

	PAG.
Paciencia de Livingstone. — Torrores imaginarios. — Toucados <i>ad absurdum</i> . — Opinião de Ruanga a respeito dos brancos. Esboço d'uma aldeia. — Aldeões de Uhombo. — <i>In puris naturalibus</i> . — Os Mayemas; seus costumes e seus usos. — Vestigios de Livingstone. — Encanto das plumas. — Espanto dos indigenas quando viram o nosso burro. — Guerras inoffensivas. — Sobrenomes. — Uma tribu sem mulheres. — Os confluentes do Luama e do Livingstone.....	276
CAPITULO X. — Marcha rapida. — Tippu-Tib, o negociante arabe. — Noticias de Cameron; difficuldades que lhe atrazaram a marcha. — O rio que corre sempre para o norte. — No paiz dos anãos. — Condições de Tippu-Tib. — Em conselho. — Cruzes ou cunhos. — Singular accidente acontecido a Kalulu em Nyangué. — Os habitantes e o mercado de Nyangué. — Revista da Expedição.....	312
CAPITULO XI. — O cerco de Tippu-Tib. — Um deserto d'arvores. — Mobilia primitiva. — Os meus soffrimentos na floresta. — Renuncia de Tippu-Tib. — Uma forja de aldeia. — Craneos de soko. — Opinião do professor Huxley a respeito d'elles. — <i>O Livingstone</i> . — Um roubo de dia. — O caminho do Oceano. — Conselhos timidos. — «Os Vuasambyé» — «Ooh-hu! ooh-hu!» grito de guerra. — Successos diplomaticos....	346
CAPITULO XII. — «Mama, os Vuasambyé. — Combate no Ruiki. — Perdidos e achados. — Perigosa desobediencia. — No ponto fixo. — Um prisioneiro. — Encantos da musica — Nas solidões da natureza — Uma cidade composta de uma só rua. — Aldeias abandonadas. — Organização d'um hospital. — Uma ilha devastada pelo raio. — «Indigenas com os dentes limados.» — Fabricação primitiva do sal. — Captura de refens. — Situação critica. — Chuveiro de flechas. — «Bo-bo, bo-bo, bo-bo-o-o-oh.» — Combate desesperado e reforço opportuno. — Canôas fóra do rumo. — Tippu-Tib abandona-me. — Appello aos filhos do mar. — O natal no meio dos cannibaes. — «Victoria ou morte»..	377



# INDICE DAS GRAVURAS

## GRAVURAS DE PAGINA INTEIRA

N.º	PAG.
1. Uma das grandes batalhas navaes entre os Vuaganda e os Vuavuma, dada no canal entre a ilha Ingira e o cabo Nakaranga.....	7
2. Canal de Napoleão, lago Victoria, visto d'uma eminencia sobre as cataractas Ripon.....	21
3. Rubaga, a nova capital de Mtesa.....	77
4. Amazonas de Mtesa.....	84
5. Marcha atravez do Unyoro; monte Gordon Benett a distancia.....	119
6. Ujiji, do lado norte do mercado; vista tirada do nosso templo.....	210
7. Vista do Mtombuha Urungui; morada dos espiritos das rochas.....	247
8. Reunião em conselho no pateo do nosso templo em Ujiji.	277
9. Aldeia do Manyema sul-oriental.....	299

## INDICE DAS GRAVURAS

### GRAVURAS INTERCALADAS NO TEXTO

N.º	PAG.
10. O forte fluctuante avançando para Ingira.....	18
11. Peixe encontrado no lago Victoria — Sama-Moa, em linguagem dos indigenas.....	22
12. Cabanas dos Vuanguana-Unyamuezi, Karagené Uddu..	65
13. Sala d'audiencia do palacio do imperador.....	78
14. Instrumentos de musica.....	89
15. Peixe Ngogo.....	100
16. Instrumentos de guerra.....	105
17. Monte Edwin Arnold.....	119
18. Casa e utensilios de Uzimba e Ankori.....	129
19. Canôas e pangaios d'Africa.....	145
20. Casa do thesouro de Rumanika.....	148
21. Indigena de Uhha.....	155
22. Vista das montanhas de Ufumbiro.....	157
23. Planta da casa do rei.....	168
24. Casa do thesouro, armas e o thesouro de Rumanika...	169
25. «Bull».....	182
26. Cabanas de Serombo.....	185
27. Ruga-Ruga.....	188
28. Vuatuta.....	200
29. Um indigena de Rua.....	216
30. Montanhas Kungué.....	233
31. Extremidade meridional do lago Tanganika.....	240
32. Mtombua.....	248
33. Montanha Murumbi.....	256
34. Toucados de Ubugué Uguha.....	265
35. Toucados de Uguha.....	266
36. Mulher de Uguha.....	267
37. Toucado de Uhyeya.....	268
38. A ilha do espirito.....	271
39. Acampamento na embocadura do rio M'sehary.....	279
40. Indigenas de Ubujué.....	284
41. Indigena de Uhyeya.....	285
42. Um Vuahyeya de Uhombo.....	287
43. Indigena de Margema; de pouca idade.....	297
44. Indigena de Manyema; adulto.....	299
45. Rapariga de Manyema.....	300
46. Kiteté, rei de Mpungu.....	309
47. Habitação dos indigenas na aldeia de Mpungu.....	310
48. A cara pelo norte, o outro lado pelo sul e Katanga....	332



INDICE DAS GRAVURAS

N.º		Pag.
49.	Canôa dos pescadores Vuenya e Vuagenya.....	335
50.	Casa em Uregga.....	353
51.	Tamborete de Uregga.....	353
52.	Colheres de Uregga.....	353
53.	Lança de Uregga.....	355
54.	Canapé.....	355
55.	Fez africano.....	356
56.	Uma forja de Vuana Kirumbu.....	362
57.	O jogo do gamão.....	366
58.	Machado de Ukusu.....	381
59.	Tamborete de Ukusu.....	381
60.	Vista da confluencia do rio Ruiki com o Nakampemba..	382
61.	Panela que usam os Vuahika.....	390
62.	Uma casa em Ikundu.....	391
63.	Pás.....	409



